



Toma la calle



educação não é mercadoria

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

Neilton dos Reis Goularth

***"Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser
mulher":***
Tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero

Juiz de Fora
2018

NEILTON DOS REIS GOULARTH

"Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher":

Tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação, da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito parcial a obtenção do grau de
Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Roney Polato de Castro

Juiz de Fora
2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Goularth, Neilton dos Reis.

"Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher" : Tecendo saberes e experiências da não binaridade de gênero / Neilton dos Reis Goularth. -- 2018.

212 p. : il.

Orientador: Roney Polato de Castro

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. não-binaridade de gênero. 2. (des)subjetivação. 3. experiência. 4. narrativas de si. 5. diferença. I. Castro, Roney Polato de, orient. II. Título.

capa: Irene

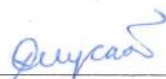
Arte
da

NEILTON DOS REIS GOULARTH


"Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher":

Tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero

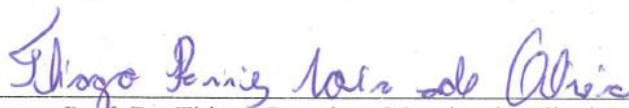
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



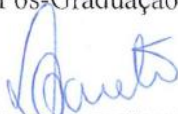
Prof. Dr. Roney Polato de Castro (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFJF



Prof. Dr. Anderson Ferrari
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFJF



Prof. Dr. Thiago Ranniery Moreira de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRJ



Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Clareto
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFJF



Prof.^a Dr.^a Lana Claudia de Souza Fonseca
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – UFRRJ

Juiz de Fora, 23 de fevereiro de 2018.

Dedico este texto e esta pesquisa à
minha mãe, Magnólia; ao meu pai,
Neilton; e à minha irmã, Isabela.

Dedico, ainda, às três pessoas que
escrevem comigo: Elfo, Irene e
Netuno.

UMA CARTA: SOBRE AGRADECIMENTOS, INSPIRAÇÃO E OS POEMAS DE MATILDE

“o tempo do Neilton é outro, é o tempo das cartas”
(autor desconhecido)

A quem lê,

Andamos crescendo juntos, distraidamente, escreveu Matilde. A dissertação é resultado de um intenso processo de pesquisa, escrita e experiência que se entrelaça a muitas pessoas. Nessas páginas, me dedico a agradecer-las por tanta inspiração, tanto caminhar ao lado e por tanto crescimento distraído.

É impossível assistir à transição do inverno para a primavera sem a família perto. Agradeço ao meu pai Neilton, minha mãe Magnólia e minha irmã Isabela. Sem todo apoio emocional, financeiro e psicológico esse texto não teria nascido nesse espaço-tempo.

A quem escreve comigo: Elfo, Irene e Netuno. Acredito que não há palavras suficientes para expressar meu agradecimento e emoção de compartilhar essa parte da minha vida com essas pessoas. Publicamente: eu sou apaixonado por elas. Muita gratidão pela responsabilidade e receptividade que tiveram durante todo processo. *Acompanhar teu percurso natural é muito bom, falar contigo sobre tipos de alimentos também*. (À Irene, por ter feito a arte de capa).

Ao Roney Polato de Castro, um querido! Orientador e amigo. Agradeço por toda dedicação, seriedade e entrega que investiu na construção dessa pesquisa. É um privilégio ter diálogos tão amorosos e encorajadores. *O amor ainda é o estandarte onde vamos pendurando as bandeiras, a coragem ainda é o ferro onde vamos pendurando as roupas*. Muito obrigado, ainda e principalmente, pelo carinho e cuidado comigo: foram vitais.

À Lana: amiga, amada e companheira de escritas (e vinhos). Agradeço a partilha de vida, o carinho, as cartas, os florais e a preocupação. Obrigado por estar comigo em horas tão difíceis e também naquelas que foram só sorrisos: *o amor é o contrário do fim*.

À Sônia Maria Clareto, um lindo encontro durante a trajetória de mestrado. Agradeço por todas aulas, todos alertas, todos suspiros provocados – *a matemática não é difícil se você comparar tudo ao aparecimento de um cardume*. Obrigado por, talvez nem sabendo, ter ajudado tanto compartilhando experiências de vida que me fizeram reviver.

Ao Anderson Ferrari, pelas valiosas contribuições a essa pesquisa (mesmo em momentos que o assunto nem era esse). *Quando não pude mais com o silêncio escutei as canções*. Obrigado por todas as problematizações e descolamentos nesse percurso.

Ao Thiago Ranniery, por ter aceitado com tanto carinho o convite de adentrar esse texto. Obrigado pela gentileza, compromisso, troca de saberes e filosofia em todos os momentos que estivemos juntos. *A filosofia é uma matemática muito esclarecedora e qualquer dia ainda vai salvar o mundo*.

Ao GESED, por todo acolhimento, abertura e ternura que tiveram comigo. Foi maravilhoso construir escritas, leituras, experiências e segundos-lares com todas as pessoas que passaram por esse grupo. Agradeço, em especial, ao Filipe França, Nathalye Nallon, Michell Marques e Johnny Bartels: pela amizade, cumplicidade, truques, cervejas e risadas. *Penso na canção que diz que a saudade é o revés do parto, ó metade de mim. Haverá tempo, haverá tempo*.

Agradeço a Julvan Moreira, Daniel Cavalcanti, Roney Polato, Margareth Rotondo, Sônia Clareto, Mariana Cassab e Anderson Ferrari, docentes do PPGE/UFJF que enriqueceram a experiência desse mestrado a cada aula de cada disciplina: *a primavera do mundo é um trabalho em progresso, mas o caminho até lá está sendo todo feito entre veredas e entre os galhos de fogo de um gigante inverno*.

Às pessoas que ingressaram na turma de mestrado em Educação 2016 do PPGE/UFJF, em especial nas pessoas de Mariângela Marsicano, Karine Teixeira, Nélbia Costa, Michele Silva e Robert Venan. A amizade de cada uma foi uma delicada surpresa que pude construir: *somos os filhos do verão – somos o inverso da escuridão*.

As casas são feitas de gente que foi feita por gente e que contém em si a possibilidade de fazer gente. Gratidão à casa onde morei, pela sua gente: Juber Pacífico, Matheus das Dores e Thuany Ferreira. Agradeço todas as festas, todas os chás, todos os cafés passados pela manhã, tarde, noite e madrugadas adentro. Peço licença a Matilde para: “êhhh Faraó, Olodum, Pelourinho”!

Às amigas que se mantiveram apesar da distância física. Agradeço à Isabelle Pires, pelas ajudas, disponibilidades, opiniões verdadeiras e paciência com áudios – sem todas nossas conversas essa dissertação teria se perdido em inseguranças. À Rafaele Gonçalves, pelas ligações, festas e por me lembrar que “tudo vai ficar bem, de uma forma ou de outra”. À Lívia Abbade, por investir na nossa amizade e “não julgar”. À Priscyanne Siqueira, pelos sorvetes e traduções de abstract. À Vilella Nathália, pelas risadas e lágrimas de felicidade. À Fernanda Vieira, Dalila Angélico e Morghana Furtado, presentes de Lille: obrigado pelos encontros possíveis, incentivos e cumplicidades. *Eu pego minha bicicleta e como de costume você faz meu retrato de cabelo todo desenhado no vento em jeito de menino que está sempre indo embora à mesma hora e que amanhã, se tudo der certo, voltará à mesma hora para o mesmo amor.*

Aos eventos acadêmicos, ah os eventos! Agradeço às pessoas que fizeram do III Seminário Internacional Desfazendo Gênero um momento mais leve, (re)encantado e caloroso, às razões de meu afeto: Paulo Rodrigues, José Rodolfo, Weriquis Sales e Lu. *Sabe: aquele amor que permanece nos dias, se espalha nos areais sem tempo nem nome, se enterra vezinquando nas barbas de um estrangeiro e depois volta no cangote de um peixe prata.* Agradeço à Nathalya Royer, Michelle Borges, Murilo Chellegatti e Leandro Leal pelas “esbórnias intelectuais” do Fazendo Gênero 11 (e ao Nelson, claro).

No que depender do amor, para além da paixão e para além do desejo: ninguém mais e afogará. Ao Leandro, o Leal – provável príncipe de Nárnia, seguramente um dos melhores escritores de cartas que tenho o prazer de conhecer. Todo agradecimento pelo ombro amigo, madrugadas de diálogo, leituras atentas, discussões em aeroportos e rodoviárias e por “poderia eu, já, dizer que te amo?”.

Para alguns problemas não basta o ombro amigo, é necessário ajuda profissional. Por isso, agradeço à Marcela Guedes: psicóloga e torcedora. Obrigado por ficar feliz por mim e comigo. *Apesar das visitas breves do pavor, a beleza é tudo o que permanece.*

A todos os amores românticos que tive – reais ou imaginários. *Eu era capaz de atravessar a cidade em bicicleta só para te ver dançar.* Eles me inspiraram, me deslocaram, me fizeram gargalhar, me fizeram chorar, me fizeram sonhar. Muito obrigado por me fazer insistir no amor, vale a pena.

[su-suspiro]

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGE/UFJF), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao povo brasileiro, por depositarem confiança e dinheiro nessa pesquisa.

A quem lê, agradeço a atenção do olhar. *Quanto a um pra um entre nós dois, isso logo se vê. Não sei nada sobre a paixão, suspeito que você também não. Mas, começo a entender que o compasso da fé está mudando a passos largos. Dois pra lá e dois pra cá.*

Portanto, escute.

Isto é muito serio!

Agora que o mercúrio assumiu sua posição certa, vem comigo achar o meu trono mágico entre a folhagem. E, no caminho até lá, vem dançar comigo, vem!

UM CONVITE E UM DESAFIO

Um convite para um prefácio foi feito. Uma apresentação de uma dissertação. Pus-me a pensar do que trataria em um preâmbulo a um trabalho que escorrega ante as tentativas de captura. Um trabalho que acompanhei com tanto prazer e que me emociona do início ao fim. Portanto, quando me faço a pergunta “do que se trata?”, respondo: de experiência.

Experiência de viver e produzir uma pesquisa.

Experiência de um tornar-se outro de si mesmo na pesquisa.

Experiência de ser atravessado por saberes, poderes e processos de subjetivação. De que modos nos tornamos o que somos? E o que fazemos com isso que nos tornamos? Tornar-se: um devir, um processo. O que somos: não uma substância, mas uma forma temporária, um abrigo no caos das forças que nos movimentam e que produzem subjetividades.

Experiência do trágico: transformação. Dessubjetivação: problematização de si mesmo e do mundo. Sentir, pensar, agir, viver diferentemente do que se sentia, pensava, agia, vivia. Pode uma pesquisa ser experiência?

Experiência com Elfo, com Irene, com Netuno, com García Lorca, com Deleuze, com Foucault, com Butler, com Derrida, com Larrosa, com Neilton... Tantas! Experiências que se afetam e se entrelaçam, em um percurso de investigação que não pretende tomar a voz dos sujeitos. Experiências com o binário, o não-binário, os gêneros, as identidades, as diferenças, as subjetividades. Vidas que se narram e se costumam, que vão se constituindo com a pesquisa. Sujeitos narrando experiências e, assim, produzindo experiência. Produzindo a si mesmos.

Experiência de viver um mestrado em educação, com uma pesquisa que afeta um campo de saber e poder, que desestabiliza certezas, verdades, linguagens, relações, normas. Haveria um só modo de viver os gêneros? Somos sujeitos de gêneros: pessoas homens, pessoas mulheres, pessoas cis e pessoas transgêneras, pessoas agêneras, pessoas no

binário e no não-binário... Como escapar? Linhas de fuga vão se costurando e tecendo vidas que ousam desafiar as prescrições impostas: não se nasce, se torna. Em que momento se torna? Há como marcar? Enquadrar?

Experiência de uma pesquisa que se faz texto e que aqui se apresenta. De antemão, um percurso que não se sabia onde ia dar. Percurso que foi se fazendo escrita, movimentos de escrita que vazaram do vivido. Uma escrita-experiência que produz um pesquisador, uns sujeitos da pesquisa, uma metodologia, umas conversas, umas análises, uma dissertação. Um trabalho acadêmico? Para qual academia? Uma escrita-experiência para quem se dispuser a ler. Leitura como experiência: o que vai se produzir com essa leitura? O convite é para submeter-se a essa experiência, tornar-se um sujeito exposto, assumir o risco de ser, viver, sentir e pensar diferentemente.

A experiência de estar com Neilton, com sua pesquisa, com sua dedicação, sua sensibilidade, sua disposição, seu cuidado. A experiência de ocupar um lugar de orientador, de leitor, de ouvinte. Um privilégio que, sem dúvida, marca minha trajetória como docente, pesquisador e orientador em um programa de pós-graduação em educação. A experiência de compartilhar as alegrias e as intranquilidades de um processo que chega ao fim, mas que vibrará em outros cantos, por outros meios, inclusive pela leitura desta dissertação. Esta escrita-experiência agora é viajante, é do mundo, não tem rumo certo.

A experiência de produzir uma pesquisa que coloca questões em tantas normatividades. Uma pesquisa que coloca sob suspeita tantas verdades que alicerçam as relações sociais. Uma pesquisa que se faz urgente e necessária em tempos de fascismos, de pânico instaurados, de perseguições por todos os lados. Uma pesquisa que perturba noções de gênero – essa palavra tão rechaçada e por vezes pouco conhecida. Uma pesquisa, portanto, que se assume como política e disponibiliza um arsenal – ou um conjunto de ferramentas – a quem deseja lutar em arenas tão arriscadas e tensas quanto as instituições sociais contemporâneas (famílias, escolas, universidades, igrejas, mídias).

Por fim, do que se trata?

Sim, de experiência.

A experiência de ter vivido junto com Neilton um processo de construção de uma bela dissertação de mestrado e de estar aqui, escrevendo, prefaciando. Isso me conduz a olhar para trás e constatar que, se não sabíamos que caminho trilhar de antemão, se não sabíamos onde íamos chegar, eis que nos encontramos em um momento no qual podemos dizer desse processo, apresentar esses caminhos, porque os experienciamos. Se não estava dado, o caminho foi sendo costurado a várias mãos, com alegrias, choros, ansiedades, cervejas e cafés, com andanças pela cidade, com boas prosas e muita poesia. Portanto, a experiência de prefaciá-lo se produz com toda a emoção que esse findo percurso pode produzir. Qualquer apresentação seria incompleta, qualquer prefácio não daria conta de apresentar este trabalho. Fica, portanto, um convite e um desafio. O convite à leitura, a percorrer com Neilton, Elfo, Irene, Netuno, Lorca e tantas outras, as linhas de costura desta dissertação que nos provoca a pensar sobre binaridade e não-binaridade de gênero, sobre educação e produção de sujeitos e subjetividades, sobre diferenças e resistências. O desafio: não se afetar por essa escrita.

Juiz de Fora, 15 de janeiro de 2018.

Roney Polato de Castro

Caro leitor, se você ler este livro em sua totalidade, você notará nele uma certa imprecisão e uma certa melancolia. Todas as cenas que desfilaram através dessas páginas são uma interpretação de memórias, de paisagens, de figuras. Há algo em nossa alma que supera tudo o que existe. Na maioria das horas, este algo está dormindo; mas quando lembramos ou sofremos um tipo de afastamento, ele acorda; e ao abraçar as paisagens, torna-se parte de nossa personalidade. É por isso que todos vemos as coisas de uma maneira diferente. Nossos sentimentos são mais elevados do que a alma das cores e da música, mas quase nenhum homem desperta para espalhar suas enormes alas e abraçar suas maravilhas.

A poesia existe em todas as coisas, no feio, na belo, no desagradável; a parte difícil é saber descobrir, despertar os lagos profundos da alma. O admirável de um espírito é receber uma emoção e interpretá-la de várias maneiras, todas diferentes e contrárias. E atravessar o mundo, para que, quando chegarmos à porta da "rota solitária", possamos drenar o copo de todas as emoções, virtude, pecado, pureza e escuridão existentes. Devemos sempre interpretar derramando nossa alma sobre as coisas, dando forma ao encanto de nossos sentimentos. É necessário ver nos lugares solitários, as almas antigas que passaram por eles. É essencial ser um e ser mil para sentir as coisas em todas as suas nuances. Você precisa ser religioso e profano. Reúna o misticismo de uma severa catedral gótica com a maravilha da Grécia pagã. Veja tudo, sinta tudo. Na eternidade teremos a recompensa de não ter horizontes. Você deve sonhar. Este pobre livro vem às suas mãos, leitor amigável, cheio de humildade. Se ris, se não gostas, leia apenas o prólogo, zombe... é igual, nada se perde nem se ganha. É apenas uma outra flor no pobre jardim da literatura provincial. Se você ler e gostar, também é igual. Porém, terei uma gratidão fina e estimável. Isso é muito sincero.

Agora, passe pelas páginas.
(LORCA, 1973, p. 809, *adaptado*)

RESUMO

Esse texto diz de experiências de encontros. Encontro com uma perspectiva de pesquisa em Educação, encontro com a não-binaridade de gênero, encontro com pessoas que se diferenciam do binário de gênero, encontro com a diferença. Todos esses – e ainda outros – produziram essa pesquisa que agita as questões de gênero e Educação se lançando ao rompimento de binarismos. Dos questionamentos que costuro nesse texto destaco um que atravessa todos os outros: como as experiências na não-binaridade de gênero movimentaram e movimentam outras experiências? Utilizo retalhos teórico-metodológicos pós-estruturalistas, retalhos poéticos de Federico García Lorca e retalhos narrativos para formar essa colcha. As narrativas foram produzidas através de conversas com três pessoas que não fixam suas identidades enquanto *femininas* ou *masculinas*, mas tentam se desterritorializar esse binário. Conversei com cada pessoa duas ou três vezes e suas histórias as tornam coautoras desse texto e pesquisa – o narrar-se durante essas conversas foi, também, uma (re)invenção de nossas próprias diferenças de gênero. Observo e exploro alguns atravessamentos entre as narrativas e as leituras de autoras e autores do campo do Gênero e da Educação: a identificação de uma matriz de gênero binária produzida por diversos espaços e instituições e que provocará fortes subjetivações; as tentativas de rompimento com tal matriz a partir de dimensões corporais, estéticas e morais; e as relações (harmoniosas ou desconfortáveis) constituídas a partir desse rompimento consigo mesmo e com o mundo. Uma pesquisa que vibrou em mim costuras de desestabilizações, provocações e questionamentos, muito mais que certezas: “deixaria nesse livro toda minha alma...” (LORCA, 2004, p. 571)

.

Palavras-chave: não-binaridade de gênero; (des)subjetivação; experiência; narrativas de si; diferença.

ABSTRACT

This text is about encounter experiences. Meeting with a research perspective in Education, meeting with non-binarity of gender, meeting with people who differ from gender binary, meeting with difference. All these meetings - and still others - produced this research that stirs in the questions of gender and Education and that launches to the breaking of binarismos. Of the questions that I put together in this text I highlight one that crosses all others: how have experiences in non-binarity of gender moved other experiences? I use poststructuralist theoretical-methodological flaps, poetic flaps by Federico García Lorca and narrative flaps to form this quilt. The narratives were produced through conversations with three people who do not fix their identities as female or male, but try to deterritorialize this binary. I have talked to each person two or three times, and their stories have made them the co-authors of this text and research - to narrate it during these conversations was also a (re)invention of our own gender differences. I observe and explore some crossings between the narratives and the readings of authors of the field of Gender and Education: the identification of a matrix of binary gender produced by diverse spaces and institutions and that will provoke strong subjections; the attempts to break with such a matrix from bodily, aesthetic, and moral dimensions; and the relations (harmonious or uncomfortable) constituted from this break with himself and with the world. research that vibrated in me seams of destabilization, provocations and questions, much more than certainties: "I would leave this book in my soul ..." (LORCA, 2004: 571).

Keywords: gender non-binarity; (dis)subjectivation; experience; narratives of self; difference.

RESUMÉ

Ce texte concerne les expériences de rencontre. Rencontre avec une perspective de recherche en éducation, rencontre avec la non-binarité du genre, rencontre avec des personnes qui diffèrent du genre binaire, rencontre avec la différence. Tous - et d'autres encore - ont produit cette recherche qui soulève des questions de genre et d'éducation en se lançant dans la rupture des binarismes. Parmi les questions que je mets ensemble dans ce texte, j'en souligne une qui dépasse toutes les autres: comment les expériences de non-binarité du genre ont-elles bougé et déplacé d'autres expériences? J'utilise des volets théorico-méthodologiques poststructuralistes, des volets poétiques de Federico García Lorca et des volets narratifs pour former cette courtepoinTE. Les récits ont été produits à travers des conversations avec trois personnes qui ne fixent pas leurs identités en tant que femmes ou hommes, mais qui tentent de déterritorialiser ce binaire. J'ai parlé à chaque personne deux ou trois fois, et leurs histoires en ont fait les co-auteurs de ce texte et de cette recherche - le raconter au cours de ces conversations était aussi une (re) invention de nos propres différences entre les genres. J'observe et explore quelques croisements entre les récits et les lectures d'auteurs et d'auteurs du genre et de l'éducation: l'identification d'une matrice de genre binaire produite par divers espaces et institutions et qui provoquera de fortes sujétions; les tentatives de rupture avec une telle matrice des dimensions corporelles, esthétiques et morales; et les relations (harmonieuses ou inconfortables) constituées à partir de cette rupture avec lui-même et avec le monde. Une recherche qui a vibré en moi des coutures de déstabilisation, de provocations et de questions, bien plus que des certitudes: «Je laisserais dans ce livre mon âme...» (LORCA, 2004: 571).

Mots-clés: non-binarité du genre; (dis) subjectivation; l'expérience ; des récits de soi; la différence.

SUMÁRIO

Linha e agulha: o prólogo	18
Retalho: Sobre costuras, botânica e o novo	21
Retalho: Sobre diálogos, sentidos e viagens	34
Retalho: Sobre encontros, paixão e o imergir	53
Retalho: Sobre ser não-binário, não ser binário e o caminho à Córdoba	77
Retalho: Sobre acontecimentos, subjetividades y otros textos vegueros	113
Retalho: Sobre corpos, invenções e desenhos de risco	142
Retalho: Sobre relacionar-se, enunciar-se e escrever cartas	166
Retalho: Sobre tremores, experiências e os olhares de Lorca	187
Bainha e fio solto: o epílogo	199
Referências	201
Apêndice.....	211

LINHA E AGULHA: O PRÓLOGO

PERSONAGENS

Federico: poeta andaluz

Neilton: experienciador

Elfo: amante

Irene: habitante de fronteiras políticas

Netuno: príncipe das águas

ATO 1: Isso é mesa de bar.

(Calçada em frente ao bar. Mesa com cadeiras dispostas em círculo. As personagens bebem cerveja).

FEDERICO

A realidade pode ser muito dura para sonhadores como você Netuno.

NETUNO

Mas, como poderíamos viver sem esses sonhos?

IRENE

Me parece mais um desejo pela liberdade que um sonho. Quando falamos assim, lembro de eu menino no apartamento querendo descer para brincar com as crianças de outras ruas.

NEILTON

Não será que todo sonho tem uma ponta da liberdade?

FEDERICO

Ou que só podemos imaginar a liberdade através do sonho? Ou que só podemos sonhar a partir da liberdade?

ELFO

Olha, quando eu penso em sonho e em liberdade, eu sei de um orixá que seis meses do ano ele é homem e seis meses ele é mulher. Porém, eu pensando e repensando, pensando e repensando, ninguém transita do nada pro nada. E aí eu sonho com isso de ser livre pro trânsito.

FEDERICO

Diferente do teu orixá, quando penso em um monte tranquilo vendo a geadinha que se espalha pelo pasto abaixo, é onde me sinto mais livre.

ELFO

Pois eu acho que não é a natureza que nos liberta, mas isso que nós falamos sobre a natureza e o amor e as pessoas. Eu vou te dizer o que acho disso: às vezes a gente quer ser livre, mas não basta apenas um cenário.

FEDERICO

Para mim o cenário é quase obsessão.

NETUNO

A minha liberdade está nas possibilidades. Eu gosto de andar pelos espaços, de produzir novas combinações.

NEILTON

Eu te entendo. *(levantando da mesa)*.

NETUNO

Quando era criança o que mais me divertia era aquele jogo de mover peças para formar as palavras. Ainda que eu soubesse que tinham as palavras certas, sempre conseguia criar um novo vocabulário.

FEDERICO

Talvez ser livre tenha disso: criar novas palavras.

IRENE

E dizê-las. É importante dizer. Vocês estavam falando de liberdade, pra mim é isso.

ELFO

Ou se recusar a dizer também. Eu também gostava de montar naquele jogo.

NEILTON

(retornando à mesa com outra cerveja). Que jogo?

NETUNO

Aquele de movimentar letras ou números pra colocar em ordem.

IRENE

Falamos que é criar um novo dicionário. Eu acho que um dia não precisaremos, mas agora é necessário falar dessas palavras, como que são, que letras usamos. Explicar.

ELFO

E eu acho que podemos criar as palavras para não dizê-las.

FEDERICO

E o que é uma possibilidade de existência não anunciada?

NEILTON

Mas só anunciamos ao pronunciá-las?

(A noite vai se tendendo estendo sobre a Cidade Alta. Três carros param à luz do sinal vermelho do cruzamento).

RETALHO: SOBRE COSTURAS, BOTÂNICA E O NOVO



Imagem 1: Colcha de retalhos

Fonte: Elaboração própria

E talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar; oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço do lazer e o espaço do trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização. (FOUCAULT, 2003, p. 413)

• Cantos novos •

Diz a tarde: “Tenho sede de sombra!”

Diz a lua: “Eu, sede de luzeiros.”

A fonte cristalina pede lábios
e suspira o vento

Eu tenho sede de aromas e de sorrisos,
sede de cantares novos
sem luas e sem lírios,
e sem amores mortos.

Um cantar de manhã que estremeça
os remansos quietos
do porvir. E encha de esperança
suas ondas e seus lodaçais.

Um cantar luminoso e repousado
cheio de pensamento,
virginal de tristezas e de angústia
e virginal de sonhos.

Cantar sem carne lírica que encha

de risos o silêncio
 (um bando de pombas cegas
 lançadas ao mistério).

Cantar que vá à alma das coisas
 e à alma dos ventos
 e que descanse por fim na alegria
 do coração eterno.
 (LORCA, 2004, p. 65)

Tipo, eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher. Mas eu não sabia o que era. Então eu sempre me assumi mulher e aí falei “ah, sou mulher”. Em pautas feministas assim, “me assumo mulher” e coisas do tipo. Mas eu sempre estranhava quando eu falava “eu sou mulher”. Aí no começo do ano eu descobri. (Netuno – Conversa 1)

Iniciar pelo meio.

Colcha de retalhos (Imagem 1) é uma fotografia construída por mim a partir de retalhos produzidos em aulas, oficinas e na tarde do meu exame de qualificação de mestrado. Estudantes, docentes, amizades, familiares, amores, gente desconhecida: muitas foram as mãos que escreveram, desenharam, poetizaram e afetaram esses pedaços de pano para a composição de uma colcha. Todas as intervenções emergidas da mesma provocação: “o que me afeta quando encontro essa pesquisa de mestrado?”. Acredito ser potente iniciar esta escrita adentrando na pesquisa por esse meio: as afetações materializadas na colcha produzida em março de 2017.

Potente, também, é trazer o “*E talvez...*” de Michel Foucault. Sinalizar para a continuidade do “e” é indicar um percurso desdobrado de outros movimentos: um caminho que foi se fazendo ao longo de horas, dias, meses e anos; a incerteza do “talvez” me lança em um percurso de interrogações: mais questionamentos que afirmações, mais dúvidas que verdades. Essa pesquisa é parte de um fluxo de inquietações acerca da construção do pensamento binário e as possibilidades de desconstruí-lo. Questiono-me, ao decorrer desse texto, quais as limitações que uma lógica binária institui, bem como as (im)possibilidades de prazeres e os regimes de violência a ela engendrados.

Valho-me da força do diálogo com a poesia de Federico García Lorca. O poeta que escreve junto à tarde, à lua e à fonte. O poeta que anseia, que deseja, se angustia, se esperançava. A sede de Lorca em *Cantos novos* é também a minha: a produção de uma pesquisa e texto que seja um cantar que estremeça, que faça vibrar, que descanse. Um

cantar atravessado de tristezas e sonhos, de risos e pensamentos, é o que intento trazer aqui.

Trago, por fim, a fala que dá nome a esse trabalho: “*eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher*”. São trechos de narrativas como esse que compõem essa dissertação. Narrativas produzidas durante encontros nesse percurso do mestrado e que dizem da vida e experiências de Elfo, Irene e Netuno¹ – três pessoas que se recusam e procuram romper com a identificação binária para o gênero.

Colcha de retalhos, as palavras de Foucault, a poética de Lorca e a narrativa de Netuno parecem perder a força se apresentadas descoladas. Sinalizo com isso que não são apenas as minhas mãos que registram afetações, que escrevem, que discutem. Somos muitas mãos a registrar; somos muitos corpos a dialogar; somos muitas coisas; somos: eu, Federico García Lorca com seus versos políticos, Elfo, Irene e Netuno com as narrativas de si, as referências acadêmicas que me ajudam e tantas outras pessoas que vibram atravessando essa costura. Início, dessa maneira, a apresentação textual dessa pesquisa: utilizo-me desse encadeamento de ideias para dizer das potencialidades de trabalhar com a continuidade, a conectividade e a musicalidade da composição dos retalhos para refletir sobre a não-binaridade de gênero.

• Um desejo que move •
 Na alameda
 um manancial recita
 seu canto entre as ervas.
 E o caracol, pacífico
 burguês da vereda,
 ignorado e humilde,
 a paisagem contempla.
 A divina quietude
 da Natureza
 deu-lhe valor e fé,
 e esquecendo-se das penas
 de seu lar, desejou
 ver o fim da senda.

 Pôs-se a andar...
 (LORCA, 2004, p. 15)

Esquecendo-me *das penas de meu lar*, me coloco a andar em um movimento de pesquisa. Meu interesse é como o do caracol lorquiano: percorrer a senda, mas lançando

¹ Nomes fictícios que estão explicados em outros espaços mais adequados desse trabalho.

olhar às possibilidades de rompimento e de diferenciação do binário de gênero. O pensamento que construo sobre a não-binaridade é focalizado nas (des)subjetividades que a constrói. Em outras palavras, invisto sobre os sentidos que parecem permear as experiências de pessoas que se identificam com ela e que dizem dos atravessamentos, das vivências e dos processos. Com isso, parece-me adequado, potente e sem escapatória pensá-la enquanto/na/pela diferença: operar no próprio trânsito, no desterritório². E, assim, estar no entre-lugar³, pois

entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 36).

Trilho tal caminho dentro da corrente pós-estruturalista que dialoga com os trabalhos foucaultianos, com a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Felix Guattari, com a desconstrução de Jacques Derrida e com os estudos Queer. Acionando tais ideias, tenho como mote principal operar em uma perspectiva de inspiração rizomática.

Dizer de rizomas dentro desse caminho é dizer de um movimento atravessado por paixões que marcaram todo o percurso teórico-metodológico-afetivo desse mestrado. Por tal motivo, acredito ser importante dedicar o espaço desse retalho para: uma exploração conceitual dessa inspiração; a indicação de como ela se materializou me ajudando a construir e pensar três dimensões – as escolhas dessa pesquisa, as concepções de não-binaridade de gênero e essa minha própria escrita em forma de texto; e o prenúncio do que e como tentei trabalhar durante toda a construção de saberes que faço. Permeando essa trama, escolho dialogar com alguns versos publicados no primeiro livro de poesia de Federico García Lorca (Livro de Poemas, 1921) – me lançando assim às reflexões de um Lorca ainda jovem e estudante, indo ao encontro de suas afetações com sexualidade, religião, natureza, povo e vizinhança.

² Utilizo-me do termo *desterritório* em referência à desterritorialização; para pensar geograficamente a diferença, a negação da identidade, o ser e/ou estar em trânsito, em movimento, vibrando.

³ O sentido que construo de entre-lugar é esse proposto por Deleuze e Guattari (1995) e Derrida (2001): não necessariamente ligado a um trânsito entre dois polos fixos, mas um caminho que se constrói perpendicular. Os entre-lugares, nessa perspectiva, se configuram como “espaços de negociação e afirmam-se como movimento e enquanto produtores de figuras complexas, ambíguas e multifacetadas de diferença e de identidade” (FISCHER, 2010, p. 146).

• Pela botânica •

Vou, a caminho da tarde,
por entre as flores da horta,
deixando sobre o caminho
a água de minha tristeza.
(LORCA, 2004, p. 25)

Caminhando *por entre as flores da horta*, o primeiro momento que me debrucei sobre um rizoma foi nos laboratórios do departamento de botânica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em 2011. Àquele momento, essa palavra era simplesmente uma classificação para uma estrutura constituinte de certos tipos de plantas que seria, por vezes, determinante para organizá-las em grupos. Desenhei rizomas, apresentei sua definição em avaliações e, mesmo, reproduzi aquele conceito para ingressantes dos cursos de Ciências Biológicas, Agronomia, Engenharia Florestal, etc. Após seis anos, a palavra rizoma se transfigura e ganha novos sentidos para mim: os apresentados por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995).

Os dois autores pensaram a construção de um livro não com capítulos, mas com platôs. Os cinco volumes de *Mil platôs* indicam possíveis direcionamentos para conceber a pesquisa, a escrita e a experiência que se produz quando se lança a essas atividades. O platô introdutório, *Rizoma*, é o que trago para essa reflexão. Pretendo assim, me inspirar em rizomas para pensar pesquisa, texto e a temática da não-binaridade não em um laboratório de botânica, mas em uma mesa comum em que se toma café.

Construir saberes como relacionais a esse conceito já é interessante, nesse momento, apenas ao considerar que ele se produz em *diferença*. Um rizoma emerge como diferença dos sistemas de raízes pivotante e fasciculada; emerge como uma alternativa ao falso binário que se estabeleceu para a botânica. A raiz pivotante opera dentro da lógica binária: uma unidade principal da qual emerge outras secundárias; um sistema que anula a multiplicidade e determina os contornos do que *é* e do que *está apenas relacionado*. Já o sistema fasciculado não é, para os autores, um verdadeiro rompimento dessa lógica – como o seria para alguns. Como aborto da raiz principal nesse sistema, existe uma pluralidade de raízes, mas que não se conectam entre si: uma “dobragem de um texto sobre o outro” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 13).

• O (re)pensar aquele laboratório •

É uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14)

Um pensamento rizomático, no entanto, rompe a binaridade ao estabelecer “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 10). É o que me permite pensar as subjetividades como constituídas por esses (des)territórios, por essas linhas e estratos tradicionalmente entendidos como mais rígidos (zonas que se propõem determinantes, como: sexo biológico, faixas etárias, profissões etc. – ao que será questionado) ou mais flexíveis (com zonas de indeterminação, de ser e também não ser, de trânsito). Desterritorializar instiga um outro olhar sobre as subjetivações [de gênero], expandindo-as para além das fronteiras conhecidas e abrindo-as à diferença. Uma pesquisa e texto que se movimentam em rizoma, se ampliam, ramificam, produzem novos sentidos e tornam a visão para novas perspectivas.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 37)

Nesse sentido, não mais se suporta os binários – quaisquer que sejam. A conjunção “e” está presente na ideia de não-binaridade de gênero, durante todo texto e na construção de um caminho metodológico. Há sempre a possibilidade de acréscimo, de expansão, de novos olhares e outros lugares.

- Vai se somando, vai-se tornando •
 A casualidade
 vai se tornando neve,
 e os anos adormecidos
 já se atrevem
 a cravar os teares
 do sempre.
 (LORCA, 2004, p. 115)

Atravessado então pela ideia de Deleuze e Guattari que somam mil platôs, eu encaro a produção deste texto como um tornar-se colcha de muitos retalhos: *a casualidade que vai se tornando*. Os brotos do rizoma se tornam, assim, em mim e na

pesquisa: costuras. Quando era criança, em minha casa havia duas colchas de retalhos construídas pela mãe. Lembro-me de demorar em brincar com elas antes de dormir. Reparar nos pedaços, na composição das cores, nas diferenças de texturas, nos tamanhos diferenciados e nas formas geométricas “não-convencionais”, mas que se encaixavam perfeitamente para dar a forma final e sentido àquela peça de enxoval. Neste texto também me demoro em retalhos da pesquisa: narrativas de si, diferenças, expressões de gênero. Como costuro as palavras, minha mãe, Magnólia, costurou aquelas colchas a partir dos retalhos que excediam às costuras anteriores de roupas, toalhas, caminhos de mesa, cortinas e lençóis. A colcha de retalhos me fez entender que as partes – e as palavras – se transformam e ganham novos significados a partir de novos olhares, de novos significantes. O retalho que já foi peça de tecido, toalha e excedente, agora é significado em colcha, é nova composição. Tudo isso me traz uma potencialidade de pensar esse conjunto organizado como algo que emerge relacionado ao conceito de rizoma. É acionando essa memória que intento construir uma colcha de retalhos inspirada na perspectiva rizomática.

Mantendo a visão de operar enquanto/na/pela diferença, os posicionamentos dualistas são colocados em cheque em prol dos “‘indecidíveis’, isto é, unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõem-lhe resistência, desorganizam-na” (DERRIDA, 2001, p. 49-50). Os *indecisíveis* que compõem um sistema rizomático e são focalizados por ele, além de determinarem seu(s) modo(s) de operação e construção, são também os que constituem essa colcha de retalhos da pesquisa: sujeitos de experiências *indecisíveis* às classificações binárias, que se lançam à(s) não-binaridade(s).

Segundo a sociedade ser mulher é ser feminina, usar vestido, colocar batom, maquiagem. Ser mulher é você chorar vendo filme; ser homem: você não chora. Ser homem é você ser forte, você tem que correr atrás de mulher e querer ser o macho alfa, se meter em briga, coisa assim. Pra sociedade, não pra mim. E eu acho que o meio disso é o perfeito, assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer: “eu sou isso” ou “eu sou aquilo”. Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa.
(Netuno – Conversa 1)

Netuno é um desses sujeitos que narram experiências de deslocamento do binário de gênero. Por isso, para além do que é problematizado e discutido em outros momentos desse texto, sinalizo com essa narrativa que: assim como opera um rizoma, como opera a construção da imagem *Colcha de retalhos*, é também como opera essa pesquisa. A experiência *indecisível* de Netuno nos tensiona ao meio e tudo o que ele pode produzir. Um rizoma que multiplica sentidos a partir do meio.

• Com o que construo •

Retalho (s.m.): parte que se tira, que se corta de uma coisa (especialmente de um tecido); pedaço, fragmento.

Os retalhos têm suas particularidades, características próprias. São fragmentos, recortes, partículas agora isoladas, mas que possuem conexão íntima com o que constituía. Para além disso, eles também são devires, são potencialidades ao compor. Assim, se localizam no entre-lugar de já terem sido parte de um todo e que, agora, poderão compor uma nova realidade: novos caminhos, novos saberes, novas experiências, novos cantares. O conceito de uma colcha pode ajudar a pensar e fazer emergir esse texto, entender o seu funcionamento.

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 11).

Para, então, dizer do funcionamento dessa pesquisa trago alguns pontos elucidados por Deleuze e Guattari (1995) que podem servir como características de um sistema rizomático – como chaves de identificação de uma família botânica. Não objetivando um debruçar demorado sobre o conceito, vou destacar, por ora, três que me ajudam a formar um pensamento sobre a colcha de retalhos que costuro aqui, como que a perspectiva do rizoma atravessa esse trabalho de mestrado. Um sistema rizomático é *a-centrado*, *a-hierárquico* e *a-significante*.

Em um sistema onde “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14), indico que a colcha que se estende nessa pesquisa é também *a-centrada*, em especial, quando investe e opera

apenas a partir de outras dimensões – ou, para ser mais justo, quando se recusa ao dimensionamento da escrita, das categorias, da análise, do saber fixado. Não é de interesse a identificação, categorização e hierarquização tanto da escrita quanto dos saberes construídos no âmbito desse processo de escrita. Não me proponho, assim, à classificação das experiências não-binárias de gênero, ou encerrar suas fronteiras. Operar com/sobre a não-binaridade nessa perspectiva, me coloca a conectar experiências que antes, não necessariamente, estariam dialogadas.

As ausências de um ponto específico para proliferação de um rizoma e de um retalho específico que sirva de pivô à construção da colcha são manifestas. Qualquer olhar para o cenário é uma possibilidade de entrada. Qualquer retalho é um devir-colcha, é um disparador à experiência. Toda narrativa de si que se constrói na pesquisa é um convite; toda imagem capturada é um disparo. São as experiências – textuais e de pesquisa – que servirão para dizer do direcionamento de forma a-hierárquica. Como aprofundo em outros espaços, é possível pensar essa a-hierarquia como vinculado à própria não-binaridade de gênero – em particular se essa estiver sendo discutida enquanto diferença e multiplicidade. Tomando a máxima de Tomaz Tadeu da Silva que “a multiplicidade é a capacidade que a diferença tem de (se) multiplicar” (2002, p. 66) e ligando-a à não-binaridade, é possível operar rompendo com a predicação e hierarquização das experiências, tanto quanto intento romper com as marcações da escrita.

Um sistema *a-significante*, um sistema que “pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17). A multiplicidade de retalhos que se aproximam ou se distanciam em função de uma multiplicidade de costuras, de linhas de segmentaridade. Essa perspectiva nos ajuda a refletir sobre a não-binaridade de gênero extrapolando o *é* ou *não é*: já “não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.17); é pensar a partir das rupturas com o binário, com a diferença.

- Nosso pensar, nossa canção •
Escutai os romances
das águas nos choupais.
São pássaros sem asas
perdidos entre as ervas!

As árvores que cantam
se partem e se secam.
E se tornam planícies
as montanhas serenas.
Mas a canção das águas
é uma coisa eterna.

Ela é luz feita canto
de ilusões românticas.
Ela é firme e suave,
cheia de céu e mansa.
Ela é névoa e é rosa
de eterna manhã.
Mel de lua que flui
de estrelas enterradas.
(LORCA, 2004, p. 39)

Por fim, cabe prenunciar em linhas gerais aquilo que, trabalhando com a colcha de retalhos, construo nesse texto que é tanto atravessado quanto atravessa experiências na não-binaridade – prenunciar *a canção das águas*, cantar as narrativas de si que são adentradas por diferentes linhas e que nos adentram, fluir os romances de Elfo, Irene e Netuno.

É importante as pessoas saberem. Tipo, nós existimos. Nós queremos ter os nossos direitos. Queremos estudar, queremos dar aula, queremos viver como todo mundo. Queremos ter relacionamentos afetivos. Queremos ter amigos. Porque muitos não têm amigos, muitos não têm namorados, por serem assim. Então eu acho que essa pesquisa sua abre um leque bem grande pra várias perguntas, pra vários questionamentos.
(Elfo – Conversa 3)

Da mesma forma que Elfo provoca afetações, se atinge por elas. Utilizando-me da questão da *cartografia* e da *decalcomania* elucidadas por Deleuze e Guattari (1995, p. 21) – segundo a qual são rejeitadas quaisquer possibilidades de eixo estrutural, genético, reprodutivo em um rizoma – destaco a conectividade e expansibilidade desse texto, bem como a característica de ser adentrável em qualquer ponto. Tal como um mapa, é a colcha de retalhos: construída não por um sujeito, mas por uma vizinhança deles; e, ainda, produtora de subjetividades nesses sujeitos. A pesquisa que abre um leque, que estende uma colcha, que pode ser penetrada a partir de diferentes linhas, é a mesma pesquisa afetada, (re)(des)construída, raiz e fruto de tantos investimentos, abandonos e questionamentos.

• O que é isso •

Excerto (s. m.): trecho e/ou fragmento (retalho) relevante retirado de determinada obra literária ou outro texto.

Se “não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 11), não há, igualmente, diferenciação entre a colcha e a maneira que ela é costurada; entre essa pesquisa e a maneira como ela é apresentada textualmente; entre este texto e a maneira que ele está sendo construído; entre a não-binaridade e os sujeitos que a narram. Assim, o texto contém excertos multiplicados a partir de retalhos. Retalhos de retalhos: conexões, afetos, obras de arte, versos, crônicas, desenhos, vídeos. Um texto desterritorializado para uma pesquisa que se propõe à desterritorialização, à diferença, ao rompimento de binários. Trago narrativas que serão desdobradas em outros espaços, trago pessoas que terão sua história contada em outros movimentos (não necessariamente num sentido linear), trago canções lorquianas dialogadas com filosofias deleuzianas, trago minha escrita atravessada por poetas, físicos, docentes, estudantes, jornalistas, artistas, cientistas, amores.

A colcha de retalhos é a própria pesquisa, não há como desagregá-la: é costurada, costureira, tecido, linha e agulha, bainha e fio solto da pesquisa e, por conseguinte, deste texto. E aqui percebo a importância (e justiça) de operar com essa trama. Observo que o mesmo é o sentido relacional que se estabelece entre a não-binaridade de gênero e os diálogos que me direciono: não há como desagregá-los. Para além, olhar a não-binaridade de gênero é olhar para uma multiplicidade, para suas correlações, para suas linhas de fuga, (des)territorializações de gênero. Olhar a não-binaridade é capturar os escapes às fixações do binário de gênero, construir mapas e colchas. Olhar a não-binaridade é se lançar ao rizoma, é costurar uma colcha.

Nessa costura, este texto está organizado em oito retalhos – além de um prólogo e um epílogo. Sendo colcha, possui a potência de ser adentrado em qualquer retalho (e, aqui, provooco quem lê à experimentação dessa possibilidade). Os apresentarei, brevemente, a partir da ordem que elenquei nessa dissertação. O primeiro sendo esse retalho, no qual exploro a perspectiva da pesquisa e minhas pretensões com esse texto; o segundo diz de alguns atravessamentos que trouxeram Elfo, Irene, Netuno e a mim a essa pesquisa, bem como meus primeiros passos enquanto pesquisador, minhas conexões com as temáticas de gênero e educação e com a escrita; no seguinte, trato dos movimentos de costura que construímos para que essa pesquisa tenha se materializado

neste texto: os percursos escolhidos, as formas percorridas, as (im)possibilidades, os cenários que se constituíram; para o quarto retalho eu invisto nos sentidos que dei à não-binaridade de gênero ao longo de minhas pesquisas e no sentido que trago para essa; nos três subsequentes me debruço em reflexões de algumas temáticas que considero atravessar a não-binaridade, que foram costuradas pelas narrativas de Elfo, Irene e Netuno, que foram se concretizando enquanto dimensões para se pensar o gênero e a educação; e para o oitavo retalho proponho alguns diálogos que podem ser costurados a essa pesquisa, outros cantares possíveis e uma reflexão sobre a construção de todo esse processo.

Dentro de todas essas partes da colcha procuro investir na multiplicidade: desde uma multiplicidade de intencionalidade, de referenciais e de excertos, até uma multiplicidade de escrita. Minha conexão com o escrever, com a não-binaridade de gênero e com Elfo, Irene e Netuno não se dá apenas na dimensão acadêmica. Nesse sentido, exploro aqui outras possibilidades de construções textuais pouco convencionais ao meio acadêmico, porém que considero potentes para se pensar tanto os binários e os não-binários que podem se estabelecer em uma pesquisa, quanto as próprias temáticas de gênero e sexualidade.

Em cada retalho produzo, ainda, uma aproximação com a obra poética e política de Federico García Lorca: seus poemas, suas prosas, suas cartas, seus amores. Assim como nesse retalho dialoguei com o Livro de Poemas, nos outros também me inspiro em afetos para dizer dessa perspectiva de ser e estar enquanto pesquisador: construindo a colcha e construído por ela.

• Ar de noturno •
 O que é isso que soa
 bem longe?
 Amor. O vento nas vidraças,
 amor meu!
 (LORCA, 2004, p. 171)

O que é isso que soa bem longe? Lorca pergunta e Lorca responde: *Amor*. Todo esse movimento de escrita, forma de operar como uma colcha de retalhos, pensar o gênero numa perspectiva não-binária e (des)territorializar as subjetividades, é de todo novo para mim e, portanto, tão potencial quanto desestabilizador. Entretanto, como apontam Deleuze e Guattari, “não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para

baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 34). Tentar: tentativa e tentação!

Finalizo então este retalho como o poeta inicia seus escritos, com algumas palavras de justificação e oferecimento. Está nessa pesquisa, nessa desordem, nessa colcha todo ardor, ambição, coração e espírito. Está a recordação das paixões. É o próprio *vento nas vidraças, amor meu!*

• Palavras de justificação •

Ofereço neste livro, todo ardor juvenil e tortura, e ambição sem medida, a imagem exata de meus dias de adolescência e juventude, esses dias que enlaçam o instante de hoje com minha própria infância recente.

Nestas páginas desordenadas está o reflexo fiel de meu coração e de meu espírito, tingido do matiz que lhe emprestara, ao possuí-lo, a vida palpitante, em torno, nascida para minha mirada.

Irmanam-se o nascimento de cada uma destas poesias que tens em tuas mãos, leitor, e o próprio nascer de um broto da árvore música de minha vida em flor. Seria perverso menosprezar esta obra que tão enlaçada está com a minha própria vida.

Quanto à sua incorreção, quanto à sua limitação certa, terá este livro a virtude, entre muitas outras que observo, de recordar-me a cada instante de minha infância apaixonada, corricando desnuda pelas pradarias de uma veiga sobre um fundo de serrania.

(LORCA, 2004, p. 9)

RETALHO: SOBRE DIÁLOGOS, SENTIDOS E VIAGENS

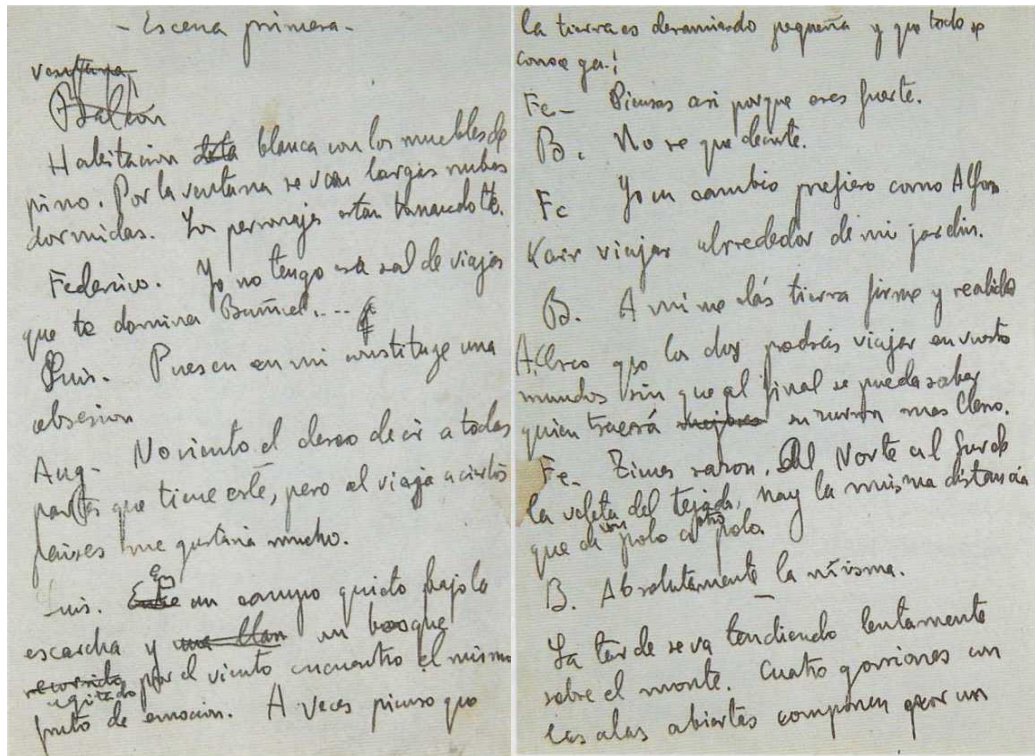


Imagem 2: Manuscrito lorquiano de Diálogos com Luis Buñuel, 1923

Fonte: FRUCTUOSO, 2014.

Diálogo com Luis Buñuel

(Quarto branco com mobiliário em pinho. Para fora da janela passam longas nuvens dormentes. Os personagens estão bebendo o chá).

FEDERICO: Eu não tenho essa sede por viagens que domina você, Buñuel.

LUIS: Para mim é uma obsessão.

AUGUSTO: Eu não sinto o desejo de ir a qualquer lugar como tem este homem, mas viajar para determinados países que gosto muito.

LUIS: Em um campo tranquilo sob a geada e um bosque agitado pelo vento, encontro o mesmo fruto de emoção. Por vezes, eu penso que a Terra é muito pequena e que tudo já é conhecido!

FEDERICO: Você pensa assim porque sois fortes.

LUIS: Não sei o que lhe dizer.

FEDERICO: Eu em vez disso, como Alphonse Karr, prefiro viajar em torno de meu jardim.

LUIS: Para mim, você passa terra firme e realidade.

AUGUSTO: Eu acho que os dois vão poder viajar em seus mundos sem, ao final, poder saber quem trará a bagagem mais completa.

FEDERICO: Tem razão. De norte a sul das palhetas de um telhado, tem a mesma distância que de um polo ao outro polo.

LUIS: Absolutamente a mesma.

(A tarde vai se tendendo lentamente sobre o monte. Quatro pardais de asas abertas acima de um...)

O chá que nutre a conversa, o jardim de Federico García Lorca, as palhetas de seu telhado ou os pardais que voam de asas abertas são retalhos de mesma complexidade e dimensão que o espaço entre os polos norte e sul. É nas cores e texturas do convívio nas tardes que descem o monte, visível da Residência dos Estudantes de Madrid e, dele, a amizade entre alguns dos artistas que marcaram o século XX que nasce a inspiração para *Diálogos com Luis Buñuel*. O próprio Lorca, além de nomes como Salvador Dalí e Luis Buñuel, habitou a residência e produziu suas primeiras obras naquele espaço. O poeta e dramaturgo atravessou o mundo com suas produções e, por elas, foi atravessado, fazendo da sua escrita, uma escrita-experiência. Um acontecimento que tanto o inquietava quanto provocava inquietações, que tanto atravessava quanto era resultado de atravessamentos, que tanto movimentava quanto era fruto de um movimento.

A produção de afetos e saberes através do diálogo entre os artistas é, de todo, semelhante ao percurso da pesquisa que se materializa nesse texto. As movimentações da vida de Lorca – planejadas ou não, intentadas ou não – o levaram ao *quarto branco com mobiliário em pinho*, ao encontro com Luis e Augusto. Na mesma direção, as movimentações de minha vida me trouxeram aos cafés, quartos e gramados de Juiz de Fora onde dialoguei com Elfo, Irene e Netuno – as três pessoas que se recusam ao binário de gênero e cujas conversas também foram de potente produção de sentidos e conhecimentos.

Um encontro, no entanto, não depende apenas da movimentação de uma vida. Todas as pessoas (Lorca, Luis, Augusto, eu, Elfo, Irene e Netuno) carregam na memória, no corpo e nas palavras suas trajetórias, experiências que dirão da possibilidade, probabilidade e intencionalidade de encontrar. Nesse retalho invisto nessas trajetórias. Tomo como plano de fundo a linearidade temporal das minhas movimentações para dizer como foi possível costurar uma colcha com tantas outras mãos e diálogo com as experiência de vida e escrita de Lorca que dizem dos seus (re)(des)encontros, suas viagens, suas nostalgias e suas conversas. Tudo isso é costura que ganha forma, agora, na tentativa de uma escrita-experiência.

Escrever se torna experiência quando é inevitável (não que se queira evitar) atravessar o papel – ou a tela do computador – com sua realidade e a sua realidade ser atravessada pelo texto. Fazer da escrita uma costura de colcha. Pensar em algo como escrita-experiência é pensar que não existem o *ser produtor* e o *algo produzido*, ambos,

no entanto, autor e texto, serão produtos da empreitada. Na minha vida, realizar o movimento de ter uma escrita-experiência foi passar, antes, por uma leitura-experiência.

Caminhando com Jorge Larrosa:

além de uma prática que consiste, basicamente, na compreensão de textos, a leitura pode ser uma experiência. Uma experiência de linguagem, uma experiência de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos “sentimentos”. (LARROSA, 2011, p. 10-11).

A leitura de uma obra inspirada em experiências gerou, como produtos, textos e vida lorquianos. Para adentrar nesse ponto da colcha de retalhos, viajar em torno de jardins, revisitar os motivos, intenções e experiências que levam docilmente ou jogam violentamente para o lugar onde estamos e fazer dessa viagem uma nova experiência, vejo necessário (re)visitar os jardins de Lorca e experienciar seus escritos, suas lutas e seus amores.

• Uma definição •

Experienciar: (v.t.d.) vivenciar por meio da experiência.

Federico García Lorca nasceu em Fuente Vaqueros, cidade pequena de tradição andaluzia na Espanha. Aos 21 anos foi viver em cidade grande e dar voz mais alta aos seus escritos. Em um primeiro momento produziu aquilo que lhe foi experiência na região da Andaluzia: suas ligações com Granada e Sevilla, seus romances ciganos e a própria gente cigana. Depois, sendo atravessado por uma Espanha que tendia ao radicalismo religioso e ao cerceamento de opinião pública, expressou poética e dramaturgicamente suas críticas sociais. Sendo de tradição católica, experienciou a descoberta de sua homossexualidade. Vindo de vida simples e amena, se percebeu surreal para um mundo de mecânicos. Tendo a idade da juventude, falou e ouviu daquilo que lhe cabia. Lorca construiu seu jardim por 38 anos e tem inquietado tantos outros desde então. Não morreu como a tarde que cai docilmente sobre o monte, mas na agitação dos ventos conservadores da guerra civil espanhola.

Aos 16 anos fiz minha primeira leitura-experiência de Lorca. O ginete me cantou na canção uma Córdoba distante e só. Uma Córdoba de plenitudes que jamais serão alcançadas, mas que nos fita do horizonte e nos mantém experienciando o caminho.

Havia feito poucas leituras-experiências até então: retalhos com cores do menino da peneira da Manoel de Barros, formatos das terras de Érico Veríssimo, texturas das mulheres de Kabul. Minhas escritas, tampouco, eram aprofundadas: pequenas poesias na infância, contos de um cotidiano imaginativo e exercícios de escrita escolares. Foi, no entanto, no olhar-experiência daquele ginete, na escrita-experiência de Lorca, na minha leitura-experiência, que me vi recantado no *caminho tão longo*. Mas, como perceber-se recantado em canções de 1921? Como ter o percurso feito experiência em uma escrita tão distante? Como ter uma vida que se pretende experiência tendo essa já sido costurada?

• Uma teoria •

A teoria físico-matemática das Cordas explica, de forma geral, que o Universo possui dez dimensões. No começo todas as dimensões estavam embaralhadas e, durante o Big Bang, três dimensões espaciais e uma dimensão temporal implodiram. As outras seis permaneceram juntas. O tempo, como conhecemos, é a dimensão que vivemos, em apenas uma direção. Entretanto, se as outras dimensões não forem espaciais, mas temporais, então o tempo poderia caminhar em tantos outros direcionamentos.

Fantasio – física, matemática e poeticamente – que Lorca me canta em seus escritos. Tendo, assim, minha vida sido feita experiência antes de ser por ela mesma. Uma multiplicidade rizomática de vidas experienciadas. Um atravessamento Neilton-Lorca: a ligação com a tradição familiar, a religião, os rompimentos, a sexualidade, o dar-se à escrita, tudo se entrelaça com um século de diferença. E é justamente pela diferença que escolho conduzir esses retalhos e fazer-me experienciar neles. Experiência e diferença caminham juntas: “a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (LARROSA, 2002, p. 28). Nesse sentido, ter uma escrita-experiência é também caminhar para a diferenciação, multiplicizar-se. É o distanciamento da singularidade, do ser unitário, do ser único. É o rompimento com os binários que nos espreitam. É abandonar-se em ser muitas coisas. Lançar-se às costuras.

O conceito experiência chegou a mim pela Educação Popular, em grupos de jovens da Pastoral da Juventude ligados à corrente progressista católica da Teologia da Libertação. Eis mais um retalho: minha trajetória de vida sempre foi marcada em um discurso religioso. Meus pais e minha irmã, católicos, sempre potencializaram um olhar para o mundo a partir dessa crença. E mesmo impulsionaram um projeto de vida que se adequasse ao projeto de prática religiosa: não era possível pensar em trabalhar em

alguma coisa, morar em algum lugar, realizar alguma atividade que interferisse nos horários dedicados aos ritos católicos. Nesse mesmo sentido, minha sexualidade, minha expressão de gênero e minha identidade deveriam estar de acordo com os padrões promulgados pela Igreja. Ser um homem heterossexual que expressasse sua virilidade nas formas duras de se portar, na rejeição às emoções, na falta de expressão dos afetos, na construção de relações frias entre as amizades. Fazer memória, lembrar, pensar em gênero e sexualidade na minha infância e adolescência é acessar sentimentos que se misturavam em prazer, culpa, curiosidade e estranheza. Fui criado em família nuclear que se reunia na frente da televisão e se constrangia sempre que a palavra *sexo* era falada em uma cena. Quando criança na escola, por sempre ter sido dois anos mais novo que a média de idade de minha turma, tive acesso a informações sobre aparelho urogenital, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e reprodução mais cedo que o habitual. Durante o Ensino Médio, já mais distante física e emocionalmente da minha família, comecei a reparar nos garotos, na forma como se tratavam, como falavam abertamente sobre suas [hetero]sexualidades. Todo aquele universo se mostrou surpreendentemente atraente para mim. Foi no início da juventude que começaram as atrações físicas: eram por meninos. Foi um processo leve apesar de demorado, que me fez nomear e projetar a homossexualidade na minha vida.

Na mesma época, a algumas centenas de quilômetros de onde eu estava, Netuno também iniciava uma projeção de sua homossexualidade. Netuno teve uma designação de gênero feminino quando nasceu e teve sua criação toda em São José dos Campos, São Paulo. Morava com a mãe, o pai e a irmã; estudava no colégio que o pai dava aula; fez aulas de baixo e tocava em algumas bandas de rock; assistia *The L Word*.

The L Word foi uma série que eu gostei bastante. Eu quase assisti de novo. E eu acho que assistiria de novo, só não tenho tempo e, sei lá, têm séries mais maneiras, eu acho, pra assistir. Se eu fosse dedicar meu tempo eu ia ver, por exemplo, uma série nova do que uma repetida. Mas eu assisti escondido. Eu lembro que eu ficava com vergonha da minha mãe ver. Eu baixava os episódios e ia pra casa da minha vó. Na casa da minha avó não tem internet. E aí eu escondia o computador no canto do quarto e ficava vendo quando minha vó ia dormir. Porque eu achava que ela ia ficar brava se ela visse. Talvez ficasse ou não, não sei. Mas essa série tem umas coisas meio infantis assim, com estereótipo e tals. Mas tem coisas legais também. Nessa série, *The L Word*, tem um homem trans que ele começa a ficar com um cara gay, gay cis. E tipo, era uma coisa que eu nunca tinha escutado falar assim de homem trans nessa época. Eu era uma coisa bem tipo ignorante assim. E essas coisas a gente não conversa muito né. Principalmente com adolescente, criança. Aí eu vi na série assim e fiquei: “nossal”. E aí esse cara da

série, esse homem trans, começou a ficar com um homem gay cis. E aquilo foi muito diferente, porque você não imagina. Mas tipo, são coisas que não são impossíveis. E só de estar lá já abriu minha cabeça. Por mais que tenha o estereótipo e toda essa coisa. (Netuno – Conversa 2)

Pouco tempo depois, em 2011, Netuno cortou seu cabelo longo e se assumiu como lésbica para a família. Não pareceu ter havido grandes tensionamentos em relação ao convívio familiar e de amizades. Continuou a estudar nas mesmas escolas, a expressar seus afetos, a compor suas músicas, a assistir novas séries e filmes. *The L Word*, quando lembrada agora, se tornou algo infantil, mas que, reconhecidamente, fez parte de um processo de descobertas e produção de sentidos e saberes de si. Netuno continuou em São José dos Campos, por mais cinco anos.

Foi também em 2011, aos meus 16 anos, que eu já estava mais conectado à Teologia da Libertação e experiência se misturou ao *experienciar*. Utilizava o verbo em rodas de conversa, oficinas e discussões que circundavam os afetos, as entregas, o deixar-se levar e o largar-se à sorte. Experienciar era, ali, costurar relações para uma cultura de paz, promover o que chamávamos de *Civilização do Amor*. Acredito que aquele meu experienciar tenha me feito refletir, lá atrás, sobre essa experiência que Jorge Larrosa me trouxe anos mais tarde. Caminho com Roney Polato de Castro para pensar que “a experiência é sempre de *alguém*, portanto, é subjetiva, contextual, provisória” (2014, p. 20) e também com Larrosa para dizer que não acredito ser possível pensá-la descolada daquilo que está além do eu, o exterior.

Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar. (LARROSA, 2014, p. 6)

Nesse sentido me debruço sobre as pistas que me fazem conhecer a experiência a partir das afetações dos encontros. Tais afetações trago para uma forma da palavra ainda mais dura: essa de sujeitos e predicados. Relembro das vezes que, sendo jovem entre jovens, fui suspenso por cenas, sons, cheiros, afetos, relações e saberes. Das vezes que experienciei e as coisas se tornaram sentidos e as coisas se fizeram acontecimento. É agora, com tal ideia da existência de experiência que cultivarei tais momentos, nomeando-os dessa forma.

- Uma definição que afasta o ser/estar •

Juventude: (s.f.) período da vida do ser humano compreendido entre a infância e o desenvolvimento pleno de seu organismo.

Ser jovem me constituiu também num ser educador. A Pastoral da Juventude, enquanto lugar de Educação Popular, encarava o protagonismo juvenil como uma de suas bases. A definição que operava àquela época não era justa com as experiências que se atravessavam. A juventude enquanto período temporal de marcadores biológicos era limitante. Enquanto jovem, fui protagonista na Educação que gostaríamos, no modo de fazer, no modo de ser. A juventude me tornou um educador que impulsionava no meio popular as discussões daquilo que nos eram experiências: as angústias, as lutas, as festas, as celebrações e os misticismos. Experienciávamos tudo com um requinte de compartilhamento de saberes e conhecimentos, de escuta e de fala, de nos dedicarmos a ouvir com atenção e falar com clareza.

Minha constituição como educador e, mais tarde, como pesquisador, estando ainda na suspensão da juventude, implica em um modo de olhar, escutar, sentir e pensar as coisas. Um modo de produzir conhecimento. Um modo de fazer minhas costuras. E, ainda, me constituir em um momento de vida que tradicionalmente se define como um trânsito e, dentro dele, tomar o protagonismo como princípio foi – e ainda é – uma experiência de choque e conciliação: entre o repouso reflexivo e o movimento impulsivo, entre a leitura durante o chá e a saída ao campo durante a discussão, entre *um campo tranquilo sob a geada* e *um bosque agitado pelo vento*. Ser educador-pesquisador-protagonista-jovem exige um cuidado com atropelamentos da experiência. Exige um constante vigiar e cuidar para que a experiência seja “encontros intensivos com as coisas e os espaços” (ANJOS, 2013, p. 81) e, aqui acrescento, sujeitos.

Experienciar, constituir-me educador, tornar-me pesquisador e protagonizar espaços no meio popular das juventudes foi me colocar em dois deslocamentos, dois desterritórios. O primeiro de me deslocar de mim mesmo, recuar (ou permanecer parado) umas duas rodadas e estar em constante observação do que me influenciava, de onde eu falava, de como eu falava. Foi um constante viajar pelo meu jardim, visitar minhas certezas, questionar meus modos de ser e de fazer; como o menino que fui: demorar-me nos retalhos de uma colcha que estava continuamente costurando. O segundo, no sentido de ir ao encontro, sair do meu local, visitar outros territórios, outros

países. Ir ao encontro, de ideias e sujeitos, é se colocar em movimento, assumir novos atravessamentos, fomentar novas costuras.

Assim, a experiência de educar e pesquisar se constitui em mim na saída (ou fuga) do lugar que estou, na ida à Córdoba, na movimentação. Viajar sem poder mensurar a bagagem que estou carregando. O movimento da viagem vai se assemelhando ao movimento da pesquisa: as escolhas cuidadosas, os caminhos que tomamos, os sentidos que nos afetam e nossas respostas, os novos questionamentos que são produzidos. A viagem a outro país, de um polo a outro, pelas palhetas do telhado ou pelo próprio jardim são movimentos de uma pesquisa-experiência.

• O que faz o coração •

No coração existe uma rede de células musculares cardíacas modificadas, acopladas às outras células musculares do órgão, que têm papel importante na geração e condução do estímulo cardíaco, de tal modo que as contrações dos átrios e ventrículos ocorrem de forma involuntária e em determinada sequência, tornando possível que o coração exerça com eficiência sua função de bombeamento do sangue. (JUNQUEIRA e CARNEIRO, 2013, p. 193).

Os movimentos de uma pesquisa, aqueles delineados como estão em um texto de sujeitos e predicados, são por vezes contornados por enquadramentos *voluntários* ou *involuntários*. Entretanto, pensar em como se chega ao território da pesquisa, o caminho que se percorre e até mesmo as escolhas mais lógicas, é se perceber em uma colcha embaçada de escolhas. É uma linha tênue que se estabelece entre o voluntário e o involuntário, entre aquilo que é de escolha minha de Elfo, de Irene e de Netuno, e aquilo que somos conduzidos a realizar. A temática que nos inquieta, as relações que nos angustiam, o modo que nos movimentamos, tudo isso é fruto de desdobramentos que nos amarram a respostas reflexas? Ser fruto de reflexão torna uma temática mais voluntária, mais escolhida? Qual o limite da tenuidade entre mecânico e orgânico?

Quando me coloco esses questionamentos e os direciono para a escolha do meu campo de pesquisa, acredito que, decididamente, muitos dos meus movimentos foram involuntários ou inevitáveis. Nos momentos que me suspenderam me enxergo integralmente passivo, não na perspectiva que não atuei ou influenciei ativamente alguns desses e fui apenas objeto da cena, mas na perspectiva que, agindo sobre elas ou não, as coisas me aconteceram e me atravessaram.

Em minha trajetória acadêmica no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – que se iniciou paralela à minha trajetória na Educação Popular nos grupos da Teologia da Libertação –, tive experimentações e experiências. O que as diferenciou foram as potencialidades dos acontecimentos que se sucederam, se me tornei produto ou reproduzi as ações que desempenhei. Até os 19 anos o bosque agitado pelo vento dos trabalhos com as juventudes de meio popular pouco se manifestava no campo tranquilo da geada da minha vida universitária. Não experienciava meu caminho como educador popular em uma formação docente universitária que mais se assemelhava a uma formação para pesquisa laboratorial.

Passando como monitor pelos departamentos de Botânica e de Genética da UFRRJ pude experienciar o contato com as rigidezes das disciplinas acadêmicas de abordagem conceitual: as aulas teóricas e depois as práticas, os métodos de avaliação, a manutenção nas formas de escolha de conteúdo, os (des)interesses de docentes e discentes. Retalhos cinza e lisos, que não provavam sensação alguma ao escorrer pela mão e pelos olhos. Ao trabalhar enquanto suporte dos processos de absorção seguida de devolução de conceitos, funções e esquemas prontos, pude (re)pensar os saberes e conhecimentos que circundaram minha Educação Básica e que, naquele momento, estavam circulando pela minha formação como docente.

Enquanto pesquisador, nos anos seguintes, no departamento de Bioquímica da mesma universidade e na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, pude experienciar outras rigidezes: as das pesquisas positivistas de observação-hipótese-experimentação-lei-teoria. Lidando com materiais químicos, biológicos e estatísticos, as ações mecânicas assumiram o lugar das potencialidades orgânicas de uma pesquisa. As leituras, escritas, costuras, fazeres e saberes eram tinta no papel, nuvens dormentes que passavam distantes e alheias aos acontecimentos e não aconteciam em mim. Recordo de poucos e rápidos lampejos de escrita sobre os quais me lancei: cartas pastorais, poesias inspiradas por amores imaginários. Entretanto todas essas sufocadas pelos rigidezas acadêmicas do curso de Biologia: relatórios das pesquisas, das aulas práticas e reprodução de conceitos em trabalhos para disciplinas.

• Reza •

Oh, Senhor sonolento!
Olha meu coração frio
como um marmeleiro

por demais outonal e que já está podre!
 Se tua voz vai chegar, abre os olhos vivos;
 mas se continuas adormecido,
 vem, Satanás errante, sangrento peregrino,
 põe-me a margarida morena nas oliveiras
 com as tranças da noite de estio,
 que eu saberei acender-lhe os olhos pensativos
 com meus beijos manchados de lírios.
 E ouvirei numa tarde cega
 meu "Henrique!, Henrique!", lírico,
 enquanto todos meus sonhos se encham de orvalho.
 Aqui, Senhor, te deixo meu "Henrique!, Henrique!",
 vou pedir emprestado outro novo a um amigo.
 Coração com arroyos e pinheiros,
 coração sem cobras nem lírios.
 Robusto, com a graça
 de um jovem campesino
 que atravessa de um salto
 o rio.
 (LORCA, 2004, p. 107)

Trazer um retalho de Lorca para um recontar de outro movimento se faz necessário. Imerso entre as classificações das estruturas e dos processos que regem os fenômenos biológicos, principalmente das plantas, percebi que aquelas terminologias estavam me afetando tanto quanto as ladainhas, misticismos e rezas de uma religião que se pretende construtora de uma Civilização do Amor, mas que promove distanciamentos e evita a diferença. Nesse sentido, o movimento de afastamento é tão poderoso quanto o de aproximação. Descosturar é tão potente quanto o costurar. Ir ao lado oposto produz tanto significado e sentido quanto o ir ao encontro: a experiência se dá no movimento, seja de ida, seja de vinda. A reza que vai do Senhor sonolento à Satanás errante é também a minha quando me percebi ateu em uma organização cristã. E mais, quando me percebi educador em uma organização que cerceava. Quando me vi diferença no meio da singularidade e uniformidade da classificação sistemática, o véu se rasga e minha(s) identidade(s) são (des)(re)feitas. Para além, enxerguei a mim mesmo a partir de outra perspectiva, com outras questões, desejos e movimentos. Somos muitas coisas.

Reinventar meu ser universitário, meu ser educador, meu ser jovem, meu ser pesquisador – a forma como eu entendo essas identidades e como eu as entendo em mim – fez parte de um novo movimento nas Ciências Biológicas que antes não me foi acontecimento: a experiência. Já tendo iniciado discussões de gênero e sexualidade no âmbito da Educação Popular e das juventudes e já tendo me inquietado e questionado

sobre minhas verdades acerca dessas temáticas na minha vida, me fez sentido agitar e suspender toda a complexidade que me formava enquanto identidade(s). E, seguido a essa agitação, a essa suspensão que me vi imerso, tudo foi se depositando de forma (des)(re)organizada. Percebi, em minha juventude e em seu estado de trânsito, novamente a potencialidade para a multiplicidade da construção de novos saberes, novas relações, novos jeitos de ser e fazer, novas possibilidades de escrita.

Nesse momento de rompimentos, novas idas e novos encontros, pude beber de outros chás e experienciar novos diálogos. Ainda aos 19 anos conheci o professor Fabio Henrique Lopes. Desse encontro o que fica latente é a fala que se fez experiência e desadormeceu as nuvens de minha janela: *nada é menos queer que definir a Teoria Queer*. Tendo repousado por anos na inércia conceitual de uma academia biológica classificatória fui suspenso por uma Teoria que, além de colocar em cheque o Método Científico que para mim gerava toda e qualquer teoria, rejeita uma definição a si mesma. E mais, que não se pretende universal, que não se pretende singular, que não se pretende reprodutora. Foi no encontro com os estudos *Queer* que percebi que o estado de trânsito e (re)(des)construção que estava experienciando era um estado de nova(s) identidade(s), nova pluralidade e de diferença. O encontro foi de desestabilização, mas também de encantamento.

Também por volta de 2013, Elfo teve um encontro parecido com o meu e que me traz essa sensação: de tanto tremor quanto potência.

Então quando eu descobri essa questão toda de gênero e tudo, foi mais ou menos... faz uns 5 anos. Aí uma pessoa de São Paulo virou pra mim e falou assim “por que você se veste assim?”, eu “por quê? Minha roupa tá alguma estranha”, e ela “porque essa roupa não combina com você”. Aí eu “por quê?” e ela disse assim “porque você não é essa pessoa que você ta tentando ser”. E eu “como você sabe?”, daí ela “ah, senta lá perto de mim e vamos conversar”. Aí ela sempre procurava sentar perto de mim no congresso, eu ia e almoçava, eu ia e depois do almoço a gente conversava, a gente fazia tudo junto. Aí ela foi e falou comigo “por que amanhã você não vem do jeito que você gostaria de vir?”. Eu queria ir com uma camisa social, uma calça, um sapato social. “Ah, mas minha mãe...”. E ela “vem pra eu ver como você fica”. Aí eu fui. E ela virou e falou pra mim “você fica linda assim”. Eu peguei e fiquei toda sem graça. Aí foi isso que ela falou comigo e um pouco mais da questão, falou da Teoria *Queer*, falou do pessoal que estudava isso.

(Elfo – Conversa 1)

A pessoa de São Paulo parece seduzir Elfo. Instiga, questiona, sugere: “*por que amanhã você não vem do jeito que você gostaria de vir?*”. E vai. E os estudos *Queer*, que

me fizeram viajar pelos meus mundos, também se costuram à sua história. Aquilo que me tencionou a repensar antigos conceitos, faz Elfo repensar todas identidades, diferenças, estranhamentos e encantamento. Eu e Elfo, ambos revisitando seus próprios jardins.

Como que uma viagem atravessando a outra, um retalho costurado a outro, ingressei nessa época como estudante intercambista na Université Lille 1, na região de Nord-Pas-de-Calais na França. Lille e os outros lugares por onde passei me entregaram o sentido de uma Terra pequena, com repetições de alegrias e desajustes, de realidades e descontinuidades. Lille me trouxe o encantamento, o fascínio e, também, a primeira Parada LGBTTI⁴ que pude participar na vida – não sabia que, muitos anos antes, Elfo já frequentava esse espaço de luta, provocação, liberdade e arte.

Aí minha mãe depois, quando começaram as paradas aqui em Juiz de Fora. As vezes minha mãe me trazia pra ver. E eu me encantava com as drags. Eu achava aquilo fantástico. Bem o que eu quero pra minha vida. Eu tinha uns 6 ou 7 anos. Então foi assim, eu sempre tive essa admiração muito grande pelas travestis, pelas drags. E eu queria abraçar, queria tocar, e minha mão “nãaa”. Aí quando minha mãe começou a perceber ela começou a parar de me levar. Aí eu vim com minha tia. Então era uma coisa minha, que eu via que não era igual. Era totalmente diferente. Enquanto todos achavam estranho, eu tava lá encantada. Aquela pessoa que estava ali, aquele ser humano que estava ali, por trás daquilo ali, existia muita dor.

(Elfo – Conversa 1)

A ida às Paradas parecem marcantes em sua infância, quando resgata na memória os primeiros encontros com as artes e identidades que desafiam as fronteiras. Outros tantos se fizeram experiência: a experiência do encontro, a experiência do encanto. Elfo sempre viveu em Juiz de Fora. Como Netuno, também teve designação ao gênero feminino ao nascer e sempre morou com a família (mãe, pai e irmão). Ingressou e concluiu a faculdade de Filosofia, praticou lutas esportivas, fez parte de organização de grupos estudantis. Durante esse tempo se movimentou nos estranhamentos e encantamento pelos (des)territórios do gênero e sexualidade. Em Lille pude realizar alguns movimentos parecidos, principalmente entre a Residence Camus da Cité Scientifique (onde morava) e os cafés da Grande Place. Foi nesses lugares que iniciei minhas leituras acerca de gênero e sexualidade numa perspectiva acadêmica.

⁴ Elegi a sigla LGBTTI para indicar grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais. Entendo que existam muitas combinações desses termos no esforço de representar as diferenças sexuais e de gênero. No entanto, acredito que nenhuma combinação dá conta da diversidade de identidades que habitam esses grupos.

Assim, foi nesses lugares e tempos que defini que a pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso seria no campo de minhas afetações: e eram nessas temáticas que a minha identidade bióloga se fazia sentido. Comecei meu percurso de leituras. Conheci Adriano Senkevics (2012), Rita Segato (1998), Helena Altmann (2001), Guacira Lopes Louro (1997; 2000; 2001), Claudia Vianna (2006) e alguns outros nomes que me fogem a memória, mas que foram descontinuidades do que entendia por identidade e expressão de gênero, por orientação sexual, por educação e pelo próprio ser biológico.

Apesar dos prazeres de leituras realizadas, tudo foi feito sem orientações externas, seguindo apenas títulos e resumos que – e aqui não saberia explicar os pontos que levaram a isso – me chamavam atenção. Em uma das trocas de e-mail com Adriano Senkevics, ele me relatou: *“vou te dizer que, no geral, produz-se o mais do mesmo nessa área. Tem gente que tá, há anos, falando as mesmas coisas. Incorporar uma discussão mais profunda de gênero é essencial”*. Assim, motivado pelo novo, por novas possibilidades e novos olhares, meus cafés e leituras se movimentaram para pensar as sexualidades e relações de gênero no Ensino de Biologia. Conheci Anne Fausto-Sterling (2006) e, com ela, as desconstruções do que é ciência, do que são os corpos, do que é o saber científico e quais (não) são os contornos de natureza e de cultura.

Imerso em descosturas e realizando, mais uma vez, leituras-experiência, me vi impulsionado a experienciar uma escrita-experiência: descobrir, no papel, quais seriam os produtos (que texto e que autor dali emergiriam) daquelas leituras-cafés-emails-experiências. Rascunhei as curvas de um projeto, os traços do que produziria e do que me tornaria. O texto, que envolvia prazer, corpo e sexualidade, foi ganhando limites e se constituindo enquanto palavra. Entretanto, ainda havia questionamentos que ficavam latentes, incômodos e traiçoeiros: terei o mesmo olhar para o enlace de Ensino de Biologia, sexualidade e corpo que tantos outros realizavam? Onde posso ampliar, aprofundar e repensar? Quais frentes e espaços *queer* eu assumo nesse projeto? E para quem eu os assumo?

Balançado por essas perguntas me movimentei em outro sentido que o da leitura acadêmica. Fui perceber, ouvir e dialogar com experiências de gênero e sexualidade que nem sempre apareciam nos artigos científicos ou capítulos de livros: imergi em grupos de diálogo que se organizavam em mídias digitais. As redes de relações e saberes que eram construídas naqueles espaços, as verdades que eram problematizadas, os

discursos que constituíam e as identidades e expressões daqueles grupos foram ocupando espaço nesse meu primeiro movimento acadêmico de escrita-experiência.

Foi nesse sentido que notei uma característica da construção dos gêneros na sociedade sendo colocada em cheque por aquelas pessoas: a binaridade. Através de textos, relatos pessoais, fotos, desenhos, poesias e relações, as pessoas –maioria jovens – expressavam os desajustes com as identidades de gênero que se totalizavam no feminino ou no masculino. A utilização do *ou* estava sendo questionada, bem como as relações de poder que encaminhavam para uma identificação binária.

Toda essa movimentação se fez sentido em mim. Os retalhos das experiências lorquianas, *queer* e de leituras acadêmicas se costuraram com as experiências expressadas naquelas mídias. A binaridade de gênero começou a incomodar não só na tela do computador, mas no caminho para o café, na fila do mercado, nas aulas de fisiologia animal e nas conversas acaloradas na Rue Solférino. Nos contornos do outono lilloise do ano de 2014 pude iniciar a (re)(des)construção dos parâmetros de gêneros que se movimentavam dentro e fora de mim. Iniciar questionamentos que se alimentam até hoje em uma pesquisa que se pretendeu tornar experiência: o que me faz gênero masculino? O que não me faz gênero feminino? Preciso me identificar com um ou outro? Preciso me identificar? Como se constitui a binaridade de gênero? O que o eu educador tem a contribuir para qualquer (des)construção que me motive?

• Um verbo •

Veranizar: (v.t.d.) ato ou efeito de tornar-se verão.

Quando outono se fez inverno e, do outro lado, primavera se fez verão, era a hora de dar voz mais alta aos meus escritos e às minhas leituras. Se experimentei um intercâmbio, experienciei o retorno. A volta à UFRRJ fez-se significar uma ampliação concreta do que é Biologia, do que é licenciatura e do que é pesquisar na perspectiva de experienciar. Já definido com projeto, objetivos, cronogramas e ideias de ser e fazer, era o momento de conseguir companheiras que acreditassem nessa empreitada e que estivessem caminhando no sentido que eu estava: não que quisesse evitar discontinuidades, mas que essas participassem das escritas como possibilidades a serem percorridas em conjunto.

Não foram poucos os quereres, expressos em objetivos, que tracei inicialmente para a pesquisa que começava a experienciar e para monografia que começava a

escrever. Intitulando de “Diversidade de gêneros e ensino de biologia: casos de prazeres e corporeidades não-binárias” (DOS REIS, 2015) minha proposta era me movimentar na perspectiva de (re)pensar os trabalhos realizados no ensino de biologia e suas relações com gênero e sexualidade. Eram, esses trabalhos e práticas pedagógicas, realizados em perspectiva binária ou não-binária? Quais as experiências que as pessoas de gêneros não-binários tinham acerca da escola e do ensino de biologia? E mais: quais as potencialidades dos estudos *Queer* para escola e relações que nela se estabelecem?

Esses questionamentos principais que movimentavam minha pesquisa foram resultados de longos e intensos diálogos (mais escutados que falados) com amigas e amigos de diferentes campos de pesquisa. Conversas com estudantes e profissionais de Ciências Sociais, de Biologia, de Literatura, de História e de Artes foram essenciais para perceber as nuances complexas de uma dimensão da vida humana, a multiplicidade rizomática quando pensamos em *diferença*. Os conhecimentos produzidos por cada área acerca do gênero e da sexualidade, suas intencionalidades nessa produção, suas diferentes formas de olhar, o que é sentido por cada uma e como é sentido.

E assim, com os quereres de realizar uma escrita-experiência, me inseri no Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Biologia (GEPEnBio): um grupo de pessoas que escrevem o Ensino de Biologia através da diferença. Diferenciar-se, não adequar-se, não contornar-se (e conformar-se) nas Ciências Biológicas da UFRRJ era quase um pré-requisito para adentrar ao grupo. Os estudos, pesquisas e projetos eram atravessados por políticas públicas, religiões, africanidades, experiências docentes e, agora, também pelo gênero e pela sexualidade. Foi pelo grupo que conheci Jorge Larrosa, Tomaz Tadeu da Silva e Alexandre Bortolini.

E foi pela diferença que o GEPEnBio me atravessou e me fez olhar para a Ciência como uma construção cultural, como uma das possibilidades de verdade e de realidade. Do mesmo sentido, pensamos as práticas da educadora e do educador em Biologia: o estabelecimento das verdades inquestionáveis, os currículos que se manifestam dentro e fora da escola, o choque dos saberes disciplinados academicamente com outros, ordenados de maneiras diversas.

• Companheirismo na recusa •

“... prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada
ver cores nas cinzas e a vida reinventar

E um homem não me define, minha casa não me define
 minha carne não me define, eu sou meu próprio lar
 Ela desatinou, desatinou nós.”
 [https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE]

Ainda na busca de companheiros e companheiras que atravessassem a empreitada de uma pesquisa de diversidade num curso tradicional da UFRRJ, algumas mulheres se passaram na minha janela, abriram comigo as asas de pardal e costuraram, tal como minha mãe, seus retalhos. A cantata desestabilizadora de *Francisco, el hombre* me faz pensar em Raquel Pinho, Lana Fonseca e Judith Butler – três mulheres fundamentais que atravessaram a pesquisa em diversidade de gêneros e Ensino de Biologia. Cada uma delas chegou até a pesquisa por um caminho diferente e realizou as descontinuidades que a guiaram por sentidos não esperados. Raquel descontinuou meu modo ser e fazer a pesquisa, alertando para o cuidar e o nutrir a cada etapa. Lana me atravessou com um fazer-experiência, me colocando num recontar-se por meio da escrita e da leitura. Judith Butler se fez em leitura-experiência, pensar nas precariedades (no plural) e em corpos (para além dos binarismos). A recusa à definição do ser, o exercício dos jogos de poder e os diálogos me fez *ancorar nas nuvens* dessas mulheres “loucas, tristes e más”. E, elas, utilizando a pesquisa e o campo teórico, atravessaram, descontinuaram e fizeram-se experiência não só na pesquisa, mas em mim.

E, nesse processo de atravessamentos, quis fazer da pesquisa uma continuidade, ampliar essa colcha, percorrer novas linhas. Quereres para além daqueles resultados e daquelas discussões que estavam sendo produzidos foram se passando em mim. A persistência em desconfiar e questionar havia se instaurado. Como se (des)constrói a binaridade de gênero para além do Ensino de Biologia? O que significa formar identidades e diferenças? Como entender uma produção de conhecimentos e saberes baseada num currículo enredado em armadilhas que o mantém como hegemônico? Como se constituem as relações de poder entre as diferenças de gêneros e como essas aparecem nos processos educativos e de (des)subjetivação?

Os quereres futuros daquela época – e que hoje são materializados nesse texto – se fecharam no anteprojeto de mestrado *Identidades de gêneros e dinâmica escolar: (Re)produções de um binário*, apresentado para o processo seletivo de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Planejei (até onde é possível planejar) um disparador de experiência: um programa de

pós-graduação que estaria atento às minhas inquietações, a busca de interesses de pesquisa em comum com futura(s) orientação(ões), de publicações e ações de extensão do grupo de estudos e pesquisa, de possibilidades de movimentação pela cidade, de construção de conhecimentos e saberes através de relações. Tudo quanto possível foi considerado para que o querer se tornasse ser e fazer.

Foi durante esse processo seletivo para ingresso no PPGE/UFJF que iniciei meu trânsito entre as cidades de Rio de Janeiro e Juiz de Fora – trânsito esse bem conhecido por Irene, vivenciado ao longo de anos na sua vida:

Teve uma parte da minha infância que eu morava no Rio. Aí a gente morava no condomínio e eu gostava muito de descer e brincar com as outras crianças e tal. Só que eu morava com meu padrasto e minha mãe. E até uma certa parte, até quando eu fugi, ela fazia disso um inferno.

[...]

Eu estudei em uma escola só lá no Rio. Eu morei dois anos assim mais crescido lá. Porque eu morei até os 5 anos no Rio. Eu nasci aqui [Juiz de Fora], mas a minha mãe morava no Rio, aí eu vivi lá até 5 anos. Aí ela voltou para cá e eu fiquei aqui até meus 10 anos. De 10 a 12 eu morei no Rio, depois eu voltei para cá.

(Irene – Conversa 2)

Teve um momento que eu tive que fugir de casa, na época eu namorava. Eu tinha o que? Uns 15 anos. E tive que fugir assim. Porque ela me ameaçou de me botar pra morar na rua e meu pai não podia morar comigo porque ele tava se separando. Aí eu peguei e fui pra casa do meu namorado que era em Vitória, no Espírito Santo, com 15 anos. Aí ela fez, foi na polícia, me deu como desaparecido, sequestrado e depois de um tempo ficou por isso mesmo. Aí eu voltei e fui morar com meu pai.

(Irene – Conversa 1)

As idas e vindas de Irene entre RJ/JF, suas fugas dos desconfortos, suas buscas por prazeres, tudo me parece um disparo à produção de sentidos e saberes. O deslocamento pode produzir tanto quanto a fixação. Diferente de Elfo e Netuno, Irene teve designação ao gênero masculino ao nascer e desde o início da juventude passou a morar em Juiz de Fora – às vezes com seu pai, às vezes com sua mãe, a depender de como as relações se estabelecem. Nesse trânsito, participou intensamente de movimentos sociais organizados e, ainda, de partidos políticos de esquerda.

Também eu pude produzir saberes enquanto iniciava meu próprio trânsito RJ/JF. Os sentidos que se produziram nessas viagens (de Irene e minhas), os sentidos produzidos por Lorca – *de norte a sul das palhetas de um telhado*–, os sentidos produzidos na pesquisa de Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: tudo forma uma

extensa a colcha de saberes e encontros. Concluí aquele movimento de escrita-experiência com outros questionamentos, outros querereres e outros modos de ser e fazer – já contemplados ou não no anteprojeto apresentado ao PPGE/UFJF. Reflexo de toda minha trajetória educacional, das inquietações e idealizações, das aproximações e afastamentos, das angústias e alegrias das juventudes, o texto se fez significação e sentido tanto em mim quanto nas pessoas que comigo se envolveram, construíram e se constituíram através da pesquisa.

Já em 2016, com monografia e anteprojetos bem recebidos (re)comecei um caminho de pesquisa, ainda como jovem-protagonista-educador-pesquisador-leitor-lorquiano. Fixei morada, assim como Elfo, Irene e Netuno, em Juiz de Fora. Foi pelas ruas, lanchonetes, festas e parques dessa cidade que se deram nossos primeiros encontros. Os diálogos que estabelecemos, as narrativas que construímos e os próprios momentos desses encontros estão presentes em outros espaços desse texto. Mas a maneira que essa encruzilhada foi ganhando força é que intentei trazer nesse retalho.

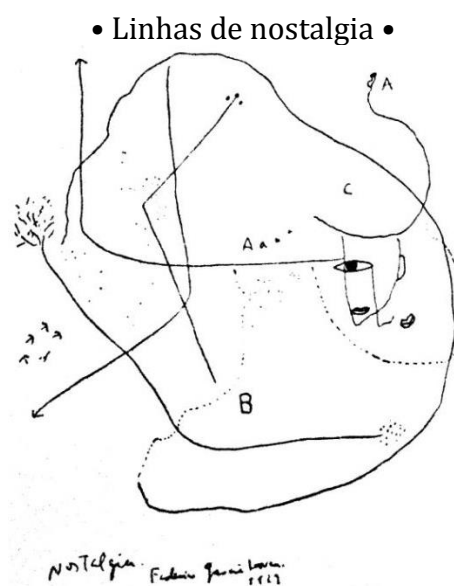


Imagem 3: *Nostalgia*
Fonte: LORCA, 2004, p. 534

É imerso pela força e sutileza das palavras, linhas e imagens de Federico García Lorca que me movo nesta escrita-experiência e faço o esforço de ressaltar os anseios e receios que desenharam caminhos que me conduzem a realizá-la. Os desenhos do poeta me trazem as muitas direções e percursos que podem ser tomados, todos compondo os (des)(re)encontros que temos. Foi através da leitura-experiência desse autor o meu primeiro contato com um ativismo escrito, que atravessou os muros conservadores e se

aliou aos alvos de perseguição em meio ao fascismo espanhol. A luta e o posicionamento político de Lorca me fazem pensar minha atuação social enquanto docente na perpetuação ou transformação das matrizes que regem a sociedade. A tarde que vai se tendendo lentamente sobre o monte inaugura uma noite de experiências, escritas e leituras. Uno-me aos pardais de asas abertas para atravessar a dormência das nuvens com outras perspectivas e olhares.

RETALHO: SOBRE ENCONTROS, PAIXÃO E O IMERGIR

GAZEL III – DO AMOR DESESPERADO

A noite não quer vir
para que tu não venhas,
nem eu possa ir.

Mas eu irei,
inda que um sol de lacraias me coma a fronte.

Mas tu virás
com a língua queimada pela chuva de sal.

O dia não quer vir
para que tu não venhas,
nem eu possa ir.

Mas eu irei,
entregando aos sapos meu mordido cravo.

Mas tu virás
pelas turvas cloacas da escuridão.

Nem a noite nem o dia querem vir
para que por ti morra
e tu morras por mim.
(Federico García Lorca, Divã do Tamari, 1940)

O amor lorquiano é aquele do deslocamento, que se coloca em trânsito, que faz o caminho ainda que dificultado pelo *sol de lacraias* ou *pelas turvas cloacas da escuridão*. O amor desesperado para um encontro. Corpos que vibram para que se rompa a fronteira de noite e de dia. O corpo que clama pelo encontro, o corpo que será atravessado por ele, seja na *língua queimada pela chuva de sal*, seja na própria morte. Ir ao encontro, se colocar em movimento, vibrar, estar em trânsito, caminhar: o percurso desesperado dos amantes em muito se assemelha aos percursos de costura dos retalhos, aos percursos de produção dessa pesquisa. É, por isso, que construo nesse retalho um diálogo com os as representações de Lorca para o amor.

Para Marisa Vorraber Costa (2005, p. 200) o caminho de uma pesquisa envolve um “perder-se, embrenhar-se em tramas e teias de pensamento que, ao invés de nos indicarem rotas seguras, capturam-nos e enleiam-nos em circuitos aparentemente inseparáveis”. Nesse sentido, compreendo que as questões temáticas dessa pesquisa não partem de um lugar conhecido, único e com uma origem firmada. Pelo contrário, os

caminhos que se produziram são resultantes de retalhos emergentes: questões a serem (re)pensadas que afetarão tanto a mim quanto o campo teórico na qual está inserida – como exploro em outros momentos desse texto.

Ora, se já é questionável a fronteira entre escolha de uma temática e impossibilidade de escapar da mesma, pode ser também questionável a linha fronteira que se estabelece na condução metodológica de trabalho dessa temática. Em outras palavras (ou perguntas): são as metodologias orientadas apenas pelo tema e objetivo do estudo? Poderíamos optar por alguma forma de costurar ou seríamos conduzidos a ela? Teríamos tamanha liberdade quando estamos imersos (ou minimamente atravessados) por alguma temática? Não seriam os corpos que demandam e nos forçam a alguns caminhos específicos? Um caminho percorrido por interrogações conduziu essa pesquisa (e, em consequência, esse texto).

Nesse trajeto me coloquei a pensar que, em um momento de pesquisa, existem muitos fatores que estão vibrando ao mesmo tempo. Somos muitas coisas. São muitos os retalhos que se costuram. Todos esses fatores parecem efervescer e se construir para que as invenções possam acontecer. Esse retalho se propõe narrar algumas dessas efervescências e construções, alguns desses encontros que tive durante todo o período de mestrado e que produziram o que chamarei aqui de *caminho metodológico* dessa pesquisa: os movimentos de costura com os quais vibramos para fabricar os discursos que pretendo tratar. Digo *vibramos*, pois ainda não tenho a certeza cartesiana de que *escolhemos* quaisquer desses movimentos, ou eles eram indispensáveis, como que nossos corpos os exigissem. No mesmo sentido utilizo com o plural (*vibramos*, não *vibreí*) para reforçar textualmente que esse trajeto foi completamente dependente dos diálogos e dos encontros com outros.

O caminho metodológico dessa pesquisa foi feito a partir da ideia rizomática da colcha de retalhos: com os elementos de multiplicidade, conectividade, ruptura e cartografia sendo dimensionados a cada etapa do percurso. Uma pesquisa que é produzida pelos encontros com sujeitos, instrumentos, artes e sentidos. Cada encontro é um ampliar a colcha, um multiplicar os sentidos em outros (des)territórios. Os (re)(des)encontros são novos retalhos que vão sendo conectados e nos ajudam a mapear as questões de relacionadas à não-binaridade de gênero, educação, processos de (des)subjetivação e outros atravessamentos.

• Amor •



Imagem 4: *Amor*
 Fonte: LORCA, 2004, p. 561

Entretanto, não me refiro aqui a qualquer encontro. Refiro-me ao encontro lorquiano: aquele do amor desesperado que se desloca mesmo nas condições mais adversas, aquele do ginete apaixonado. Pensando com Jorge Larrosa três sentidos sobre a paixão – o padecimento, a responsabilidade com o outro e a experiência do amor (LARROSA, 2002, p. 26) – encaro que o caminho metodológico dessa pesquisa foi realizado, também, como uma experiência apaixonada. Entendendo que

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002, p. 26).

Assumo minhas paixões nesse percurso e as potencializo, vislumbrando um método em Federico García Lorca.

Lorca é o poeta que diz dessa paixão que faz padecer, dessa paixão que se responsabiliza, dessa paixão que coloca o sujeito fora de si, que leva ao deslocamento, ao

tensionamento e à experiência. Defendo, então, um método de pesquisa na poética lorquiana e na filosofia rizomática de Deleuze e Guattari. Poderia definir o caminho metodológico dessa dissertação como: a costura de uma colcha de retalhos realizada a partir do encontrar apaixonado lorquiano.

Assumir a potência de fazer uma pesquisa com paixões, costuras e encontros enquanto metodologia não é, entretanto, dizer de um caminho realizado sem rigor ou isento de fundamentação epistemológica. Para, então, dizer disso me utilizo essencialmente de quatro encontros produzidos ao longo desse mestrado: o encontro com a perspectiva pós-estruturalista que orienta esse trabalho; com os pares teóricos que me ajudam a pensar essa temática da não-binaridade de gênero; com a não-binaridade de gênero para além do circuito acadêmico; e, finalmente, com Elfo, Irene e Netuno.

O primeiro encontro que emerge nessa construção se deu em forma de encantamento e imersão. Vindo de um curso de graduação em Ciências Biológicas eu estava formatado a uma metodologia cartesiana do método científico de observação/hipótese/teste/teoria. Quando as temáticas de gênero e sexualidade começam a emergir e com elas as perspectivas teóricas da teoria *queer* e seu questionamento à Ciência, há uma dessubjetivação e compreendo, com Dagmar Meyer e Marlucy Paraíso (2012), que o modo de fazer uma pesquisa perpassa por um caminho, por uma maneira de

perguntar, de interrogar, de formar questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que, em congruência com a própria teorização, preferimos chamar de “produção” de informação – e de estratégias de descrição e análise (MEYER e PARAÍSO, 2012, p. 16).

Já não era possível conceber as temáticas de gênero e sexualidade com um objetivo de repensar o regime binário e continuar a operar com questionamentos e caminhos dicotômicos. No mesmo sentido, a maneira de construir os problemas e os procedimentos de pesquisa se costura ao modo de observar e interagir no mundo, nas relações e nos encontros. Foi no início das disciplinas do mestrado que se produziu o apaixonar-me ao saber que as possibilidades de se pesquisar (e escrever) eram muito mais amplas que aquelas experienciadas durante a graduação. A disciplina *Tópicos Especiais em LCFP: Pesquisas em educação e construção do conhecimento na perspectiva*

dos estudos pós-críticos, pensada pelo orientador Roney Polato foi o momento de encontrar, encantar e imergir tanto em um referencial teórico quanto em uma experiência de escrita acadêmica de viés pós-estruturalista. A própria ideia rizomática do costurar que tomo como um pilar teórico para a condução nesse caminho vem das aproximações com Deleuze e Guattari que o mestrado me trouxe na disciplina *Tópicos Especiais em LCFP: Exercícios e experimentações com Educação - problematizações acerca de formação, experiência e invenção*.

Para Roney Polato de Castro (2014), uma das principais questões dos investimentos pós-estruturalistas está na constituição de

estratégias de contestação das metanarrativas que prometem descrever e explicar 'a' realidade de modo totalizante, procurando tensionar as relações que se estabelecem entre saber, poder e verdade. Essas abordagens também assumem a linguagem como um campo de operação do poder, como constitutiva do social e da cultura, buscando focalizar processos de diferenciação e hierarquização social e cultural. (CASTRO, 2014, p. 35).

Assim, olhar para a não-binaridade de gênero nesse referencial é se direcionar às potencialidades dos discursos e linguagens nas subjetividades, bem como implicações políticas de identidade e de diferença. É olhar para a não-binaridade de potencial rizomático: com suas multiplicidades, conexões, linhas de fuga, agenciamentos, rupturas e costuras próprias.

Não é de interesse *descobrir* algo a partir da observação ou confirmar/refutar alguma hipótese. O olhar pós-estruturalista não opera com verdades fundantes a serem *reveladas*, mas admite que, como indica Tomaz Tadeu da Silva (2000a, p. 93) “o processo de significação é incerto, indeterminado e instável”. Isso não significa dizer, entretanto, que essa perspectiva se nega a pensar os marcadores sociais e só se alia às subjetividades de cada indivíduo. Como mostra Guacira Lopes Louro,

ao contrário daqueles/as que associam as perspectivas pós-modernas ao abandono das causas coletivas, ao incitamento ao relativismo e à fragmentação, desmobilizadores e apolíticos, acredito que podemos ler, nessas perspectivas, um movimento oposto: o revigoramento e ampliação do político. (LOURO, 1997, p. 123).

Nesse sentido, acredito que pensar a partir dessa perspectiva sobre as questões da não-binaridade de gênero é pensar em uma nova configuração para as discussões em Educação, políticas públicas, movimentações sociais e organização popular. É um olhar que *esgaça* os questionamentos e os impulsiona a novas e necessárias tensões, rumando a outras linhas.

Após o encontro com a perspectiva pós-estruturalista, foi o momento de me encontrar com as produções que os pares da pesquisa em gênero e sexualidade vêm construindo. Perceber quais as conexões com o que o meio acadêmico poderão ser realizadas, quais trabalhos podem ser costurados e dialogados a esse. Ao longo de todo o percurso do mestrado foram realizadas pesquisas recorrentes às plataformas virtuais de divulgação das pesquisas acadêmicas do Brasil: o banco de dissertações e teses da CAPES, o banco de monografias, dissertações e teses de algumas Universidades, revistas acadêmicas da temática de gênero e sexualidade, dossiês de revistas acadêmicas organizados entorno dessas temáticas e, por fim, o banco de trabalhos do Grupo de Trabalho 23 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (GT23 – ANPEd: Gênero, Sexualidade e Educação).

Foi uma imersão em leituras que buscou um situar-se no campo teórico. Como indicam Telma Lima e Regina Miotto, esse movimento é interessante por possibilitar “amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (LIMA e MIOTTO, 2007, p. 40).

O banco de dados da CAPES foi utilizado através do cruzamento de palavras-chave. A partir dos resultados obtidos na busca desses cruzamentos, selecionei as leituras pelos títulos e resumos dos trabalhos, buscando pesquisas que se relacionassem à não-binaridade de gênero, aos estudos da Educação e às perspectivas pós-estruturalistas. Em uma pesquisa inicial, quando cruzadas as palavras: *Gênero e Educação*, foram encontrados 156 registros; *Binário de Gênero e Educação*, nenhum resultado; *Binário de gênero*, 11 registros; *Educação e Queer*, 30 registros; *Educação e Diversidade de gênero*, 54 registros; *Binarismo de Gênero e Educação*, apenas 1 registro; *Diversidade de gênero e queer*, 30 registros. Em todas as dissertações e teses selecionadas para a leitura, nenhuma trouxe como sujeito ou objeto da pesquisa a não-binaridade de gênero, mesmo

que em quase todas o binário de gênero fosse questionado e apontado como cultural e socialmente construído.

A partir da observação de que o banco da CAPES não continha trabalhos recentes consultei o banco de dados de alguns programas de pós-graduação em Educação de universidades que apareceram recorrentes na primeira busca – a saber: Universidade Federal do Alagoas, Universidade Católica de Petrópolis, Universidade Metodista de São Paulo, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Pará. Desses, destaco a tese de doutorado de Francisco Ednardo Barroso Duarte (2015): único trabalho encontrado nessa busca de teses e dissertações que traz o termo gêneros *não-binários* (DUARTE, 2015, p. 97) em uma nota de rodapé. Buscas em outros programas de pós-graduação foram realizadas, como no programa de pós-graduação em psicologia da Universidade de Brasília, o de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Ponta Grossa e o de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Pesquisei, ainda, através do site Google por Programas de Pós-Graduação em Educação que possuem linhas/grupos de Gênero e Sexualidade. Nessa busca encontrei as seguintes Universidades: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal da Paraíba. Entretanto, nenhum novo trabalho foi selecionado nessa última busca – seja pelo distanciamento com a temática central dessa pesquisa, seja por já estarem em outras plataformas consultadas.

Após esse movimento de encontro com dissertações e teses, me debrucei sobre os artigos científicos produzidos tanto no GT 23 da ANPEd quanto nas revistas acadêmicas. Quanto às revistas acadêmicas, selecionei quatro dossiês de artigos para leitura que mais dialogavam com a temática, a saber, *Dossiê Gênero e Sexualidade no espaço escolar* (2011, revista *Estudos Feministas*); *Dossiê Gênero, Sexualidade e Educação: feminismos, pós-estruturalismo e teoria queer* (2014, revista *Educar em Revista*); *Dossiê Educação e Diversidade* (2012, revista *Retratos da Escola*); *Dossiê Corpo, Sexualidade e Gênero: a educação sexual como possibilidade emancipatória* (2014, revista *Espaço Acadêmico*). A busca de outros artigos se deu a partir do caráter rizomático da leitura em pesquisa:

indicação nas referências bibliográficas de todos os trabalhos lidos e acompanhamento de lançamentos de novos dossiês e publicações.

Quanto ao encontro com os anais das reuniões nacionais da ANPEd, selecionei artigos das 11 reuniões (da 27^a à 37^a) desde a criação do GT 23, seguindo os mesmos critérios de resumos que indicavam proximidade à temática. No mesmo sentido selecionei artigos dos anais disponíveis para consulta virtual de antes da criação do GT 23. Esses últimos trabalhos se localizam dispersos em outros GTs, sendo os dois de maior concentração: *GT 3 Movimentos Sociais e Educação* e *GT 7 Educação da Criança de 0 a 6 anos*.

Nos últimos meses do percurso encontrei três trabalhos que focalizaram especificamente a questão da não-binaridade de gênero: o trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social de Mariana Somariva (2016), a dissertação de mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade de Héilton Diego Lau (2016) e a dissertação de mestrado em Direito de Ana Patrícia Racki Wisniewski (2015). Além dessas produções escritas, pude me encontrar com pesquisadoras e pesquisadores que estão no mesmo percurso que eu: de produzir conhecimento sobre as não-binaridades de gênero em suas pesquisas acadêmicas. Foram encontros muito potentes em que o diálogo e tensionamentos possibilitaram ampliar os sentidos que trago para esse texto.

Toda leitura e encontro com esses textos e pessoas se configuraram como um importante movimento à pesquisa, uma imersão no campo do Gênero e da Sexualidade e suas relações com o campo da Educação. Pude notar que as pesquisas de corrente pós-estruturalista tem avançado nos últimos anos, bem como sua legitimidade em publicações de artigos. Durante esse processo publiquei onze artigos que (me) ajudam a colocar em discussão questões da não-binaridade de gênero. Esses artigos, também, se ramificaram em novos contatos, novas opiniões, novas costuras.

Porém, não é apenas o encontro com textos acadêmicos que vibra os conhecimentos sobre a não-binaridade de gênero. Ao contrário. Tendo observado a escassez de trabalhos que versem em específico sobre essa temática, saí do lugar e fui ao encontro de outras fontes que pudessem caminhar em conjunto na pesquisa: *entregando aos sapos meu mordido cravo*. Pensar em retalhos de outras cores e texturas; pensar a não-binaridade de gênero enquanto experiência que não é encerrada nas descrições acadêmicas, mas que se faz multiplicidade pelos próprios sujeitos que dela compartilham.

O conjunto de redes digitais foi o maior aliado durante esse caminho de ir ao encontro de outras operações com a não-binaridade de gênero. Os saberes produzidos por sujeitos não-binários (ou não) vibram com bastante intensidade na internet. Páginas do Facebook, canais do YouTube, sessões de textos em blogs e sites, entrevistas digitais, discussões em comentários e publicações pessoais. Todos esses artefatos culturais ajudaram a costurar os saberes sobre a não-binaridade de gênero, tanto em mim quando nas pessoas que colaboram na construção desse texto.

• Nenhuma das anteriores •

[<https://www.youtube.com/watch?v=1aQ2sTuvpnA>]

As músicas e performances de Shanawaara, as entrevistas do Canal das Bee, as obras de Daniel Arzola, os vídeos de Hugo Nasck, os encontros com pessoas dos coletivos *Baphos Periféricos* do estado do Rio de Janeiro e *Duas Cabeças* de Juiz de Fora, as noites festivas passadas na Casa Nem também no Rio de Janeiro e os diálogos com feministas que colocam em questão as questões da (não)binaridade de gênero se costuram em encontros tão importantes quanto os textos de Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Marlucy Alves Paraíso ou Jorge Larrosa.

A partir desses encontros percebi que as verdades sobre o gênero, sexualidade, não-binaridade e educação se constroem em diversos locais que irão atravessar as pessoas para além dos saberes acadêmicos. A não-binaridade de gênero tem ganhado espaços nas discussões e divergido opiniões. Cada grupo de pessoas opera com verdades próprias sobre *gênero* para poder operar também com a não-binaridade. Em algumas plataformas (em especial o Facebook) os saberes se produzem num sentido de deslegitimar as experiências da não-binaridade de gênero. Em outros grupos a intencionalidade é discutir os seus caminhos – como o processo de hormonização, de relações familiares, de trajetórias de vida, as relações afetivo-sexuais, entre outros. Os encontros são interessantes para pensar a pluralidade de sentidos que se produzem acerca dessa temática, bem como as implicações políticas da mesma.

Todos os saberes que movem essa pesquisa têm culminância no percurso de (des)(re)encontros com Elfo, Irene e Netuno. Pensando na intencionalidade dessa construção em discutir as experiências, estabeleci os diálogos em formato de entrevistas narrativas. A ideia inicial era construir dois momentos individuais com dada pessoa e um coletivo com as três juntas. Entretanto, muitos foram os desencontros que fizeram a

pesquisa tomar outros rumos e ser repensada. Antes de contá-los, no entanto, cabe justificar os porquês da escolha de entrevistas narrativas e explorar suas potências.

Seguindo as reflexões e indicações de Sandra dos Santos Andrade (2012) percebi que as entrevistas narrativas – com a preocupação de apresentar as perguntas com clareza, reperguntar, abrir espaço ao silêncio, potencializar a memória, entender que os discursos são selecionados, considerar os esquecimentos e se permitir ao imprevisto – diz de uma metodologia que considera a potencialidade de narrar-se como uma relação de poder, como um atravessamento de enunciados e uma reinvenção do passado. Utilizo, nessa pesquisa, as construções desses momentos de entrevistas enquanto *narrativas de si* (ANDRADE, 2012; LARROSA, 1996; SCHOLZE, 2005), aliando ao conceito foucaultiano de *tecnologias do eu*⁵.

Assim, as conversas com Elfo, Irene e Netuno dizem diretamente da experiência dessas pessoas, aquilo que permanece como memória. Essas pessoas costuram junto esse texto através de suas narrativas e modos de ser e fazer. A pesquisa não fala desses gêneros dessas pessoas, ela fala sobre/a partir d'/com essas pessoas sobre a não-binaridade de gênero. Durante todo o processo de construção do caminho metodológico as narrativas estiveram produzindo efeitos, determinando categorias, fazendo repensar alguns paradigmas e proporcionando encontros.

É importante sinalizar, ainda, qual perspectiva utilizo para pensar o diálogo que se trava entre Elfo, Irene, Netuno e eu enquanto narrativa. Caminhando com Corinne Squire, defendo narrativa com uma visão ampla de “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares” (2014, p. 273) – entendendo que o tempo tem sua importância, mas não pode ser considerado como o único (e principal) organizador: também os espaçamentos têm seu valor determinante. Nas palavras da autora, narrativas implicam em

conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível e que, por operarem com a particularidade e não com a generalidade, não são reduzíveis a teorias. Nesta definição, a narrativa pode operar em várias mídias, inclusive em imagens imóveis. (SQUIRE, 2014, p. 274).

⁵ Conceito bem explorado na trilogia *A história da sexualidade* (FOUCAULT, 1999), diz das formas que o sujeito lida com ele mesmo. As tecnologias de autoavaliação, confissões, autoajuda, autopunições, autorecompensas, etc.

Assim, o que procuro é um caminhar junto às narrativas. Sendo também construtoras dessa pesquisa, não busco a interpretação das experiências ou alguma revelação do que está “por trás” de cada história narrada. Ao contrário, as utilizo para operar com os conceitos (ou as palavras) produzidos durante cada conversa. Nesse sentido vou ao encontro de Cristina d’Ávila Reis quando penso que as “informações que são coletadas em um trabalho de campo não são dados passíveis de serem explicados, mas são significados produzidos no contexto pesquisado, que podem ser lidos e construídos de diferentes formas” (D’ÁVILA REIS, 2012, p. 247). Escolho voltar o olhar a partir da perspectiva pós-estruturalista sobre essas construções narrativas e tencioná-las, fazê-las vibrar no campo do Gênero, da Sexualidade e da Educação. E em consonância com esse pensamento, Camila Junqueira Muylaert *et al* indicam que as narrativas produzidas são

representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sociohistórico. (MUYLAERT *et al*, 2014, p. 194).

Assim as experiências são narradas já interpretadas ou representadas, não temos acesso a elas, apenas suas sombras, rápidas capturas. Da mesma forma, o próprio momento da conversa se constitui como um disparador de experiências e que, nesse texto, é narrado (também na perspectiva de que já e interpretado ou representado por mim, simples capturas). É interessante pensar que as entrevistas narrativas são produzidas a partir de uma relação. Toda palavra, todo conceito é emergente de um jogo. E é esse jogo que poderá ser o disparador da experiência não apenas para as pessoas que converso, mas também para mim. A pesquisa na perspectiva pós-estruturalista me territorializa com parcialidades, afetos, sentimentos. Cada retalho, cada narrativa sobre a qual nos demoramos produz efeito tanto para quem conta, quanto para quem ouve – podem provocar (des)subjetivações em todas as pessoas envolvidas do diálogo. Para Cecília Galvão,

a narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos

pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo. (GALVÃO, 2005, p. 330).

Pensando, também, nesse sentido de constituição e responsabilidade por isso, é importante sinalizar que, sobre entrevistas narrativas enquanto parte pesquisa, o caminho metodológico é realizado seguindo os critérios de responsabilidade, cuidado e ética. Como aponta Maria Luiza Heilborn,

no caso da pesquisa com seres humanos, diferentemente da pesquisa em seres humanos, o sujeito da pesquisa deixa a condição de paciente/passivo para assumir o papel de ator (ou de sujeito de interlocução), e nesse sentido os “danos” decorrentes de uma pesquisa são radicalmente de outra ordem. (HEILBORN, 2002, p. 74 - grifos da autora).

Assim, todas as pessoas que constroem esse texto assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice), através do qual assumiram, de maneira voluntária, livre e esclarecida, os riscos e benefícios da pesquisa e se declaravam cientes dos objetivos e interesses da metodologia em questão. No mesmo sentido, foram garantidas que seriam respeitadas durante todo o processo de construção, bem como suas ideias.

Desde o momento de contato e convite para a construção dessa pesquisa com essas pessoas, senti-me afetado por suas histórias. Elfo, Irene e Netuno aceitaram participar sem grandes questionamentos e suas disponibilidades e atenção me atravessaram durante esse tempo. Encontrei-me pela primeira vez com cada uma delas de forma particular.

Cheguei até Elfo a partir da indicação de um amigo da Universidade Federal de Juiz de Fora que também participa do grupo VisiTrans (grupo de apoio à pessoas transgêneras de Juiz de Fora e região). No dia 15 de julho de 2016 o Diretório Acadêmico do Serviço Social da UFJF promoveu uma mesa redonda acerca das questões de diversidade sexual e de gênero. Prestigiei a mesa e ao final, em uma conversa informal com meu amigo, comentei sobre minha pesquisa e perguntei sobre algum contato de pessoa que se identificasse como não-binária em Juiz de Fora. Recebi o número de telefone de Elfo, entrei em contato via mensagem e obtive boa receptividade. Nosso primeiro encontro ocorreu em 20 de setembro de 2016.

Antes de encontrar Irene com a proposta de uma construção conjunta de pesquisa, tivemos alguns encontros pela Universidade, mas nunca em diálogo. Procurando em redes sociais alguns grupos de pessoas que se identificassem enquanto não-binárias, encontrei o grupo *Transparência não-binária* e nele reconheci a foto de Irene. Busquei conversar com pessoas do Coletivo da Diversidade sexual e de gênero Duas Cabeças da UFJF sobre Irene e sua identidade de gênero. A partir de então entrei em contato via Facebook. Nosso primeiro encontro aconteceu no dia 22 de setembro de 2016.

Por fim, encontrei com Netuno através de outros amigos. Em uma sexta-feira do mês de julho de 2016 saímos (meus colegas de casa e eu) para uma lanchonete e lá encontramos outro amigo que trabalhava como garçom. Mais uma vez em uma conversa informal comentei da minha pesquisa. Esse amigo disse que logo chegaria ali Netuno e que, talvez, pudesse ser interessante conversarmos. Quando Netuno chegou, conversamos rapidamente e o interesse de marcar um novo encontro foi mútuo. Contatos trocados, comunicamo-nos e nosso encontro aconteceu em 29 de setembro de 2016.

Nesse percurso, outro atravessamento emerge: as crônicas. A partir daqui, esse retalho será emendado por elas: pequenas narrativas do entre-lugar de prosa e poesia que dizem dos encontros com esses sujeitos da não-binaridade de gênero. Para ser justo, eu poderia estender a colcha e cronicizar os outros tantos encontros que me atravessaram para construir esse texto: as reuniões dos grupos de pesquisa GESED, as aulas nas disciplinas acadêmicas, os diálogos em Congressos, as conversas de orientação, as trocas de e-mails e mensagens com amigades, os cafés compartilhados, entre outros. Entretanto, pela limitação temporal e para melhor dialogar com os outros retalhos desse texto, escolho narrar apenas esses que indiquei. Sinalizo, ainda, que a própria escolha de narrar em crônica não é aleatória, mas também resultado de um encontro. São cinco crônicas: três que narram os encontros previstos com cada um dos três sujeitos e que serviram para a produção das narrativas que utilizo ao longo do texto; e duas sendo de encontros que tive com Netuno para além dos momentos previstos – e que penso ser interessantes para fazer memória e refletir sobre os caminhos que o processo de uma pesquisa pode ganhar.

• A primeira crônica: “Os encontros com o café” •

O primeiro encontro é o momento de impressionar (e de se impressionar). Você garante que está tudo preparado, que as baterias estão carregadas, que não faltará papel ou caneta, que não faltarão palavras à boca ou ouvidos às palavras. Certifica-se que terá tempo, espaço e café. Chega antes ao local marcado, gosta da expectativa do encontrar e não reclama de prováveis atrasos.

A primeira vez que Elfo chegou, as mãos já suavam. Depois de tanto pensar, tanto reconsiderar possibilidades, tanta expectativa e tanta realização, o primeiro encontro com uma das pessoas que iria construir e se movimentar junto chegou. Caminhamos do relógio à padaria desconhecida sem pressa e trocando palavras clichês que, se não servissem para aproximar, talvez perderiam seu uso no mundo. Os passos eram ziguezagueantes, atravancados pelas pessoas que corriam, vendiam produtos, arrastavam crianças e se encontravam pelo parque Halfeld – não chegavam a atrapalhar, isso era função da ansiedade. Chegamos à padaria e sentamos ao fundo. Saberíamos que a gravação em áudio não seria das melhores, mas no primeiro encontro queremos agradar. O lugar era aconchegante e confortável. Nada se ouvia das conversas nas mesas vizinhas: poderiam ser alegrias, angústias, tristezas, surpresas ou expectativas que estavam sendo dialogadas. Seja o que fosse tudo ficava entre a mesa. Da mesma forma, o que vibraria à nossa mesa, ficaria conosco. Elfo escolheu suco. Eu considerei um café.

Toda a apreensão se desfaz na primeira história. O compartilhar uma história, a imersão em uma vida, o encantar-se com as escolhas de palavras e a entrega àquela confiança esgaça o planejamento, o expande para outros sentires. É nesse momento que percebo que toda essa construção será assim: um cotidiano esgaçar as possibilidades, as palavras e as operações. Se até aquele momento todo o planejamento tinha sido cortado, redimensionado e costurado, não haveria motivo para ser diferente. O controle é ilusão e o café nos lembra disso. Os carros saem dos prédios ao lado fazendo barulho. O pão que acaba de sair do forno atrai diversos clientes à padaria. O cheiro de café e bolo invade o diálogo. Não há constrangimento para o que se conta e o que se ouve. Tudo que é lembrado já está consolidado na memória. Se o que é esquecimento está no silêncio ou nos olhares desviados, não saberia dizer.

Dois meses depois, a segunda vez que Elfo chegou naquele parque, assumimos o café. Do parque fomos ao shopping, onde as histórias ganharam sua multiplicidade comum entre concordâncias, risadas e silêncios. Tudo entra em comunhão com o chegar da tarde: a conversa é atravessada por filmes, livros, poesias e músicas antigas. A emoção transparece quando nos lembramos de lutas, infâncias, patinhos feios e feras. Elfo me fez imergir em uma trajetória de encantamentos por *drag queens* e por um desejo atravessado pela paixão. O encontro é fluido, interrompido apenas pelos goles de café e pelos elogios ao café.

Já em 2017, mais meses e mais atravessamentos depois, encontrei com Elfo pela terceira vez no parque. Nem as inseguranças vivenciadas nas primeiras vezes nem as paixões movimentadas na segunda estavam tão fortes ali. Fomos a outro café, para construir outras histórias, para imaginar possíveis finais.

O fim das conversas foi sempre atrapalhado pelas mãos suadas que deixavam escorregar o celular, pela emoção que fazia tremer a mochila quando se colocava no ombro, pelos finais que não eram como imaginávamos. O percurso de volta foi sempre o mesmo: com palavras menos úteis ao conhecer e mais úteis ao aprofundar. A despedida se dá com promessas de rever. Irei rever Elfo, mas também suas histórias. Irei reconhecê-las nas futuras conversas com outras pessoas, no ônibus, nos parques e nos cafés.

Todos os encontros com cada pessoa foram gravados em áudio e transcritos integralmente. Os primeiros ocorreram individualmente no ano de 2016 e tiveram duração média de 1h30min. Após transcrição os arquivos foram enviados às pessoas para leitura e possíveis modificações, essas, entretanto, não foram necessárias aos olhos de Elfo, Irene e Netuno. Para cada encontro foi pensado uma temática central que movimentasse e fizesse vibrar a conversa. Não havia roteiros a serem seguidos, apenas temáticas disparadoras das narrativas. O primeiro teve como centralidade as questões de *diferenças, identidades e gêneros*; objetivando pensar os porquês de uma identificação não-binária para o gênero e também os próprios entendimentos de gênero. Nesse sentido as conversas seguiram caminhos clássicos de aproximação e apresentação inicial pessoal e da pesquisa, os saberes que movimentam as pessoas acerca de não-binaridade, memórias e experiências que elas trouxeram sobre identidade e diferença de gênero (na infância, na juventude e na vida adulta) e questões particulares sobre as experiências na não-binaridade de gênero.

Assim, eu gostei da nossa conversa. Até que depois eu acabei tendo outra conversa com outra pessoa também. E foi uma experiência nova pra mim que nunca tinha falado, conversado com ninguém sobre isso, sobre essas questões. Mas eu gostei bastante.
(Elfo – Conversa 2)

O próprio momento da entrevista narrativa se constitui como uma experiência. Narrar-se, percebi, implica em inventar um passado e inventar-se. Como diz Elfo no início do segundo encontro: *“foi uma experiência nova”* – que pode ter gerado desconfortos, prazeres, angústias, alívios. Entendo assim o que indica Lia Scholze, ao sinalizar “a possibilidade de reflexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo, que pode ser estabelecida através da linguagem numa perspectiva de construir novos significados para nossa existência” (2005, p. 24).

• A segunda crônica: “Os encontros com os movimentos de vida e de escrita” •

O gramado do jardim da reitoria da UFJF já foi território de outros textos, de outras movimentações para a escrita e para a vida. Aos dias de semana ele se enche de trânsito, de paradas rápidas, de passatempo dos intervalos, e encontros – programados ou casuais. Aos sábados e domingos de sol, se enche de distração, de “perda de tempo”, de gente que observa o caminho das formigas lendo, ouvindo música ou brincando com as crianças. O gramado não é estático. Agita-se a cada dia e horário com vibrações

diferentes. Cada momento um *chá* diferente. Se em alguns dias ele serve de um canto a espera do tropeço, em outros ele é tomado pelos corações dançantes.

A manhã de uma quinta-feira e a noite de um sábado não foram atípicas ao gramado. As árvores, bancos, pitangueiras e caminhos de pedra acordaram iguais. De forma parecida, as mesmas pessoas o cruzaram para ir ao prédio: à biblioteca, às pró-reitorias, aos prédios vizinhos. O sol camuflava a chuva do dia anterior e a chuva que chegaria mais tarde. As duas pessoas chegaram para o encontro programado. A conversa vibrou entre fugas para sombras e cigarros de palha – interrompida por desconhecidos pedidos de fumo e seda. O gramado fazia sua movimentação ser presença naquele momento: ele não era cenário, era o que atravessava a conversa, que a dava elementos, cores, calores, cheiros e estares.

Nos dois encontros, Irene falava sem inibições. O sorriso de motivo particular dividia o espaço dos lábios com o cigarro e as palavras entre uma história e outra. O primeiro encontro foi pensado para uma conversa sobre movimentos de vida: de que forma Irene, assim como o gramado, vibra a sua vida e de outras pessoas. Como é atravessada e também atravessamento. Não foi difícil perceber que os encontros com lutas sociais eram fortes experiências e que a cada ato político organizado, cada reunião de partido, cada discussão, cada tudo era potencialidade de novos encontros e novas perspectivas de vida. Tudo isso, descobrimos, se materializava também nos textos: muitas discussões eram realizadas virtualmente com o recurso da palavra escrita. O movimento de luta, o movimento social, o movimento de vida se transfigurava – ou se traduzia – em um movimento de escrita que se fazia experiência a cada palavra trocada.

Não houve hesitação quando Irene buscou seu celular para ler um texto que havia escrito e que dizia do seu envolvimento, seus encontros, sua identidade e suas lutas. Foi através da escrita que escolheu de expressar, se posicionar e se expor. Foi na escrita que se deu os encontros e que resolveu ser descontinuidade, que se expandiu. Fazer emergir uma escrita daquela conversa no/do gramado é, antes de tudo, justo com Irene e o movimento de sua vida.

O segundo encontro, como que para nos brindar com uma ambientação de movimentação política, ocorreu ainda no gramado, mas às portas de uma reitoria ocupada por estudantes. Falamos de séries, desenhos animados e a forma como dezembro bate nas pitangueiras, se refrata nos bancos, vai bater nas faces e se aloja nos olhos. A defesa apaixonada de Irene pela movimentação social, pela agitação da luta por direitos, pelo vibrar dos sonhos se refletia nos olhos – mesmo de noite dava pra perceber.

O gramado vibra encontros. O encontro vibrou sobre nossas vidas e emergiu em forma de escrita.

[<https://www.youtube.com/watch?v=2KukKI38Y0U>]

A segunda rodada de conversas teve como centralidade pensar os *currículos* que atravessam a não-binaridade de gênero. Acreditando nos currículos como produtores de identidades e diferenças, nossa construção durante a entrevista narrativa foi de pensar tais currículos na vida, formação e experiências da não-binaridade dessas pessoas. Assim, a conversa se iniciou propondo a voltar o olhar para o encontro anterior e, a

partir disso, fazer emergir narrativas das trajetórias culturais que se fizeram experiência. Pensando ainda no primeiro encontro, incluímos a categoria de atravessamentos por/em/entre Movimentos Sociais. A partir da ideia de currículo apresentada por Jane Felipe como “um discurso que, ao corporificar as narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos – e sujeitos também muito particulares” (FELIPE, 1995, p.1), acreditei ser potente pensá-lo em conexão às subjetividades dos sujeitos. Pensar o currículo a partir das narrativas de si é pensar o que emerge da memória, o que permanece enquanto experiências desses sujeitos.

Acho que conforme a gente vai conhecendo as pessoas, conversando com as pessoas e se relacionando com as pessoas – não intimamente, mas relacionamento tipo amigos, família, até namorada sabe – você vai entendendo melhor, vai tipo acrescentando às coisas na sua cabeça e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes. Talvez uma coisa que você pensava de uma forma, depois de uma conversa você pode pensar de outra forma. Você pode evoluir esse pensamento, assim como você pode voltar e tipo, voltar esse pensamento pra uma coisa muito péssima assim. Porque eu já vi muita gente que pensava uma coisa, virava e começava a falar um monte de pensamento preconceituoso. Acontece! Assim como tem gente que evolui, tem gente que vai pra trás. Mas, qual era a pergunta mesmo?
(Netuno – Conversa 2)

Os encontros de Netuno parecem constituir um currículo, umas subjetividades, umas (novas) perspectivas de si e do mundo. Quando essa pesquisa pensou em investir na trajetória escolar e nos artefatos culturais enquanto currículos (que realmente são), não supunha que ia se deparar com a própria memória, a própria trajetória de (des)(re)encontros da vida e o próprio narrar-se como componentes curriculares dessas pessoas. A pesquisa é um perder-se assim como o próprio momento da entrevista narrativa: “*mas, qual era a pergunta mesmo?*”.

• A terceira crônica: “O encontro com o encanto e com o espaço” •

O encantamento se materializa em movimento, em trânsito. É o que nos joga de um espaço a outro. Que nos faz caminhar rumo à experiência. É a sedução do desconhecido que se mostrou essencial, indispensável. Movimentar-se na dinâmica do prazer. O encontro é o disparador do encantamento. Só se encanta quem encontra. E, no mesmo sentido, o encantamento é o disparador de novos encontros. O encantado sai do local, vai. Caminha, transita e se movimenta. O encontrar e o encantar possuem acordo íntimo
(como *a mão direita e a mão esquerda* de Fernando Pessoa).

Na primeira conversa com Netuno os dois foram ao encontro, os dois em encantamento: um encantado com dinâmica prazerosa de uma pesquisa, outro encantado com a dinâmica prazerosa da não-binaridade de gênero. Dois disparadores para um encontro.

As (im)possibilidades, remarcações, imprevistos e urgências não foram limitantes ao encantamento, apenas atrasaram conversas. Mas naquele início de noite, no *depois da janta* combinado, os dois estavam subindo as escadas da Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora para a primeira conversa gravada. Outras tinham ocorrido antes: em uma lanchonete com o grupo de amigos, pela internet para chegarmos até aqui nesse dia e horário. Mas agora, a oficialidade daquele momento era sentida – mesmo não se configurando como um peso ou como uma restrição.

Sentamos no espaço de mesas reservados às conversas e leituras de jornais e revistas. Raras pessoas transitavam àquela hora pela biblioteca, muito em função das condições climáticas chuvosas e do frio. Netuno estava de roupas largas, casaco comprido e touca para proteger do frio. Eu, no mesmo sentido, ainda bebia um copo de café restante da janta no Restaurante Universitário. O início foi um pouco rígido, tímido. Aconteceu como quem encara o mar pela primeira vez: escolhe-se ficar à beira, molhar devagar os pés e sentir a temperatura, o movimento das ondas e a profundidade daquela praia. Mas, assim como não se fica apenas à beira do mar, também nossa conversa não ficou apenas na superficialidade. Da mesma forma como é o desejo e prazer de imergir entre as ondas, também imergimos entre as narrativas dos prazeres de gênero.

O encantamento de Netuno com a não-binaridade de gênero se localiza, em acontecimento, em um encontro. O encontro com uma pessoa não-binária que gera o encantamento que gera esse novo encontro de novos encantamentos. A narrativa movimenta em mim um próprio recordar o *meu* encantamento pela não-binaridade, pela pesquisa e pela perspectiva pós-crítica. É a partir do encontro *queerizado* que me coloco em trânsito e em diálogo. É a perspectiva pós-crítica o meu mar que me faz imergir, que me faz recusar a beira e me lançar à profundidade. O mar de livros daquela biblioteca é um belo cenário para pensar o mar de questionamentos que surgem na conversa, na pesquisa e nas nossas vidas.

Meses depois, às 18h a padaria Nova Fantástica não perdoa em movimento. Os jornais do dia já são escassos, restam apenas os de esporte da segunda divisão de algum campeonato. Muitas pessoas entram em função cafezinho ou por conta pão que acabou de sair ou até pelos sanduíches ou pelos sonhos de doce de leite. Outras tantas passam para comprar algum varejo ou a promoção de salgado com frescor. Sendo final do sábado, a televisão mostra algum programa de auditório de canal aberto. Aquele é apenas o ponto de encontro para a nossa conversa. Mas, por acompanhar bem a movimentação daquele espaço, percebo que o encontro esperado vai me levar para outro já conhecido. Como uma rota traçada que as memórias fazem sem perceber.

Netuno chega com suas habituais roupas largas e quase não precisa dizer para onde vamos: o espaço (um conjunto de *kitnets* da casa de sua namorada) deveria ser um mistério pra mim, mas os pés caminham sem surpresa. Memórias e pés não se surpreendem com os paralelepípedos soltos ou com as confusas faixas de pedestres.

Nas minhas primeiras vezes em Juiz de Fora aquela rua me serviu de trânsito. Alguns meses depois de alegria, paixão, prazer. Mais tarde de angústia, incerteza e instabilidade. Os espaços vêm carregados de signos, significados e significantes. O portão com defeito que não pode ser aberto via interfone, a caixa de correios quase intocada, o longo corredor com as portas à esquerda, a gata promíscua que vai de casa em casa: a tarde que caía mal iluminava aquilo tudo e rememorei todas vezes que aquele espaço se fez

subjetividade em mim. O apartamento que nos direcionamos foi o último. Nunca tinha ido tão longe, parava sempre na metade do corredor.

Foi uma longa caminhada de poucas surpresas, como aquelas que acontecem nas margens da praia da infância. Você encontra conhecidos que se assustam com a sua presença naquele espaço, mas você mesmo não se espanta (nem com a presença de outros, nem com sua presença, nem com o cumprimento silencioso).

O final da caminhada é o início de um novo lembrar. Não meu, mas de Netuno. Sentados à mesa de um apartamento cercado de imagens fílmicas, outros espaços passam a dominar aquele: os espaços das histórias escolares, os espaços das movimentações estudantis em Brasília, os espaços virtuais que guardam memórias musicais, os espaços astrológicos que dizem das identidades e modos de ser e estar. Cidades, escolas, casas, piscinas, palcos e mapas astrais são construídos pelas narrativas e expandem aquele apartamento para muito além do corredor de *kitnets*, para muito além das existências que ali estão.

A conversa com Netuno é de poucos tensionamentos, a leveza é o que conduz as horas que passam quase despercebidas. Poucos indícios mostram a passagem do tempo: o gravador que exige nova carga de bateria, o frio que vem com a noite, a boca que seca por tanta narração. O gato pula da cama para o chão, do chão para um colo e para outro, passa pela mesa, exige atenção e contato. As horas passam como se passa uma tarde na piscina depois de uma fuga da escola, ou como se passa toda a adolescência. Os assuntos se conectam, as histórias se ligam a vídeos assistidos imediatamente e às escritas antigas.

Os temas anotados no caderno de folha reciclada se esgotam, a gravação é encerrada e os agradecimentos repetidos. A resposta tão positiva ao primeiro encontro deixa uma expectativa do que esse segundo movimentará. O sentimento de cumplicidade por lembranças compartilhadas traz a sensação já experienciada naquele espaço. Percorro o corredor para a saída sozinho: o portão foi consertado. Se não houve surpresa, até o momento, ela aparece agora: o percurso é leve, o portão não amedronta e não há olhar para trás. Só um caminhar em frente, em direção à padaria. Em direção ao movimento. Misturo-me às pessoas e aos cafés.

Logo após realizar os dois primeiros encontros com Elfo, Irene e Netuno, me concentrei na escrita do exame de qualificação de mestrado, realizado no dia 10 de março de 2017. A partir desse exame e das conversas de orientação, definimos que a próxima etapa a ser realizada seria uma conversa coletiva com todas as pessoas em que abordaríamos as temáticas relativas à identidade, diferença, expressão e relações de gênero. Nesse momento se construiu a centralidade desse texto em meio a todos os materiais que a pesquisa havia produzido até então.

Tendo em perspectiva tal centralidade, iniciei o processo de retomar o contato com as três pessoas objetivando marcar uma data para nossa terceira entrevista narrativa – que funcionaria com uma produção coletiva de discursos. Entre os meses de abril e julho, muitas foram as tentativas de marcação. Entretanto, sempre havia o imprevisto de

alguma pessoa que gerava o desencontro: certo dia Netuno estava viajando a trabalho, outros dias Elfo passou por implicações médicas, outros não obtive posicionamento de Irene. Nesse ínterim alguns encontros se produziram com Netuno e que atravessaram essa pesquisa.

• A quarta crônica: “O encontro com o despropósito” •

Os bares e esquinas das ruas do bairro de São Pedro já foram temas de outros textos: os encantos que se passam, as emoções que se produzem, os amores que carregam, as poesias que inspiram. São também espaços dos encontros. Às margens da Universidade, a Cidade Alta respira movimentação, trânsito de madrugada a madrugada, risadas e companhia a todo momento. No outono, quando o calor já não é intenso e o frio começa a despontar como neblina, essas companhias e confissões parecem ganhar força.

Netuno, sempre solícito, gostou da ideia de gravar um vídeo cuja temática era: “o que eu já deixei de fazer por ser LGBTTI?”. Netuno, sempre comunicativo, já havia acionado outras três pessoas que poderiam gravar também (antes mesmo de eu chegar à sua casa). Netuno, sempre animado, após a gravação nos convidou para um jogo de truco.

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

Entre aprender a jogar, escutar Tulipa Ruiz, comprar brigadeiro feito em casa e acariciar gatos, muitos afetos se movem, muitos saberes também. As discussões ficam acaloradas: nacional-desenvolvimentismo, expressões de gênero, nova esquerda do Brasil e do mundo, fluidez das sexualidades, “quando podemos marcar de beber algo?”, “ih, começou a chover”. Tudo é motivo pra entrar em mais uma rodada do jogo, pra adiar mais uma hora pra voltar pra casa, para não ir à Universidade.

O jogo de truco daquela tarde me transporta a outro, de semanas depois. Uma quarta-feira à noite, na mesa do bar barato no alto do morro da Cidade Alta com porção de batatas-fritas custando a bagatela de 9 reais: “se você sair daqui tendo gastado mais de 8 reais é porque você deu mole!”. A caminhada com Netuno até chegar ali foi lenta. Propositamente lenta. Términos de namoro, amadurecimento de relações, casamentos de uma semana e “agora vou assumir meu nome social!” fizeram com que os passos diminuíssem, que as lágrimas rolassem e que a respiração ficasse mais rápida.

No bar: muitos afetos e saberes – caminham juntos (lembrando de novo *a mão direita e a mão esquerda* de Pessoa). Muitos planos, muitos sonhos. Pessoas chegam a todo momento na mesa. O jogo de truco recomeça – Netuno havia trago o carreado.

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

O jogo de “eu nunca” e “eu já” também aparece. As experiências menos puritanas chegam à mesa entre risadas, cachaças e “vamos fazer uma festa num motel?”. Netuno estava sendo apresentado a todo mundo como masculino: sua primeira vez assim. As confissões aumentaram de ambas as partes. O frio também. “Pode ficar com meu casaco, Netuno!

Está chovendo, mas isso pra mim não é nada não!” No final, a conta ficou em 15 reais pra mim (será que dei mole? Não importa!).

O caminhar de volta à casa é mais apressado: de volta ao conjunto de quitinetes que tinha me mostrado a dimensão do espaço. “Você passou por isso só por minha causa? A gente podia ter ido a outro lugar” – foi o que Netuno perguntou. “Não”. Foi exatamente o que precisava. Despedidas feitas de promessas de reencontros que sumiriam feito neblina.

No caminhar à minha casa, a lembrança: “você está apaixonado e isso não é um elogio, é uma repreensão”. Mas, pelo que me ensinou Netuno, apaixonar-se não pode ser isso, é cuidado! É recolher os cacos de vidro e colocar em uma lata com o bilhete “Cuidado, VIDRO”, é pagar um pouco a mais, é emprestar o casaco e caminhar do lado.

Durante esses encontros “não-registrados” com Netuno, continuei a tentativa de marcação bem como de aproximação com Elfo e Irene através de mídias digitais, buscando compreender suas motivações para as desistências, esquecimentos e adiamentos. Como sinalizado em algumas falas, percebo que a pesquisa produz efeito sobre essas pessoas e que, nem sempre, há disposição, força e querer em adentrar temáticas tão singulares. Nesse sentido, me preocupava com a intensidade de minha insistência, deixando, por vezes, um espaço temporal amplo entre um contato e outro.

• A última crônica: “O encontro com a morte” •

Eduardo Galeano, ao que se sabe, teve uma vida esplêndida, verbalizada pela poesia. Ele expôs as veias da América Latina, vocalizou o “não” e defendeu o direito à utopia. Caminhou por um continente atravessado por sua luta, povo, cores e sentires. Viveu por 74 anos. Foi em 2015 que o conheci. A partida de Galeano desse mundo foi largamente noticiada à época. O poeta latino-americano que nos deixava uma obra apaixonada por essas terras.

Foi a morte que nos apresentou.

Poucas vezes na minha vida tive encontros com a morte. E nesse encontro que tive em 2015 entendi que ela pode ser tão dolorida quanto potente. Tão triste quanto desencadeadora de novas forças.

Foi também em 2015 que descobri que as reuniões do GESED acontecem todas as quartas-feiras letivas do ano na Faculdade de Educação da UFJF. Durante todo o percurso do mestrado estive imerso nesse grupo, atravessado pelas suas pesquisas, questões e pessoas. O grupo fez parte da minha rotina e, por isso, ganhou sentidos de confiança, acolhimento e bem-estar.

Foi no dia 5 de julho de 2017 que morte, GESED e eu nos encontramos.

A noite iniciava rápida. O café passado quase que pontualmente às 18h, a conversa jogada fora da varanda pra rua, a fumaça de cigarro que penetra na roupa secando no varal. O inverno juiz-forano traz o frio e a neblina para a Universidade assim que o sol se põe – cedo demais. O caminho casa-UFJF é rápido, descontraído de músicas e com nenhum sinal vermelho. Como dia atípico, subi escadas para a reunião do GESED. Como

um dia atípico fui impedido de subir as escadas. Como um dia atípico, me encontrei com o suicídio.

Até então só tinha tido encontros literários com suicídios: a forte defesa de Goethe n' *Os sofrimentos do Jovem Werther*, o desencontro de Bernhard Schlink n' *O leitor*, as melancolias de Enrique Vila-Matas em *Suicídios exemplares*. Não sei se é possível valorar a experiência, mas me permito a isso quando digo que encontrar com o suicídio na escada da Faced foi a pior experiência que poderia ter passado durante minha trajetória até então. Cedo demais.

A noite que se estendia naquela quarta-feira ficou suspensa: as falas se misturaram umas às outras, o entendimento do que aquela notícia significava não era alcançado, as sinapses celebrais cessando, o revirar do estômago clamando por um engano, as veias que se abriram na América Latina se abrindo em mim.

O menino me contou do suicídio de Netuno. A partir de então tudo o que consigo pensar é uma paráfrase d' *As impressões digitais* de Eduardo Galeano no seu Livro dos Abraços: "Netuno nasceu e cresceu debaixo das estrelas do Cruzeiro do Sul. Aonde quer que ele ia, elas o perseguiram. Debaixo do Cruzeiro do Sul, cruz de fulgores, ele ia vivendo as estações de seu destino. Não tenho nenhum deus. Se tivesse, pediria a ele que não deixe Netuno chegar a morte: ainda não. Falta muito o que andar. Existem luas para as quais ainda não latiu e sois nos quais ainda não se incendiou. Ainda não mergulhou em todos os mares deste mundo, que dizem que são sete, nem em todos os rios do Paraíso, que dizem que são quatro. Em Montevidéu, existe um menino que explica: — Eu não quero a morte de Netuno nunca, porque quero brincar (com ele) sempre."

Cedo demais.

Os caminhos de uma pesquisa são incertos, traiçoeiros e substancialmente afetáveis. Não me parece possível (ou, se possível, não me parece justo) pensar uma pesquisa que esteja a tal ponto deslocada que não se desestabilize. Uma pesquisa apaixonada, tampouco.

Netuno se suicidou.

Entendo, agora, que nunca sabemos o que se agita no corpo de qualquer pessoa; o que vibra enquanto bebemos uma cerveja, jogamos um truco, dialogamos sobre gênero ou caminhamos tranquilamente pelas ruas juiz-foranas. Não há como saber todas as forças que tensionam o outro. Esse momento me disse que não tenho certeza coisa alguma – seja na pesquisa, seja na vida. Como biólogo, vejo que isso me atravesse de desestabilizações. Potentes, mas doloridas. Netuno me lembrou (ou ensinou) "*tem que ter cuidado com as pessoas, é uma coisa muito importante*", "*tem um monte de gente se recusando aí*" e que "*apesar de passar por muitas coisas, essas pessoas estão aí*".

Eu, ainda, não encontro fôlego para dizer melhor de sua existência; para dialogar intensamente com suas narrativas; para narrar tão bem nossos (des)(re)encontros; para continuar esse parágrafo.

• Meu cantar de alma ausente •

Ninguém te conhece. Não. Porém eu te canto.
 Eu canto sem tardança teu perfil e tua graça.
 A madureza insigne do teu conhecimento.
 A tua apetência de morte e o gosto de sua boca.
 A tristeza que teve a tua valente alegria.
 Tardará muito tempo em nascer, se é que nasce,
 um andaluz tão claro, tão rico de aventura.
 Canto-lhe a elegância com palavras que gemem
 e recordo uma triste brisa nos olivais.
 (LORCA, 2004, p. 521)

O suicídio de Netuno disparou em mim a urgência de parar. Suspender qualquer movimento de pesquisa por um tempo. Adiar, eu, novos encontros. E me permiti isso. Após esse espaçamento temporal necessário, retomei a tentativa de marcar uma conversa conjunta com Elfo e Irene. Os desencontros continuaram. No dia 25 de agosto de 2017 estava agendada última tentativa viável de reunião (pois Elfo estava com uma cirurgia marcada para a semana seguinte e não poderíamos marcar no pós-operatório). Irene havia confirmado, mas não apareceu no local por motivos de saúde (como descobri dias mais tarde, passou por um momento de descarga emocional forte). Realizamos a conversa, Elfo e eu. Marquei com Irene uma semana depois, mas, de novo, não compareceu. Não havendo mais tempo hábil para a realização, transcrição e investimento sobre as narrativas que poderiam ser produzidas em uma nova conversa com Irene, abandonei essa tentativa.

Ninguém nasce sabendo problematizar. Ninguém nasce desconstruído e ninguém nasce sabendo problematizar. Essas são coisas que você vai aprendendo com as pessoas que aparecem ao seu redor. Não adianta também você ser mente fechada e sentar numa sala de gênero e sexualidade e ficar lá anotando assim, pra depois chegar e tipo fazer a prova e ir embora. Eu acho que isso é conversa. Isso é mesa de bar. Você sentar no bar, como colega assim sabe, sentar bebendo e jogando carta, virar e conversar sobre isso. Porque é isso que abre a cabeça das pessoas. Porque ali é um amigo te falando. Ali que pode surgir várias tretas também, acontece.
 (Netuno – Conversa 2)

Escrevo com Netuno ao sinalizar que nenhuma pesquisa nasce pronta. Nenhuma pesquisa nasce sabendo das problematizações e (des)construções que virão. Intentei, nesse retalho, trazer os caminhos que essa pesquisa tomou, com todas suas incertezas,

(im)possibilidades e atravessamentos. Talvez a potencialidade de tudo isso esteja na “*mesa de bar*”: na abertura aos imprevistos, no afetar-se pelo encontro, no narrar-se em poesia, no pesquisar pela paixão.

RETALHO: SOBRE SER NÃO-BINÁRIO, NÃO SER BINÁRIO E O CAMINHO À CÓRDOBA

A opinião dos meninos assemelhava-se a dela. Agora olhavam as lojas, as toldas, as mesas do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo fosse feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.
(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, Festa)

Permito-me iniciar com Graciliano Ramos este retalho – e não Federico García Lorca, como de costume. Seguindo o menino mais novo e o menino mais velho, penso ser interessante fazer o movimento de olhar estranhado às coisas.

Em outros momentos (e movimentos) de escrita deste texto, me dedico a pensar quais os atravessamentos que me levaram ao campo de estudos dos gêneros e sexualidades, bem como à área da Educação. Entretanto, durante esses momentos não ataco o que categorizo em minha(s) pesquisa(s) como "não-binaridade de gênero". Pensada enquanto verdade, não a firmei como categoria construída social-cultural e, em especial, historicamente. Para além, não problematizei a disputa em torno do termo, nem mesmo os locais que eu assumi nessa disputa.

Assim que cheguei ao grupo de pesquisa GESED fui alertado a dar "um passo atrás", "colocar em suspensão" algumas verdades (seja da pesquisa ou não). Graciliano Ramos me alertou para o mesmo: o *menino mais velho hesitou*. Hesitação. Mas foi preciso mais alertas que esses para me colocar nesse movimento de costura que realizo agora. Um movimento que me coloco suspenso e hesitado.

É intenção deste retalho pensar o termo "não-binaridade de gênero". Não intento uma genealogização completa – seria inútil e equivocada. Intento, porém, pensar o que me foi apresentado sobre ele; como eu fui construindo aquilo que categorizo nesse

pensamento; como eu mesmo fui me inserindo na disputa, assumindo diferentes lugares; e como esse campo se apresenta atualmente – também como me posiciono nele. Assim, me coloco a discutir os sentidos da não-binaridade de gênero.

Pensando com a *différance* de Jacques Derrida que o significado de algo é sempre diferido, adiado, fluido e incompleto – “algo que nunca acontece, como aquilo que sempre posterga, empurra para depois, desloca para o futuro, para um futuro que nunca chega”, como traz Carla Rodrigues (2012, p. 147), indico que este retalho e toda essa pesquisa devem ser encarados nessa perspectiva. Uma vibração pelos sentidos da não-binaridade e uma vibração que adia sua definição, que a compõe e que a torna, cada vez mais, inconclusa.

Percurso neste movimento cinco partes que se costuram, a partir das quais trilho (em linha temporal) minhas aproximações com essa temática de estudo – pensando também como essa temática se torna algo estudável por mim. Antes, entretanto, de adentrar cada uma dessas partes, acredito ser interessante dizer os porquês dessa construção “imprevista” nesse momento enquanto pesquisador.

Durante as tradicionais buscas por referências e levantamentos de produções acadêmicas que uma pesquisa costuma demandar, foram poucos os trabalhos que encontrei que utilizassem o termo “não-binaridade de gênero” (e termos relacionados: “gêneros não-binários”, “pessoas não-binárias”, “não-binarismo” etc.). Mesmo nos que encontrei (DUARTE, 2015; SOCODOLSKI, 2016), em nenhum momento o termo era pensado, ou mesmo tido enquanto categoria para se pensar aquelas pesquisas. Ora, estou eu então realizando algo novo dentro do meio acadêmico, acionando outras categorias (aparentemente inéditas) e lançando olhar a outras pessoas. Pensando nisso, uma das minhas primeiras recusas foi de não encerrar um conceito ou delimitar definições. Ao contrário, distanciei-me delas e optei por pensar as experiências que atravessaram essa temática.

Entretanto – e aqui se localizam os alertas que recebi, bem como o que reconheço sendo as problemáticas dessa minha proposta – há implicações em pensar categorias ainda não olhadas pelo meio acadêmico. São necessários alguns cuidados. Continuo a acreditar que eu não seja capaz (e duvido se alguém o seja) de definir plenamente o que tem se estabelecido enquanto “não-binaridade de gênero” – crença relacionada à perspectiva epistemológica que me filio, pensando que nenhuma definição é plena, estável ou totalizante. Mas começo a acreditar que tenho qualquer responsabilidade em

explorar os sentidos do termo. Se, ainda nessa perspectiva teórica, sou a todo momento instigado em desconfiar de algumas verdades, devo ser também instigado a problematizar as verdades que sustentam a(s) minha(s) pesquisa(s): como a própria verdade da existência da não-binaridade como uma identidade ou/e diferença ou/e experiência ou/e o que quer que eu já tenha operado ou esteja no movimento de operar. Fui provocado a me assumir enquanto pesquisador pensante da temática. Pesquisador que se propõe a investigar e que, como tal, deve estar atento e deixar mais claro os sentidos que constrói sobre seus temas de interesse.

Pensando com Michel Foucault, investigo um termo localizado, algo que

numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro. (FOUCAULT, 1999, p. 219).

Em outras palavras, olho para a não-binaridade de gênero dentro de um tempo histórico, em meio a contextos sociais e culturais que me permitem pensar (e nominar assim) essa categoria. Nesse sentido, prossigo este texto me colocando a pensar esse tempo, as condições que me possibilitam hoje, dentro de um programa de pós-graduação em Educação, trazer a não-binaridade de gênero como cerne de uma pesquisa acadêmica.

• Aurora (de uma pesquisa) •
 Sinos de Córdoba
 na madrugada.
 Sinos de amanhecer
 em Granada.
 Ouvem-nos todas as moças
 que choram à terna
 soleá entulhada.
 As moças
 de Andaluzia alta
 e baixa.
 As meninas de Espanha,
 de pé miúdo
 e trêmulas saias,
 que encheram de luzes
 as encruzilhadas.
 Oh! Sinos de Córdoba

na madrugada,
e oh! sinos de amanhecer
em Granada!
(LORCA, 2004, p. 197)

Retomo Lorca! Converso com suas canções nesse retalho: uma de suas formas mais comum de poetizar. Canções de seu povo, canções de seus amores, canções de suas experiências. Vindo de região cigana, cantar para Lorca é anúncio e protesto, festa e luta, alegria e luto. A cantiga de aurora do livro *Poema do "Cante Jondo"* de 1921 me parece o tempo que escrevo. Os sinos que dizem desse tempo podem ressoar enquanto amanhecer para uns, enquanto madrugada para outros. Tentando fazer o mesmo movimento das saias das meninas, quero aqui lançar luzes às encruzilhadas em que me encontro temporalmente. Tempo, espaço, percurso e caminhar se fazem encruzilhada, me permitem pensar a não-binaridade de gênero: vale a pena olhá-los!

Poderia o investimento nesse tempo ser consideravelmente grande e ele próprio seria uma nova dissertação. Sendo assim, me permito pensar apenas alguns aspectos históricos (ambos relacionados à minha própria relação com a não-binaridade de gênero) que vão dizer da tomada do termo como objeto de estudos. São eles: a ascensão (e transformações) dos chamados "novos movimentos sociais" e produção de saberes de gênero e sexualidade em espaços virtuais.

A começar pelos novos movimentos sociais, podemos entendê-los, como faz Angela Alonso (2009, p 64), como "contestações 'pós-materialistas', com motivações de ordem simbólica e voltadas para a construção ou o reconhecimento de identidades coletivas". Nesse sentido, estão os movimentos étnico-raciais, feministas, LGBTIs e ambientalistas. São os movimentos ligados aos direitos e políticas sexuais e de gênero que vão construir os saberes acerca da legitimidade das identidades marginalizadas. Foi nessa perspectiva de construção de conhecimento a partir das experiências pessoais, como sinalizado em outros retalhos, que iniciei meus estudos nas temáticas de gênero e sexualidade.

Muito atravessado pela área do Ensino de Ciências e Biologia percebi certa repetição nos estudos de tais temáticas. Regina Facchini *et al* (2013) indicam que as pesquisas vibraram, a partir da década de 1990, muito no entorno das questões de saúde (muito em função dos casos de HIV/Aids) e do combate à violência (principalmente no caso das mulheres). Com o tempo, as questões identitárias passam a ser focalizadas, em especial na perspectiva da existência de "novos sujeitos" nas salas de

aula – que seriam “grupos marginais em relação aos padrões de normalidade sociocultural” (ALONSO, 2009, p. 61).

Mesmo não corroborando com as terminologias que indicam esses sujeitos como “novos” ou “inéditos”, me lancei à leitura dessas pesquisas, logo percebendo um volume considerável de estudos que focalizavam sujeitos homossexuais, travestis e transexuais/transgêneros⁶ em contextos educacionais. Ora, percebi que a circulação dos novos movimentos sociais não apenas produziu saberes em minha experiência pessoal, mas atravessou também o conhecimento dos estudos acadêmicos – suas temáticas, seus sujeitos, suas formas de pesquisar. Novas questões foram sendo constituídas, novos olhares foram sendo lançados, novas formas de fazer foram se multiplicando – “importante destacar que uma das características mais importantes da reconfiguração do campo de estudos sobre a ação coletiva e os movimentos sociais é a presença de um maior pluralismo” (BRINGEL, 2011, p. 59).

Percebendo-me nesse contexto de produtor de conhecimento atravessado pelos movimentos sociais e no intento de pesquisar algo pouco explorado por essas pesquisas, me lancei à pesquisa em outro espaço de produção e circulação de conhecimento: a internet.

Penso, junto com Cristiane Dias e Olivia Ferreira do Couto (2011) que as redes sociais desestabilizam a ordem que as instituições de ensino e de pesquisa vêm promulgando ao longo dos anos enquanto “espaços discursivos logicamente estabilizados, administrados, nos quais, através de regras, normas, técnicas materiais, supõe-se que o sujeito sabe do que se está falando, pois quem lhe fala está estabelecido como detentor do saber e responsável” (DIAS e COUTO, 2011, p. 644). Nesse sentido, a produção de saberes nos espaços virtuais poderá tensionar as pesquisas para um olhar mais ampliado das identidades e diferenças dos sujeitos.

Uma das primeiras coisas que se fizeram sentir quando pensei os textos acadêmicos junto aos textos produzidos por grupos de Facebook foi a multiplicidade que se apresentava nesses segundos. Enquanto que muitas pesquisas acadêmicas lançavam olhar às identidades já mencionadas, os grupos de discussão na internet buscavam, cada vez mais, explorar as transgressões ao binário de gênero. Um *tumblr* muito popular à época (e que dividia opiniões entre os que concordavam ou não com suas informações)

⁶ Sinalizo aqui uma percepção que não me aprofundi a pesquisar: certo distanciamento das pesquisas acadêmicas em relação às identidades bissexuais.

se intitula *Espectrometria não-binária*⁷. Entre outros saberes, o site construía listas do que intitulava gêneros não-binários, listas de nomes que poderiam ser adotados que não tinham marcações de gênero feminino ou masculino, listas de privilégios que pessoas binárias possuíam, artigos com informações sobre gênero (e não-binaridade de gênero).

Argumento que a internet – e, em especial, as plataformas de interação, diálogos e encontros – foi um fator muito importante para a produção dessas “novas” identidades e diferenças. As identificações podem surgir por comparação de histórias de vida: a construção de relações sociais se torna peça-chave para um melhor entendimento da própria identidade de gênero e enquadramento social, como apontou Anne Fauto-Sterling (2006, p. 40).

Associado à questão da internet está o atravessamento geracional: percebi que, em geral, eram jovens que estavam movimentando esses conhecimentos nos grupos de rede social. Marco Polo Silva e Shirlei Sales (2016) pensam a constituição de uma juventude ciborgue, sinalizando que a “presença dos/as jovens no ciberespaço produz novas maneiras de vivenciar a identidade juvenil e de produzir uma cultura própria do ciberespaço, a cibercultura” (SILVA e SALES, 2016, p. 6). Nesse sentido, podemos ter juventudes produzindo culturas juvenis que serão atravessadas por outras maneiras que lidar com (e problematizar) os gêneros e sexualidades.

Acredito que esses fatores (os novos movimentos sociais, as interações pela internet e as juventudes) não estão apenas na encruzilhada da minha relação com a não-binaridade de gênero, mas – e, talvez, principalmente – são características que dizem de um tempo de produção de conhecimento mais plural, que permitem parte de um programa de pós-graduação em Educação se debruçar em torno da temática. Eles, ao mesmo tempo, não estão descolados: os sinos da aurora são o amanhecer de Granada e a madrugada de Córdoba. Os movimentos LGBTTI e feministas são produzidos e/ou ganham força nos espaços virtuais. Sem tais fatores, bem como toda a produção em gênero, sexualidade e educação que precede essa pesquisa, seria, provavelmente, impensável investir nesse estudo.

Tendo reconhecido um pouco desse tempo-aurora em que me situo, com um pouco de suas potencialidades, possibilidades e limitações, prosseguirei com este retalho

⁷ Tumblr é uma plataforma digital de blogging que permite aos inscritos publicarem textos, imagens, vídeo e áudio. O tumblr em questão pode ser acessado a partir do link: <http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/>

Ele havia encerrado suas atividades no ano de 2016, mas voltou a disponibilizar todo material no ano de 2017.

trazendo as duas pesquisas que movimentaram e movimentam meus investimentos na não-binaridade de gênero. “*Diversidade de gêneros e ensino de biologia: casos de prazeres e corporeidades não-binárias*” (2015) e “*“Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher”: tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero*” (2018) servirão de base para pensar os sentidos que dei e dou à não-binaridade de gênero, bem como eu fui aprendendo e problematizando tais sentidos.

• Identidades •

Eu era.

Eu fui,

Mas não sou.

Eu era...

(Oh, fauce maravilhosa
a do cipreste e sua sombra!

Ângulo de lua cheia.
Ângulo de lua sozinha.)

Eu fui...

A lua estava brincando,
dizendo que era uma rosa.
(Com uma capa de vento
meu amor se atirou nas ondas.)

Mas não sou...

(Ante uma vidraça quebrada
caso minha lírica roupa.)
(LORCA, 2004, p. 315)

O ser-lorquiano que se movimenta nas identidades. O poema, do livro *Canções* de 1924, aciona o verbo *ser* para dizer das experiências, para se colocar no mundo e narrar a si mesmo. Lorca era, *foi*. Mas Lorca *não é*. As identidades são relacionadas aos ângulos e a quebra da vidraça parece dizer de suas insuficiências, parece ser mais justa com o lirismo das experiências.

Em outubro de 2014 conheci o site *Espectrometria não-binária*. Ele traz informações daquilo que estava se construindo como não-binaridade de gênero e costuma ser utilizado como fonte de argumentos a diversas discussões que ocorriam no âmbito das redes sociais. Quando comecei a pensar uma monografia para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que atravessasse em gêneros, sexualidades e ensino

de biologia, decidi que os assuntos que ali se movimentavam serviriam de foco para minha escrita. Nesse sentido, incorporei aquelas verdades.

Escrevi àquela época no meu projeto de monografia:

Sendo assim, é inadmissível uma instrumentalização da biologia que reforce uma ideia contra a identificação de indivíduos à não-binaridade de gênero, que se define como uma identidade de gênero que escapa da simplicidade mulher ou homem, ou seja, indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade e fluidez em suas identificações. Para exemplificar podemos observar identidades como: bigênero, agênero, andrógine, neutrois, demigênero, genderfluid, pangênero, aliagênero, terceiro-gênero etc.

(Projeto de monografia. Não publicado. Acervo pessoal)

Revisitando, agora, essas palavras, percebo um voluntarismo forte de minha escrita na defesa de um ponto: a não-binaridade de gênero enquanto identidade. Acreditava que, para ser coerente dentro de uma proposta de pesquisa em Educação, a *não-binaridade de gênero* deveria ser pensada como *gêneros não-binários*. Assim, teríamos certas características próprias da identidade que facilitaríamos a legibilidade dessa experiência. Encarava, ainda, que ao conferir identidade ela traria certa eficácia discursiva, material e política – o que poderia eu almejar de uma pesquisa na área de educação para além da eficácia política?

Ora, a partir desse pensamento construí a monografia na perspectiva da diversidade (o próprio nome já dizia: “diversidade de gêneros e ensino de biologia...”). Existiam gêneros para além do binário feminino/masculino, outras tantas construções que mereciam um olhar atento de uma pesquisa. Defendi tal argumento e me construí como pesquisador de identidades, ajudando a inserir a não-binaridade dentro do debate acadêmico nessa mesma perspectiva. Por isso, me proponho a pensar brevemente a não-binaridade de gênero enquanto possibilidade identitária.

Para movimentar essa discussão trago uma série de imagens produzidas pelas pessoas que administram o conteúdo do *Espectrometria não-binária* e que se identificam como pessoas não-binárias. Essas imagens foram recolhidas por mim no ano de 2015, preservadas nos meus arquivos pessoais, mas, com o retorno das atividades do tumblr, podem ser acessadas online. A proposta das imagens é dizer, resumidamente, quais seriam as possibilidades de gêneros não-binários que já estavam “catalogados” pelo site.

<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>positive</p> <p>gênero positivo. liberação de energia negative -- neutro --positive</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>travesti não-binária</p> <p>travesti que assume uma identidade não-binária. exemplo: travesti gênero-fluido</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>aliagênero</p> <p>um gênero "outro" que é totalmente distinto de feminino e masculino</p>
<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>terceiro-gênero</p> <p>gênero totalmente distinto de feminino e masculino</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>gênero-fluido genderfluid</p> <p>mudança de um gênero a outro</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>transmasculino</p> <p>masculino de centro, mas não totalmente masculino</p>
<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>neutrois neutre</p> <p>gênero neutro. balanceamento de todos os gêneros</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>genderflux fluxo de gênero</p> <p>mudança na intensidade do gênero</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>andrógine</p> <p>meio-termo entre o feminino e o masculino</p>
<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>nano-menine</p> <p>pouquíssima identificação com um gênero não-binário</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>intergênero</p> <p>meio-termo entre dois gêneros quaisquer</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>nanogirl nano-menina</p> <p>muito pouco feminina</p>

<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>nanoboy nano-menino</p> <p>muito pouco masculino</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>demi-menine</p> <p>parcialmente de um gênero não-binário</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>demiboy demi-menino</p> <p>parcialmente masculino</p>
<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>panflux pangênero + genderflux</p> <p>infinitos gêneros e nenhum gênero</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>demigirl demi-menina</p> <p>parcialmente feminina</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>pangênero</p> <p>enorme multiplicidade de gêneros, infinitos gêneros</p>
<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>poligênero</p> <p>muitos gêneros, mas com exceções</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>agênero</p> <p>ausência de gênero. sentir que o conceito de gênero não se aplica</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>trigênero</p> <p>quaisquer três gêneros simultaneamente</p>
<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>bigênero</p> <p>quaisquer dois gêneros simultaneamente</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>graygênero</p> <p>sensação de forte contradição natural a respeito do próprio gênero, gênero indeterminado</p>	<p>Gêneros não-binários resumidos:</p> <p>crystaline crystagender</p> <p>um gênero que quebra/ fratura em vários gêneros diferentes</p>



Imagem 5: *Definições de gêneros não-binários*
Fonte: Arquivo pessoal

Cansativo? Confuso? “Caixas” demais?

Há muito o que se pode discutir a partir das imagens e definições encerradas nas mesmas: a intersecção entre as (im)possibilidades de gênero; a ideia de diversidade; as linguagens utilizadas para dizer dos gêneros; os engendramentos com o próprio binário de gênero que parece balizar muitas das identidades; as proximidades das definições; a dificuldade de materializar expressões para tantos gêneros; e outros tantos atravessamentos. Acredito que esse movimento criado pelo tumblr exponha a necessidade do enquadramento das experiências para possibilitar as existências e a necessidade de existir na linguagem para existir efetivamente, para ter lugar enquanto sujeito de gênero digno de vida. O movimento de nomear e explicar cada existência produz um saber e, automaticamente, relações de poder. Essa produção, invenções de uma verdade, possibilita alguns questionamentos: quem ocupa esse lugar da verdade? Quem pode dizer e explicar cada existência? Explicar para quem?

Entretanto, proponho aqui atacar apenas duas questões: i) o que pressupõe a identidade? Ou seja, o que implica defender a(s) não-binaridade(s) de gênero enquanto

identidades. O que pode querer dizer uma identidade não-binária ou uma identificação com um gênero não-binário? E, pensando junto com Stuart Hall (2000), ii) quem precisa da identidade? Em outras palavras, por que é potente (ou não) criar uma lista (assumidamente incompleta) de 30 possibilidades identitárias para o gênero?

Antes de realizar esses dois movimentos é importante reconhecer que o conceito de identidade é plural e complexo. Há muitas pesquisas e diferentes perspectivas, enfoques e intenções quando se trabalha com grupos identitários ou o conceito de identidade em si. Stuart Hall indica: “como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições que estão sendo apresentadas” (HALL, 2011, p. 8-9). Assim, vou pensar a identidade a partir de estudos pós-estruturalistas e culturais – o que ficará bem marcado se observar as autoras e autores com quem me filio.

Tendo dito isso, (re)corro a Kathryn Woodward para discutir o que significa pensar não-binaridade de gênero como uma identidade. No capítulo da autora no livro *Identidade e diferença* (2000) é possível mapear seis elementos que atravessam as identidades e que irei trabalhar aqui em consonância com a monografia que produzi em 2015.

O primeiro desses elementos é que as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8). Como já explorado, estamos engendrados em um sistema de classificação, simbólico e de linguagem binária. Assim, quando pretendemos descrever a não-binaridade de gênero acionamos o sistema do binário feminino/masculino – como ocorre em muitas das definições apresentadas nas imagens. O próprio nome escolhido para dizer de algumas experiências de gênero indica para isso: transfeminina, demi-menino, travesti não-binária, transmasculino etc. Se olharmos as explicações, isso se intensifica: “parcialmente feminina”, “parcialmente masculina”, “muito pouco masculino”, “masculino de centro, mas não totalmente masculino” etc. Pode se imaginar, a partir disso, que não apenas os nomes dos gêneros e as explicações irão estar atravessadas nesse sistema de representação binário, mas também toda a performance de gênero: a escolha do nome, seleção de roupas, acessórios, modificações corporais.

Ainda assim, será justamente por conhecermos bem esse sistema binário que poderemos perceber qualquer legibilidade em uma identidade não-binária. Será por ter uma percepção do que é totalmente feminino ou totalmente masculino dentro do

sistema que perceberemos as marcações identitárias da não-binaridade: o trânsito, a mistura, o rompimento/atravesamento das fronteiras, a fluidez.

Entretanto, poderá haver tensionamento desse “aprisionamento” a esse sistema simbólico como é o caso de uma das pessoas entrevistadas na monografia:

E eu não acho necessário ficar explicando como eu me sinto em tal momento. Porque, não sei, ainda sou meio confusa quanto a isso tudo. Porque é complicado você explicar como eu me sinto dentro da não-binaridade. Não vão ser coisas binárias que vão significar como eu me sinto, sabe?! Me sinto tipo, “sabe um homem...” não é desse jeito. Não é “como uma mulher...” não é. Então, é complicado pra caraca. Eu acho estranho.
(Estudante 4 – 2015)

Quando penso numa defesa da não-binaridade como uma identidade caio, assim, em alguns questionamentos feitos a partir da provocação dessa pessoa: uma identidade que se propõe não-binária poderia ser plenamente explicada utilizando uma estrutura da matriz binária? As palavras seriam suficientes? Há possibilidade de construir palavras para não-binaridade? Poderíamos dizer que falta sistema?

Isso nos lança ao segundo elemento tratado por Kathryn Woodward, uma identidade é relacional. Nesse sentido, tratar a não-binaridade é (se) relacionar diretamente com a binaridade. Acredito que pensá-la como identidade, nesse ponto em específico, seja sinalizar que iremos construir um pertencimento identitário a partir do encontro com os outros: seja quando nos diferenciamos daquilo que encaramos como totalmente feminino e totalmente masculino, seja quando nos aproximamos de experiências (que estão sob o nome de *gêneros não-binários*) e que são próximas às nossas. Assim, a construção se daria tanto numa rejeição ao binário (ainda que utilizando o sistema para dizer dessa identidade) quanto numa ligação, por exemplo, com uma das definições de gêneros que o site *Espectrometria não-binária* traz.

Foi o movimento de pensar o quão relacional é uma identidade que realizei na monografia e que vi corroborado pelas narrativas com as “pessoas não-binárias”:

Eu vim para o Rio em 2010 pra fazer engenharia e eu me descobri uma pessoa trans-masculina não-binária em, acho que uns, acho que não tem nem um ano, mais ou menos. Comecei a estudar, pelo feminismo eu descobri a transexualidade e comecei a estudar e me identifiquei bastante. Aí você começa a entrar naquela fase de negação: “Eu não sou trans.” Não é uma categoria que você quer estar. Mas aí como as identificações eram muitas e eu acabei me identificando como trans: “Não, eu sou

mesmo isso, porque tudo o que as pessoas viveram e tudo o que elas passaram eu me via na história das pessoas”.

(Estudante 2 – 2015)

Para além das problematizações realizadas nesse texto (o engendramento simbólico para dizer da não-binaridade, a própria ideia de haver um binário uniforme e fixo, a identificação a partir de experiências próximas, a transexualidade e a não-binaridade tidas enquanto categoria), quero pensar aqui no risco de cairmos em um novo binário, dessa vez definido pela construção de um pertencimento binário *versus* não-binário. Para uma monografia que se pretendia desestabilizadora dos binários (de início o binário feminino/masculino e, depois, de outros que se relacionavam à Educação), me parece equivocada a defesa de uma perspectiva que acabe nessa nova construção. Mas, como se deslocar de um pensamento que constrói mais e mais binários? A identidade, sendo relacional, pressupõe binários? Há possibilidades de escape?

Acredito que a terceira proposição que trago para essa discussão possa ajudar a tensionar ainda mais esses questionamentos: a identidade é “marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9). Como adiante irei adentrar no pensamento da diferença mais a fundo, me permito discutir por ora apenas alguns aspectos.

Para Woodward (2000), só há possibilidade de delimitar fronteiras identitárias balizando o que está dentro a partir daquilo que deixamos de fora. Assumir uma identidade não-binária pode ser dizer que nenhuma das masculinidades ou feminilidades conhecidas comportam as experiências. Como faz uma das pessoas em uma entrevista da monografia:

Eu me descobri agênero faz um ano, um ano e alguns meses, na verdade mais ou menos, quando eu comecei a me identificar como agênero. Eu sempre tive essa coisa de não conseguir me identificar bem com nenhum dos gêneros, isso foi uma coisa que sempre me incomodou um pouco.

(Estudante 3 – 2015)

No trecho poderíamos pensar a identidade *A-gênero* muito mais como uma identidade “A-binário”, em especial se nos propomos a defender que existam gêneros para além do feminino/masculino. Percebo, pela leitura de Kathryn Woodward, que a identidade necessita da negação da diferença – o “a” como prefixo que nega, “anti”. Assim a NÃO-binaridade enquanto identidade aloca o binário feminino/masculino

enquanto diferença – o que não deixa de ser um movimento interessante (pensando na dificuldade que a categoria “diferença” traz para um enquadramento de experiências). Entretanto, não podemos novamente cair nos perigos de, ao identitarizar a não-binaridade, tratá-la como uma (Eu) e tratar o binário como O outro (no lugar de oS outroS). Pensar identitariamente é caminhar em direção à diversidade. Haverá pluralidade dentro da própria não-binaridade:

Eu prefiro falar: “Gênero Fluido”. E Gênero Fluido é só uma coisa guarda-chuva para os gêneros que eu me sinto.
(Estudante 4 – 2015)

E então chegamos à quarta construção da autora: ver que a identidade se sustenta tanto na afirmação quanto na exclusão. Assim, a não-binaridade enquanto identidade será negociada com as diferenças e outras identidades dentro de um universo da diversidade. É o que defendi na monografia quando (re)produzi o chamado espectro de gênero: identidades balizadas pelo binário e que vão construir afirmações ou exclusões para se definirem.

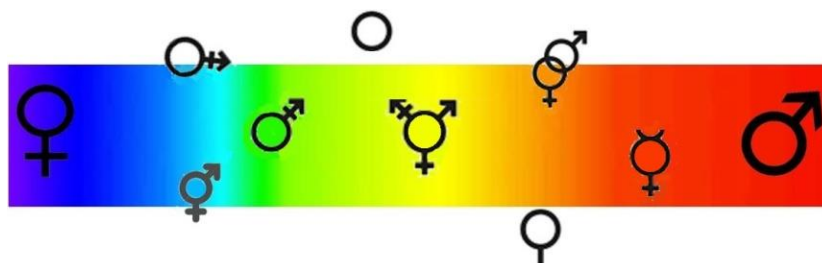


Imagem 6: *Espectro de gênero*. O polo vermelho simboliza o a identidade 100% feminina e o azul, 100% masculina. Nas cores do espectro entre os polos e fora da linha se localizam os inúmeros gêneros não-binários – meramente representados por alguns ícones já definidos.

Fonte: DOS REIS e PINHO (2016, p. 14)

Pensava no espectro como a materialização da diversidade, a materialização gráfica dessa negociação entre o que se entende por feminino e o que se entende por masculino. Pensei aquelas narrativas como identidades: afirmações e exclusões. Localizações. Seria legível tentar alocar cada um dos 30 gêneros da lista em algum ponto.

Não considero, entretanto, que pensar identitariamente seja tornar as territorialidades de um espectro como territórios fixos (identidades rígidas). Pensando com Stuart Hall chego à quinta discussão, a identidade como uma “celebração móvel”:

formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p. 13). Em outras palavras, a identidade é um processo flexível. Quem se identifica como não-binário, provavelmente, já se identificou dentro do binário. E, para além, a identificação não parece ser completa, mas fragmentada e aberta a (re)(des)construções. Como indica a narrativa:

Me identifico como bi desde 2007 (me assumi em 2008), como trans não-binário em julho de 2013 e como pan e neutrois desde agosto de 2014. O sentimento de gênero dominante pra mim é neutralidade, e posso resumir meu gênero como neutrois, o que tenho feito desde agosto de 2014. O nome completo atual do meu gênero, que pude formar em março de 2015, é blurfluximprigênero de cadoneutrois e pangênero. Essa é provavelmente entre a décima e a vigésima designação que invento para explicar meu próprio gênero não-binário.
(Estudante 1 – 2015)

Esse trecho me movimenta a pensar em dois sentidos interessantes que dizem da identidade: o primeiro que ela é provisória. A pessoa que continua a dar nomes incompletos para dizer de sua experiência de gênero. A pessoa que parece não se incomodar com o trânsito, mas que já se utilizou de vinte identidades para significar suas vivências. O segundo é que ela é uma invenção. Recuso, ainda que tenha pensado a não-binaridade enquanto identidade, qualquer essencialismo. Se o binário de gênero é construído socialmente, a transgressão a ele não poderia ser diferente. A invenção pode ser um guardar “consigo o ato de resistir, de inventar uma nova resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p. 56). Inventar uma nova nomenclatura de gênero é, assim, um próprio (re)inventar-se, pensar em novas formas de se movimentar simbólica e socialmente.

E então trago para a discussão o último atravessamento apontado por Kathryn Woodward: “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (2000, p.10, *grifos da autora*). A relação dessas duas dimensões trará conformações identitárias não apenas para as pessoas, mas também para qualquer coisa que se engendre nas políticas de certa identidade. Quando pensamos as questões de gênero, por exemplo, construir uma identidade não-binária será perpassar por esses fatores de ordem tanto material quanto subjetiva. É o que parece mostrar mais uma entrevista da monografia:

Já tem bastantes meninos tomando este tipo de nomenclatura pra si: “sou homem trans não-binário”, porque a gente quer se harmonizar, a gente quer passar por tudo, então tem alguma coisa ali que a gente acha que não é certo, então a gente não concorda com binários de gênero então a gente vai contra isso. Tipo, eu sou um homem trans e posso usar batom, por que eu não posso usar batom?! Posso usar sim. Eu posso pintar minhas unhas e se eu quiser comprar roupas femininas, por que eu não vou comprar?! Vou continuar sendo um homem da mesma forma, usando batom ou não, usando salto ou não, usando maquiagem ou não, usando cabelo grande ou não, então é isso.

(Estudante 2 – 2015)

Pensando a narrativa e indo ao encontro da autora, o esforço para a afirmação de uma certa identidade terá tanto causas quanto consequências na materialidade. Assim, as proposições expressas na narrativa, os modos de ser/estar/fazer que ali vibram, o argumento de utilização de acessórios e modificações corporais irão repercutir socialmente, causar desestabilizações, rejeições, aprovações, exclusões etc. Pensar a não-binaridade de gênero como identidade, nesse sentido, servirá para desestabilizar o próprio binário de gênero: dizer de sua invenção, questionar sua estrutura simbólica e social.

Todos esses atravessamentos podem ser esgarçados quando nos debruçamos sobre as não-binaridades enquanto identidades. Outros questionamentos poderiam ser feitos: o que é preciso ter para algo se constituir como identidade? “Apenas” um pertencimento subjetivo (e não digo que isso é o que ocorre em todos os casos) é suficiente? A não-binaridade pode (deve?) ser entendida como uma identidade cultural? Reconhecemos uma história, uma cultura, uma linguagem que diz da não-binaridade? O que significa dizer “sou não-binário”? Que armadilhas e potencialidades estão imbricadas nessa fala?

Para além dessas questões – que considero extremamente potentes – quero pensar, para finalizar temporariamente essa discussão de identidades, uma outra interrogação já anunciada: quem precisa da identidade? Ou melhor, em outras palavras, se os sujeitos não-binários se propõem ao rompimento das fronteiras e já questionam algumas ordens sociais que encerram experiências, por que anseiam por identidades?

Em uma leitura lacaniana, Kathryn Woodward diz da existência de

um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio dos sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos pelos outros. Tendo, inicialmente, adotado uma identidade a partir do exterior do eu, continuamos a nos identificar com aquilo que queremos ser, mas aquilo

que queremos ser está separado do eu, de forma que o eu está permanentemente dividido no seu próprio interior (2000. p. 64).

Nesse sentido, é interessante destacar que não são apenas as pessoas que se identificam como não-binárias que terão necessidade da identidade, mas todas as pessoas que se fixam em identidade de gênero. Na nossa constituição enquanto sujeitos de gênero, desde crianças, somos impelidos a pensar dentro de algo, a nos sentirmos pertencentes. Para Lacan, mostra a autora, essa subjetivação parece ocorrer em relação à figura do *eu* em oposição à figura materna. E, a partir de então, somos culturalmente cobrados: temos um nome, frequentamos escolas que nos dividem por faixa etária e gênero, somos perguntados de nossas identidades sexuais, nos classificamos em raça e etnia, etc.

E talvez seja exatamente essa a motivação que atravessa o sujeito Ainda que construa o desejo de romper com a estruturação binária, não necessariamente irá construir o desejo de romper com a necessidade de identificar-se. O sentimento de pertencimento, ainda que imponha quaisquer fronteiras, talvez seja mais confortável que se colocar sempre à margem das questões identitárias.

Mas, claro, há quem narre a não-binaridade na margem, na fronteira, desterritorializada. E é aqui que encaminho, então, para pensar a não-binaridade enquanto diferença, não diversidade. É o movimento que tenho realizado nesta pesquisa de mestrado e que tenho considerado mais potente.

• Diferenças •
 Pelos ramos
 indecisos
 ia uma donzela
 que era a vida.
 Pelos ramos
 indecisos.
 Com um espelinho
 refletia o dia
 que era um resplendor
 de sua frente limpa.
 Pelos ramos
 indecisos.
 Sobre as trevas
 andava perdida,
 chorando orvalho,
 do tempo cativa.

Pelos ramos
indecisos.
(LORCA, 2004, p. 261)

Os ramos indecisos, a vida, o andar perdido, o dia refletido. As pistas que Lorca lança no livro *Primeiras canções* de 1922 podem nos dizer da construção da diferença. O pretérito imperfeito diz de um movimento inconcluso – ou incompreendido –, um caminhar *indecidível*.

Tendo finalizado a monografia, o meu primeiro movimento de pesquisa atrelado à não-binaridade de gênero e relacionando essa às questões identitárias – contribuindo para inseri-la no campo acadêmico através dessa perspectiva –, iniciei o mestrado em Educação. Foi um começo de uma nova pesquisa, mas que estava engendrada em antigas verdades que construí na anterior.

Entretanto, foi durante o ano de 2016 que pude entrar em contato com pesquisas e pessoas que faziam vibrar em suas escritas a categoria *experiência*. A categoria que ousei não definir, mas que se fez atravessamento. O encantamento do pesquisador e a conexão com a pesquisa se fizeram experiência na escrita e na leitura. Foi quando entendi com Roney Polato de Castro (2014) que uma pesquisa-experiência se constrói em um percurso de (des)subjetivações, em um percurso que vai “modificando a forma ‘pesquisador’, amolece, endurece, deforma, reforma e vai assumindo outros formatos, também provisórios e momentaneamente satisfatórios, para dar conta de viver a pesquisa e pesquisar a vida” (CASTRO, 2014, p. 21).

Junto à experiência conheci mais a fundo o campo dos estudos pós-estruturalistas e iniciei um período de problematização daquilo que encarava como verdade: a identidade não-binária. Pensando sempre que “não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 11), fui ao campo aberto a rompimento. Foi ele que me instigou e comecei a questionar essa construção e colocar em xeque a própria potencialidade (e necessidade) do identificar-se(me). Passei a me debruçar sobre a não-binaridade enquanto *diferença*.

Por isso, proponho atacar apenas duas questões: i) o que pressupõe a diferença? Ou ainda, o que não pressupõe a diferença? E, pensando junto com Derrida (2001), ii) quais as potencialidades do “não”, do “nem isso, nem aqui”? Em outras palavras, por que é interessante (ou não) afirmar-se na negação: “não sou binário”? Utilizo, a partir de agora, as narrativas que produzi com Elfo, Irene e Netuno.

Para iniciar os ataques, escolho pensar a diferença a partir da mesma perspectiva que pensei a identidade: as pistas que Kathryn Woodward (2000) e Stuart Hall (2000; 2011) lançam – e também Gilles Deleuze (1988), Tomaz Tadeu da Silva (2002) e Elizabeth Macedo e Alice Casemiro Lopes (2011). Assim, elenco seis atravessamentos que considero importantes quando se pensa a não-binaridade nessa perspectiva.

O primeiro ponto que discuto é aquele que Kathryn Woodward traz para dizer que a diferença pressupõe hibridismo e heterogeneidade: a diferença como aquela experiência em que não mais é possível a classificação ou identificação, a delimitação de uma fronteira, o enquadramento, o resumo em uma unidade básica, mas que é cercada por elementos das identidades (mesmo colocando em suspensão tais elementos).

E eu acho que o meio disso [do *ser homem* e do *ser mulher*] é o perfeito assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa.

(Netuno – Conversa 1)

Hibridizar-se, como indica o movimento de Netuno, é parte da produção da diferença, da criação de, nos termos de Homi Bhabha (1996), um “terceiro espaço”: “o hibridismo para mim é o ‘terceiro espaço’ que possibilita o surgimento de outras posições” (BHABHA, 1996, p. 37). Esse espaço (ou novas posições espaciais, novos espaçamentos), entretanto, não pode ou deve ser considerado como uma nova identidade, mas justamente como a introdução de uma diferença na geometria do gênero. Uma geometria que se propõe a preencher de olhares todos os espaços intersticiais. Relaciono essa ideia com a proposição deleuziana de *entre-lugar*, um (des)território que configura-se como

não fixidez, como possibilidade estratégica que permite a ativação de temas incompatíveis, a introdução de um mesmo tema em conjuntos e situações diferentes. [...] São sítios onde se articulam elementos do passado e do presente, do interior e do exterior, da inclusão e da exclusão: caracterizam-se pelo interstício, pela fenda, pela brecha. (FISCHER, 2010, p. 146).

Nesse sentido, pensar a não-binaridade de gênero enquanto diferença implica em rejeitar uma atitude territorializante, que buscava fixar as experiências em fronteiras

bem estabelecidas. As fronteiras, os limites, aqui são borrados, embaçados e, então, podemos esgarçar a própria ideia de fronteiras de gênero. Não é mais interessante experienciar a não-binaridade apenas como uma nova identidade que joga com as identidades hegemônicas de feminino e masculino, lançando-se de “uma para outra e reciprocamente”, mas no máximo como um identificar-se/diferenciar-se (em verbos, em movimentos perpendiculares, em entre-lugares).

E então, somos lançados à segunda implicação da diferença que escolho discutir com a não-binaridade de gênero: sua ilegibilidade. A ideia é explorada por Derrida no campo dos estudos linguísticos, mas acredito ser potente para pensarmos, uma vez que: se não há território, espaço conhecido, lugar... como podemos ler? Como podemos, aliás, (d)escrever?

O que Derrida apresenta é:

Por ilegível vou compreender aqui, em particular, o que não é dado como um sentido para ser decifrado através de um script. Geralmente, pensa-se que ler é decodificar, e que decodificar é atravessar as marcas ou significantes na direção de um sentido ou na direção de um significado. Bem, o que se experimenta no trabalho desconstrutivo é que, muitas vezes, não só em certos textos em particular, mas talvez no limite de qualquer texto, há um momento que ler consiste em experimentar que o sentido não é acessível, que não há sentido se escondendo atrás de signos, que o conceito tradicional de leitura não resiste à experiência do texto; e, conseqüentemente, que o que você lê é uma certa ilegibilidade. (DERRIDA, 1986, p. 162)

Assim, quando lançamos olhar à produção da diferença, passamos pela ilegibilidade desse processo, a imprecisão, a falta de território simbólico legível para dizer de uma experiência. A não-binaridade de gênero pode evocar signos e símbolos do binário de gênero, entretanto, podemos utilizar a mesma perspectiva de significado e significante para dizer dela? Todos esses elementos não podem ser e são (des)(re)construídos?

Quando Derrida aponta que o “conceito tradicional da leitura não resiste à experiência do texto” relaciono com as experiências e narrativas que foram sendo produzidas nessa pesquisa. Nosso conceito tradicional de gênero, seu limite de construção binária, seu dimensionamento apenas em ser mulher/ser homem talvez possa não resistir às experiências na diferença que vêm sendo produzidas. Talvez seja potente, assim, pensar como se produz essa resistência às experiências, à expansão dos

conceitos tradicionais, ao trabalho desconstrutivo. Derrida lança outra pista também potente: “não só em certos textos em particular, mas talvez no limite de qualquer texto”. Nesse sentido, acredito que pensar o texto específico da não-binaridade como diferença seja tensionar o limite de qualquer texto do binário de gênero, seja explorar os limites do binário, lançar todo o gênero ao estranhamento da diferença.

Pode ser um movimento interessante, como o que Netuno ataca em uma das suas narrativas quando conversávamos sobre as resistências de outras pessoas às suas expressões de gênero:

Os preconceitos que sofri e sofro, é por eu estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede, por exemplo eu tenho corpo feminino e tô vestida de forma masculina. As pessoas, quando eu chego num lugar, já olham pro meu peito, pra ver se eu tenho peito, pra ver se eu sou uma menina mesmo. As pessoas ficam querendo saber.

[...]

É aquela coisa né, o corpo feminino tem que acompanhar acessórios femininos e vestimentas femininas, e o masculino a mesma coisa: acessórios masculinos e vestimentas masculinas. E quando você mistura os dois num corpo só as pessoas ficam mais confusas ainda. Elas ficam tipo “ah mas você não é sapatão? Mas você não é...”. Não sei, confunde as pessoas. Aí tem gente que enxerga na maldade, tem gente que enxerga com olhar de ignorância mesmo, de não saber o que é, mas não de maldade. Curiosidade. Às vezes não sabe fazer a pergunta da forma correta, mas a gente sabe quando é na maldade e quando não é.

(Netuno – Conversa 1)

Expressar-se é se colocar à disposição de leitura. Montar-se pode ser querer ser lido de uma forma específica. Estar incoerente com o padrão da linha de montagem é estar ilegível. E, quando há impossibilidade da leitura realizada a partir da uma chave de classificação clássica (a referência hegemônica dos gêneros), abre-se espaço para a invenção outra leitura, que pode colocar o sujeito no lugar do estranho, do desconhecido. Pensar a não-binaridade de gênero enquanto diferença, nesse ponto, implica em fomentar a confusão, como relata Netuno. Quando os significados e significantes conhecidos já não servem mais para ler aquele corpo, aquela roupa, aquele acessório, aquele cabelo etc., as consequências da ilegibilidade se materializam (seja em violência, seja em curiosidade). Os símbolos e significados podem até ser conhecidos (como o uso de um batom ou uma blusa larga), mas a conjugação deles é que torna também o corpo estranho – como uma palavra formada por letras conhecidas, mas que não se encaixa no idioma como um todo: uma leitura muito parcial que possibilita uma interpretação equivocada.

Não há previsão para o desdobramento da relação que se estabelece na ilegitimidade, na diferença. Como discuto em outros momentos desse texto, a maior parte dos casos está ligada ao desconforto, a uma tensão que se expressa, em especial, na exclusão e rejeição. Assim, em um primeiro momento podemos pensar no processo de abjeção. Mas, em movimento paralelo, é também possível a produção do encantamento, do fascínio. O que seria dessa pesquisa sem essa possibilidade tangencial?

Passando ao terceiro ponto, direciono essa discussão para pensar como a diferença está imbricada em multiplicidade. Pensando com Tomaz Tadeu da Silva, “a multiplicidade é a capacidade que a diferença tem de (se) multiplicar” (2002, p. 66). Assim, ela não pode ser considerada enquanto pluralidade ou diversidade, como explorei nos processos identitários. Como a diferença, a multiplicidade é evasiva, é rizomática. Podemos com ela perceber os desdobramentos da diferença, as reverberações e as novas produções, mas isso não significa dizer que esses processos se constituem de forma a criar limites, fronteiras e identidades.

Quando penso essa questão no gênero (e na não-binaridade dele) entendo que as pessoas irão experienciar a diferença ao binário de múltiplas (e infinitas, talvez) maneiras, sem que se estabeleça a necessidade de fixação em uma forma específica de experienciar, definir ou nomear o seu gênero, a sua expressão. Como indica João Manuel de Oliveira (2012) ver a multiplicidade no gênero tem sua potência uma vez que

essa multiplicidade fomenta as possibilidades de pensar o gênero de forma cada vez mais complexa e emancipatória. É essa sua ambivalência e definição múltipla que o tornam aliciante para pensar com ele as possibilidades dos feminismos contemporâneos, marcados e habitados pelo múltiplo e não pelo uno. (OLIVEIRA, 2012, p. 51).

As narrativas dessa pesquisa indicam para essa complexidade e exploração das possibilidades. Quando se questiona sobre a necessidade (ou obrigação) de uma identidade binária, muitas vezes se questiona junto a necessidade mesmo do identificar-se. É o movimento que Elfo costuma realizar nas conversas:

Tem uma menina lá do grupo que falou que eu seria *demiboy*. Aí eu falei com ela “ah, não sei. Eu me defino como gente e acho que isso já tá bom demais”. Pra mim tá bom demais. Já está ótimo. Eu falei assim “ser gente no mundo é tão difícil hoje que então eu acho que já tá bom demais”. Aí ela ficou toda assim. Mas eu não falei por falar. É isso. Eu não me defino não. Eu acho que quanto mais limites você por, mais limites você

vive. Você se limita o tempo inteiro. Tipo “ah se você é *demiboy* você tem que andar assim e assado; se você é aquilo você tem que andar assim, assim, assim e assado; se for mulher assim, assim assim...”. Não. Quanto menos regras você colocar, tipo, vai ser feliz. Vai ser feliz. E vai ser gente, não ter que ser aquilo ou isso. Vai correr atrás da sua felicidade do jeito que você achar melhor, do jeito que você se sentir melhor. Sei lá. (Elfo – Conversa 1)

Assumindo a perspectiva de Elfo ao pensar que cada pessoa irá experienciar a não-binaridade de um jeito – em outras palavras, irá se diferenciar do binário de sua maneira – e que “*quanto mais limites você por, mais limites você vive*”, acredito que quantas são as pessoas, quantas são as experiências, quantos são os terceiros-lugares a preencher. A multiplicidade de sentidos (e sentires) que vão se produzindo para a não-binaridade de gênero aproximam-na da perspectiva da diferença. É por ser atravessada pela diferença que é possível pensar percorrendo tantos caminhos, adentrando em tantos mares.

O quarto ponto que acredito ser potente é pensar que *diferença* não quer dizer *diferente* (SILVA, 2002, p. 66). Assim, como já apontado, se pretendemos encarar a não-binaridade enquanto diferença ela perderá sua força quando categorizamos uma “pessoa não-binária” ou quando fazemos o movimento de territorialização dentro de um espectro. O diferente pode ser considerado uma nova identidade, ainda que difira do padrão hegemônico ou aceitável socialmente. Ele ocupa um território, tem lugar nas hierarquias, está incluso nas políticas identitárias (seja enquanto detentor do direito seja enquanto marginalizado).

Uma política que agregue o diferente, apesar de interessante em alguns casos, não me pareceu ser adequada nessa temática. Seria uma política da diversidade, não da multiplicidade. Pensando com Gilles Deleuze, “o diverso é dado. Mas a diferença é aquilo pelo qual o dado é dado. É aquilo pelo qual o dado é dado como diverso” (DELEUZE, 1988, p. 355). Assim, arrisco pensar que dentro do diverso teremos o idêntico e o diferente, o normal e o anormal, o aceitável e o rejeitável – teremos identidades binárias. Entretanto, não teremos a diferença. Quando as pessoas dessa pesquisa narram experiências parecem rejeitar as identidades que irão compor um quadro diverso. Rejeitam o diferente, mas também o idêntico. Dialogando com Homi Bhabha,

se a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença é um processo de significação do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade (BHABHA, 2007, p. 63).

Pensando então a não-binaridade de gênero enquanto diferença – enquanto um processo de significação – e me aliando à Deleuze, percebo que “quando se lê a diferença como oposição, ela já foi privada de sua espessura própria, em que ela afirma sua positividade” (1988, p. 330). O diferente se opõe ao idêntico. A diferença irá tensionar os padrões que definem a identidade. Nesse sentido a não-binaridade de gênero, enquanto diferença, não se opõe ao binário de gênero, mas o desloca. Preenche os espaços, transita, flui.

Tipo, eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher. Mas eu não sabia o que era. Então eu sempre me assumi mulher e aí falei “ah, sou mulher”. Em pautas feministas assim, “me assumo mulher” e coisas do tipo. Mas eu sempre estranhava quando eu falava “eu sou mulher”.

(Netuno – Conversa 1)

Retomo a narrativa que nomeia este trabalho. A potencialidade da não-binaridade enquanto diferença me parece estar no não-ser. Se para Butler “em certo sentido, o sujeito é constituído mediante uma exclusão e diferenciação, talvez uma repressão, que é posteriormente escondida, encoberta, pelo efeito da autonomia” (1998, p. 21), acredito que as afirmativas se perdem nas narrativas de diferenciação e dão lugar às negativas. O diferente dá lugar ao não-idêntico. Se subjetiva a partir do não-ser, da rejeição, do estranhamento.

Na mesma perspectiva, relaciono a quinta discussão que proponho à diferença: o devir, o adiar de sentidos. No início deste retalho já indiquei meu interesse sobre a *différance*, o adiamento que penso ser potente para dizer dessa temática. Esse interesse faz parte do pensamento da não-binaridade enquanto diferença e não cabe explicar tanto mais. Cabe reforçar apenas que a “*différance* não é, não existe, não é um ente presente (*on*) qualquer que ele seja; seremos levados a acentuar que ela não é; isto é tudo; portanto, não tem existência nem essência” (DERRIDA, 1991, p. 37, *grifos do autor*). Assim, a não-binaridade de gênero enquanto diferença *não é*. Terá sempre sentidos adiados, inacabados, em trânsito. Sua definição interrompida, negada.

Contudo, me cabe investir um pouco sobre a questão do devir. Para Tomaz Tadeu da Silva (2002, p. 66), a diferença é um “devir-outro”. E pensando que devir é rizoma, é contágio, é multiplicidade (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.19), podemos influir que a não-binaridade enquanto diferença não se pretende uma forma definitiva, não se

resume ou se conclui em um formato, mas *tende*. Quando digo que a não-binaridade me parece um devir-outro, aponto para as linhas de fuga, para o escape à normalização, à essência. E caminho em direção à vibração dos terceiros-lugares, dos espaços desterritorializados.

Ultrapassar um limiar atingir um *continuum* de intensidades que não valem mais do que por elas mesmas, encontrar um mundo de intensidades rizomáticas, onde todas as formas se desfazem em proveito de uma matéria não formada de fluxos desterritorializados, de signos assignificantes. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 20).

Nesse sentido, nesse ultrapassar, indico que pensar a não-binaridade como diferença nos expande à possibilidade de rompimentos com os jogos de identidades (sejam essencialistas ou não), com as políticas determinantes que vêm sendo promulgadas acerca dos gêneros e das sexualidades. Michel Foucault (2004) nos traz que os sujeitos estão engendrados em uma situação estratégica de luta em relação a esses jogos de identidade e que

não podemos nos colocar fora da situação, em nenhum lugar estamos livres de toda relação de poder. Eu não quis dizer que somos sempre presos, pelo contrário, que somos sempre livres. Enfim, em poucas palavras, há sempre a possibilidade de mudar as coisas. (FOUCAULT, 2004, p. 268).

Penso que a diferença nos traz essa possibilidade de transitar nos signos assignificados, em outras palavras, nos lança à produção de novas subjetividades ainda não capturadas. Uma das narrativas produzidas por Elfo quando conversávamos sobre utilização da língua, pode servir para exemplificar esse trânsito e possibilidade de ultrapassar marcadores de identidade:

Tem dia que eu uso o “o”, tem dia que eu uso o “a”, tem dia que eu uso o “x”, tem dia que eu uso, sei lá, o “@”. Então depende. Eu não tenho muito esse problema não. Aí tem gente que fala “ah, mas e se te chamar de “a”?”. Ué gente, o que tem o “a”? “E se eu te chamar de “o”? Eu “ah o que que tem?”. É realmente uma letra do alfabeto. Não vai definir quem eu sou. Não vai definir o que eu penso. Não vai definir nada. Eu que tenho que saber quem eu sou. Agora se o outro acha que deve me chamar de “a”, seu ele acha que deve me chamar de “o” ou se ele acha que não deve me chamar de nada... pessoa... humano... tá tudo ótimo. Eu tô feliz desse jeito.

(Elfo – Conversa 1)

Parece-me que, para Elfo, a questão da utilização das flexões que são marcadoras de gênero na língua portuguesa (e, em contrapartida, a utilização das formas alternativas à essas flexões binárias a/o) não é influenciadora quando joga com a não-binaridade. Pensando-as enquanto marcadoras identitárias, tais formas da língua – mesmo sendo subjetivantes – não tomam a centralidade da discussão quando tomamos a não-binaridade como diferença. Nesse sentido, é encarar que, sendo um devir, tal função da língua não pode “*definir quem eu sou*” (porque nada pode).

Vale dizer que observando possibilidades de linhas de fuga para as experiências que visem romper com o binário da língua, Laís Virgínia Medeiros sinaliza que “uma língua que represente a pluralidade de gênero [...] não encontrará suas bases nem suas ferramentas na noção de flexão de gênero conforme proposta pela gramática” (MEDEIROS, 2016, p. 35). Em outras palavras, é necessário um estranhamento dos sentidos, regras e possibilidades que as estruturas linguísticas promulgam. Repensar, testar, esgarçar, ironizar e provocar as palavras – e seus conceitos –, os enquadramentos e possibilidades. Ainda assim, como conclui o trabalho de Laís Virgínia Medeiros essas desestabilizações que podemos fomentar sempre comporão

um jogo de forças constante entre o pré-construído, aquilo que já está posto sobre a língua (as normas gramaticais, a neutralidade de gênero, o binarismo) e o acontecimento enunciativo, aquele novo que se tenta incorporar (o não binarismo, a linguagem inclusiva, as transgressões à sintaxe e à morfologia). (MEDEIROS, 2016, p. 94).

Aqui ligo o último ponto para essa discussão, pensar que a diferença está nos sentidos que escapam àqueles definidos no âmbito das culturas (MACEDO e LOPES, 2011, p. 231). Assumir a não-binaridade de gênero enquanto diferença, nesse sentido, é assumir que a tentativa de representá-la no âmbito da cultura será falha e incompleta. As ferramentas culturais nos darão apenas meios de captura para alguma tentativa de legibilidade. Mas, sendo diferença, sendo trânsito, nunca será uma captura completa ou totalmente justa.

Pensando no exemplo da língua portuguesa, podemos perceber que a narrativa de Elfo parece ir ao encontro desse apontamento: “*Tem dia que eu uso o “o”, tem dia que eu uso o “a”, tem dia que eu uso o “x”, tem dia que eu uso, sei lá, o “@”*”. Apesar de algumas pessoas que localizam sua experiência de gênero entorno da não-binaridade de gênero reclamarem esse espaço da construção linguística, para Elfo nessa narrativa essa

questão é muito mais fluida e não determinante. Não há um investimento, uma vez que não será essa gramática que poderá dizer de sua experiência na diferença.

Outra narrativa pode nos ajudar a pensar:

Igual eu, eu não sei direito como me tratar. Tem dias que eu me sinto que eu me sinto confortável de uma forma, tem dias que eu me sinto confortável de outra. É bizarro. Não sei explicar direito.

Às vezes eu uso, eu vou falar assim “tô cansada”. Aí falo assim no feminino e fico “cansada, cansada, cansada” e fica tipo na minha cabeça. Aí eu tento tipo, não sei, quando eu vou conversar com alguém e eu tenho que usar pra me referir a mim é, tipo, tem uma palavra que eu tenho que colocar ou o masculino ou o feminino eu vou falar de mim, eu tô conversando, eu meio que apago a última letra. Eu falo mais baixo, não sei. Tipo “ah, eu tô cansad...”. Aí meio que some a letra. E dá pra entender. Não sei, pelo menos as pessoas entendem. Você tá falando alto a palavra e... É estranho.

(Netuno – Conversa 1)

Destaco na narrativa, em especial, o sentimento de estranheza, de explicação “inconsistente” de sua experiência e expressão. Parece-me uma confusão provocada pela diferença: pela fuga dos sentidos que a cultura traz e que, no caso da não-binaridade, parecem ser insuficientes para se explicar (e mesmo para se entender: “*eu não sei direito como me tratar*”). Estando todos os sujeitos engendrados nos padrões culturais, como dizer de experiências quando há diferenciação? A diferença escapa da produção de uma explicação justamente quando percorremos espaços ilegíveis, não-descritos pela ordem identitária.

Ainda pensando com a narrativa, relaciono a alternativa que Netuno utiliza na fala na tentativa de anular uma definição binária de gênero como uma tentativa de escape aos sentidos da cultura. Mas também com o conceito principal de *différance*: um adiamento. Um adiamento da sua relação com a língua. Deixar para depois – ou nunca – uma tentativa de marcação de gênero a partir da fala. Adiar a construção identitária. Como indica Tomaz Tadeu da Silva,

O adiamento indefinido do significado e sua dependência de uma operação de diferença significa que o processo de significação é fundamentalmente indeterminado, sempre incerto e vacilante. Ansiamos pela presença – do significado, do referente (a coisa à qual a linguagem se refere). Mas na medida em que não pode, nunca, nos fornecer essa desejada presença, a linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade (SILVA, 2000a, p. 82).

Nesse sentido, considero muito potente o movimento proposto por Netuno. Enquanto parecemos ansiar pela presença, pelos marcadores que dirão de uma identidade; Netuno anseia pela diferenciação, pela não-marcação. Talvez, pela não-binaridade enquanto diferença.

Voltando aos questionamentos do que implica dizer “*não sou binário*”, escolho pensar com Jacques Derrida as potencialidades da negação, do “nem/nem”. Segundo a definição (pouco definível) do autor em entrevista a Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta, é interessante se debruçar a pensar algumas movimentações (e aqui destaco que ele não fala explicitamente de gênero ou, ainda menos, de não-binaridade de gênero) que “não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas sem nunca constituir um terceiro termo” (DERRIDA, 2001, p. 50). Essas palavras, experiências, conceitos, movimentações “nem/nem”, “nem isso/nem aquilo” estariam atreladas à diferença.

Durante toda sua argumentação, a discussão da *différance* me parece bem marcada com olhares para os binarismos sendo advogados para que não se perca o foco de enxergá-los como um sistema de violência. Nesse sentido, olhar para a não-binaridade de gênero, olhar na perspectiva do “*não sou binário*” pode ser uma tentativa de desestabilização de alguns jogos de violência que se estabelecem entre masculino/feminino. Vale ressaltar que aquilo que o autor defende enquanto *indecidíveis* (essas realidade “nem/nem”) não pode ser considerado como experiência à parte, que viria para solucionar o sistema binário violento. Mas que servem, ao menos, no processo de desconstrução.

A tentativa de desconstruir (nos termos do autor), desnaturalizar, dessacralizar essas violências me parece uma das principais potências da não-binaridade de gênero enquanto diferença. No mesmo sentido, pensar outras formas de comunicação, de *dizer sobre*, de política também é interessante. Temos tido conquistas em políticas identitárias, que afirmam a diversidade e legitimam novos lugares para as experiências de gênero e de sexualidade. Entretanto, o entre-lugar exige uma mudança epistemológica. Como realizar política de diferença? Como pensar em materializações daquilo que só temos capturas? Como assegurar? É possível?

Diferença, talvez, implique também em questionamentos. Um caminho de interrogações, muito mais que de afirmações. A clareza que dá lugar ao estranhamento.

A estabilidade, fixidez que é atravessada pela fluidez, pela incerteza, pelo movimento. A não-binaridade de gênero, se pensada enquanto diferença, estará no trânsito, na fronteira – vibrando pra a desestabilização desses limites.

• Canção no trânsito •
Córdoba.
Distante e só.

Égua negra, lua grande,
e azeitonas em seu alforje.
Embora saiba dos caminhos
eu nunca chegarei a Córdoba.

Pela planície, pelo vento,
égua negra, lua vermelha.
A morte está me olhando
lá das torres de Córdoba

Ai, que caminho tão longo!
Ai, minha égua valorosa!
Ai, que morte me espera
Antes de chegar a Córdoba.

Córdoba
Distante e só
(LORCA, 2004, p. 295)

Canção de Ginete: primeira canção, primeiro poema que li de Federico García Lorca. Como o corcel do poeta que, durante seu caminho, a morte o observa por cima das torres de Córdoba – seu esperado destino –, também a mim a morte observa. Qualquer sentido que tenha ensaiado para a não-binaridade de gênero parece me observar de cima das torres sinalizando para uma incompletude, para uma insuficiência. *Nunca chegarei a Córdoba!*

Termino este retalho cantando que deixei a amarga impressão de ter construído outro binário: a não-binaridade enquanto identidade *versus* a não-binaridade enquanto diferença. Acredito que, em minhas pesquisas, a filiação teórico-metodológica tenha me colocado nessa construção que considero falha e injusta. Para finalizar, então, pretendo explorar essa relação e (tentar – em tentativa e em tentação) ser mais pragmático em pensar os “sentidos da não-binaridade de gênero” através de alguns pontos.

A partir das análises que realizei entorno das pesquisas que construí posso ter criado a impressão que identidade e diferença se constituem em um binário (desses

como constituídos no pensamento ocidental: oposicionais e hierarquizados). Entretanto, não encaro identidade/diferença nessa perspectiva. Entendo que as construções da identidade e da diferença estão imbricadas em um mesmo processo.

Assim, não pretendo mais pensar a não-binaridade de gênero como identidade *ou* como diferença. Além de injusto com as experiências e narrativas produzidas, vai de encontro ao referencial teórico adotado nesses trabalhos. A perspectiva pós-estruturalista tende à problematização e desconstrução do “ou”, prezando pelo “e” – e mesmo desconsidera identidade/diferença enquanto opostas.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de *sistemas simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (WOODWARD, 2000, p. 39-40, *grifos da autora*).

Todas as narrativas produzidas para a monografia – as quais discuti enquanto identidade – possuem potencialidade de serem revisitadas e entendidas dentro de um processo de construção mais complexo, que envolve, sim, muitos direcionamentos identitários, mas também são atravessadas pela diferença. No mesmo sentido, me debruço sobre as narrativas dessa pesquisa de mestrado, em privilegiando a perspectiva da diferença, mas também complexificando as análises.

Irene indica um processo parecido em uma das narrativas que produziu enquanto conversávamos sobre classificação, gênero e nomeações:

Pesquisador: E você acha que existe essa necessidade de nomear o gênero?

Irene: Eu acho que não há necessidade, mas enquanto a gente viver em um sistema que coloca toda essa carga de opressão em cima da gente, eu acho que essas nomeações viram mais um símbolo de resistência, uma identidade pra você se caracterizar. Porque você é oprimido, você não é igual às outras pessoas que possuem uma vida totalmente diferente da sua; que possuem, digamos, privilégios e direitos seus básicos são negados. Então eu acho que a intitulação, os rótulos servem bem mais como uma resistência. Mas quem sabe assim, num futuro, talvez em um mundo livre de opressões não haja necessidade de se caracterizar ou se identificar, se chamar, nomear seu gênero como trans ou cisgênero, etc.

[...]

Pesquisador: E você nomeia seu gênero então como “trans não-binário”?

Irene: Sim, é isso.

(Irene – Conversa 1)

Dialogando junto à Irene, reconheço a importância das políticas identitárias e reconheço, ao mesmo tempo, que elas tenham limites quando se trata de tentar abarcar as experiências da não-binaridade de gênero em uma representação eleita como símbolo da luta. Como indica Michel Foucault em uma entrevista: “sim, ela [a política de identidade sexual] é muito útil, mas é uma identidade que nos limita e, penso eu que temos (e devemos ter) o direito de ser livres” (FOUCAULT, 2004, p. 266).

É importante dizer que defendo a não-binaridade de gênero como uma categoria válida para estudos e problematizações na área dos estudos de gênero, sexualidade e educação. Incluí-me no campo pensando apenas em políticas identitárias e, após reconhecer certo “fracasso” (ou insuficiência de tais políticas), parti a um tensionamento. O fracasso a que me refiro se localiza na crítica de Maria Rita de Assis César (2014), quando aponta que, dentro de um jogo de identidades, “indivíduos e experiências inclassificáveis e ininteligíveis, de corpo e gênero, permanecem por definição excluídos do universo escolar e social mais amplo, ou nele são incluídos sob o preço de sua domesticação normalizada” (CÉSAR, 2014, p. 98-99). Nesse sentido, quando concerne às experiências da não-binaridade de gênero – com suas características já exploradas de multiplicidade e ininteligibilidade – considero ser mais potente o mergulho na diferença.

Por mais que eu fale que eu sou uma pessoa não-binária, eu não concordo. Porque eu acho que acho que eu sou uma pessoa. Eu não sou um rótulo. E um rótulo você põe em coisas, você não põe em pessoas. Em pessoas você põe amor, você põe carinho, você põe essas coisas, mas não rótulos. Então eu não concordo. Eu acho muito melhor você existir sem a necessidade de ser isso ou aquilo, do que você ter que mostrar isso o tempo todo. Então eu sou um pouco contra essa questão de você rotular o tempo todo. Então assim de você ficar se afirmando.

(Elfo – Conversa 3)

Leio o posicionamento de Elfo nessa perspectiva foucaultiana (e deleuziana) de esgarçar tais políticas identitárias investindo em diferenciação. Mas, embora tentemos (em tentativa e em tentação, reforço) seguir tal direcionamento, como já sinalizado, deixaremos fortes questionamentos quando à possibilidade de políticas da diferença e, talvez, ouviremos: “mas, se não há possibilidade de política, de concretude, por que pensar essa temática?”.

Assim, acredito que estou contribuindo para a inserção dessa categoria na área de estudos, bem como para a construção de saberes sobre a não-binaridade de gênero de

diferentes formas. As defesas que assumi nas pesquisas, a evolução (no sentido da palavra: *transformação*) do pensamento nesses trabalhos, os momentos em que foram/estão sendo construídos dizem muito da minha inserção no campo e, em especial, do sentido que tenho dado à não-binaridade de gênero, do sentido que ela vem (me) ganhando enquanto termo/conceito.

Vale ressaltar, ainda, que não é possível esperar coerência dos sujeitos – tanto daqueles que conversam comigo, quanto de mim mesmo. As últimas narrativas apresentadas, de Irene e Elfo, indicam para isso. Somos sujeitos incoerentes, talvez, porque insistimos nos binários. Nesse sentido, aquela pessoa que rejeita classificações, poderá assumi-las em alguma dimensão (no nome social utilizado, na preocupação com o corpo, nos parâmetros para dizer do binário feminino/masculino); bem como aquela pessoa que preza por uma identidade não-binária poderá fomentar o questionamento se não estiver criando novas caixinhas, novas restrições à experiência. Mas, acreditando que identidade/diferença é um falso binário, penso que não é necessário que haja hierarquias nesse processo que é permeado por essas duas dimensões. Não é necessário valorar em outros binários (bom/ruim, efetivo/ineficaz, necessário/descartável).

Por fim, na tentativa de ser pragmático – *Ai, que morte me espera/Antes de chegar a Córdoba* – elenco alguns pontos que, a partir das pesquisas que produzi/produzo, das narrativas que acompanhei e das demais fontes (não acadêmicas) que produzem saberes, parecem dizer da não-binaridade de gênero.

1. A não-binaridade de gênero ainda não é um termo “consolidado” academicamente.

2. Os sentidos da não-binaridade de gênero estão em disputa. Há produção de conhecimento que tensiona para uma visão exclusivamente identitária, há outras que prezam pelo rompimento com qualquer “caixinha”. Ainda assim, todas parecem se localizar em volta desse mesmo conceito. O que, talvez, o deixe mais confuso.

3. A não-binaridade de gênero parece estar sempre permeada pela definição da recusa em *ser 100% homem* e em *ser 100% mulher*. Em outras palavras: um grupo/categoria que se cria *em diferença à*; conjunto de experiências que dizem do diferenciar-se do binário.

4. Em consonância a isso, há (implícita ou explicitamente) uma construção de saberes que dirá o que é *ser homem* e o que é *ser mulher*. Essa construção, geralmente, se dá a partir dos parâmetros de masculinidade hegemônica e feminilidade hegemônica.

Ainda que, em algumas narrativas, se reconheça que esses padrões mereçam desconstrução, que são injustos e que estão “na sociedade” (não nessas pessoas), o posicionamento delas é pensar/narrar um experiência na não-binaridade.

5. As pessoas (inclusive as participantes das pesquisas) que narram experiências da não-binaridade de gênero, geralmente, têm leitura teórica (e constroem conhecimento com tais leituras) acerca de gênero e sexualidade. Em outras palavras, as pessoas se debruçam especialmente sobre perspectivas feministas, sobre os estudos LGBTTI, sobre estudos da pós-modernidade para compreenderem gênero e dizerem dessas experiências.

6. A não-binaridade de gênero parece estar ligada a processos de subjetivação que sinalizo enquanto processos de diferenciação do binário de gênero (daquele gênero a que as pessoas foram designadas ao nascer e do outro) e enquanto processos de identificação (em geral, as pessoas entram em contato com outras que narram essa a não-binaridade e “se veem” naquela experiência).

7. Quando se dão esses processos de diferenciação e identificação, se constitui, também, a multiplicidade que a não-binaridade parece produzir. Assim, as experiências da não-binaridade serão diferentes entre si – o que, caso seja tomada enquanto identidade, levará a produção de novas e novas nomenclaturas de gênero.

8. O momento histórico que os movimentos identitários de gênero e sexualidade se encontram dizem muito da possibilidade de pensar a não-binaridade de gênero. E, em especial, dizem de algumas estratégias que as pessoas utilizam para narrar as experiências.

9. A não-binaridade de gênero parece ser um termo cunhado nos movimentos sociais e na internet, principalmente, pelas juventudes. Isso não significa afirmar, entretanto, que são experiências ilegítimas. A internet, aliás, parece ser um espaço de encontro entre as experiências, de aprendizado sobre tais questões e, principalmente, de socialização e construção de identidades/diferenças.

As experiências de não-binaridade de gênero com que tive contato e que estudei só me permitem elencar esses fatores, com essas palavras. Acredito, no entanto, que tantos outros saberes estejam sendo produzidos sobre essa temática – alguns, aliás, que possam divergir dessas proposições e mesmo da ideia de criar essas proposições. Como Elfo mesmo indica:

Eu acho exatamente essa questão das pessoas se dizerem “não-binárias”, legal. Mas se rotulam. São rótulos. E eu acho que às vezes as pessoas ficam tão presas aos rótulos que elas se esquecem de viver, de ser elas.

(Elfo – Conversa 3)

• O que não cabe na caixa •



Imagem 7: retalho “questões de gênero” e sua vizinhança

Fonte: Acervo pessoal

O percurso que realizei com este retalho foi o de uma fotografia. Fotografei alguns momentos de uma dança que tenho feito ao som de narrativas, de encontros, de encruzilhadas e de Lorca. Fotografei em palavras experiências que dizem da não-binaridade de gênero. Fotografei a não-binaridade gênero. Entretanto, uma fotografia não é capaz de dizer de todo o espetáculo. Nem mesmo uma série fotográfica é capaz de fazê-lo. Ainda assim, pode ser importante para contá-lo. Assumo a incompletude dessa construção fotográfica, assumo a complexidade da dança. Talvez sejam nas incertezas que morem grandes potencialidades e, talvez, alguns apontamentos que nos permitem entender melhor a imersão dessa(s) pesquisa(s), dessa dança.

De certeza, apenas uma: *nunca chegarei a Córdoba!* Mas, cantarei até lá.

SOU	NÃO	BINÁRIO
SOU		
	NÃO	
		BINÁRIO
	NÃO	
		BINÁRIO
SOU		
SOU		
SOU		NÃO
NÃO		
	SOU	
		BINÁRIO
NÃO		
NÃO		
BINÁRIO		NÃO
SOU		
	BINÁRIO	
	BINÁRIO	
	NÃO	
	NÃO	
	SOU	
	SOU	
NÃO	NÃO	NÃO
SOU		SOU
BINÁRIO		
		SOU
SOU		
	NÃO	
NÃO		BINÁRIO
NÃO	SOU	BINÁRIO

RETALHO: SOBRE ACONTECIMENTOS, SUBJETIVIDADES Y OTROS TEXTOS VEGUEROS

FOLHA DE SÃO PAULO - Por que o sr. se interessou por Federico García Lorca?

IAN GIBSON - Isso começou quando ainda vivia na Irlanda e estudava literatura. Lorca foi um dos primeiros poetas que li em espanhol. Era jovem, não o conhecia, mas acho que estava à procura do meu poeta, como fazem os jovens. O milagre foi com o Lorca. Reconheci nele esse contato com a terra, o aspecto telúrico de sua obra, que tem a ver com a literatura irlandesa, a lua, a paisagem, a terra.

FOLHA - Havia mesmo um acordo entre críticos para não falar sobre isso [a homossexualidade de Lorca], com medo que a família vetasse o acesso a arquivos do autor?

GIBSON - O arquivo existe e é controlado por herdeiros, mas os irmãos de Lorca já morreram. A nova geração não tem um problema com o tema. Minha relação com a família era muito difícil porque já havia falado disso na biografia que escrevi sobre Lorca. Ele era um gay que não pôde viver sua vida, isso é essencial para compreender a obra de García Lorca.

FOLHA - Lorca chegou a ter algum romance bem-sucedido?

GIBSON - Teve uma relação com um escultor chamado Emilio Aladrén. Sabemos pouco porque não temos a correspondência deles. Era muito bonito, não era gay nem bissexual, mas estava fascinado por Lorca. Logo depois ele se apaixonou por uma inglesa e abandonou o escritor. Isso foi uma das causas para que Lorca fosse aos Estados Unidos. O poema "*Tu Infancia en Menton*" é uma alusão à infância de Aladrén.

FOLHA - Como foi sua relação com Salvador Dalí? Luis Buñuel?

GIBSON - Dalí foi outro amor que não pôde ser. Ele tinha um pavor terrível de ser homossexual, que foi desesperador para o Lorca, mas isso não quer dizer que não tenham passado momentos maravilhosos juntos. Buñuel estava lá, mas não gostava disso. Tinha um irmão gay que nem incluiu em suas memórias. Estamos num mundo de silêncios, num país trágico.

FOLHA - Esses amores frustrados acabaram determinando o tema de outras obras de Lorca?

GIBSON - Sem isso, a obra não existe. Não se pode ler "*A Casa de Bernarda Alba*" sem levar em conta sua homossexualidade. Se ele não tem o problema que tem, como seria capaz de criar essas mulheres que não podem viver suas vidas, que querem o amor, mas não conseguem ser correspondidas? Sem tudo isso, a obra dele não teria a força que ela tem.

(GIBSON, MARTÍ, 2009)

Início este retalho com a entrevista que Ian Gibson concedeu à Folha de São Paulo no ano de 2009 (GIBSON, MARTÍ, 2009). Gibson é o principal historiador da vida e obra de Federico García Lorca, tendo resgatado dimensões de seus escritos em diversos livros e pesquisas. Percebo alguns atravessamentos entre eu, Lorca, Ian, Elfo, Irene, Netuno e outros sujeitos que se costuram às nossas histórias: o momento de uma entrevista, o

visitar as memórias, o relembrar amores e momentos, o perceber o quanto as pessoas, relações e situações potencializam nossa poética, política e existência.

Para investir sobre os sentidos e experiências que se constituem acerca da não-binaridade de gênero neste retalho, pretendo costurar reflexões sobre os processos de construção das subjetividades. Como o encontro do jovem Gibson com nosso poeta, vejo o “*milagre*” acontecer nos encontros com Elfo, Irene e Netuno quando dizem do “*contato com a terra*”. A terra, a infância, a memória: os espaçamentos (espaços e tempos) que são utilizados para dizer dessa constituição enquanto sujeitos. Entendendo que o próprio campo de pensar *subjetividades* é um campo em disputa, localizo-me nele com uma perspectiva pós-estruturalista e foucaultiana defendendo que elas dizem dos “modos pelos quais nos tornamos sujeitos [de gênero, nesse caso], são modos de subjetivação que são construídos ao longo da História” (FERRARI, 2010, p.9).

Assim, o debruçar sobre as narrativas será um percurso de investigação dos processos que constituíram e constituem seus modos atuais de ser e fazer gênero – uma vez que os processos de (des)subjetivação “impõem a invenção incessante de novas formas. Os modos de ver, dizer e julgar que aprendemos como verdadeiros ganham novas composições, novas perspectivas, conforme favoreçam a vida e afirmem sua potência criadora” (CECCIM, 2005, p. 175). Investigar, tal como fez Gibson indo atrás do conjunto de encontros, experiências e acontecimentos que movimentaram e movimentam a vida dessas pessoas, é o que me permitiu pensar os rumos desses processos em um jogo negociado com prazeres, desejos, desconfortos, etc.

Acredito ser potente demorar o olhar sobre essas histórias, pois “*sem isso, a obra não existe*”. Faço, nesse momento, a mesma movimentação que essas pessoas fizeram durante nossos encontros: lanço olhar às experiências, aciono a memória e adentro o(s) gênero(s) e coisas relacionadas. Todas nós, vivenciando processos de estranhamento e encantamento, de diferenciação e identificação, de gozo e incômodo nos lançamos à pesquisa – uma pesquisa de si.

Fazendo esse percurso junto ao trabalho de Denise da Silva Braga (2012), acredito ser necessário pensar as narrativas acerca dos conhecimentos construídos sobre os processos de (des)subjetivação também dentro de uma perspectiva *queer*. Se a referida autora indica que “o pressuposto da indagação *queer* é clarificar o esgotamento e a inoperância do binarismo hetero/homossexual para a discussão da sexualidade nas organizações sociais contemporâneas” (BRAGA, 2012, p. 69), amplio esse olhar para

também considerar a inoperância neste retalho em trabalhar com qualquer perspectiva que não questione o binário feminino/masculino.

Farei o percurso, assim, refletindo sobre as experiências principalmente a partir de alguns acontecimentos que as pessoas selecionaram narrar. Entendo *acontecimento* a partir de Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998), como algo que se produz por “corpos que se entrecrocavam, se cortam ou se penetram, a carne e a espada; mas tal efeito não é da ordem dos corpos, batalha impassível, incorporal, impenetrável, que domina sua própria realização e domina sua efetuação” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 53). Assim, ainda que me direcione aos processos, percebo que tenho acesso apenas à memória, a recortes deles, aos relatos dos acontecimentos. Na perspectiva desse trabalho, o próprio ato de narra-se para a pesquisa estará imbricado com acontecimento nesses processos que dirão das experiências relacionadas às não-binaridades de gênero de Elfo, Irene e Netuno. E com isso, sigo com o mesmo sentido tentando aqui

Fazer [de] um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou de fazer uma história. Amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma bruma ou névoa. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 54)

Pensar o acontecimento como uma névoa, o momento da entrevista narrativa como uma bruma de produção de relações, conexões e saberes. Por tudo isso, escolho dialogar neste retalho com narrativas de alguns acontecimentos da vida de Lorca, narrados no livro *Mi pueblo y otros textos veyeros* (LORCA, 2010). Acredito, com Ian Gibson, que foram os acontecimentos de sua vida que possibilitaram sua escrita e a tornaram tão potentes.

• O menino louco •
 Eu dizia: “Tarde”
 Mas não era assim.
 A tarde era outra coisa
 que já tinha ido embora.
 (E a luz encolhia
 os ombros como uma menina.)

“Tarde.” Mas é inútil!
 Esta é falsa, esta tem
 meia-lua de chumbo.

A outra não vira nunca.
 (E a luz como a veem todos
 brincava de estátua com o menino louco.)

Aquela era pequena
 e comia romãs.
 Esta é grandona e verde, eu não posso
 toma-la nos braços nem vesti-la.
 Não virá? Como era?
 (E a luz que estava indo fez uma brincadeira.
 Separou o menino louco de sua sombra.)
 (LORCA, 2010, p. 145)

O menino-Lorca-louco nos traz a dimensão fugaz de um acontecimento: a tarde já não era aquela, era *outra coisa / que já tinha ido embora*. É a mesma dimensão de quando me demoro ao reler nas narrativas, é a mesma visão apenas parcial, é o mesmo grito lorquiano que lanço: '*Tarde.*' *Mas é inútil!*. A luz do poema, no entanto, me traz também uma outra *brincadeira*: separar o menino louco de sua sombra. Antes, então, de investir nos acontecimentos e processos de (des)subjetivação relacionados à não-binaridade de gênero percebidos nas narrativas de Elfo, Irene e Netuno, sinto-me impelido a dar novo passo atrás e questionar as subjetivações e os sentidos construídos acerca de *binaridade de gênero* (ou binário ou binarismo). Separar e suspender a sombra. Para me movimentar na negação (ou diferença), vejo necessário me debruçar sobre a verdade que se institui implicitamente: a existência do binário ser mulher/ser homem.

Para iniciar essa discussão aciono na memória uma lembrança: a provocação que Bruno Latour lança em seu livro *Jamais fomos modernos*, publicado em 1991. Na agitação dos pensamentos entre anti-modernidade, pró-modernidade, pós-modernidade etc., o movimento de Latour me chama a atenção: colocar em xeque a própria modernidade, pensar o que a constitui e se, enfim, poderíamos dizer que somos (ou fomos, destacando o pretérito) modernos. Latour questiona logo nas páginas iniciais de seu livro (em uma sessão curiosamente denominada *A proliferação dos híbridos*): "E se jamais tivermos sido modernos?" (1991, p. 15). "E se...". Tentando realizar movimento parecido, parafraseio Latour para pensar "E se jamais tivermos sido binários?". Se o autor problematiza as lógicas separatistas de análises que ganharam forma na antropologia, intento algo parecido: a problematização da essencialização do binário feminino/masculino como representações plenas dessas categorias.

Escrever com pessoas que narram “experiências não-binárias para o gênero” envolve a produção de algumas verdades perigosas: aceitar “pacificamente” que exista um binário de gênero; pensar que o binário se institui da mesma forma para todas as pessoas; acreditar em unidades plenas dentro do binário (em outras palavras, lançar olhar para o *ser mulher* ou *ser homem* sem investigar se há pluralidades/multiplicidades dentro desses próprios termos); rejeitar atravessamentos, como os de sexualidade por exemplo. Nesse sentido, Elfo levanta alguns questionamentos:

Bem, aí a gente entra no ponto: o que é um ser feminino? O que é um ser masculino? A partir de onde que você parte disso? A partir de onde que se questiona isso? Você vai questionar a partir de um órgão sexual? Você vai partir da razão e a emoção? Vai partir de onde? Então a gente tem que saber de onde vai partir pra chegar a uma resposta.
(Elfo – Conversa 3)

Questionamentos que faço em outras perguntas: como entendemos o binário de gênero? Estando “nós” nesse jogo de disputa de termos, o binário existe apenas da forma que o percebemos? Quando pensamos em não-binaridade o que significa, então, aquilo que encerramos enquanto binaridade? O que é a afirmação da nossa negação?

Vibrando com tais questões, defendo com Rita Laura Segato a utilização da terminologia *binaridade/binário/binarismo* no lugar de *dualidade*: “enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa” (2012, p. 122). Por isso, argumento que exista uma complementaridade forjada quando se pensa feminino e masculino – ligada à construção da ideia de sexo biológico determinado pela leitura de genitais (bem como a própria produção de um conhecimento científico que essas genitais são uniformes e complementares: duais). Anne Fausto-Sterling dirá dessa leitura e produção de saberes sobre os corpos e as genitais, defendendo que nossa ideia de “sexo biológico” parece ser tão construída quanto a ideia de gênero (FAUSTO-STERLING, 2006, p. 45) – e, para além, o sexo da forma que é encarado serve para corroborar e legitimar uma visão binária do gênero, oferecendo conteúdo “científico” a mesma.

Assim, não observo complementaridade entre feminino e masculino, mas uma construção em que a “hierarquia se transforma em abismo”: o feminino é disposto como resíduo do masculino. Pensando com Michel Foucault, estamos, enquanto sujeitos, engendrados em relações de poder – “uma sociedade sem relações de poder somente pode ser uma abstração” (FOUCAULT, 1982, p. 222). Seja construída em dualidade ou

binaridade, a binaridade sinaliza para uma dificuldade de as duas unidades exercerem o poder na mesma medida. É inocente pensar que as duas unidades do binário de gênero coexistam não-hierarquizadas de forma brutal. Jacques Derrida indicou, e aqui encarno o gênero na mesma perspectiva, que “nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto” (DERRIDA, 2001, p. 48).

Isso, no entanto, não quer dizer que eu lance apenas esse olhar ao binário. Como faz Rosemeire Brito (2004, p. 4), procuro evitar “as polarizações rígidas, que ao longo da história tendem a definir as mulheres como eternas vítimas e os homens como perpetradores”. Compreendo que para tratar do binário de gênero é necessário tratar de masculinidades e feminilidades, nos seus plurais. Nesse sentido, reconheço com Miriam Abramovay e Anna Lucia Cunha que essas categorias “conformam identidades múltiplas situadas em interações sociais plurais, de modo que os sujeitos nelas engajados estão envolvidos em significados contextuais e imersos em processos de desconstrução e (re)construção” (2009, p. 5). Em outras palavras em uma relação dentro do binário de gênero há outros atravessamentos (etnia/raça, classe, sexualidade, geração etc.).

Elfo, Netuno e Irene parecem operar a partir de parâmetros individuais, que são atravessados pela cultura, para entender-se no meio do caminho, no trânsito, no entre-lugar do binário ser mulher/ser homem. Quando narram algumas experiências na não-binaridade evocam parâmetros para dizer do binário de gênero, em geral, são de masculinidades e feminilidades hegemônicas que falam. É o que percebo na narrativa de Elfo:

Tudo que era “de menino” me interessava. Minha mãe me colocou no ballet, eu odiava. Aí depois disso me colocou nos escoteiros, aí eu gostava mais ou menos. Aí eu quis fazer luta, e ela não quis deixar porque falou que era coisa de menino. Aí mais tarde meu irmão perguntou “você quer fazer mesmo?”, aí eu “quero”. Aí ele “tá, vem aqui num treino meu”. E o professor falou assim “ah, faz um pega com um menino aí, vamos ver se você leva jeito”. Eu fiz e tal, não sabia nada: peguei, rodei e tal. Aí o professor falou “você leva muito jeito”. E meu irmão falou comigo assim “você quer fazer?”, aí eu falei “quero, quero continuar fazendo”. Aí meu irmão comprou a roupa e tal, e aí ele que pagava a academia. Então foi um momento que eu me sentia super bem. Eu conseguia fazer o que eu queria, não me via de menina nem nada. E acaba que eu nunca me vi. Igual, entre as mulheres, entre as meninas tem aquele medo de “ah eu vou ser estuprada, alguém vai me pegar” e eu não tinha isso. Porque se alguém encostar em mim, eu bato. Então eu tenho isso. Se me encostar, se me agarrar, eu bato, eu mordo,

eu chuto... não quero saber. Então uma coisa que era assim, bem, uma coisa bem de menino. E ao mesmo tempo eu tinha e tenho a meiguice de menina. E eram coisas que, até pouco tempo, eram estranhas pra mim.
(Elfo – Conversa 1)

Os discursos de masculinidade ligados à força, à brutalidade, à possibilidade de autodefesa e de feminilidade relacionando à meiguice, medo, ballet são produzidos. Raewyn Connell, em seus estudos sobre masculinidade, defende que

A masculinidade, se se pode definir brevemente, é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e mulheres se comprometem com essa posição de gênero, e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNELL, 1997, p. 35).

Expando a afirmação para pensar a feminilidade e, ainda, ir ao encontro de um próprio conceito de gênero em seu binário: as práticas, o compromisso com as posições que são ensinadas e os efeitos das práticas. Mesmo reconhecendo que são esses os discursos que tradicionalmente as instituições costumam investir (por isso mesmo: *hegemônicos*) e que parecem estar subjetivados na narrativa de Elfo, aposto que *ser homem* e *ser mulher* não deve necessariamente perpassar sempre e apenas por esses parâmetros.

Com estudos ligados à educação escolar, Marília Pinto Carvalho (2001, p. 570) indica que as masculinidades e feminilidades vão se construindo em relação à “diferenciação hierarquizada” e à medida que se cumprem com êxito ou não os parâmetros tradicionais, novas relações de poder vão sendo construídas, bem como novas definições particulares do que é *coisa de menino* e *coisa de menina*. É nesse sentido que podemos pensar as categorias cada vez mais plurais: pluralidade dentro de feminilidades homossexuais, feminilidades negras, feminilidades jovens etc. E também um embaçar das categorias: masculinidades de mulheres, feminilidades de homens.

Reconhecendo esse movimento de pluralidade nas últimas décadas, Amílcar Torrão Filho (2005) percebe-o como “liberação”, uma relativa flexibilização dos parâmetros tradicionais. Entretanto, aponta que:

O que se configura hoje como uma liberação para os gêneros, a emancipação do homem e da mulher, seria simplesmente liberar alguns aspectos masculinos da personalidade das mulheres (trabalho,

produção científica, competição, esportes) e alguns (mas nunca todos) femininos da personalidade do homem (afeto, paternidade responsável, cuidados da casa, beleza). (TORRÃO FILHO, 2005, p. 140).

Assim, é interessante pensar a liberação como um local de disputa, onde apenas em alguns aspectos será permitida a ambiguidade: a mulher poderá concorrer em esportes de luta durante as Olimpíadas, aos homens a ginástica rítmica continua negada; as mulheres poderão ocupar cargos de chefia em algumas empresas, mas, em geral terão salários inferiores.

A narrativa de Elfo me faz pensar, ainda, com Daniel Welzer-Lang que temos estabelecido socialmente uma valorização das culturas de virilidade da masculinidade em detrimento do que é construído enquanto feminino: “os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres e/ou a seus equivalentes simbólicos: os homossexuais.” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). Nesse sentido, Elfo parece acionar no entendimento de si essa valorização da virilidade: a recusa e luta física contra uma violência sexual são “*coisas de meninos*”, enquanto que “*a meiguice*” (ausência da virilidade) é “*coisa de meninas*”.

Ser mulher e ser homem é só uma construção social. Porque você nasce com, por exemplo, você nasce com o órgão sexual masculino ou órgão sexual feminino e eles vão lá e começam a te empurrar um monte de coisas que eles dizem ser do gênero que é do seu órgão sexual. Eu acho que assim ser mulher é uma construção social e ser homem é simplesmente uma construção social que empurram de goela abaixo pra gente. “Você nasceu com uma vagina então você vai ter que brincar com boneca”, por exemplo. Eu acho que tem bastante disso de as pessoas quererem impor pra você. Você é uma criança e você não sabe dizer não. Aí você só é empurrado. Só empurram aquilo goela abaixo. Não sei. Segundo a sociedade ser mulher é ser feminina, usar vestido, colocar batom, maquiagem. Ser mulher é você chorar vendo filme, ser homem você não chora. Ser homem é você ser forte, você tem que correr atrás de mulher e querer ser o macho alfa, se meter em briga, coisa assim. Pra sociedade, não pra mim.

(Netuno – Conversa 1)

Pela narrativa, vejo que Netuno enfatiza o questionamento da continuidade entre as categorias *sexo* e *gênero*. O exemplo de “*você nasceu com uma vagina então você vai ter que brincar com boneca*” encontra os estudos de Cláudia Vianna e Daniela Finco quando dizem que “os significados de gênero – habilidades, identidades e modos de ser – são socialmente configurados, impressos no corpo de meninos e meninas de acordo com as expectativas de uma determinada sociedade (VIANNA e FINCO, 2009, p. 273). Nesse

sentido, o brincar de boneca é um significado de gênero que socialmente é “empurrado goela abaixo” para as pessoas que nasceram com vaginas.

O acesso à categorização biológica (seja ela hormonal, genética, genital) para pressupor uma identidade é o que tem-se entendido por “sexo”. Os estudos do gênero caminharam, por algum tempo, estabelecendo o próprio conceito de gênero como uma leitura social do sexo – as marcas biológicas dos indivíduos. Esse movimento, como já dito, ajudou na construção da fixação do gênero enquanto binário oposicional e complementar. Entretanto, pensando de gênero como matriz que vai atravessar e ser atravessado por uma multiplicidade de discursos (médicos, jurídicos, culturais, escolares etc.), Judith Butler vai indicar que “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2003, p. 25). No mesmo sentido, David Le Breton vai dizer que a Ciência produz dados biológicos, com o discurso de serem anteriores ao gênero, mas que “já são conotados por uma dimensão de gênero” (LE BRETON, 2014, p. 31).

Irene tem categorias parecidas às de Netuno para pensar o masculino e o feminino enquanto construção e como se produziram efeitos nas experiências. O recurso do acesso às memórias da infância está presente – assim como na narrativa de Elfo mais acima – e também a indicação que as construções do binário se iniciam nessa etapa da vida do indivíduo, ou mesmo antes dela (quando a família produz expectativas de gênero durante a gestação, por exemplo).

Então os estereótipos são moldados desde que você é bebê. O menino vai vestir a roupinha azul. Não pode ser outra cor. Tem que ser azul porque é menino. A menina vai vestir o rosa. E eles vão brincar de brinquedos diferentes: a menina vai brincar com a casinha, com a pia de lavar louça, com a vassoura pra já aprender desde cedo o que é ser mulher de casa; e os meninos vão brincar de bola, de soltar pipa, de várias coisas que vão ser privadas às meninas desde criança. A partir disso, evoluindo assim da infância, adolescência, vida adulta, isso vai sendo cobrado mais. Eu posso dar uma experiência pessoal minha, era quando eu tinha um cabelo imenso, eu andava na rua e as pessoas já me olhavam de lado assim: porque eu não posso ter um cabelo grande, porque isso é contra a moral e os bons costumes, e isso não é coisa de meninos, vamos dizer assim. Você tem que ter o cabelo curto, se não você já tá fora. E as meninas também, você não pode, por exemplo, quando uma menina raspa o cabelo: ou vão chamar ela de lésbica ou vão achar que ela teve câncer. Porque a mulher não pode ser dona do próprio corpo, não pode fazer o que quiser com o cabelo. E os meninos também, sabe. E tem o jeito. O jeito que você anda, o jeito que você fala, o jeito que

você se veste. Se você tiver uma voz mais feminina, no caso, você já vira alvo de opressão: você não pode ter, você tem que ter uma voz grave e dita máscula pela sociedade.

(Irene – Conversa 1)

Conversando com a narrativa, acredito que há dois investimentos principais na construção (e manutenção) de uma perspectiva binária de gênero. O primeiro diz do reforço e da (re)afirmação, nas palavras de Irene “*a menina vai [ter que] brincar com a casinha*” e “*os meninos vão [ter que] brincar de bola*”. O segundo investimento é o de proibição e restrições, no caso de Irene “*você não pode ter, você tem que ter uma voz grave e dita máscula pela sociedade*”. Os dois são investimentos para que aprendamos a sermos sujeitos dentro dessa matriz binária, são regulatórios em processos de subjetivação; e, ainda, para que aprendamos a gostar, sentir prazer e desejo: alguns trâmites serão naturalizados, tidos como corretos, enquanto os outros serão abominados, imorais.

Irene indica para uma dimensão das construções de gênero que vai atravessar a narrativa das três pessoas: as marcas do gênero serão (re)produzidas também nos corpos, principalmente quando crianças, através de normas impostas pela família, pela escola e por outras instituições. Em outras palavras, quando Irene questionava “*porque eu não posso ter um cabelo grande, porque isso é contra a moral e os bons costumes*”, questionava as normas que estão sendo fabricadas nas relações de poder e que são, ainda, corporificadas.

Judith Butler vai dizer que os investimentos no binário instituem uma “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2003, p. 23). A naturalização opera no sentido de conciliar “sexo genital feminino” e o *ser mulher*, bem como o “sexo genital masculino” e o *ser homem*; e essas duas possibilidades se complementam em um desejo heterossexual. Essa matriz heteronormativa será produzida e reproduzida nas relações de poder. De acordo com Michel Foucault, não podemos, entretanto, entender a norma como um elemento natural (da mesma forma que não podemos entender o gênero ou o sexo nessa perspectiva), “a norma não é simplesmente um princípio, [...] é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado” (FOUCAULT, 2002, p. 62). Os reforços de utilização de determinadas cores (azul para meninos, rosa para meninas), as regulações nos modos de ser e estar, os brinquedos que são dados às crianças e outros

exemplos que Irene, por exemplo, aponta como cobranças, serão exercícios do poder (re)construtores das normas de gênero. São técnicas para a instituição do *exclusivamente feminino* ou *exclusivamente masculino*, para conformação dos corpos – do modo de cortar o cabelo ao modo de ser e estar no mundo – para que se concretize a continuidade entre sexo, gênero e futuramente desejo (uma vez que “*quando uma menina raspa o cabelo: ou vão chamar ela de lésbica ou vão achar que ela teve câncer*”).

A partir dessa discussão, corroboro com Judith Butler (2014a) quando ela aponta que entender o gênero como norma não é apenas dizer que se produzam verdades normalizadoras do que é *ser homem* e *ser mulher*, mas principalmente dizer que a norma é construir sua identidade dentro do que se projeta enquanto exclusivamente masculino e enquanto exclusivamente feminino. E, aqui, sinalizo que diferentes práticas normalizadoras virão para diferentes identidades: compreendo que ter uma identidade masculina que tem ou teve uma vagina será sofrer sanções sociais diferentes e, por vezes, mais brutais que uma identidade masculina que teve um pênis desde sempre. Incorporando tal perspectiva podemos entender que

A questão acerca do que estará excluído da norma estabelece um paradoxo, pois se a norma confere inteligibilidade ao campo social e normatiza esse campo para nós, então estar fora da norma é continuar, em certo sentido, a ser definido em relação a ela. Não ser totalmente masculino ou não ser totalmente feminina é continuar sendo entendido exclusivamente em termos de uma relação a “totalmente masculino” e “totalmente feminina”. (BUTLER 2014a, p. 253).

Assim, ainda que abjetos, os sujeitos estão subjetivados em um entendimento binário. Diferenciar-se do binário é tomá-lo como referência de linguagem. É se utilizar do mesmo para dizer dessa diferenciação e, talvez, criar novas formas de identificação que se proponham expandir as existentes. Parece-me ser incoerente dizer que os sujeitos estejam à margem da norma ou fora dela. Ao contrário, estão imbricados na mesma, se referenciando por ela e também lhe servindo de parâmetros. É o que também indica Rita Laura Segato quando diz que os trânsitos, as circulações entre as posições, as fronteiras “passam a ser todas colonizadas pela lógica binária.” (SEGATO, 2012, p. 125). Observo com as narrativas de si desses sujeitos que se diferenciam das identidades binárias que a linguagem para dizer dos processos da não-binaridade está localizada dentro dessa estrutura binária, o que nos possibilita apenas ter um olhar de sombra desses processos de diferenciação e identificação. Mesmo por meio desses discursos

temos apenas algumas capturas dessas diferenças e identidades, vultos de suas movimentações.

Tensionar a constituição do binário nos lança precedente, nos movimenta no que era impensável. Latour inicia seu livro com a aposta que aquilo que entendemos por modernidade vivencia uma crise. Talvez, e só talvez, a efervescência das discussões das pluralidades e, ainda, não-binaridades de gênero sejam indícios de uma crise do binário. Parafraseando o autor: enfim, se jamais tivermos sido *binários*, pelo menos não da forma como a crítica nos narra *e as instituições tradicionais nos projetam*, as relações tormentosas que estabelecemos com as outras naturezas-culturas seriam transformadas. “Nosso tecido não é mais inteiriço.” (LATOURE, 1991, p. 13).

Mesmo sendo essa matriz construtora do binário de gênero e da heteronormatividade repleta de fortes investimentos, ela não é infalível: os sujeitos terão linhas de fuga – ainda que atravessadas pelas normas. Em outras palavras, ainda com Judith Butler, vemos que

os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38).

Podemos entender Elfo, Irene e Netuno como esses sujeitos que possuem esses *espectros de descontinuidade e incoerência*, ainda que nas narrativas percebamos que a experiência não-binária é capturada a partir de relações com o binário de gênero, seus parâmetros e normas. As narrativas e percepções, entretanto, são dinâmicas, prosseguem e podem ganhar outras configurações para dizer dos parâmetros de compreender feminino e masculino e se compreender distante de um pertencimento a uma dessas categorias – ainda que pouco se modificaram.

• Do olhar •

Ali meus pequenos olhos.

Não me perguntai nada. Vi que as coisas
quando buscam seu curso encontram seu vazio.

Há uma dor de ocos pelo ar sem gente
e meus olhos criaturas vestidas, sem nudez!
(LORCA, 2010, p. 159).

Lorca diz dos seus olhos que, em *mil novecentos e dez*, poucas coisas haviam visto, poucas coisas conseguiram traduzir de toda experiência de uma região cigana na Espanha. Quando lanço olhar às concepções de gênero que se produzem nas narrativas, acompanho os olhos e olhares de Elfo, Irene e Netuno sobre as forças que estão se vetorizando em seus corpos e fora deles. Dá-se um encontrar com suas próprias fronteiras, suas próprias demarcações e, por isso, penso ser importante também acompanhar o olhar sobre os dois processos de (des)subjetivação que marcam a atual territorialidade dessas pessoas com a não-binaridade de gênero: um primeiro processo de diferenciação em relação ao binário (um sentimento de desajuste aos estereótipos estipulados para ser mulher e para ser homem) e um outro processo de identificação como experiências de pessoas que divergem das identidades binárias. Em meio a esses dois processos há, ainda, atravessamentos de encantamentos, desconfortos e encontros.

Para Judith Butler, “o sujeito é construído mediante atos de diferenciação que o distinguem de seu exterior constitutivo” (1998, p. 21). Nesse sentido, o tornar-se diferente enquanto construção a partir dos padrões será parte subjetivante das não-binaridades e, assim, escolho lançar olhar a essas narrativas:

Esse negócio de classificar, eu não vejo sentido nisso. Igual minha mãe: “nasceu uma menina, não sei o quê, tem que namorar menino”. Eu nunca me senti feminina. E desde a infância, eu já sabia que eu era diferente. Eu ainda não sabia o porquê, mas alguma coisa eu via. Tanto é que quando minha mãe me falava que alguém era meu namorado, eu fechava a cara e falava que não. Aí um dia minha mãe me perguntou “ah, de quem é que você gosta?”. Aí eu respondi assim: “da Amanda⁸”, que era minha vizinha. Aí minha mãe não gostou. Eu fiquei dois dias sem ver a Amanda.

[...]

Eu percebi que eu não era uma menina. Aquela menininha, aquela coisa, fofinha. Mas eu também percebia que não era aquele menino. Que eu caía sempre, que o mais másculo que eu chegava era um menino gay. Aí aquilo começou a me incomodar muito e eu não comentava com ninguém. Porque, infelizmente, quando você vê que é diferente, se sente diferente, você tem medo que as pessoas te ironizem.

(Elfo – Conversa 1)

Porque desde criança eu nunca me identifiquei com os padrões de gêneros que a família, que a minha família esperava que eu me comportasse dentro. E foi só com 16

⁸ Todos os nomes são fictícios.

anos que eu fui me descobrir como uma pessoa trans não-binária. Tendo em vista que eu não me sinto confortável dentro dos estereótipos masculinos, nem dos femininos.

(Irene – Conversa 1)

E se você pensa por esse lado, você brinca de boneca porque você vai crescer e vai cuidar do seu filho, te dão panelinha pra você cozinhar. Ai isso é muito ridículo. E aí os homens lá, brincando de carrinho e de espada. Nossa! Eu sempre quis aquelas espadas de plástico, sabe? Eu sempre quis brincar daquilo. É muito maneiro. Eu quase comprei uma esses dias. Tipo aqui em Juiz de Fora mesmo. Eu passei numa loja e tinha uma espada de brinquedo e eu fiquei “hummm... eu quero muito comprar”. Acho que porque eu não tive quando criança. Aí eu fiquei com muita vontade de comprar. Mas aí eu pensei que precisava comer e era mais importante que uma espada de brinquedo.

(Netuno – Conversa 1)

Observo, pelas narrativas, que as pessoas passam por um momento de desajuste à norma. Tempos em que se *estranhava*, que *tinha alguma coisa de errado* ou que não era *confortável dentro dos estereótipos*. Nesses momentos se constituiu o que denomino, com Judith Butler (1998), como *processos de diferenciação*.

O processo que narram que as levou à percepção de estranhamento e desconforto é o processo da diferença, ainda que eu perceba que mais tarde as experiências de gênero das três pessoas poderão ser dimensionadas enquanto diversidade, caso assumam identidades não-binárias – com contornos e fronteiras específicos de cada realidade. A diferença da não-identificação com os *padrões*, do não se encaixar no *ser homem e não ser mulher*, do não ser uma menina e também não se perceber como *aquela menino*.

Chamo atenção à narrativa de Elfo quando sua mãe proíbe o contato com Amanda. Entendo a repreensão, logo após Elfo (de quem se esperava um comportamento ligado ao feminino e, logo, uma atração afetivo-sexual por meninos) ter declarado seu gostar por Amanda, como uma das formas de regulação para o binário de gênero. Como aponta Judith Butler: “em certo sentido, a implícita regulação de gênero parte da regulação explícita da sexualidade” (BUTLER, 2014a, p. 268). Assim, encarando que essas duas categorias caminham juntas dentro da construção da heteronormatividade, penso que algumas narrativas de diferenciação dirão desse embaralhamento de regulações gênero/sexualidade.

Ao fazer memória da diferenciação, todas as pessoas acessaram a infância como marco para narrar que *desde muito tempo, sempre* ou *nunca* esse processo de diferenciação ocorreu – como há no título desse trabalho: “*eu sinto que eu sempre me*

encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher". Também como nas narrativas do trabalho de Deyse Logaray, podemos pensar que essas pessoas "buscam um caráter de normalidade e justificativa" quando resgataram esses trechos da infância: "a partir dessas questões, uma maneira de fundamentar, legitimar sua subjetividade na busca de uma explicação no âmbito da normalidade" (LONGARAY, 2014, p. 104-105). O não-corresponder aos padrões de comportamento da infância adquire uma marcação quase essencialista: *nunca* houve adequação, *sempre* houve diferença. *Nunca* e *sempre*, termos geralmente utilizados sem datação, sem talvez a reflexão que esses processos são construídos.

Entretanto, em concordância com Michel Foucault (1988, p. 64), penso que o que temos como "definições, crenças, convenções, comportamentos e identidades sexuais não se limitam ao evolucionismo simplesmente, como se fossem naturais, são produzidos historicamente por relações de saber-poder e de dispositivos sociais, econômicos e culturais". Assim, acredito ser potente pensar em acionar a infância muito mais para refletir sobre os momentos iniciais das construções das diferenças que para legitimar um caráter essencialista dessas diferenças.

Gilles Deleuze, fazendo relação com os processos de especiação na natureza, indica que "a diferenciação é sempre simultaneamente diferenciação de espécies e de partes, de qualidades e de extensões: qualificação ou especificação, mas também partição ou organização" (DELEUZE, 1996, p. 198). Seguindo a analogia, acredito que os processos ligados à diferença que são narrados por Elfo, Irene e Netuno dizem de subjetivações que vão organizando, valorando e marcando esses sujeitos. E, para além disso, a todo momento são acionadas lembranças tristes para dizer de suas experiências: o que me parece dizer de uma valoração negativa. Quando se visita a memória, tendo passado pelos processos que já passaram, o momento da diferença é pensado como desconfortável e, por vezes, até mesmo cruel. As narrativas desses processos de diferenciação indicam para um quadro de abjeção: "o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, 'dentro' do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio" (BUTLER, 2000, p. 111). A abjeção diz dos lugares de incômodo, estranhamento, diferença e desajuste. Elfo, Irene e Netuno experienciaram esses territórios que trazem para suas narrativas de construção de gênero.

Pensando com Tomaz Tadeu da Silva que “a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (SILVA, 2000b, p. 60), acredito que essas memórias dizem muito da perspectiva desse trabalho e, ainda, que não estão localizadas apenas nessas lembranças da infância, mas que vão percorrer todas as suas trajetórias de constituição enquanto sujeitos de gênero e estarão presentes até os dias de hoje.

• Crescer em novos processos •

Quando eu era criança, morava em uma aldeia muito tranquila e primorosa em Granada. Tudo o que acontecia nela e todos os seus sentires passam por mim hoje, velados pela nostalgia das crianças e pelo tempo.

[...]

Hoje tudo aquilo se passou. Hoje, minha alma sente outras coisas mais complicadas. Hoje, de menino campesino, tornei-me um senhorzinho da cidade... mas nunca esqueço o povo e é por isso que escrevo meus velhos sentimentos, perfumados pelas conversas em flor e pelas noites escuras do inverno.

(LORCA, 2010, p. 17).

Nas lembranças de sua infância, Lorca sente a nostalgia e é guiada por ela. Os seus sentires, sua vizinhança e tantas outras dimensões marcam seu ser e sua obra. Pensando nessa existência e também nas de Elfo, Irene e Netuno, percebo que ainda que os processos de diferenciação estejam atravessando as narrativas, não são os únicos que parecem constituir as não-binaridades. Concomitante a esse processo e a esses encontros, outros se subjetivaram em identificação: momentos de identificar com pessoas que sentiam parecido, que tinham narrativas de si semelhantes e que experienciavam o gênero nas diferenças, algumas vezes de forma não-binária.

Eu nunca tinha tido esse contato. Eu fui descobrir as pessoas não-binárias quando eu entrei na faculdade. Que eu fui pra uma mesa, tava tendo uma mesa, e tinha um menino trans, uma mulher trans e um não-binário. E eu fiquei tipo pensando naquilo. Foi na minha primeira semana da faculdade. Eu fiquei pensando naquilo e comecei aí a pesquisar e tipo “oh”. Eu sentia que eu me encaixava naquilo. Mas ainda não falei pra ninguém.

[...]

Foi tudo pela internet. Eu não conheci ninguém pessoalmente. Eu não conheço ninguém pessoalmente que seja não-binário. Eu conversei com uma menina que prefere ser chamada no feminino, e com um menino que não prefere ser chamado no masculino. E foi só.

[...]

Teve um que eu tava no Tinder e aí a bio[grafia] dele era “não-binário e trate no masculino”. E aí tipo eu nem me interessei, mas aí eu dei match pra conversar com ele

sobre isso. E aí a gente começou a conversar. E aí tipo ele deu like em mim também, deu match né. E aí a gente começou a conversar sobre isso.

(Netuno – Conversa 1)

As narrativas nos aproximam de uma experiência de acolhimento – em oposição à experiência de abjeção, rejeição. As pessoas que estavam vivenciando a diferença ao binário de gênero, ao realizarem alguns encontros e desestabilizações de si, procuram uma vivência de diálogo e identificação à não-binaridade de gênero. Pensando com Luciana de Oliveira Dias, as identidades ao mesmo tempo em que permitem uma territorialização, pressupõem uma desnaturalização e subversão de fronteiras, assim “os processos de identificação mais que destacar as homogeneidades enfatizam as heterogeneidades” (DIAS, 2010, p. 59). Em outras palavras, ainda que Netuno esteja em contato com duas “pessoas não-binárias”, em processo de identificação com suas narrativas e que isso possa servir de confirmação das possibilidades de invenção e existência dessas realidades, haverá concomitantemente um reforço à diferença do binário. Haverá uma confirmação da diferença, do estranhamento e do não se encaixar experienciado desde a infância.

Durante isso, alguns encontros se fazem experiência e tensionam as pessoas a um repensar as identidades que assumem.

Até 2012, não 2011. Eu sabia que eu era diferente. Eu só não sabia o que eu era. Eu gostava de meninas, mas se eu visse um menino, dependendo do corpo, o corpo dele me atraía. Mas não no sentido sexual, tipo “eu quero o seu corpo”. E aquilo ficava uma coisa meio estranha na minha cabeça. Aí eu fui fazer o cursinho pré-vestibular lá no CPS [Centro de Pesquisas Sociais da UFJF]. Aí eu conheci a Tânia. Aí eu me apaixonei, literalmente, por ela. Ela era uma travesti. Aí eu falei assim “ah, tem alguma coisa de errado na minha cabeça, tem alguma coisa acontecendo”. Aí teve um dia que o professor de literatura levou um texto pra gente da Juliana Perucchi, que ela tava fazendo uma pesquisa sobre gênero. Aí tava lá: “ninguém nasce mulher, torna-se”. Aí eu “hum, eu gostei dessa parte”. Aí depois tinha o comentário da Guacira e tal. Aí a partir daí eu disse “eu preciso do livro dessa mulher”. Então eu fui procurar. Aí eu comecei a entender, tipo “eu posso ser isso, ou eu não posso ser; eu posso ser masculina, mas eu posso gostar de homem”. Eu falei assim “Que doidera! Eu posso ser nada disso, eu posso não gostar de ninguém. Eu posso gostar da inteligência da pessoa. Eu posso me relacionar com ela por causa da inteligência.” Então isso tudo me encantou, sabe. Então realmente eu acho que quando você procura, você começa a ler realmente, você começa a se perceber: “poxa eu sou um pouco assim, um pouco assado”.

(Elfo – Conversa 3)

Então quando eu descobri essa questão toda de gênero e tudo, foi mais ou menos... faz uns 5 anos. Aí uma pessoa de São Paulo virou pra mim e falou assim “por que você se

veste assim?”, eu “por quê? Minha roupa tá estranha?”, e ela “porque essa roupa não combina com você”. Aí eu “por quê?” e ela disse assim “porque você não é essa pessoa que você ta tentando ser”. E eu “como você sabe?”, daí ela “ah, senta lá perto de mim e vamos conversar”. Aí ela sempre procurava sentar perto de mim no congresso, eu ia e almoçava, eu ia e depois do almoço a gente conversava, a gente fazia tudo junto. Aí ela foi e falou comigo “por que amanhã você não vem do jeito que você gostaria de vir?”. Eu queria ir com uma camisa social, uma calça, um sapato social. “Ah, mas minha mãe...”. E ela “vem pra eu ver como você fica”. Aí eu fui. E ela virou e falou pra mim “você fica linda assim”. Eu peguei e fiquei toda sem graça. Aí foi isso que ela falou comigo e um pouco mais da questão, falou da Teoria *Queer*, falou do pessoal que estudava isso.

(Elfo – Conversa 1)

A série de encontros que se movimentam nas narrativas dessas pessoas nos sinaliza a pensar junto à Maria Luiza Heilborn que o modo como o indivíduo se torna um sujeito social, através dos diferentes espaços sociais que ele poderá se inserir – ou ser inserido –, pode influenciar a forma com a qual este enxerga o entorno e a si próprio. As instituições (familiares, escolares, jurídicas, médicas etc.) não se constituem como únicos espaços de subjetivação – há, para além delas, uma rede de significação que se constrói: as relações afetivo/sexuais, os encontros inesperados, a internet, as amizades. São diferentes (des)territórios que vão ser potentes para a constituição binária e não-binária do gênero; que irão emergir em tensionamentos, provocações, subversões e rompimentos. A inserção dos sujeitos em diferentes espaços sociais poderá influenciar fortemente nas formas de perceber o mundo e se relacionar com ele:

Isto significa dizer, em última instância, que as escolhas e preferências dos indivíduos são socialmente fabricadas. Tais escolhas, baseadas na ordem de valores do grupo social no qual ele foi criado e vive, marcam fronteiras entre os indivíduos, mas também entre os grupos sociais. (HEILBORN, 2002, p. 78).

A pessoa de São Paulo que proporcionou o encontro de Elfo com a Teoria *Queer* a apresenta para além da teorização, apresenta primeiro através da provocação: “*por que amanhã você não vem do jeito que você gostaria de vir?*”. A narrativa vai ao encontro de Tomaz Tadeu da Silva quando esse sinaliza que “pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa” (SILVA, 2004, p. 107). O questionamento, um dos fortes marcadores da Teoria, é colocado em ação. A perversidade é a dúvida lançada, a

impossibilidade que se faz possibilidade, o devir. Da provocação à sedução à subversão: “*Aí eu fui*”. “A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva” (LOURO, 2004, p. 52). A produção de um novo corpo, de uma nova expressão. Elfo não desestabiliza apenas sua família ao sair de casa “*com uma camisa social, uma calça, um sapato social*”, a desestabilização ocorre também e principalmente no seu próprio ser, no seu modo de estar e fazer.

Elfo recordou, ainda, de outro encontro que significou um repensar paradigmas de relação e identidade. O apaixonar-se pela travesti provocou um sentido de realidade – o mesmo sentido de questionar o que antes era tido como impossibilidade. A confusão que se dá é desestabilizadora. Elfo tem sua identidade descontinuada por diversas provocações, desde a infância até a paixão. Para Michel Foucault investir sobre as descontinuidades é pensar nos “limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular” (FOUCAULT, 1996, p. 10). É Elfo quem faz o próprio registro desses limites do processo da não-binaridade:

Então ela mudou muito minha vida. Aí eu confundi minha cabeça em tudo assim. Porque eu me apaixonei por ela e tal, tudo bem que eu sempre tive uma quedinha, mas eu não achava que podia ser real, sabe?! Então foi a partir daí que eu comecei a ler algumas coisas, a procurar. Aí então a questão do não-binário veio assim, de uma forma, de uma paixãoite, de um estonteio e de uma infância aonde eu não me encaixava, que minha mãe colocava laço e eu tirava. Minha mãe falava “ah é bonitinho” e eu arrancava o lacinho. Então foram coisas que, sei lá, foram juntando aos poucos.
(Elfo – Conversa 1)

A partir disso, Elfo se lança a novos encontros: se debruça a procurar e ler sobre as questões de gênero e de sexualidade. *Escolhe* a inserção.

Os processos de identificação podem produzir, ainda, lugares estereotipados para as identidades. Ou seja, ainda que a não-binaridade de gênero seja emergida de um entre-lugar (e por vezes permaneça nele, sempre em trânsito), a identificação com uma experiência pode constituir regimes de verdade, pode constituir limites para se operar dentro da diferença. Apesar disso, ainda pensando com Luciana de Oliveira Dias, esses não são processos de identificação sem especificidades, mas processos que emergem da subalternidade. Sendo assim, ainda que resguardem

um espaço para a ancoragem de estereótipos, produzem, na contemporaneidade, uma ambivalência. Essa ambivalência faz com que os sujeitos ao mesmo tempo em que reivindicam um pertencimento capaz de incluí-los em contextos socioculturais e políticos como portadores de direitos, provoquem fissuras nas políticas de oposições binárias e rígidas das identidades. (DIAS, 2010, p. 60).

Mesmo que algumas fronteiras se estabeleçam na tentativa de captura da experiência não-binária de gênero, isso sempre estará provocando desestabilizações na compreensão (binária) de gênero. Mesmo que Netuno tenha tido o sentimento de que “*encaixava naquilo*” que a pessoa não-binária descrevia durante a mesa redonda e isso possa ter produzido limites de uma *identidade não-binária*, a desnaturalização do binário continuará produzindo efeitos.

Uma questão apresentada pelos três sujeitos que me chamou atenção durante a produção de narrativas de identificação foi a presença de artefatos culturais e redes digitais como locais de (se) encontrar:

Desde quando eu vi aquela mulher Roberta Close, eu tinha 12 ou 13 anos, eu falei pra minha mãe “é isso que eu quero”. Aí minha mãe desligou a televisão e mandou eu dormir. Então, eu não sabia como que fazia, não sabia como funcionava, mas eu sabia que era aquilo que eu queria. Aí a prima da amiga da minha mãe nasceu como homem e se tornou uma mulher. E se contava isso sempre, foi contando, foi contando. E eu pensando “eu preciso achar essa pessoa, porque eu acho que ela vai me entender”. E eu nunca conheci. Até ir pro VisiTrans que encontrei com ela lá, que não sabia que ela tava mais perto de mim que eu imaginava.

(Elfo – Conversa 1)

Foi um grupo da internet. Eu tive que descobrir tudo por mim mesma e não tive ajuda de quase ninguém porque eu era uma pessoa meio anti-social. E depois de um tempo eu comecei a sair mais, até que eu conheci uma menina que é daqui da UF mesmo, que é do B.I. [Bacharelado Interdisciplinar], num ato pelo Fora Levi Fidelix. E a gente começou a conversar e tudo. E a gente criou uma amizade depois de um tempo. Ela foi conversando comigo sobre várias coisas e também me ajudando a caminhar nesse processo todo.

(Irene – Conversa 1)

Eu comecei a pesquisar, eu comecei a conversar com pessoas que são trans não-binárias. E aí tipo tirar dúvidas e coisas assim. Porque eu acho que antes de se assumir, eu nem sei se eu vou assumir algum dia, se um dia eu assumir eu quero ta com tudo bem resolvido. Não simplesmente virar e falar assim. Porque são duas etapas, vamos dizer assim: se assumir lésbica e depois ter que se assumir trans. E, não sei, se assumir trans deve ser mais difícil até.

(Netuno – Conversa 1)

É interessante observar como as mídias digitais circundam esses processos de identificação. Da Televisão ao Tinder, elas os constituem e possibilitam encontros. Em uma análise mais ampla, como a de Marcio Caetano, percebemos que a mídia “obscurece outras possibilidades de estruturação das identidades e práticas sexuais” (CAETANO, 2009, p. 9) que não às relacionadas à matriz heteronormativa. Entretanto, muito em função da multiplicidade e caráter interativo, elas podem aparecer como aproximação às realidades subalternizadas de gênero.

Fazendo relação com as análises de Christian Metz (1980, p. 55) sobre imaginário do cinema e seu diálogo com Lacan, podemos perceber que os processos de identificação por essas mídias se constituem de forma primária: uma identificação feita com a tela como espelho da própria experiência. Como narra Elfo: “*não sabia como que fazia, não sabia como funcionava, mas eu sabia que era aquilo que eu queria*”. Ainda que as experiências e a identificação de Elfo não tenham se fixado naquela visão espelhada da experiência de Roberta Close (que aquela visão não tenha servido como modelo pleno), a imagem e o momento ficaram guardados à memória, produziram subjetivações.

Para Irene e Netuno, os encontros também se produzem na ordem das realidades virtuais da internet. Dominique Wolton vai apontar a internet como “uma espécie de nova figura do universal que se liberta dos territórios, autorizando as comunidades a reforçar suas identidades e seus laços por meio das redes extraterritorializadas” (WOLTON, 2003, p. 338). Assim, a comunicação virtual que compõe as identidades parece funcionar como linhas de fuga, desterritorialização: um encontro com a diferença que não opera da mesma forma que abjeção, mas que leva as experiências às possibilidades de ser. As dúvidas e consternações que Netuno tinha na infância são retomadas, mas pela conversa com quem se tornou *diverso*, com quem já significou a diferença em identidade não-binária.

As redes virtuais e as conversas proporcionadas podem, ainda, funcionar como “um laboratório social significativo para a realização de experiências a partir de construções e reconstruções do eu” (TURKLE, 1995, p. 263). A internet como desterritório oferece as possibilidades de encontro e de experimentação, de construção de identidades a partir das experiências de diferença que não serão mais abjetas – ou

não, ao menos, naquele desterritório⁹. É possível experienciar a não-binaridade de gênero, performar o entre-lugar, tensionar as fronteiras dos gêneros. É pelas relações que se estabelecem virtualmente – e que depois se expandem às realidades não-virtuais, como no caso de Irene – que os processos de identificação se potencializam: pensando sempre que as identidades não se constituem em estruturas rígidas e fixas, mas que, com indica Stuart Hall (1997) é uma *celebração móvel*, continuamente (trans)formada pelos atravessamentos e relações a que nos expomos.

Nesse sentido, com os processos de identificação em curso as pessoas não *são*, não há uma fixidez invariável. Com isso, até mesmo o desejo de Netuno em estar “*com tudo bem resolvido*” como pré-requisito para se *assumir* dentro de uma identidade não-binária entra em xeque, uma vez que os processos são contínuos e sempre haverá (des)subjetivação.

• O pressentimento •
 Anteontem
 é o que morreu.
 Madrigueira de ideias moribundas
 de pégasos sem freio.
 Mazelas de memória
 e deserto
 perdidos na névoa
 dos sonhos.
 Nada turva os séculos
 passados.
 Não podemos arrancar um suspiro.
 O pássaro põe
 sua couraça de ferro
 e tapa os ouvidos
 com algodão do vento.
 Nunca se poderá arrancar-lhe
 um segredo.
 (LORCA, 2010, p. 95).

Apesar de ter investido em dois processos gerais (de diferenciação e identificação) observo que outros tantos estão nas *mazelas de memória* atravessados às experiências de não-binaridade de Elfo, Irene e Netuno. Quando produzimos as narrativas, olhamos as lembranças na ideia de Lorca que *nunca se poderá arrancar-lhe um segredo*, mas que

⁹ Ainda que considere legítima, potente e importante, não é objetivo esgotar essa discussão sobre a internet e subjetivação de gênero ou aprofundá-la neste trabalho; apenas lançar algumas pistas e indicar a sua relevância para futuros trabalhos.

rememorando o passado possamos tentar nos guiar na *névoa dos sonhos*. Esses outros processos se confundem, se misturam, se ramificam, se rizomatizam aos dois já trabalhados.

Aí minha mãe depois, quando começaram as paradas aqui em Juiz de Fora. Às vezes minha mãe me trazia pra ver. E eu me encantava com as drags. Eu achava aquilo fantástico. Bem o que eu quero pra minha vida. Eu tinha uns 6 ou 7 anos. Então foi assim, eu sempre tive essa admiração muito grande pelas travestis, pelas drags. E eu queria abraçar, queria tocar, e minha mãe “não”. Aí quando minha mãe começou a perceber ela começou a parar de me levar. Aí eu vim com minha tia. Então era uma coisa minha, que eu via que não era igual. Era totalmente diferente. Enquanto todos achavam estranho, eu tava lá encantada.

(Elfo – Conversa 1)

Utilizo outra narrativa da infância para sinalizar que Elfo teve experiências, ainda, que foram atravessadas pelo encantamento pela arte que repensa os padrões de gênero e é produzida pela comunidade LGBTTI. A arte de *Drag Queen* encanta, fascina, seduz. A fala de “*o que eu quero pra minha vida*” e as realidades de criança são retomadas. Pensando o encantamento com Adilbênia Freire Machado, percebo que Elfo passa a construir e recriar mundos a partir do encontro com a arte *Drag Queen*: “o encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido” (MACHADO, 2014, p. 59).

A partir do acontecimento de encantar-se, Elfo (re)cria suas possibilidades de existência e dá sentido à sua diferença. Mas uma incompreensão: quando sua mãe percebe o encantamento e as potencialidades do que ele pode produzir – “*eu queria abraçar, queria tocar*” –, há uma tentativa de controle, de cerceamento. Percebo, como já sinalizado, um investimento na proibição, na restrição para que a única possibilidade de existência válida seja dentro do binário mulher/homem. “*Estamos, ainda, num mundo de silêncios*”.

• Cata-vento •

As coisas que vão não voltam nunca,
todo mundo sabe disso,
e entre o claro gentio dos ventos
é inútil queixar-se.
Não é verdade, choupó, mestre da brisa?

É inútil queixar-se!
 Sem nenhum vento,
 acredita em mim!
 gira, coração;
 gira, coração.
 (LORCA, 2010, p. 71).

“*Estamos, ainda, num mundo de silêncios*”. Mas, Lorca faz girar o coração, girar o passado que não volta girar as narrativas. Resignificar os encantamentos e as restrições. Deixar que o gentio dos ventos traga novas ideias. *Gira, coração*.

Netuno: E eu acho que o meio disso é o perfeito assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa.

Pesquisador: Implora e obriga né.

Netuno: É. Nem implora, obriga mesmo. Se implorasse seria até melhor.

Pesquisador: É, a gente poderia recusar.

Netuno: É: “não”. Mas isso, tem um monte de gente recusando aí.

Pesquisador: Sim.

Netuno: Apesar de passar por muitas coisas, essas pessoas estão aí.

(Netuno – Conversa 1)

A cobrança começa dentro de casa. Começa no útero. Aí eu acho isso horrível. Porque não é o sexo sabe. Não é o órgão genital que vai te falar “é um menino ou é uma menina”. Poxa, é uma criança, é um bebê. E deveria ser respeitado como tal. Então eu vejo que a sociedade te cobra isso. Mas você pode desviar isso. Você pode ir contra. Só que pra você ir contra, você precisa ter força. Você precisa resistir a muita coisa. Porque se você não tiver a fim de resistir, você nem começa. Então eu penso muito assim sabe.

(Elfo – Conversa 3)

Porque você é oprimido, você não é igual às outras pessoas que possuem uma vida totalmente diferente da sua; que possuem, digamos, privilégios e direitos seus básicos são negados. Então eu acho que a intitulação, os rótulos servem bem mais como uma resistência. Mas quem sabe assim, num futuro, talvez em um mundo livre de opressões não haja necessidade de se caracterizar ou se identificar, se chamar, nomear seu gênero como trans ou cisgênero, etc.

(Irene – Conversa 1)

Elfo, Irene e Netuno operam com uma palavra (conceito) importante quando nos propomos a lançar um olhar às pessoas que se localizam marginalizadas pela matriz heteronormativa: a *resistência*. Para Netuno a resistência pode ser agenciada no mesmo

sentido da recusa, “*apesar de passar por muitas coisas*”. Em conferência ministrada em 2014, Judith Butler pensa a vulnerabilidade em relação à resistência e, em certo momento, à resistência não-violenta¹⁰ – como a indicada nas narrativas.

Em tais práticas de resistência não-violenta podemos entender a vulnerabilidade física como algo que é usado a propósito ou mobilizado como forma de resistência. É claro, esta alegação é controversa, uma vez que estas práticas podem ser aliadas com a autodestruição, mas o que me interessa são as formas de resistência não-violenta que mobilizam a vulnerabilidade para afirmar a existência, reivindicando o direito ao espaço público, igualdade e opondo-se a uma polícia violenta, a segurança e a ações militares. (BUTLER, 2014b, p. 13)

Dialogo a narrativa de Irene com Judith Butler quando penso na intitulação de seu gênero como um mecanismo de resistência para reverter um quadro de “privilégios e direitos seus básicos são negados”. O que faz parece ser uma afirmação da existência, reivindicação ao espaço público e igualdade. Percebo uma relação teórica e política: a resistência não-violenta como perspectiva possível para desestabilização – em certo nível – das estruturas binárias. Elfo, no entanto, diverge nesse ponto: para Elfo a resistência se localiza, justamente, na recusa aos rótulos. Netuno, ao que noto, localiza sua existência (e todas as outras possibilidades ligadas à não-binaridade de gênero) como próprio ato de resistência.

Pensando com Michel Foucault, “a resistência é um elemento das relações estratégicas nas quais se constitui o poder. A resistência se apoia, na realidade, sobre a situação à qual combate” (FOUCAULT, 2004, p. 269). Nesse sentido, essas divergências entre Elfo, Irene e Netuno, aposto, estão ligadas aos diferentes espaçamentos e às diferentes relações de poder que essas pessoas estão engendradas: são diferentes respostas, diferentes formas de dizer *não* ao binário.

Outro atravessamento nos processos de (des)subjetivação que percebo nas narrativas é o do prazer. Trabalho essa dimensão em perspectiva foucaultiana e opero com essa palavra especificamente a partir do que narra Gilles Deleuze (1994):

¹⁰ Judith Butler vai trabalhar o conceito de *resistência não-violenta* como aquela que não se constrói a partir do ataque. A autora se utiliza do exemplo da formação de barricadas frente à uma ação policial repressiva: não há enfrentamento físico, mas uma luta de permanência em determinado espaço através de outros mecanismos.

Na última vez que nos vimos, Michel, com muita gentileza e afeição, disse-me mais ou menos o seguinte: não posso suportar a palavra desejo, mesmo que você a empregue de outro modo, não posso impedir-me de pensar ou de viver que desejo = falta, ou que desejo se diz reprimido. Michel acrescentou: então, para mim o que chamo de “prazer” talvez seja o que você denomina “desejo” de qualquer modo, tenho a necessidade de outra palavra que não desejo. (DELEUZE, 1994, p. 63).

Leio nas narrativas de encontros e experiências uma aproximação com o universo de “*coisa de menino*” e/ou “*coisas de meninas*” a partir do prazer que se produziu com esses contatos. Como diz Elfo: “*foi um momento que eu me sentia super bem*”. Para Michel Foucault, são as relações de poder que irão gerar as estruturas de significantes que irão constituir a interpretação de prazeres. Essas estruturas (ou matrizes) serão as

práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser. (FOUCAULT, 1984, p. 11).

Podemos pensar a prática de luta de Elfo, a rejeição ao ballet e o escoteirismo enquanto práticas de decifração, reconhecimento e confissão dos prazeres de rompimento com a continuidade sexo-gênero. Parece haver ainda um sentimento de prazer ao afastar-se do ser menina por não ter tido “aquele medo” de estupro.

• Cançãozinha do primeiro desejo •

Na manhã verde,
queria ser coração.
Coração.

E na tarde madura
queria ser rouxinol.
Rouxinol.

(Alma,
põe-te da cor laranja.
Alma,
põe-te da cor de amor.)

Na manhã viva,
eu queria ser eu.
Coração.

E no cair da tarde

queria ser minha voz.
Rouxinol.

Alma,
põe-te da cor de laranja!
Alma,
põe-te da cor de amor!
(LORCA, 2010, p. 149).

Os prazeres se transfiguram. *A cançãozinha de primeiro desejo* de Lorca me traz as transformações (não bruscas) na narrativa de Elfo. Atualmente, é principalmente através da psicanálise que se dá sua produção de conhecimento acerca das experiências não-binárias.

Aí eu troquei de psicanalista e tal. E ela conversando agora comigo, ela falou assim “você é bem feminina, não tem como negar”. E então ela falou assim “também não tem como negar que você tem o feminino e o masculino. E os dois são muito fortes. Mas isso não está na sua cabeça”. Foi meu primeiro conselho, porque eu agia de uma forma, de uma maneira, que eu vivia infeliz por conta disso. Porque isso me confundia, eu chorava. Aí então ela vem trabalhando isso em mim. “Não, a gente vai fortalecer o seu lado masculino, porque o seu lado feminino já está ótimo. Porque assim, é isso. É essa meiguice, o carinho, o cuidar do outro. Isso tá ótimo. A gente tem que tirar até um pouco, porque às vezes é em excesso. Porque não há uma coisa que seja tão diferente. Todo mundo tem. É como se fosse um garotinho desde criança, então a gente tem que virar esse garotinho. Não perdendo esse lado meigo, esse lado carinhoso”. Aí eu falei assim “ta”. Então a gente vem trabalhando com essas questões.

(Elfo – Conversa 1)

Percebo que Elfo aciona, de novo, a dimensão do prazer quando se compara ao desconforto vivenciado anteriormente: “*eu vivia infeliz por conta disso*”. O pretérito imperfeito traz para a narrativa a perspectiva de transformação, que o trabalho realizado em conjunto com a psicanalista tem produzido um efeito conciliador das expectativas de gênero com seu sentir-se. Ser uma “pessoa não-binária” para Elfo não passa necessariamente por um repensar essas expectativas, como elas são produzidas e as maneiras de desestabilizá-las. O que é desestabilizado é a matriz de continuidade sexo-gênero-desejo. Em outras palavras, a ideia de práticas esperadas de cada gênero parece ser mantida (o ser mulher com “*a meiguice, o carinho, o cuidar do outro*”, o ser homem com as práticas de virilidade), entretanto agora elas podem coexistir no mesmo sujeito, podem ser fortalecidas. A narrativa da conversa com a psicanalista traz essa perpetuação das expectativas para cada gênero. Pela fala de Elfo é possível identificar

que o posicionamento da profissional é generificado, ou seja, a mesma trabalha com a perspectiva de existirem “características femininas” e “características masculinas”. Também acredito ser possível perceber que Elfo tem essa mesma leitura de seu acompanhamento.

Para finalizar, penso com Netuno que

Cada não-binário ele é de um jeito, ele prefere ser tratado de uma forma ou de outra. Tem não-binário que nasceu com órgão sexual feminino que quer ser tratado no feminino, e vice-versa, ou querem ser tratado no masculino. Não sei. Eu acho que depende muito da pessoa, do que ela quer ser chamada. Do que ela se sente confortável. E aí tem que ter cuidado com as pessoas, é uma coisa muito importante.

(Netuno – Conversa 1)

A multiplicidade presente em uma colcha de retalhos opera quando lançamos o olhar à(s) não-binaridade(s) de gênero. Se “*cada não-binário ele é de um jeito*”, quantas são as pessoas, quantas são as experiências, quantas são as territorialidades no espectro de gênero? Não há respostas. No mesmo sentido que entendo masculinidades e feminilidades (no plural) – as várias formas de ser homem e ser mulher – me permito também pensar as não-binaridades.

Para Elfo, Irene e Netuno, os encontros, desconfortos, encantamentos e memórias inenarráveis ou inclassificáveis caminharam para a diferença com o binário de gênero – uma identidade na não-binaridade de gênero. É com esses processos que essas pessoas operam atualmente em seu cotidiano, sua forma de enxergar o mundo e a si mesmas. A experiência provocativa do *queer*, o contato virtual com pessoas que dizem da não-binaridade, as conversas com amigades que se fundam em função das questões de gênero, o apaixonar-se pelo abjeto, o pesquisar as dimensões da diferença: tudo isso constituiu um processo que fez com que essas pessoas participassem da construção desse texto, um processo de identificação com as identidades não-binárias. “*Sem tudo isso, a obra dele não teria a força que ela tem*”.

• O recordar •

Isso que eu faço é puro sentimento e memória vaga da minha alma de vidro... todas as figuras que desfilarão por essas folhas desertas, algumas morrerão, outras já se transformaram e o povo é outro completamente diferente. O monstro da política o despojou da virgindade e da luz dele. Naquele povo nasci e meu coração foi despertado. Naquele povo, tive o meu primeiro sonho de distanciamento. Naquele povo, eu serei terra e flores... as ruas, as pessoas, os costumes, a poesia e a maldade serão como o

andaime onde se aninham) minhas ideias de criança, derretidas no cadinho de
puberdade. Ouça...
(LORCA, 2010, p. 18)

RETALHO: SOBRE CORPOS, INVENÇÕES E DESENHOS DE RISCO



Imagem 8: *Cursar do rio*
Fonte: Elaboração própria. 2015.

Cursar do rio é uma imagem elaborada por mim como logotipo para o *Curso do Rio: no serviço, comprometidos com a justiça*. O curso, realizado no ano de 2015, foi organizado pelo ISER Assessoria: uma entidade ecumênica ligada à corrente da Teologia da Libertação da Igreja Católica do Rio de Janeiro. Por alguns anos estive imerso nas redes de subjetivação e relações desses espaços religiosos até o ponto que me distanciei emocional e racionalmente. Algumas ideias me movimentaram para que eu pudesse criar *Cursar do rio* à época. Em primeiro lugar a intencionalidade de pensar o trânsito, o meio do caminho, o lugar que não se pode escolher ser apenas um algo, mas que se dilui em vários. A pessoa na imagem tanto dança de saia rodada quando lança redes sobre a cidade. A saia é tanto vestimenta quanto rede. A cidade é tanto estática quanto se movimenta para seguir o curso do rio; é dela que sai o espírito – tradicionalmente ligado à pomba. O sol é tão sol quanto nuvem, tanto ilumina quando escurece, tanto clareia quanto lança sombras. As dicotomias se dissolvem quando a pessoa não contém signos ligados socialmente apenas ao masculino ou ao feminino: o chapéu, a barba, o rosto quadrado compõem os seios, a saia e a silhueta fina.

A Teologia da Libertação emergiu a partir da segunda metade do século XX em quase toda a América Latina. Pregando opção preferencial pelos pobres, ela tem se expandido teologicamente nos últimos anos para pensar também outros tipos de opressão: por raça, etnia, gênero e sexualidade. Ainda que essa abertura às novas discussões tenha reverberado, em alguns espaços ela permanece ainda bloqueada por pensamentos mais tradicionais e conservadores da religião. Quando a imagem *Cursar do rio* foi apresentada à comissão organizadora do curso, foi veementemente criticada e questionada de sua necessidade. O motivo foi, explicitamente, a figura humana que contém o “rompimento visual” de um binário de gênero. O incômodo gerado pela situação me faz pensar: que força tem uma imagem? Que potência tem uma representação? O que consideramos ao produzi-las? Que reverberações se desencadeiam?

A proposta deste retalho é refletir sobre a construção de imagens da não-binaridade de gênero. Em outras palavras, procuro investigar como que, após um processo de identificação com a não-binaridade de gênero, Elfo, Irene e Netuno (re)inventam saberes, corpos, expressões e representações de si que dirão dessa experiência. Em nossas conversas essa questão apareceu permeada entre relações de prazer, de escolhas, de desconfortos, de imaginação, de (re)produções e de poder.

Para dialogar com tudo isso, escolho costurar a essas narrativas alguns desenhos de Federico García Lorca e de Daniel Arzola. Este segundo, venezuelano artista e ativista das causas LGBTTI, compõe sua arte principalmente através de imagens e textos – em 2013 lançou a campanha *No soy tu chiste* (em tradução oficial para o português: *Não sou uma piada*) com o objetivo de “dizer bem alto o que ninguém estava dizendo” (ARZOLA, 2015). A campanha se trata de uma série de obras que buscam destacar a luta pelos direitos legais da comunidade LGBTTI. Ele utiliza-se do termo “ativismo” para pensar sua produção, bem como de cores vivas e frases que emergem de suas próprias experiências enquanto homossexual.

As experiências artísticas de Daniel Arzola, a língua espanhola, a latinidade e sua vivência homossexual me atravessam com uma aproximação à Lorca – ele mesmo já se inspirou no poeta para construir algumas obras plásticas e poesias. As experiências dos dois artistas se cruzam e percebo a colcha de retalhos se estendendo e costurando a arte como forma de resistência.

• Um atravessamento Lorca-Arzola-Pesquisa •



Imagem 9: *Federico García Lorca. No fue un chiste.*
 Fonte: ARZOLA, 2013

Durante a primeira rodada de encontros com Elfo, Irene e Netuno, apresentei a campanha de Daniel Arzola e as obras já produzidas disponibilizadas pelo artista. A ideia era que cada pessoa comentasse as obras e pudesse escolher, ao final da conversa, alguma se baseando em algum grau de representação de sua experiência. Cada um dos quadros da Imagem 10 foi escolhido por uma pessoa nesse momento. De uma pluralidade, Elfo, Irene e Netuno escolheram, respectivamente: “Soy lo que siento no lo que ves”, “Mis derechos son civiles no religiosos” e “Respecto no es caridad es un derecho”. Não me parece adequado pensar que esses quadros sejam uma fotografia das experiências, mas nos ajudam a refletir sobre elas.

Acredito que a escolha das imagens esteja numa relação de construção de representação de si. Pensando com Gilles Deleuze, a representação pode ser definida por “certos elementos: a identidade no conceito, a oposição na determinação do conceito, a analogia no juízo, a semelhança no objeto” (DELEUZE, 1988, p. 135). É circundando esses quatro elementos que, defendo, a não-binaridade de gênero poderá ser representada por Elfo, Irene e Netuno – não apenas nas escolhas dos quadros de Daniel Arzola, mas em toda construção das narrativas.



Imagem 10: Obras da campanha “No soy tu chiste” de Daniel Arzola.
Fonte: ARZOLA, 2013.

Elfo escolheu a pessoa que se abre em seu corpo e se liberta em seu sentir. Constrói, assim, uma nova corporalidade. O azul anterior em oposição ao rosa que aparece. Parece haver uma identificação com esse conceito: a constituição de Elfo como aquilo que movimenta seus afetos, experiências, não o que podemos traduzir de uma leitura apenas visual, mas que quer extrapolar as possibilidades de seu corpo. É necessário encontrar-se para acessar o ser.

Irene optou pela obra “*por causa das flores assim no cabelo*”. Percebo, em certa medida, uma semelhança no objeto: muitos elementos da imagem dizem de nossa conversa – desde a combinação proposital de flores e barba, passando pela recusa às instituições tradicionais como a religião, até as cores e símbolos que se recortam e se presentificam na imagem. A sobreposição de maquiagens e colagens me faz recordar as narrativas de Irene que dizem de sua aproximação com a arte, com a preocupação de como expressar-se e com o aspecto terapêutico de construir uma obra como essa.

Netuno escolheu o corpo que parece dividido ao meio: um corpo que se localiza no entre-lugar dos símbolos do gênero. Encaro a escolha dentro dos elementos de identificação ao objeto, mas também uma analogia com sua própria trajetória dentro das construções e descobertas do gênero e sexualidade. Parece-me uma identificação com a composição de lutas: o lema da Revolução Francesa, o stencil de Martin Luther King, a frase que exige respeito – temática também recorrente em alguns de nossos encontros.

Todas as imagens de Daniel Arzola trazem alguns signos de desestabilização do binário de gênero através de uma tentativa de representação da diferença – daquilo que

não se suporta em uma identidade, mas que foi capturado momentaneamente. A escolha a cada obra estabelece uma relação com e uma reflexão sobre tal tentativa:

Quádrupla sujeição, em que só pode ser pensado como diferente o que é idêntico, semelhante, análogo e oposto; é sempre em relação a uma identidade concebida, a uma analogia julgada, a uma oposição imaginada, a uma similitude percebida que a diferença se torna objeto de representação. (DELEUZE, 1988, p. 135).

Dentro dessas tentativas de (se) representar (n)a não-binaridade de gênero, construímos algumas narrativas que irão, desse momento em diante, servir de base à discussão desse retalho. Essas narrativas foram construídas mediante memória, querer e afetações.

Neilton: E se você fosse convidado, por exemplo, pra fazer um ensaio fotográfico sobre não-binaridade de gênero? Que roupa você usaria? Como você se montaria? Como você planejaria isso?

Elfo: Bem, a primeira coisa que veio na cabeça é uma questão nua. Pensei numa pessoa nua, tapando seu órgão e, às vezes, talvez pintar alguma coisa no olho, num lado e no outro lado não. Mas se eu tivesse que usar uma roupa, talvez eu usaria uma coisa que eu gosto, aquelas saias escocesas. Talvez eu usaria isso e uma blusa tipo baby look mais feminina, com pregas. E uma gravata. Então seria mais ou menos assim.
(Elfo – Conversa 3)

A produção de Elfo é de um corpo sem órgão(s). Um corpo que rejeita a instrumentalização. “Um corpo que não perde o devir, um corpo em acontecimento, que é condição de si próprio. Os órgãos se tornam meios de mim mesmo. Abrir as portas do corpo para a vida potente e fechar para as armadilhas” (FUGANTI, 2012). Nesse produzir, acredito que o gênero (e, logo, a não-binaridade de gênero) não se restringe apenas às dimensões subjetivas de cada pessoa trabalhadas em outros espaços desse trabalho. Joan Scott, em clássico texto para os estudos da área, apresenta que a construção do gênero

implica quatro elementos: os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (...), os conceitos normativos que põem em evidências as interpretações do sentido dos símbolos (...), uma noção de política bem como uma referência às instituições e organização social (...) e a identidade subjetiva. (SCOTT, 1990, p. 14-15).

Assim, é interessante pensar como se materializam visualmente nos corpos as experiências, as identidades e diferenças de Elfo, Irene e Netuno. Como se produzem os sentidos dos símbolos utilizados, seus usos políticos e suas reverberações na organização social? Direciono-me para três territórios que foram narrados e que podem nos dizer dessas expressões: os nomes utilizados socialmente pelas pessoas – bem como a utilização das flexões de gênero na escrita e oralidade –, as maneiras de lidar com os próprios corpos (como pensam suas potencialidades, desejos, desconfortos, formas e decomposições) e a construção de vestimentas e acessórios.

• Nomear-se •

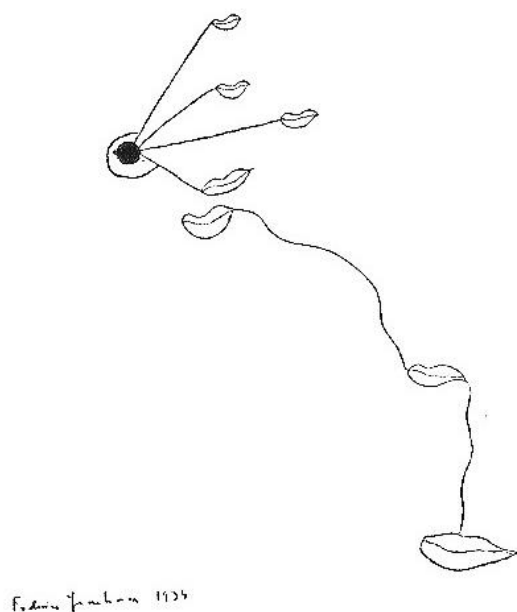


Imagem 4: *Bocas*.
Fonte: LORCA, 2004

Para me debruçar sobre os nomes, inicio pelos próprios nomes que utilizamos ao decorrer deste trabalho: “Elfo”, “Irene” e “Netuno”. Acreditando que a pesquisa também se constitui em um processo de (des)subjetivação dessas pessoas, a escolha de como nomear-se em um texto me parece estar imbricada nesse processo de representação de si.

Neilton: Preciso também que você escolha um nome. Um nome fictício pra eu poder usar no texto da pesquisa e garantir o anonimato.

Elfo: Eu pensei em um, mas eu não sei se poderia.

Neilton: Pode falar.

Elfo: Elfo.

Neilton: Elfo? Pode ser. Deixa eu anotar... Por que Elfo? Pode falar?

Elfo: Porque no meu carro tem um Elfo. Eu gosto de bichos estranhos também. Gosto de coisas estranhas.

(Elfo – Conversa 1)

A escolha por “Elfo” parece ser mediante à identificação com “*coisas estranhas*”. Assumir a estranheza como parte significativa da vida, ressignificar aqueles processos experienciados na infância. Em outras narrativas Elfo se coloca na personagem e posição dos “bichos estranhos”: quando diz, por exemplo, no segundo encontro que tivemos que se identifica com o Patinho Feio e com a Fera (de *A Bela e a Fera*), das histórias infantis. O estranho que, após alguns acontecimentos, se torna o belo.

“Irene” foi o nome escolhido a partir de uma brincadeira. Como direi posteriormente nesse retalho, há uma relação forte dessa pessoa com seu cabelo. No momento do primeiro encontro ela estava com o cabelo muito curto, devido um erro no salão de cabelereiro. Percebo que também é algo significativo para Irene que influencia na sua opção: a frustração de ter o cabelo cortado se transforma em sátira justificada.

Tem uma série que a Irene trabalha num salão e ela estraga assim tudo que ela mexe, ela deixa as pessoas carecas, sem sobrancelha. Acho que Irene porque eu tive Irene.

(Irene – Conversa 1)

Por fim, “Netuno” foi o único nome escolhido por mim. Assim que dei a oportunidade de escolha de algum nome diferente ao de registro, a pessoa escolheu um referente a um amigo de infância. Disse: “*É um nome que eu gosto bastante assim. Eu acho que combina comigo*”. Alguns meses depois, no entanto, ela começou a utilizar esse nome da pesquisa como um nome social (registrado, inclusive, nas pautas e documentos da Universidade). A última mensagem que enviei para Netuno foi, justamente, para a escolha de algo novo – para que mantivéssemos seu anonimato. Mas, a resposta nunca chegou. Um dia após o envio recebi a notícia de seu suicídio.

Com essa preocupação de manter seus nomes (de registro e social) ocultos, pensando na sua própria preocupação (sinalizada uma vez durante nosso segundo encontro) de preservar o anonimato de terceiros e, ainda, em algo que estivesse relacionado à sua história e ao seu corpo, optei por nomear como “Netuno”.

Neilton: Você falou dessa [tatuagem] da banda e tem outras quais?

Netuno: Eu tenho essa aqui [*braço*], Poseidon. Netuno, né! Poseidon e Netuno são os mesmos deuses.

Neilton: Grego e romano, né?

Netuno: Isso. Mas, sabe Bernini? Um escultor. Ele fez essa escultura como Netuno e Tritão. E aí o tatuador pegou a imagem da escultura e passou pro meu braço. Porque eu virei pra ele e falei: “ah, que eu queria fazer Poseidon”. Aí ele achou essa imagem que me interessei bastante. Mas, Netuno e Tritão, Poseidon.

Neilton: E você fez por quê?

Netuno: Ah eu gosto muito de Poseidon. Ah, voltando pra aquele negócio do livro, o motivo de eu gostar é por causa de Percy Jackson¹¹. Por isso que eu gosto de Netuno, Poseidon. Eu tento dar uma sofisticada no porque, mas não. É Percy Jackson mesmo.

(Netuno – Conversa 2)

Há certa ligação entre a pessoa e o nome. A imagem de Gian Lorenzo Bernini, escultor italiano, é incorporada. Um atravessamento que vem da leitura e que se torna pele. Netuno-mitológico, deus dos mares. Netuno-narrador, príncipe das águas.

• Um príncipe das águas •

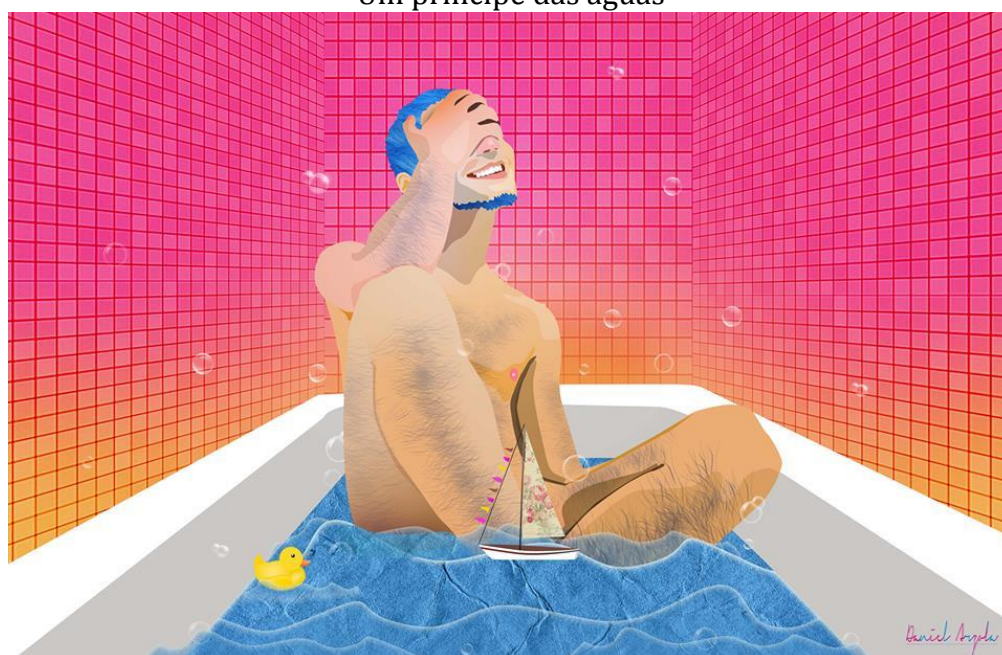


Imagem 12: *Sem título*.

Fonte: ARZOLA, 2013

Tem outra história maneira. Que foi do dia que a gente ia gravar um clipe pra banda. A gente ia gravar um clipe de uma música nossa. E aí a gente via aqueles cliques assim super produzidos e a gente achava que era fácil fazer. Aí meu amigo tinha uma câmera GoPro, que podia entrar na água. E a gente ia fazer um clipe dentro da água. Foi um

¹¹ Personagem principal da série literária “Percy Jackson & os Olimpianos”, do escrito estadunidense Rick Riordan. A série consta de 5 livros (lançados entre 2005 e 2009) que relatam a história de Percy, um adolescente que se descobre semideus (filho do deus Poseidon com uma humana) nos dias atuais.

dos melhores dias da minha vida assim. Foi muito maneiro. Só que tipo, a gente foi ver as imagens e ficou uma bosta. Ficou muito ruim. E a gente ficou na piscina nadando, na piscina da casa do meu amigo assim, filmando com a GoPro. E aí tinha uma muretinha assim e a gente pulava todos juntos da muretinha pra piscina. E era muito maneiro. E a gente ficou assim a tarde inteira, até escurecer.

(Netuno – Conversa 2)

Pareceu-me justa, adequada, cuidadosa e poética a utilização desse nome para dizer dessa experiência de vida. Trazer ao texto a memória de um Netuno contente, em seu reinado de água.

A vontade de assumir um nome social diferente do registrado cresceu em Netuno no decorrer dos meses em que a pesquisa foi se produzindo, entretanto desde o início Elfo e Irene já utilizavam nomes sociais. Não estava previsto informar esses nomes utilizados por essas duas pessoas. Entretanto, visto a importância dada a eles, anexamos ao termo de Consentimento Livre e Esclarecido um termo de Consentimento para uso do nome próprio (Apêndice), para ter a permissão de expor, também, essa dimensão.

Diante de toda essa situação, coloquei-me os questionamentos de Cláudia Fonseca em suas análises sobre as questões éticas de sua pesquisa etnográfica e a relação com o anonimato: “por que o pesquisador queria se distanciar dos informantes desse jeito? Quais coisas “repreensíveis” estava contando sobre eles que sentia-se dessa forma incumbido a esconder suas identidades?” (FONSECA, 2007, p 5). Reconheço que as narrativas devem ser trabalhadas com cuidado, uma vez que não seria apenas a substituição dos nomes que garantiria o anonimato. Nesse sentido, acredito que acrescentar ao texto o verdadeiro nome, uma vez que permitido por essas pessoas, tem um potencial de produção de um acréscimo político nada desprezível ao nosso estudo.

Hoje em dia, é absolutamente normal que procuremos definir a “relevância política” dos nossos textos etnográficos (ou quaisquer outros). Seria difícil achar uma senhora alma na academia contemporânea que não admita o caráter inseparável do conhecimento e do poder. Já consideramos imperdoável o silêncio sobre o contexto colonial nos textos de nossos pais fundadores. A pretensão de uma ciência “neutra”, acima de contendas políticas, seria ainda mais questionável no cenário atual onde atuamos simultaneamente como pesquisadores e concitoyens de nossos informantes. (FONSECA, 2007, p. 11)

Neilton: E como nome você adota geralmente *Ori* agora?

Elfo: É, eu só uso *Ori*. Aí é bom que minha mãe não fica me perguntando tanta coisa também. Porque antes, os meninos me chamavam de *Orion*. Aí até eu não achava muito a minha cara, sabe. *Orion* faz lembrar uma pessoa tão máscula.

Neilton: Tem um quê de deus grego.

Elfo: Aí eu “ah, não tem nada a ver comigo”. Aí eu tinha colocado *Oscar*. Porque juntando o meu nome todo dá *Oscar*. Porque é *Oriene Salviano Carneiro*. Aí eu usava o “O” do *Oriene*, o “s” do *Salviano* e o “car” do *Carneiro*. Aí eu “ah, sei lá. Esse *Oscar* também é meio estranho”. Agora eu deixo só *Ori*, é mais bonitinho. Porque *Ori* não define nada, se é isso, se é aquilo. *Ori* está de bom tamanho.

Neilton: Faz quanto tempo que você adotou *Ori*? E foi mudando... de *Oscar* pra *Ori* e tudo mais?

Elfo: Tem 2 anos que eu venho mudando de nome.

(Elfo – Conversa 1)

Então, meu nome é *Cristal*. Eu escolhi esse nome mais por causa de uma neutralidade que ele traz. Porque, na prática, “cristal” é uma pedra e uma pedra supostamente não teria gênero. Mas as pessoas acabam tendendo a me tratar pelo feminino pelo fato de talvez identificarem *Cristal* como um nome feminino. Mas eu não me sinto muito confortável com isso. Mas eu também não me importo muito, porque eu gosto tanto da neutralidade dos nomes, mas fica muito difícil na prática. Então, tanto o feminino quanto o masculino pra mim parece de boas.

(Irene – Conversa 1)

Podemos perceber nas narrativas que há um investimento acerca dos nomes que Irene e Elfo utilizam. As duas pessoas buscam uma associação à neutralidade de gênero: fazendo com que, ao serem chamadas, não seja vinculado o feminino ou o masculino. A utilização de nome social por pessoas transgêneras é, para Berenice Bento (2014, p. 166), uma “criatividade inédita no cenário internacional”. Em outras palavras, no nosso país temos legislações inovadoras que versam sobre a propriedade legal desse dispositivo. Apesar disso, nem Elfo nem Netuno relataram qualquer desejo de modificação de seus nomes em documentos. A utilização de seus nomes enquanto nomes sociais parece bastar. Sinalizo que é interessante pensar que o nome social pode ser considerado apenas como um paliativo em muitos casos, necessário para um convívio social mais harmonioso.

Para Leonardo Guimarães *et al*, o nome “está fortemente conectado a física onde abrange o direito do corpo, integridade moral compreendendo o direito da liberdade e a honra, enfim, o nome exerce toda a função da capacidade civil dos indivíduos” (GUIMARÃES *et al*, 2016, p. 67). Podemos compreender, nessa perspectiva, o cuidado com os nomes dessas pessoas quando se percebem com experiências da não-binaridade. E, ainda, esse como outro processo de afirmação da existência defendido por Judith

Butler e corroborado pelas observações de Karen Schwach (2012) quando indicam que, mesmo não constando nos documentos de registro civil, há “uma enorme importância do nome na autoestima, representando um meio de inclusão social”.

• Máscaras, paliativos •



Imagem 13: *Máscaras*
Fonte: LORCA, 2004, p. 5

Outro pensar que, por vezes, permeia a experiência de pessoas que se identificam com não-binaridade é a utilização de artigos, pronomes e flexões de gênero – seja na forma escrita ou falada. Escapar das flexões binárias de “a” ou “o” pode se tornar uma questão a se debruçar. Utilizo as mesmas narrativas trabalhadas em outros espaços desse trabalho:

Às vezes eu uso, eu vou falar assim “to cansada”. Aí falo assim no feminino e fico “cansada, cansada, cansada” e fica tipo na minha cabeça. Aí eu tento tipo, não sei, quando eu vou conversar com alguém e eu tenho que usar pra me referir a mim é, tipo, tem uma palavra que eu tenho que colocar ou o masculino ou o feminino eu vou falar de mim, eu tô conversando, eu meio que apago a última letra. Eu falo mais baixo, não sei. Tipo “ah, eu tô cansad...”. Aí meio que some a letra. E dá pra entender. Não sei, pelo menos as pessoas entendem. Você tá falando alto a palavra e... É estranho.

Eu acho que aos poucos, sei lá, uma hora talvez eu tenha que me assumir. Essa palavra assumir é meio estranha. É muito ruim se assumir. Assumir.

(Netuno – Conversa 1)

Neilton: E em relação aos artigos? Você gosta de usar “a”, “o”, “e”...

Elfo: Ah, depende. Tem dia que eu uso o “o”, tem dia que eu uso o “a”, tem dia que eu uso o “x”, tem dia que eu uso, sei lá, o “@”. Então depende. Eu não tenho muito esse problema não. Aí tem gente que fala “ah, mas e se te chamar de “a”?”. Ué gente, o que tem o “a”? “E se eu te chamar de “o”? Eu “ah o que que tem?”. É realmente uma letra do alfabeto. Não vai definir quem eu sou. Não vai definir o que eu penso. Não vai definir nada. Eu que tenho que saber quem eu sou. Agora se o outro acha que deve me chamar de “a”, seu ele acha que deve me chamar de “o” ou se ele acha que não deve me chamar de nada... pessoa... humano... tá tudo ótimo. Eu tô feliz desse jeito.

(Elfo – Conversa 1)

Tanto Elfo, quanto Netuno, colocam em questão a estruturação binária na língua e suas formas de (re)existências dentro dessa estrutura. Acredito que, enquanto Netuno busca caminhos menos concretos e mais subjetivos (um caminhar particular à pessoa que fala, que não necessariamente será interpretado como “escapar” ao binário pela interlocutora), Elfo não acredita na língua como parte da estrutura que define seu gênero – mais uma vez se aproximando de um entendimento do gênero na dimensão subjetiva. Pensando a língua como dispositivo que ajuda a compor a linguagem, Mariléia Sell e Ana Cristina Ostermann (2009) vão de encontro a esses pensamentos de Elfo e Netuno ao dizer que “a linguagem não é um veículo do pensamento, ou um espelho que meramente reflete a realidade, mas é ação constitutiva da realidade” (p. 13).

E a linguagem que diz do gênero não se restringe à escrita ou oralidade. As expressões da não-binaridade podem ser multiplicadas a depender dos sujeitos que experienciam. Como indica Irene:

Acho que meu próprio jeito ele já não condiz com o que a sociedade esperava que eu me tornasse, a minha vestimenta e as minhas próprias características físicas. Eu não me identifico e eu não pareço realmente nem um homem, nem uma mulher. E eu acho que todas essas características, incluindo coisas mais materiais (a roupa, o cabelo, as maquiagens), fazem parte do processo que eu me identifico e acaba refletindo na forma que eu me expresso.

(Irene – Conversa 1)

Também as (re)invenções dos corpos são potencialidades para se pensar as expressões do gênero. O que as experiências imprimem nos corpos? O que os corpos imprimem nas experiências? Quais são os (des)territórios corporais de Elfo, Irene e

Netuno? Como essas pessoas operam (re)inventando seus corpos, testando suas possibilidades?

Irene: Eu me expressava muito pelo meu cabelo, era uma paixão, era uma segunda pessoa e eu cuidava com todo carinho. Eu gostava de pintar ele, eu tinha cabelo colorido um tempo atrás. E as pessoas já ficavam chocadas por eu ter um cabelo grande e ele ser roxo, ou rosa, que foram as cores que eu pinteí. E eu gostava de me expressar muito através dele. Só que eu tive que raspar e optar por me expressar de uma outra forma: através de roupa e até mesmo maquiagem. Assim, na época que eu raspei eu usava quase um quilo de maquiagem na cara, um lápis preto super marcando o olho, porque eu vi que a partir do momento que eu raspei a cabeça eu ia ter mais cobrança sobre meu gênero e sobre o que eu sou.

[...]

Neilton: Você começou a pintar seu cabelo logo depois que você se identificou e se assumiu como uma pessoa não-binária ou antes?

Irene: Então, eu passei por um processo também de parar de querer alisar meu cabelo e deixar ele natural – ele era meio cacheado, meio ondulado. E o cabelo colorido tava um pouco na moda assim, uma amiga minha pintou e eu achei assim maravilhoso e fui pintar também. Aí eu pinteí ele, primeiro de rosa, que era pra ser roxo só que não funcionou, aí ficou um rosa. Com o tempo eu fui deixando ele crescer, ficar normal, assim natural do jeito que ele é. Ele ficou imenso e as pessoas já estavam enchendo o saco porque eu tava com o cabelo grande e ele era roxo. E no começo desse ano eu tive que pintar ele de loiro, umas três vezes pra depois pintar de roxo de novo. Tinha que me alistar no exército, ia começar a fazer cursinho e aí eu vi que as pessoas iam encher o saco porque meu cabelo era colorido. Aí eu deixei loiro até junho mais ou menos, que foi quando eu cortar no salão meu cabelo e a mulher, não sei o que ela fez que ficou horrível e eu tive que raspar. Aí a partir daí eu tive que me expressar de outra forma.

(Irene – Conversa 1)

A “paixão” e o “carinho” dispensado ao cabelo indicam o reconhecimento de Irene da potencialidade de expressar sua experiência não-binária. A troca de texturas, cores e comprimento pode ser um diálogo com a diferença: aquilo que o corpo demanda para que os processos de subjetivação possam também se materializar. Anderson Ferrari (2009) em seu diálogo com o filme *Ma vie em rose* pensa o cabelo da personagem principal (Ludovic) como uma das suas ligações com o feminino, indicando o cabelo como um dos fortes marcadores de gênero da sociedade.

No mesmo sentido, penso o percurso narrado por Irene: “*deixar ele natural*”, “*pintar também*”, ir “*deixando ele crescer*”, perceber as (im)possibilidade de se movimentar com aquele corpo, “*cortar*” e “*raspar e optar por me expressar de uma outra forma*” até que o cabelo cresça novamente. Acredito ser um percurso de reinvenção da própria materialidade, uma forma de inventar a existência corporal enquanto obra de

arte – aquilo que guarda “consigo o ato de resistir, de inventar uma nova resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p. 56).

• Um país de possibilidades •



Imagem 14: *En tu cabeza hay un país*
Fonte: ARZOLA, 2013

No momento em que uma linha de fuga é bloqueada – quando há necessidade de raspar o cabelo – outras brechas de desterritorialidade são ativadas, outros países são criados, são demandados pelo corpo: “*aí a partir daí eu tive que me expressar de outra forma*”. É mais que um *querer* (vontade), é um *ter que* (necessidade). Acredito que tal necessidade é subjetiva e visceral, mas também (como Irene mesmo sinaliza: “*eu vi que a partir do momento que eu raspei a cabeça eu ia ter mais cobrança sobre meu gênero e sobre o que eu sou*”) uma necessidade de dar respostas às cobranças. Os locais de cobrança se configuram, principalmente, entre as relações de movimentos sociais organizados. Assim, me questiono como faz Berenice Bento:

por que exigir das pessoas que vivem a experiência transexual que sejam subversivas, quando também compartilham sistemas simbólicos socialmente significativos para os gêneros? Será que a própria experiência já não leva em si um componente subversivo, na medida em que desnaturaliza a identidade de gênero? (BENTO, 2002, p. 13).

As exigências fazem as brechas serem alargadas: “*na época que eu raspei eu usava quase um quilo de maquiagem na cara*”. É um reinventar-se. O corpo deixa de ser estático, dado natural, biológico rígido. É, agora, invenção, possibilidade de ser e estar experienciando a não-binaridade. As exigências e (im)possibilidades de Irene também estão narradas em outras conversas.

Olha, são três coisas que queria no meu corpo: eu não queria ter quadril, porque eu tenho muito quadril; queria ser mais alto assim; e queria ter barba. Mas o resto assim não me incomoda. Tenho vontade de ter barba assim. Mas assim, eu não tenho, eu não iniciaria, não começaria a tomar hormônios. Eu não sei. Eu já pensei sobre isso, mas acho que não. Porque eu tenho vontade de engravidar, de ter filhos da minha barriga. E tipo tomar hormônio, ele tira essa, você fica infértil. Quando você começa a tomar hormônio a chance de você ficar infértil é enorme. E eu não quero ficar infértil. Mas quero ter filhos por inseminação. Não quero ter relações com homem.
(Netuno – Conversa 1)

A narrativa de Netuno se dá em um momento pós-reflexão sobre sua corporeidade. Seus desconfortos, desejos, cuidados e (im)possibilidades já foram pensadas, avaliadas. Apesar de, como indicado em outros momentos, a experiência tenha sido denominada como não-binária há pouco tempo, o pensamento sobre modificação corporal com hormônios já é algo considerado, ainda que temporariamente descartado. A mobilidade do corpo é, novamente, percebida em justaposição a processos biológicos como o da concepção. Netuno pensa em engravidar, rejeita o tratamento hormonal para ter barba em função disso, mas ao mesmo tempo rejeita uma forma de concepção dita “natural”: escolhe “*ter filhos por inseminação*” – e significa essa escolha dizendo que não quer “*ter relações com homem*”.

Os desejos e os corpos se estabelecem num jogo em que os (des)prazeres são negociados: o prazer de “ter barba” é negociado com o prazer de “engravidar”, o prazer de “engravidar” é negociado com o desprazer da relação sexual com um homem. Em outras palavras, os corpos estão sempre *em aberto*, nenhuma existência não será negociada, medida – assim como os prazeres e desejos. Há uma vivência cotidiana da desnaturalização. É o que aponta Letícia Lanz ao pensar que nas experiências de pessoas transgêneras “o corpo sempre apareceu como um projeto de transformação, um vir-a-ser da própria pessoa, o que implica em aceitar sua aparência, tamanho, forma e até mesmo o seu conteúdo como amplamente abertos à reconstrução” (LANZ, 2014, p. 111).

Elfo também narra experimentações corporais. Movimentações que foram escolhidas e outras “aproveitadas”. O prazer da modificação corporal se torna ainda mais evidente, bem como o planejamento para tal. Como Netuno, possui uma corporeidade designada enquanto feminina, o que nos permite questionamentos como: como se dá a subjetivação dos corpos designados como femininos? Quais atravessamentos são comuns às pessoas que foram designadas a esse gênero ao nascer? Como as experiências não-binárias podem se expressar em corpos que são cerceados, auto-desconhecidos? Quais as linhas de fuga que foram acessadas para que se possa atualmente pensar o próprio corpo enquanto estrutura aberta às (des)(re)construções?

Aí minha mãe falou que ultimamente – é que eu comecei a tomar inibidor de hormônio feminino, porque eu tenho transtorno de humor (aí isso aumenta muito na TPM). Aí hoje minha voz se transforma, parte da noite ela começa a engrossar, tanto a noite quanto de manhã ela fica mais grossa. Aí ela “ah, mas tem que falar com essa médica, não tá dando mais. Porque você é muito esquisita, já anda com essas roupas esquisitas”. Então eu sinto que as pessoas não entendem. É difícil ser aquilo que as pessoas acham que você deve ser. Você pode se sentir só humano, tem que fazer o bem, ser uma pessoa de bem. E isso que levo muito na minha vida. Ser uma pessoa boa, independente do que o outro pode estar pensando toda hora. “Ah será que é isso... será que é aquilo?”. “Ah como será que essa pessoa tem um relacionamento... será que não tem?”. Então isso é uma questão minha. Mais ou menos por aí.

[...]

Igual eu te falei, eu comecei a malhar pra perder um pouco de peso e tomando esse inibidor que eu comecei eu vou ficar um pouco mais andrógena. Aí eu pensei “vou adorar!”. Porque vai chegar um pouco onde quero. Foi o que falei, eu quero aumentar um pouco meu tórax, eu quero aumentar mais. Existe só uma coisa que não gosto no meu corpo, que me incomoda. São os seios. Aí eu não penso em fazer cirurgia. Eu malhando, como já é pouco, eu malhando dá pra ficar muito bem. Aí eu decidi fazer isso. E também dependendo da blusa que uso, não dá nem pra notar.

(Elfo – Conversa 1)

Aí, finalmente tomei coragem para conversar com a minha endocrinologista sobre a questão hormonal, só que ela não liberou, questão de hormônio para mim devido a questão de saúde e até mesmo o psiquiatra não libera, ele disse que por enquanto não.

(Elfo – Conversa 2)

Neilton: E você continua com desejo nessa questão de tomar hormônio e tal?

Elfo: Sim, mas eu não pretendo tomar as doses que os meninos tomam normalmente. Quero uma dose um pouquinho baixa mesmo, só pra engrossar um pouquinho a voz. Como eu já tenho pelo natural, só pra acabar de completar. Porque eu já tenho naturalmente. Mas é igual eu falo, eu não me vejo tipo um homem totalmente barbudo com aquelas coisas. Não me vejo assim, sabe.

[...]

Ela [a endocrinologista] falou que não faria a prescrição da T [testosterona] pra mim, por motivos de saúde mesmo. Aí ontem ela até conversou comigo de novo. Aí ela falou assim: “se a gente fizer, depois da sua cirurgia a gente vai conversar sobre a perda de peso, sobre suas questões de obesidade”. Porque a minha obesidade é de família, sabe. Aí então ela falou comigo que seria mais aconselhável eu operar. Porque senão a gente vai chegar ao ponto que a gente vai perder o controle. Aí ela sugeriu e falou “aí depois que você fizer isso, quem sabe eu não libero o hormônio pra você e tal”.
(Elfo – Conversa 3)

• Uma recusa, um prazer •



Imagem 15: *No tengo que ser masculino o feminina. Súperalo.*
Fonte: ARZOLA, 2013

O descontentamento de Elfo com seus seios é semelhante ao de Netuno com o quadril e a altura. E, no mesmo sentido, formas de (re)inventar o corpo já foram pensadas e, algumas, postas em ação. O efeito colateral do inibidor de hormônios (a transformação na voz) é visto de maneira prazerosa por Elfo – e como desconforto para sua mãe. A construção de uma figura “*um pouco mais andrógena*” através do inibidor e dos exercícios físicos, também é prazer: “*vou adorar!*”. Todo o percurso do querer de Elfo em utilizar dosagens de hormônios (em específico a testosterona) diz de uma construção de saberes que circundam o corpo, os prazeres e as invenções de si.

Em seus estudos acerca da travestilidade, Marcos Benedetti (2005) identifica os saberes sobre hormônios enquanto uma rede que vai sinalizar as identidades travestis.

Acredito que as experiências na não-binaridade se encaminham também nesse processo: não que o tratamento hormonal esteja efetivamente presente nessas experiências em função da diferença de gênero (de fato não está de acordo com as narrativas), entretanto a consideração ao tratamento, o pensar das consequências, o vislumbre das (im)possibilidades é latente.

Essa escolha de *hormonizar-se ou não* é um optar por certo tipo de invenção corporal. Uma invenção que, como qualquer outra, vai além da experiência corpórea, mas que é atravessada por outros efeitos que dirão de seus desejos, perspectivas, linhas de fuga e (des)territórios. Nesse sentido, Stéphane Malysse vai indicar que em qualquer modificação corporal

a pessoa tenta controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social; ela escolhe uma forma física “nova” indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique. No entanto esse modelo corporal não é apenas formal, uma vez que o sujeito incorpora também os valores morais incluídos em sua constante reconstrução (MALYSSE, 2002, p. 96).

Construir-se, assim, através de hormônios, de colorações, de exercícios físicos etc., é construir um aparato corporal e moral para dizer de sua diferença – e/ou identidade. Invenções que não podemos mais enquadrar nos binários material/imaterial, corpo/mente, tátil/moral, mas que são mutuamente atravessadas por jogos de poder, prazer, desconfortos, desejos. Entretanto, mesmo que percebendo um debruçar, um pensar mais demorado de Elfo, Irene e Netuno sobre esse jogo, encaro que não apenas essas pessoas estão imersas nisso, mas todos os sujeitos que produzem os corpos e gênero. O que me faz levantar questionamentos junto à Elfo:

Elfo: Até onde que eu preciso ir, até onde que eu preciso provar pro outro que eu sou uma pessoa trans, que eu sou um menino, que eu sou uma menina ou que eu não sou nada? Até que ponto, sabe, vai tudo isso? Até onde que isso tudo vai acarretar na minha vida? Então a gente [na psicanálise] começou a conversar sobre isso. Sobre a questão que se fala muito de nome social e tal. Mas será até que ponto que o nome social define realmente a pessoa? Será que se eu falasse que eu sou Joãozinho, Mariazinha, faria alguma diferença eu sabendo quem eu sou? Então, trabalhamos muito isso na psicanálise. Trabalhamos a questão da cirurgia, até que ponto a cirurgia pra mim seria necessário. Se eu posso esconder os meus seios, se eu posso impedir que a pessoa toque e tal. Já que eu não preciso vê-los na relação. Então a gente questionou tudo isso.

Neilton: E você chegou a alguma resposta? De até que ponto...

Elfo: Sim, eu cheguei. Como eu tenho poucas glândulas mamárias mesmo e, assim, a gente chegou a um ponto que tipo a cirurgia no caso não adiantaria. Porque por eu ter poucas glândulas, se eu tiro o top é tipo um peito de um menino gordinho. Então ele não desenvolveu como um seio de mulher. Então eu não tenho um seio feminino, eu tenho um seio de um menino gordinho. Eu tenho gordura. Então a partir do momento que eu perder a gordura, eu tenho, digamos, um seio um peito mais reto. Aí nesse período também eu comecei a tomar um inibidor de hormônio feminino porque tava me dando quase que uma hemorragia por causa da “menstruação”. Aí a médica, a gente ia colocar um diu, aí ela falou comigo “faz o teste com a medicação antes e depois a gente vê, se coloca ou não”. Aí eu tô tomando a medicação, tá ótimo, tá legal. Só que aí por ter inibido o hormônio feminino, aí começou a nascer mais pelos. Aí começou a nascer mais pelo no peito assim, sabe. Aí foi legal. Aí acabou nascendo mais.
(Elfo – Conversa 3)

As decisões que são narradas me parecem equilibradas com seus prazeres e desconfortos. Elfo responde às próprias questões que levanta, mas na esfera pessoal: “*eu cheguei*” – talvez sinalizando exatamente a individualidade da resposta pra cada pessoa, o tempo de cada pessoa, os processos de cada pessoa. As forças que atuam na construção do gênero em um plano maior (que estão nas instituições, nas relações, na educação) são as mesmas forças que atuam em um corpo. Mas, como cada sujeito vai significar e se significar em tudo isso – ou como Elfo questiona “*Até que ponto, sabe, vai tudo isso?*” – não me parece ser tão previsível ou totalizante.

• Mistério •



Imagem 13: *Mistério*.
Fonte: LORCA, 2004

Aposto, com as obras de arte de Frederico García de Lorca, que “só o mistério nos faz viver. Só o mistério” (LORCA, 2004, p. 50). São as singularidades misteriosas de cada corpo e experiência que poderão dizer “até que ponto vai tudo isso”.

Para além das modificações corporais que se relacionam aos reajustes da ordem do biológico, há expansões que perpassam também performances com tecnologias de roupas, acessórios, cores e texturas. É interessante, assim, nos direcionarmos às construções cotidianas das imagens de Elfo, Irene e Netuno, quais suas expressões ao sair de casa, o que levam em consideração para planejá-las, que reverberações esperam ou não, como tudo isso será atravessamento, novas experiências do corpo, novas subjetivações.

Eu gosto de misturar bastante, principalmente as partes de cima. Ou então uma roupa de uma peça só. Aí eu vou misturando assim as roupas que eu vou achando. Cada pedaço em um lugar e eu vou montando o *look* combinando. O que eu acho que vai ficar legal eu uso. Aí tem roupa que eu compro e não dá certo, aí eu já deixo guardado talvez pra uma outra ocasião. Mas geralmente vou misturando as roupas masculinas e femininas e também passando um pouco de maquiagem e aí a fica bem, eu tô confortável comigo e que eu tô expressando quem eu sou.

(Irene – Conversa 1)

Irene narra seu investimento pela mistura de símbolos socialmente estabelecidos enquanto femininos com outros estabelecidos enquanto masculinos. “*Cada pedaço em um lugar*”, cada retalho costurado para formar sua expressão de colcha. Cada retalho é o outro, os dois são nenhum. A maquiagem é recurso também utilizado, principalmente, como vimos em narrativas anteriores, após o corte de cabelo: a mistura se faz operar. “A escolha da roupa que vestimos resulta de uma combinação entre o nosso desejo individual de expressar ao mundo o nosso eu e a observância de regras sociais de conduta” (LANZ, 2014, p. 93). Tanto na narrativa de Irene como também na de Netuno e Elfo que observaremos abaixo, percebemos a perspectiva de realização *do desejo individual* de Letícia Lanz muito presente: “*eu tô confortável comigo e que eu tô expressando quem eu sou*”. Em outras palavras, muitas vezes as *regras sociais de conduta* não são consideradas para a performance de corpo que se pretende produzir.

A *mistura* é característica marcante para Irene. O rompimento com o binário de gênero se mostra no distanciamento das experiências totalizantes de *ser homem* e de *ser mulher*, o interesse está no híbrido para dizer da diferença (WOODWARD, 2000). Procura-se o ambíguo, a dúvida, a suspensão, as linhas de fuga. Os símbolos ainda são

pensados enquanto masculinos e femininos e é justamente a partir dessa significação nem sempre questionada que Irene opera para ir “*montando o look combinando*”. Netuno performa de maneira parecida:

Então, ultimamente eu tenho tentado, não sei, eu tô fazendo algo que eu não fazia antes. Eu sempre coloquei roupas masculinas e me vestia dessa forma. Aí ultimamente eu tenho usado as roupas masculinas que é como eu me sinto confortável, mas tenho pintado a unha e coisas assim. E aí, tipo, a primeira vez que eu pareci de unha pintada as pessoas estranharam muito, ficaram tipo: “mas por que você está assim? Por que você tá tipo com a unha pintada que é coisa de gente feminina?”. Mas às vezes eu quero sair com a unha pintada, quero sair com uma maquiagem e tipo eu tô realmente tacando o foda-se para o que as pessoas vão pesar: eu com uma roupa masculina e unha pintada. Não sei. Esses acessórios ditos femininos eles, na cabeça das pessoas, eles acompanham um corpo feminino com uma roupa feminina e coisas assim. E fica estranho um corpo feminino, com roupa masculina, uma unha pintada, maquiagem. (Netuno – Conversa 1)

Netuno narra que seus investimentos em planejar suas composições de vestimenta baseadas numa perspectiva não-binária para o gênero são recentes. E que, além da mistura também presente nas narrativas de Irene, o *estranhamento* faz parte da construção da imagem: é uma dimensão pensada e planejada. A análise dos estudos *Queer* realizada por Pedro Paulo Gomes Pereira indica que “estranhar, subverter, perturbar, desestabilizar [...] são marcas da própria experiência *queer*” (PEREIRA, 2008, p. 510). Nesse sentido, acredito numa potencialidade *queer* na narrativa ao estranhar a continuidade entre gênero-corpo-vestuário fixados em feminino ou masculino e provocar a descontinuidade, “*eu com uma roupa masculina e unha pintada*”.

Richard Miskolci anuncia, em certo tom profético, que “é chegada a hora de estranhar as forças sociais, políticas e também teóricas que até hoje mantiveram ‘xs estranhxs’ alocadxs no desvio e na anormalidade” (2014, p. 22). É tempo de estranhar o individual e o político, de fomentar o estranhamento. A narrativa de Elfo faz um percurso narrativo semelhante ao de Netuno: provocação, subversão, (re)existências a partir da composição do estranho, da dúvida, da questão. Indo ao encontro dos estudos *queer* de Maycon Silva Lopes, “persiste uma latente possibilidade de perturbação deste corpo, a ponto dele ser passível de estranhamento, de ser tomado como um algo não familiar, ou um corpo estranho” (LOPES, 2016, p. 6).

Igual hoje, a instrutora brincou comigo, falou “ah, você comprou um short de malhar?”. Aí eu “é né, tive que comprar”. Isso é um pouco complicado, mas tá bom: eu compro uma blusa grande. Tanto é que a blusa é masculina. Geralmente é uma coisa que faço muito: roupas masculinas, roupas femininas, tudo junto, uso uma maquiagem. Tanto que eu perguntei se você ia gravar, porque se você fosse gravar eu ia vir com uma outra roupa.

Então eu tenho essas questões. Não tanto a roupa, mas... por que não usar todas?

Aí minha mãe me questiona: “ah, as pessoas vão ficar olhando”. E eu falo: “e daí? Eu quero usar”. Porque é o que eu gosto de usar e ponto.

(Elfo – Conversa 1)

• Vista-se como você se sente •

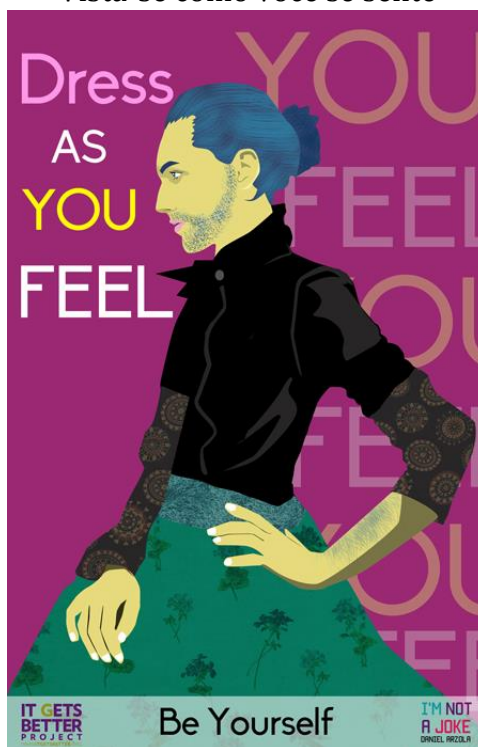


Imagem 17: *Dress as you feel*
Fonte: ARZOLA, 2013

Os posicionamentos e questionamentos de Elfo encontram os demais já observados: a mistura, o estranhamento, a dimensão do prazer individual na performance, a despreocupação com as percepções alheias. Há uma preocupação com a construção da imagem na própria pesquisa – “tanto que eu perguntei se você ia gravar, porque se você fosse gravar eu ia vir com uma outra roupa” –, um cuidado em performar experiências não-binárias não apenas no que lhe é cotidiano, um outro sinal da constituição dos sujeitos a partir da participação desse trabalho.

A questão “por que não usar todas?” parece rondar todas as narrativas. Por que não usar? Por que não se lançar às construções de estranhamento? Por que se produzir na

fixidez se a subjetividade é a da diferença? Os efeitos colaterais de uma modificação baseada em tratamento hormonal ou cirúrgico não são mais uma questão. As roupas, os acessórios, as maquiagens são tão móveis quanto as identificações. E, para além, “a roupa é, ao mesmo tempo, um operador de socialização, um mecanismo de controle social e um veículo de libertação da tirania dos condicionantes culturais” (LANZ, 2014, p. 93).

Exige uma certa coragem de você sair da forma que você realmente quer sair. Às vezes um monte de cara hetero e cis, quer usar saia, mas tem medo, sabe, do que a sociedade vai achar. Não sei. Não posso falar por hetero-cis também. Não sei como eles se sentem. É porque é aquela coisa né: do homem é homem, mulher é mulher. Tem que ter muita coragem pra sair, tipo, da forma que você realmente quer. Às vezes você tá se sentindo confortável, mas as pessoas olhando, traz o desconforto.

(Netuno – Conversa 1)

Netuno percebe que as performances e regulações das expressões de gênero não estão presentes apenas nas pessoas que tem experiências de diferença. Mas, mesmo as pessoas que se enquadram na norma, na identificação – “*cara hetero e cis*” – também terão suas limitações, suas negociações de prazeres. Todas as pessoas estão imersas na *matriz de normas de gênero* estudada por Judith Butler (2003). Todas exercem, atravessam e são atravessadas pelos jogos de poder, prazer, estranhamento. A realização individual de performar determinado espectro de gênero pode ser desestabilizada pelas relações sociais: “às vezes você tá se sentindo confortável, mas as pessoas olhando, traz o desconforto”.

Beatriz Ferreira Pires vai investir nos jogos de prazer ao apontar que

há, no ato de se apresentar com determinados tipos de adornos, a vontade, por parte do sujeito, de desestabilizar os indivíduos que não os possuem, de mostrar uma condição diferente de se expressar e de obter prazer. Prazer este obtido no momento da manipulação corporal, e estendido a todas as práticas possibilitadas pela modificação, inclusive a de verificar a reação que sua imagem causa no Outro. (PIRES, 2003, p. 82).

Em outras palavras, as produções dos corpos não são apenas experiências de si para si, mas também atravessadas pelas relações interpessoais, pelos (des)(re)encontros que se dão com outros corpos, outras morais, outras experiências. O

que se produz com o choque desses corpos é, também, plural e imprevisível. Em outros espaços desse trabalho me debruço sobre essas produções.

Por fim, reitero minha percepção no investimento e preocupação de Elfo, Irene e Netuno com as expressões de gênero a partir das narrativas analisadas nesse retalho. Como Daniel Arzola e Federico García Lorca costuram imagens a essa discussão, essas pessoas costuram significados aos seus nomes, corpos, roupas e formas de ser e agir.

Produzir uma obra de arte, produzir desenhos de risco, produzir linguagens, produzir corpos, produzir-se como outra possibilidade de existência: tudo parece estar engendrado em produção paralela de saberes e experiências da não-binaridade de gênero. Elfo, Irene e Netuno são muitas coisas – ao mesmo que não são e se recusam em ser. Experiências que são multiplicizadas também pelas reverberações das expressões que procurei discutir nesse retalho.

• (Não) Somos? •



Imagem 18: *Somos muitas coisas*

Fonte: ARZOLA, 2013

RETALHO: SOBRE RELACIONAR-SE, ENUNCIAR-SE E ESCREVER CARTAS

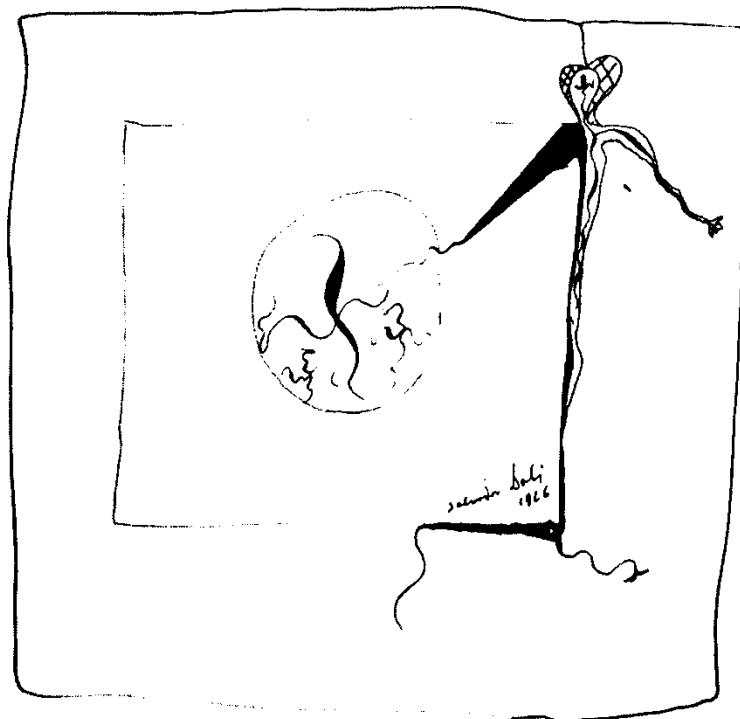


Imagem 19: *Desenho de Salvador Dalí intitulado Lorca-Dalí (1926)*
Fonte: FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 40¹²

Dalí é o homem que luta com um machado dourado contra fantasmas. [...] Dalí não quer se deixar levar. Precisa pegar o volante e também a fé na geometria astral. Isso me comove; Dalí me dá a mesma emoção pura (e que Deus nos perdoe) que o bebê Jesus me deixou na entrada de Belém, com todos os germes da crucificação já latente sob as palhas do berço.
- Federico García Lorca sobre Salvador Dalí (FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 21).

A primeira época de Madrid, o início de minha amizade com Lorca já se caracterizou pelo antagonismo violento de seu espírito eminentemente religioso (erótico) e a minha anti-religiosidade (sensual). Lembro-me das intermináveis discussões que duraram até às três ou cinco da manhã e que foram perpetuadas ao longo da nossa amizade. Então, na Residência de Estudantes, Dostoievsky era devorado, era hora dos russos. Proust veio como um terreno ainda inexplorado. Minha indiferença com esses escritores indignava Lorca.

- Salvador Dalí sobre Federico García Lorca (FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 19).

O cenário da Espanha na segunda década do século XX estava atravessado pelo acirramento de tensões políticas com os discursos conservadores ganhando cada vez mais força – aquilo que viria a se materializar na ditadura de Franco. Em Madrid o que

¹² Todas as citações relacionadas a essa referência bibliográficas foram traduzidas livremente do original em espanhol.

efervescia eram as produções em artes, discussões intelectuais e movimentações populares. Alberto Jiménez Fraud mantinha na cidade a *Residencia de Estudiantes*, um lugar que, para além de hospedaria, se consagrava como local de encontro de uma geração de artistas e estudiosos da época promovendo conferências, concertos e possibilidades de criações.

Federico García Lorca e Salvador Dalí se conheceram na “Resi” em janeiro de 1923. A partir de então mantiveram uma complexa relação com anos de aproximação e anos de distanciamento, pautada por inspiração, tentações, descobertas, entregas, medos e amores. Um Lorca que se construía e, mais tarde, se anunciava enquanto homossexual, marcado pela origem na sua terra de ciganos, afetado pelos ideais de um país livre das marcas do conservadorismo: “*en la bandera de la libertad bordé el amor más grande de mi vida*” [na bandeira da liberdade bordei o maior amor da minha vida]. Um Dalí que acabara de perder sua mãe, tímido e ambicioso em se consagrar como artista plástico, não apenas na Espanha, mas em todo mundo: “*le surrealisme c’est moi*” [o surrealismo sou eu].

Pouco se sabe efetivamente sobre tal relação além da admiração artística mútua, da forte amizade que se construiu, do desejo afetivo-sexual de Lorca por Dalí e algumas especulações sobre a concretização desse desejo. O que se sabe está materializado em pinturas, poemas e cartas. Trago para esse retalho excertos do epistolário mantido pelos artistas (e alguns membros de suas famílias) entre 1925 e 1936 e que diz desse relacionamento. Essas correspondências em formato de cartas, desenhos, rascunhos e postais estão reunidos no livro *Querido Salvador, Querido Lorquito* – obra do intenso trabalho de pesquisa de Víctor Fernández e Rafael Santos Torroella (2013), obra que, após eu persegui por uns anos, se encontrou comigo na própria região Andaluzia.

Acredito que esse contexto ajude a dialogar com as narrativas das experiências da não-binaridade de gênero sobre as relações interpessoais que se produzem: os tensionamentos, os prazeres, os desconfortos, os enfrentamentos. Elfo, Irene, Netuno, eu, Lorca, Dalí, famílias, amigades, amores, estranhos: personagens que se costuram em potentes encontros.

Acho que conforme a gente vai conhecendo as pessoas, conversando com as pessoas e se relacionando com as pessoas – não intimamente, mas relacionamento tipo amigos, família, até namorada sabe – você vai entendendo melhor, vai tipo acrescentando às coisas na sua cabeça e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes. Talvez

uma coisa que você pensava de uma forma, depois de uma conversa você pode pensar de outra forma.

(Netuno - Conversa 2)

Com os verbos de Netuno, intento nesse retalho pensar esse *conhecer, conversar e relacionar* com as pessoas como processos educativos para as experiências da não-binaridade de gênero e outras. Um encontrar em que “*você vai entendendo melhor, acrescentando às coisas na sua cabeça e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes*” me parece fazer parte desses processos de (des)subjetivações, discutir assim “o governo de si por si mesmo (de *soi parsoi*) em sua articulação com as relações com os outros (*rappports à autrui*) tal como se encontram na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na prescrição de modelos de vida, etc.” (FOUCAULT, 1989, p. 136). Para fazer tal reflexão divido as narrativas em dois blocos: o primeiro que diz da importância que Elfo, Irene e Netuno dão para relações familiares (que se mostrou a mais forte nas narrativas), como elas se atravessam em outras relações (como afetivo-sexuais, amigáveis, profissionais etc.) e como tudo isso opera nas questões de gênero; o segundo, discute o que se constrói quando esses sujeitos se colocam socialmente à disposição de leitura, ou seja, o que se produz enquanto relação no encontro com a diferença.

•Cartas de família •

Querida amiga Ana Maric:

Recebo sua deliciosa carta em Granada. Nunca te esqueci, e se não escrevi não foi culpa minha, mas por causa dos meus dias um tanto insensatos em Madri. Agora na Andaluzia eu sou outro. O mesmo que estava em Cadaqués. Quantas vezes me lembrei do verdadeiro toque de naufrágio que tivemos em Cap de Creus! E quão delicioso aquele coelho que comemos com sal e areia ao pé da águia laranja! Esse mar é o meu mar, Ana Maria.

[Carta de Federico García Lorca a Anna Maria Dalí, setembro de 1925]
(FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 59)

Somos muitas coisas. O Lorca-estudante de Madrid se movimenta em sentidos diferentes do Lorca-povo de Granada, do Lorca-amante de Cadaqués. Pelos escritos do poeta, ou se duvida de que a intensidade de suas amizades causa-lhe grande afetação, bem como – e, talvez, principalmente – o contato com sua família e o povo de sua região natal, a Andaluzia. No mesmo sentido, Elfo, Irene e Netuno dizem das suas afetações quando estão ou estavam em contato mais próximo com a família:

Desde criança mesmo, eu nunca fui o que minha família esperava. Eu nunca fui, ai, o homenzinho assim como eles queriam. Eu sempre me vestia com as roupas da minha mãe, da minha avó, pegava várias coisas e colocava no cabelo. E eu sentia uma repreensão por parte da minha mãe muito forte, porque teve até uma época que, quando eu tinha uns 5 ou 6 anos, que minha mãe me proibiu de ter contato com minha madrinha e minhas primas porque a gente brincava de boneca.

(Irene – Conversa 1)

Neilton: E a questão com sua família?

Elfo: Bem, o que aconteceu: eu tava na psicanalista, fazendo análise. Aí quando eu coloquei essa bota, eu parei de ir. Aí ao decorrer do tempo da novela das 9. Aí minha mãe tá: “ah é isso, ah é assim que aplica, ah mas não sei mais o que”. Aí minha mãe me falou: “por que ela não fala de uma vez pra mãe dela?”. Aí eu “ah, porque não é fácil falar assim”. E ela “ah é?!”. Só que minha mãe percebeu tipo que existia um interesse. Aí no dia que a Ivana virou pra mãe dela e falou que realmente ela não era menina que ela sonhou e tal blablabla a menininha. Aí eu virei e falei: “ah, é tão difícil essa parte”. Aí minha mãe falou: “como que você sabe?”. Aí eu falei “ah mãe, quer saber?! Eu sou igual ela. Eu não sou menina, mas também não sou um menino”. Aí minha mãe “que?”. E eu “ah eu não queria ser menino, eu não queria ser menina, eu não queria ser nada. Eu não gosto de ser nada”. Aí eu disse “mas menina eu não gosto de ser. O feminino que eu vejo é o feminino através das drags, travestis, transexuais. Esse feminino que me atrai. Não é um feminino, feminino tipo fêmea mesmo. Eu não consigo ver isso como a questão do feminino. Agora, já nesses eu já consigo”. Aí minha mãe virou e começou a falar tipo “ah, você tá traindo eu e seu irmão, que a gente desejou uma menina e tal. Aí você vem falar isso. Eu fiquei tão feliz quando o médico falou que era uma menina, que se deus mandou uma menina ele sabe porque e tal”. Aí falou: “você sabendo de tudo que pode acontecer nessa transição, você ainda tem coragem de dizer que você ainda quer ser um menino e tal?”. Aí eu disse: “eu falei que eu quero, eu não falei que eu vou fazer tudo”.

(Elfo – Conversa 2)

Netuno: Eu acho que aos poucos, sei lá, uma hora talvez eu tenha que me assumir. Essa palavra *assumir* é meio estranha. É muito ruim se assumir. Assumir.

Neilton: E a gente assume de diferentes formas, pra diferentes pessoas, digo.

Netuno: É. E eu acho que pra família é o mais difícil. Eu não sei como meus pais reagiriam. Eles nem iam saber o que é. Eu ia ter que explicar. Aí minha mãe eu tenho certeza que ela ia perguntar “mas você quer virar homem? Você vai ter barba?”. Eu tenho vontade de ter barba.

No movimento de reflexão sobre as relações que se constroem como importantes para essas pessoas, as famílias sempre se configuram como espaços complexos, de tensionamentos. Desde a infância de Irene, passando pelo momento atual de Elfo e até as possibilidades de um futuro pra Netuno, a família é percebida como um território de forte caráter de subjetivação carregado de expectativas. Percebo, pelos relatos, que se produz uma rede de relações onde se aprende e onde se cobra esse aprendizado.

Caminhando com Michel Foucault identificamos nas narrativas o caráter regulador dessa instituição: “a família é que vai ser o princípio de determinação, de discriminação da sexualidade, e também o princípio de correção do anormal” (FOUCAULT, 2001, p. 322). Dessa maneira ela se caracteriza como um instrumento que governa a identidade, os corpos e as relações dos sujeitos. É a partir das diferentes práticas normativas apontadas por Foucault que a condução é realizada e os modos de ser e estar regulados – seja no princípio de potencializar a norma, seja no princípio de corrigir o construído como desviante. A correção, por exemplo, quando a mãe de Irene proíbe o contato com a madrinha e primas – ainda que as crianças tivessem a faixa de 5 anos de idade. Elfo que não cumpriu as expectativas dos padrões que percebia de sua família: “*você tá traindo eu e seu irmão, que a gente desejou uma menina*”. Netuno que conjectura uma explicação sobre a não-binaridade de gênero – com todas as tensões que consegue imaginar.

Penso com Isabelle Honorato (2016), quando relembro o que Netuno traz em se relação a assumir-se. Essa palavra *assumir* é meio estranha. É necessário estranhar! “*Se assumir é um termo êmico, que faz referência à trajetória do jovem homossexual que decide se assumir como tal (revelar o segredo), para a família, principalmente*” (HONORATO, 2016, p. 60). Expando a ideia da autora para outras identidades e diferenças que intentam romper com a heteronormatividade. A família parece se tornar dimensão principal nesse processo: o balizador para as outras relações; talvez, o território que provocará maiores afetações e quem devemos “prestar contas”.

O que se produziu de relações para Elfo, Irene e Netuno não aconteceu, claro, apenas dentro do âmbito familiar. Algumas narrativas nos ajudam a pensar sobre outros espaços e pessoas que foram importantes:

Neilton: Quais os momentos que você se sentia mais a vontade, ou com menos desconforto, em relação ao gênero na adolescência?

Irene: Eu sempre me sentia muito a vontade nas escolas que eu estudei. Porque eu tava longe da família, tava com pessoas que eu gostava, tava com amigos que de um certo modo me entendiam e me acolhiam. E mesmo nesses lugares assim, todas as minhas amigas foram, todos os meus amigos foram meninas porque os meninos não se identificavam comigo e me excluía. E as meninas já se identificavam, me acolhiam e a gente criava amizade. E essas amizades eram muito fortes, era muito carinho envolvido e tinha vezes que eu não queria ir embora porque eu ia ter que lidar com tudo isso dentro de casa com todo esse inferno.

Neilton: E hoje em dia permanece? Os momentos mais a vontade é entre as amizades?

Irene: Não. Meu momento mais a vontade é em casa, dormindo. Sei lá, fazendo alguma coisa que não seja na rua. Porque eu vejo que na rua não vou tá tão confortável, porque

as pessoas vão estar me olhando, me julgando. E mesmo saindo assim de noite com minhas amigas, com as pessoas que eu conheço, eu vejo que ainda há essa pressão, só que eu sinto mais confortável saindo com essas pessoas que eu convivo, que sozinho.
(Irene – Conversa 1)

Penso que Irene acessa linhas de fuga: “as pontas de desterritorialização nos agenciamentos de desejo” (DELEUZE, 1994, p. 61) que permitem uma experiência da não-binaridade que escape ao desconforto das relações de violência. Se na adolescência a família operava em desconforto, atualmente a casa parece ser o local mais prazeroso. No mesmo sentido, muitas vezes o conforto era sentido com o carinho das amizades em contraposição às dificuldades de relacionamento com a família. Hélio Cardoso Júnior e Thiago Canonenco (2009), em perspectiva foucaultina vão se debruçar em torno desse aspecto defendendo a relação que se cria a partir das amizades como potentes formas de resistência. Indicam que

Na amizade, através do elogio ao prazer, multiplicam-se os campos de possibilidade de relacionamentos e, conseqüentemente, de surgimento de novas subjetividades. A amizade, por isso, é a expansão das relações, de qualquer relação, para além de suas supostas codificações (CARDOSO JUNIOR E CANONENCO, 2009, p. 53)

Opero com as narrativas de Irene e de Netuno (abaixo) dentro desse modo de pensar: suas amizades construindo subjetividades que possibilitaram maior segurança e prazer com suas diferenças, identidade e corpos. Chama-me atenção a dimensão escolar: geralmente associada aos casos de violência e bullying, é significada em alguns casos como um território de prazer – um local de acolhida, em oposição à família. Mas, claro, em apenas alguns casos.

Era muito gostoso, muito gostoso mesmo. E foi separando assim. Não sei, mas acho que são ciclos assim. As amizades têm ciclos. Acho que é muito difícil você manter uma amizade. Porque não é só você. Assim como manter um namoro. Relacionamentos são difíceis né. Pessoas são difíceis. Foi rolando uma afastada e é isso. Nossa, mas essa época foi muito boa. Muito boa. Era muito maneiro. Gente... nossa!
(Netuno - Conversa 2)

E pessoas me colocavam apelido, me chamavam de baleia, me chamavam disso e daquilo e tal. Aí isso me irritava. Só que aí na primeira série meu irmão começou a me ensinar a bater nas pessoas. Então, da primeira até o terceiro ano eu sempre bati nas pessoas. Tipo, eu pedia pra pararem, eu pedia pra não fazer, as pessoas continuavam fazendo. Então eu acabei exaltando meu lado agressivo. Aí foi onde o médico falou

comigo, que “você foi uma criança agressiva, com transtorno de humor”. Ele falou assim “você caía na depressão e ficava sozinha, se isolada de tudo”. Porque aí eu não conversava. Nunca fui de conversar com muita gente, sempre evitava as pessoas que eu conversava. Aí ele falou assim “e de repente, na hora que você não aguentava, você explodia, você agredia”. Aí ele falou assim “e a sua agressão chegava mesmo a machucar, você não agredia só pra falar para”. Eu machucava. Até na oitava série, foi quando eu machuquei um menino, e o menino teve que levar ponto na cabeça. Porque eu tampei a cabeça do menino no poste. Ele tinha cuspidido na minha cara dentro da sala. (Elfo - Conversa 2)

As narrativas de Irene e Elfo me sinalizam para a briga de forças que podem atuar no espaço escolar. Penso com Berenice Bento (2011, p. 558) que “a escola não é uma ilha [...] Está em curso, portanto, a produção incessante de contradiscursos, e a escola, de múltiplas formas, está inserida nessa disputa”. Assim, ainda que majoritariamente a produção de saberes aponte para situações parecidas às que Elfo vivenciou, muitos atravessamentos (como espacial, temporal, econômico) podem influenciar para realidades mais parecidas às de Netuno. O que cabe refletir é que as forças que estarão vetorizando nas relações fora da escola também estarão dentro dela (com os mesmos formatos ou não). As relações que se constroem fora da sala de aula, estão também dentro dela. Os contornos se embaçam, caminhando para uma confusão e ineficiência de pensar lugares completamente isolados.¹³

• Cartas de amizade •

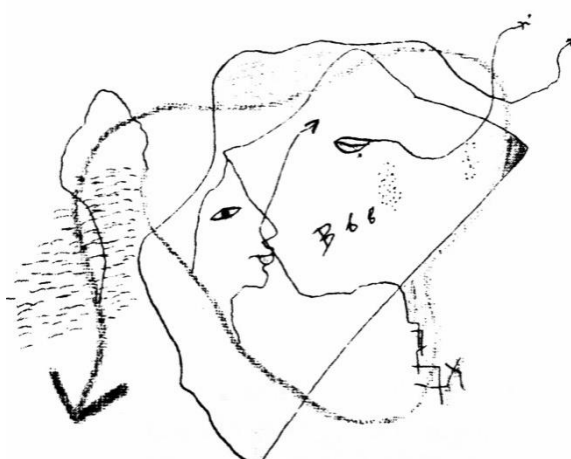


Imagem 20: *Carta de Federico García Lorca a Anna Maria Dalí, agosto de 1927*
Fonte: FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 114

¹³ Sinalizo a potencialidade de explorar a temática da amizade e os espaços escolares como fortes relações e fatores para a produção de subjetividades. Entretanto, seguindo o objetivo desse retalho de investir nas relações familiares trazendo outras temáticas apenas como relacionais, indico que esse movimento será feito em trabalhos futuros.

Para encerrar esse bloco aponto para outra relação que se saltou às demais (operando, também, num jogo com as relação familiar): a importância dos relacionamentos afetivo-sexuais na vida, principalmente, de Elfo. Em mais de uma narrativa, Elfo indica o espaço que destina a essa dimensão – como tais relações produzem subjetividades, como essas descontinuam, fazem pensar e atravessam sua vida.

Eu já tive uma namorada que ela exigia que no dia que a gente saísse com a mãe dela e com a família dela, eu tinha que me vestir como menina. E até um certo ponto eu comecei a mudar. Mas então eu comecei a me questionar: eu quero estar num relacionamento com uma pessoa, um humano... que eu tenho que me apaixonar, ele se apaixonar por mim. Eu não tenho esse problema. Sei lá. Eu acho que as pessoas focam muito no órgão genital, e isso é um detalhe. Sabe, “ah mas e na hora de estar junto e tals?”. Mas, poxa tem uma vida além disso pra ter, tem uma vida além do sexo. E as pessoas não entendem. Eu acho que existe uma vida além disso. Então eu tento ser independente.

[...]

Você queria tá com uma pessoa, mas você não pode estar com ela porque ela não entende. Igual minha ex-namorada que terminou comigo, tem... sei lá quanto tempo tem... tem dez meses. Ontem ela me falou uma coisa que me ofendeu muito. Eu não sei porque me ofendeu. Mas, ela disse que ela voltou para o ex-marido dela, ela disse que ela sempre falou que eu era uma menina. Principalmente quando ela tava com raiva ela falava “ah, porque você é uma menina”. E ela me manda coisa no feminino. Ela colocou assim: “você não reparou que eu só ficava com sapatão masculino? Eu não gosto de sapatão feminino”. Aí eu olhei a mensagem assim “é”, não respondi. Eu não tinha nada o que responder. Eu só coloquei “eu lamento você pensar assim”.

(Elfo – Conversa 1)

Eu venho tentando superar algumas coisas, algumas questões minhas, em relação ao meu passado mesmo. Relações afetivas não estou tendo. Eu tive com a menina que te falei de Ubá, mas eu aí até briguei com ela e depois não tive mais. Sei lá, é uma coisa que me desanimou muito, tentar se relacionar com alguém. Eu acho que o meu último relacionamento foi muito bom, mas foi muito traumático. E quando eu vejo a questão de como as coisas se encaminharam em relação a ela, em relação a vida dela... isso me deixa triste, me deixa muito chateada. Então eu, por mais que eu queria estar com alguém, existe algo que me impede. Então não me relaciono, quase não saio de casa, quando eu saio são para lugares que eu conheço, com pessoas que eu já conheço, nada de pessoas estranhas. Acabou assim que o meu mundo ficou uma coisa bem restrita, bem pequena.

(Elfo – Conversa 2)

Durante todas as conversas com Elfo percebi atravessamentos como esses. Acredito que as relações afetivo-sexuais se constituam como importantes fatores para a

construção das diferenças de gênero – bem como de suas formas de expressão. Quando é observado que *“até um certo ponto eu comecei a mudar”*, Elfo se percebe numa relação de identidades móveis, como mobilidade ainda mais forte quando *“comecei a me questionar”*. O questionamento produz efeito de rompimento, de reconstrução da identidade: *“então eu tento ser independente”*.

A relação conflituosa com sua ex-namorada, mesmo durante alguns momentos do namoro, é permeada pela sua diferença de gênero. Conflito que se assemelha à sua relação com a mãe e o irmão. A experiência da não-binaridade é, de novo, desconsiderada (como o é até hoje): *“ela tava com raiva ela falava ‘ah, porque você é uma menina’. E ela me manda coisa no feminino”*. Para a pessoa, Elfo se enquadra numa identidade de *“sapatão feminino”*: um ser mulher. Elfo se ofende quando *“ela disse que ela sempre falou que eu era uma menina”*, mais uma vez passa por momentos de diferenciação como os da infância e juventude quando percebeu *“que eu não era uma menina”*.

•Cartas de amor •

Agora eu sei o que perdi separando-me de você. A impressão que Barcelona me dá é a impressão de que todos tocam e suam com a preocupação de esquecer. Tudo é confuso e intrigante como a estética da chama, tudo indeciso e perturbado. Ali em Cadaqués, as pessoas sentem no chão todas as sinuosidades e poros das solas dos pés. Agora vejo como em Cadaqués senti meus ombros. É uma delícia para mim lembrar as curvas escorregadias dos meus ombros, onde pela primeira vez eu tive quatro tubos macios que tremiam com movimentos de nadadores feridos. Eu me comportei como um burro indecente com você, você é a melhor coisa para mim. À medida que os minutos passam eu vejo isso claramente e tenho sentimentos reais. Mas isso só aumenta meu amor por você e meu apego por seu pensamento e qualidade humana.

[Carta de Federico García Lorca a Salvador Dalí, julho de 1927]
(FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 110-111)

O conflito confesso de Elfo me traz os tantos conflitos amorosos da relação Lorca-Dalí: o distanciamento que se faz sentir, a saudade que se torna manifesta e *o amor e apego pelo pensamento e qualidade humana*. A importância dada por Elfo às suas formas de relação afetivo-sexuais se expressa, por fim, quando nosso primeiro encontro é direcionado voluntariamente para esse tópico. Quando há a vontade – necessidade – de uma explicação da sua identidade sexual:

Elfo: Ah, eu não disse. Sou Panromântica. E pansexual.

Neilton: E essa sua sexualidade *pan* você descobriu e assumiu em um momento próximo às questões da não-binaridade?

Elfo: Não. Isso veio antes. Porque assim, principalmente a questão do panromântico. A questão do panromântico veio antes. Porque eu tinha essa questão de achar homem bonito, mas também não de me relacionar. A gente podia até ficar, mas não tinha relação sexual. Indiferente de ser um trans ou não, não teria relação. Depois que eu comecei a ter relações com homem, mas também tem dia. Agora eu tô quase sem contato. Aí depende da época. Depende do jeito da pessoa. Aí perguntam “você é ativo ou passivo?”. Depende do que. Aí eu falo “eu não sou nada”. Mas uma coisa assim que não aconteceu foi penetração pela frente. Isso não acontece. Você pode me perguntar o porquê. Eu não sei o porquê, mas eu tenho um certo pavor de ter um homem em cima de mim de frente. Eu não sei o porquê. A gente tá tentando descobrir ainda né. Mas eu não sei.

(Elfo – Conversa 1)

A panromanticidade e a pansexualidade podem ser definidas como as atrações românticas e sexuais, respectivamente, também por pessoas que não se enquadram na disposição binária do gênero, como indica Sofia Vilela de Moraes e Silva (2012, p. 2). Apesar de Elfo não se nomear em uma identidade de gênero, sente a necessidade de nomeação enquanto identidade sexual – estando essa ligada aos desejos e prazeres. Essa nomeação, apesar de estabelecer fronteiras, é pensada justamente para esgaçar as possibilidades de relações, uma vez que quando “*perguntam ‘você é ativo ou passivo?’*”, “*Aí eu falo ‘eu não sou nada’*”.

Encontro com Judith Butler para pensar as narrativas de Elfo como transgressões à heterossexualidade compulsória, bem como às imposições reprodutivas dadas aos corpos “femininos”: “a proliferação de prazeres fora da economia reprodutiva sugere uma forma especificamente feminina de difusão erótica, compreendida como contra-estratégia em relação à construção reprodutiva da genitalidade” (BUTLER, 2003, p. 51). Elfo acredita que “*as pessoas focam muito no órgão genital, e isso é um detalhe*”, pensa “*uma vida além do sexo*” e rejeita a “*penetração pela frente*”. Seu corpo determinado como “feminino” ao nascer não parece ser limitante para a reinvenção das práticas sexuais, no mesmo sentido que não o é para pensar uma experiência não-binária.

• Cartas de irrealidade •

Você se move dentro das noções aceitas e anti-poéticas. Você fala de um cavaleiro e este supõe que ele sobe de um cavalo e que o cavalo galopa; Isso é muito o que dizer, porque, na realidade, seria conveniente descobrir se realmente é o cavaleiro que monta, se as rédeas não são uma continuação orgânica das mesmas mãos, se na verdade, mais rápido do que o cavalo, são os cabelos das bolas do cavaleiro, e se o cavalo é precisamente algo imobilizado ao chão por raízes vigorosas ... etc., etc. Imagine, então, o que é chegar, como

you faz, ao conceito de guarda civil. Poeticamente, uma guarda civil realmente não existe, a menos que seja uma silhueta feliz e fofa, viva e reluzente precisamente por causa de seus pequenos cintos que são parte visceral da mesma pequena besta, etc., etc. Mas você..., com segurança - a guarda civil - o que você faz? tal, tal, tal, tal irrealdade.

- Anti-poesia -

Formação de noções arbitrarias de coisas.

[Carta de Salvador Dalí Federico García Lorca, setembro de 1928]

(FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 147-148)

Início o segundo bloco de narrativas pensando no encontro de Dalí com a arte de Lorca. O poeta se coloca à disposição de leitura: as experiências representadas em poemas. Assume-se. O artista plástico que se dispõe a ler e tem um encontro com *tal, tal, tal, tal irrealdade*. Para Dalí, é *anti-poesia*, é *formação de noções arbitrarias de coisas*. Parece ser diferença. Retomo a ideia de Netuno de *assumir*. Encaro, como lhe disse, que a gente assume de diferentes formas. Em outras palavras, não parece ser apenas anunciando verbalmente o pertencimento a uma identidade ou a diferenciação de outra(s) que isso se produz. Colocar-se à disposição de leitura, poetizar, construir uma expressão de gênero que não represente os lugares hegemônicos de feminino ou masculino, se colocar contra as normalizações do gênero: tudo me parece dizer desse mesmo processo e acontecimento. O que questiono a partir de agora é: o que o *assumir* pode gerar?

Depois que eu me assumi [enquanto gay] eu passei a conversar muito assim. As pessoas, minhas amigas sempre perguntavam as coisas, não sei o que, a gente debatia e tal. Mas antes disso não. Raramente assim. A gente conversava mais sobre diva pop, artistas e alguns filmes que elas viam e eu só ficava “ah interessante”. E só.

[...]

A partir do momento que eu me assumi eu já comecei a ter um certo tipo de contato com outras pessoas de minorias. E eu tava no momento muito frágil da minha vida e essas pessoas me deram uma força para continuar. Algumas delas eram militantes em tudo. Até que na época das eleições presidenciais, na última que teve, eu comecei a acompanhar a Luciana Genro. A partir disso eu comecei acompanhar o PSOL e eu fiz todo o trabalho deles em torno disso. A partir disso eu fui entrando também em grupos de debates LGBT e comecei a criar um pensamento crítico e criar uma opinião sobre esse tema.

(Irene - Conversa 2)

As narrativas dizem de momentos diferentes da vida de Irene, mas de processos similares. No primeiro momento, um assumir-se enquanto homossexual ainda na época

escolar, no segundo assumir dentro do espectro da não-binaridade. Observo que a partir da enunciação da identidade e diferença há uma desestabilização das relações, seguida da produção de outros relacionar-se. Como indica Paulo Victor Leite Lopes (2011), “o processo e/ou ocasião de enunciação dessa ‘nova característica’ é vivido como um importante momento de rompimento na vida dos sujeitos” (p. 68). Assim, enunciar-se é tanto constituir-se pela palavra, quanto constituir o outro. Falar de seu (des)território e (des)territorializar o outro. Colocar-se no mundo a partir da diferença.

Pensando nas várias formas de assumir-se, desse colocar-se a partir da não-binaridade de gênero, conversei com as tentativas de Elfo de evitar algumas rotulações:

Neilton: E como são as suas tentativas de tentar não se rotular? Em quais espaços você já tentou isso? Como funciona isso?

Elfo: Sim, eu já fiz. Às vezes eu vou em encontros com minha. Minha mãe participa do UNEGRO e do FLOPI. Aí às vezes eu só dou meu nome. Tem lá “sexo”, aí eu risco. Eu não ponho nem um, nem outro.

Neilton: E como que as pessoas reagem?

Elfo: Algumas olham pra minha cara, tipo [*expressão de incompreensão*]. Aí eu falo: “não me rotulo, pense o que quiser de mim”. Aí minha mãe às vezes tá perto e fala: “ah, minha filha é assim mesmo”. Aí então existem momentos assim fáceis. Eu não tenho essa questão de “ah, então você é masculino ou feminino?”. Aí no meu exame de sangue minha médica colocou *masculino* e pediu exame que é feito pra ver hormônio feminino e pra ver a lactase. Aí a moça olhou pra minha cara assim, tipo, “o exame é pra você?”. Aí eu: “É”. Aí ela: “ah, sua médica colocou errado né?”. Eu disse “o que? Ela pediu o exame errado?”. Aí ela “não, colocou *masculino*”. Aí a outra moça cutucou ela e falou “é isso mesmo”. Porque a outra moça já me conhece há muito tempo. Aí então tipo, nesse laboratório meu nome eles chamam certo. Eles não falam tipo “Senhora fulano”, “senhor fulano”. Eles me chamam pelo nome. Então eles não me definem. Então é uma coisa que você tem que construir sabe. É difícil? É. Mas eu acho que se você nunca tentar, você nunca vai saber como que vai ser.

(Elfo - Conversa 3)

Neilton: E esse momento de confusão das pessoas não conseguirem nomear se é menino ou menina, acontece muito?

Elfo: Acontece e eu adoro! Principalmente porque agora eu comecei... assim, algumas pessoas já me chamavam de Ori, e eu adotei também Ori. É o que eu falei: quando eu tô com uma roupa mais masculina, aí eu entro numa loja e fala “ah, oi senhor, tudo bem meu jovem?”; aí quando eu falo, “ah, desculpe”. E eu morro de rir. Até mesmo no hospital quando eu tive dengue – minha mãe ficou pra morrer. Olha só: eu tava com uma blusa que era mais colada, mas eu estava com um bermudão. Eu tava mal, deitada na cama e tal. Aí a enfermeira virou pra minha mãe e falou assim “eu vou fazer a coleta de sangue do seu filho”. Eu olhei pra minha mãe e minha mãe falou assim “ahhhta”. Aí ela veio “nossa tadinho do seu filho, tá com uma carinha tão abatida e tal”. E ela ficou calada. Aí eu comecei a rir. Aí eu disse assim “Mãe, você tem um filho gay, só pode! Porque com essa blusa”. Aí minha mãe começou a rir: “não começa que eu te deixo aqui

e vou embora”. Aí a moça pegou e falou pra ela que não era *ele*, que era *ela*. Daí na hora que ela veio de novo colher o sangue, ela começou a falar “aqui, e...e...e...ele...ela...e...e... eu vou colher seu sangue”. Então assim, eu me divirto. Eu acho o máximo. Eu acho que, sei lá, ninguém precisa saber. Eu acho bacana isso. Eu acho legal. Eu acho que o que importa é o respeito, sabe. Agora se vai ser ela... ou se não vai ser nada...

(Elfo – Conversa 1)

Reflico sobre as narrativas de Elfo a partir das proposições de Beatriz Ferreira Pires (2003) que localiza o prazer não apenas na produção do corpo, mas também na verificação das reações que essa construção causa ao outro. Se alguns processos de diferenciação durante a infância e juventude foram desgastantes, em outros momentos atuais esses processos ganham um pouco de leveza, risada, diversão: “*eu acho o máximo*”.

É interessante pensar que a diferença de gênero pode não ser desestabilização apenas para Elfo, mas também para muitas pessoas que estão ao redor. Encontros que se fazem de experiência – seja para Elfo, para sua mãe, ou mesmo para a enfermeira, a recepcionista do laboratório ou o atendente da loja de roupas. A multiplicidade da experiência não-binária se expressa: cada encontro, cada pessoa, cada corpo, cada momento poderá ser de (des)subjetivação, um novo repensar a diferença, a identidade, o gênero de si e do outro. São processos de (des)(re)construção contínuos, não se encerram nos processos de diferenciação, de identificação ou de encantamento, mas se reiteram nos cotidianos, nas negociações, nos prazeres e nos desconfortos.

O encontro com a diferença provoca desestabilizações, confusões. Caminho ao encontro de Suely Rolnik, quando penso que essa desestabilização pode nos colocar

a exigência de criarmos um novo corpo (um novo modo de sentir, de pensar, de agir) que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados - ou seja, a cada vez que encarnamos uma diferença - nos tornamos outros (ROLNIK, 1994, p. 161).

E é justamente nesses processos sempre reiterados de diferenciar-se, tornar-se outro que as experiências não-binárias vão desestabilizar também as experiências binárias e o que as normatiza. A matriz de normas de gênero não sai ilesa desses encontros, dessas confusões. Ela é repensada por cada sujeito, colocada em cheque, engasgada: “*aqui, e...e...e...ele...ela...e...e... eu vou colher seu sangue*”. As variadas formas de reação das pessoas vão provocar, em diálogo, várias formas de reação das pessoas de

expressões não-binárias: aproximação, afastamento, dúvida e, também, confusão. Elfo continua sua narrativa de encontros exemplificando:

Igual um dia que eu saí com o André e uma menina chegou em mim: “ah você é tão bonitinho”. Aí eu “André, fala com ela”. Aí ela chegando pro meu lado, pegou o whatsapp. E ela falando “ah, é tão bom ficar perto de você. Posso sentar do teu lado?”. Eu fiquei meio assim e ela: “ah você é tão tímido, não fala quase nada”. E eu “é... só de vez em quando”. Aí eu falei assim “André, você tem que falar com ela”. E ele “não, ela gostou de você”. Porque depois até explicar que focinho de porco não é tomada, vai ser difícil. Aí eu falei com minha terapeuta e ela disse “você acha que ela não desconfiou? Que tem alguma coisa de errado?”. Eu sei lá, porque ela insistiu tanto. E eu não sabia o que fazer. Porque nunca tinha acontecido isso, de uma pessoa chegar e ficar perto de mim, querer ficar, querer... eu não sabia o que fazer. Aí tanto foi que ela perguntou se eu e André, se a gente era um casal gay. Aí eu “hã?!”. Eu respondi “não, nada contra, mas a gente é só amigo”. Então às vezes acontece muito essa confusão, essa coisa de as pessoas não saberem.

(Elfo – Conversa 1)

A confusão que Elfo provoca, quando não ocorre, se faz confusão. Por algum momento é impensável que alguém queria permanecer ao lado, “*nunca tinha acontecido isso*”. A continuidade de afastamentos que a trajetória de vida de Elfo indica é descontinuada por um encontro de presença. Trabalhando *espinosamente* (e, ainda que de forma binária) Sílvia Gallo nos dá indícios da multiplicidade de encontros e suas produções: “há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza” (GALLO, 2009, p. 1). Escolho não operar classificando encontros e relações com totalidade de “aumentam” ou “diminuem” determinadas potências. Entretanto, é interessante pensar que, na narrativa, se a pessoa que se aproxima não demonstra a consternação de um aumento ou diminuição de potência, é Elfo quem assume esse lugar descontinuado. E agora, a confusão, o “*eu não sabia o que fazer*”, a desestabilização que geralmente provoca é devolvida.

Elfo narra, por fim, como os casos se misturam em algumas experiências: as relações afetivo-sexuais, os encontros prazerosos de confusão e os de desconforto. Um hibridismo que não nos permite operar totalmente, como já sinalizado, com o que Sílvia Gallo indicou sobre “bons” ou “maus” encontros.

Aí esses dias, eu estava dentro do ônibus também e tinha uma mulher. Ela tava me olhando. Eu pensando “que tanto essa mulher me olha?” e tal. Aí eu comecei a reparar

que ela tava olhando pra ver o tamanho dos meus seios, aí eu peguei e fechei a minha blusa. Fechei a blusa. E como era larga, não dava pra ver. Aí ela chegou e falou assim pra mim: “nossa, veio um vento frio né?!”. Aí eu “é, concordo, plenamente”. Aí ela “nossa, sua voz é bonita”. E eu “obrigado”. Aí eu peguei e parei o assunto assim, fiquei na minha.

Então são situações que a gente passa que é engraçado. Mas por um lado é ruim. Porque você sabe que: “a pessoa não pede isso de mim”. Por mais que você pense que faz, por mais que você tente se classificar ou tente não se classificar, vai depender dela. Se ela vai classificar. Tem gente que chega a te chamar de aberração. É ruim. Mas... Igual, tem uma pessoa que eu tava, que eu tô interessado. Mas, eu acho que penso besteira. Quando ela perceber de fato o que acontece. Eu acho que vai... sei lá. Mas aí isso só em dezembro. Então, como diz minha psicóloga “deixa que até dezembro você vai encontrando até outra coisa por aí; você conhece aquela outra lá do clube”. Aí eu “não, não quero não”. Tem dia que eu tô andando na rua e fico até com medo de encontrar com ela. Porque nossa, vai que essa menina começa a me perguntar: o que que tava bom, o que tava ruim. Mas, imagina se ela me vê andando, sei lá. Aí eu não sei sabe. Eu fico com medo do que ela vai pensar, do que vai passar na cabeça dela, “ah que nojo, que não sei o que...”. Aí e isso.

(Elfo – Conversa 1)

A insegurança que se produz em Elfo ao pensar em algum encontro não-planejado é observada na narrativa, bem como o rompimento com o binário prazer/desconforto quando aponta: “*são situações que a gente passa que é engraçado. Mas por um lado é ruim*”. As cobranças para a identificação ao binário de gênero extrapolam sua família ou círculo de pessoas conhecidas e chega às desconhecidas no ônibus, por exemplo.

Para Tomaz Tadeu da Silva, “a identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder” (SILVA, 2000b, p. 78). Elfo se costura a esse pensamento quando indica que “*por mais que você pense que faz, por mais que você tente se classificar ou tente não se classificar, vai depender dela. Se ela vai classificar*”. Todas as classificações, nomeações, disposição, hierarquização, marcação de identidades e diferenças estarão imbricadas nas relações de poder, tendo apenas possibilidades em linhas de fuga.

O enquadramento enquanto aberração que pode surgir dessa classificação é o enquadramento enquanto *abjeto* – termo tão caro para a corrente teórica *queer*:

O abjeto é, antes de tudo, o que incomoda a ordem, coloca em xeque sua aspiração à pureza e, portanto, a ameaça com os contatos e as trocas, por isso é possível compreender um saber *queer* como o que problematiza tanto a economia-política do conhecimento vigente quanto as pressões disciplinadoras. (MISKOLCI, 2014, p. 23).

Nessa perspectiva, não apenas Elfo, mas também Irene e Netuno serão classificados nas ruas, nos ônibus, nas escolas, nas famílias como seres abjetos, aberrações, desestabilizadores da ordem binária dos gêneros cada vez que se expressarem de maneira a tentar romper com tal matriz.

• Cartas de rompimento •

Sr. Olá

Consumé ... Entre mesas ... Uma garrafa de diamante! Evocação? Para fora
Fotografia artística de House Peters. Morrer conflitos internos, complicações morais. O mais interior e profundo é sempre uma epiderme, ainda! As coisas não significam nada fora de sua estrita objetividade. James Joyce, Ulysses, psicologia do labirinto-casos, alma, complexos, Freud, tudo isso para o inferno. Cabeça de peixe, meio-dia de Cadaqués, burro frenético. Felicidade!

[Carta de Salvador Dalí a Federico García Lorca, novembro de 1927]
(FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 131)

A tentativa de se retirar da estrita objetividade encarar que o, o *mais interior e profundo é sempre uma epiderme, o tudo isso para o inferno*. O surrealismo de Dalí se encontra com a poesia de Lorca: tensionamentos, rompimentos, amores. As classificações são superficiais, visto a profundidade daquilo que se produz nas experiências de *meio-dia de Cadaqués*. Em movimento, *Felicidade!* Felicidade? Netuno narra como as classificações chegam em alguns momentos:

Neilton: E você acha que as pessoas te cobram muito esse se enquadrar, de se vestir ou se portar dentro de algo masculino ou feminino?

Netuno: Se as pessoas cobram... sim. Sempre com dúvida. As pessoas chegam e “ah, você tá vestida assim porque você quer ter um pinto?”. Pergunta assim, na cara dura mesmo se quero ter um pinto, coisa assim. Já ouvi essa pergunta tipo diversas vezes, diversas pessoas. Nunca aqui no meio da universidade, que eu acho que as pessoas têm bom senso. Mas eu acho que as pessoas têm bastante curiosidade por não saber mesmo. Os preconceitos que sofri e sofro, é por eu estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede, por exemplo eu tenho corpo feminino e tô vestida de forma masculina. As pessoas, quando eu chego num lugar, já olham pro meu peito, pra ver se eu tenho peito, pra ver se eu sou uma menina mesmo. As pessoas ficam querendo saber.

Teve um dia que eu tava no ônibus e eu tava com uma camiseta mais apertada. Aí tinha um cara que ele me olhou uma vez, aí tá. Aí ele olhou de novo pra ver mesmo o que eu era. E ele ficou tipo: olhando pro meu peito e olhando pra minha cara, olhando pro meu peito e olhando pra minha cara, e eu fiquei muito desconfortável com aquilo.

É aquela coisa né, o corpo feminino tem que acompanhar acessórios femininos e vestimentas femininas, e o masculino a mesma coisa: acessórios masculinos e vestimentas masculinas. E quando você mistura os dois num corpo só as pessoas ficam

mais confusas ainda. Elas ficam tipo “ah mas você não é sapatão? Mas você não é...”. Não sei, confunde as pessoas. Aí tem gente que enxerga na maldade, tem gente que enxerga com olhar de ignorância mesmo, de não saber o que é, mas não de maldade. Curiosidade. Às vezes não sabe fazer a pergunta da forma correta, mas a gente sabe quando é na maldade e quando não é.

(Netuno – Conversa 1)

O ônibus, o olhar inquisidor, a dúvida, a tentativa de classificação baseada no tamanho dos seios. Os elementos estão presentes nas duas narrativas e podem estar presentes em tantas outras. Pessoas com corporeidades determinadas como “femininas”, mas que experienciam a não-binaridade podem ser atravessadas por violências de gênero semelhantes às que sofrem as mulheres que assim se identificam. Como Elfo apontou: vai “*depende*” de determinada pessoa “*classificar*” enquanto *mulher* ou não. Netuno reforça: “*olhou de novo pra ver mesmo o que eu era*”. São as outras pessoas que estão nas relações de poder que também irão jogar, muitas vezes de maneira violenta e desconfortável, o jogo das (não)classificações.

Netuno associa sua expressão de gênero (afirmação da existência) à causa das discriminações que sofreu e sofre: “*estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede*”. A partir da leitura de sua imagem as pessoas irão responder com atos discriminatórios oriundos de preconceitos. De acordo com Lourdes Bandeira e Analía Soria Batista, “o preconceito é a valoração negativa que se atribui às características da alteridade. Implica a negação do outro diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante” (BANDEIRA e SORIA, 2002, p. 138). Em outras palavras, ao observar Netuno no ônibus com uma experiência corporal inclassificável, uma pessoa poderá ser preconceituosa como mecanismo pessoal para não colocar em cheque sua própria identidade, seu próprio estado de classificação fixa.

O preconceito, em suas múltiplas manifestações, pode ser extremamente pernicioso – e geralmente o é – porque contradiz e impede a tendência moral da humanidade para a integração universalista e porque faz dos valores humanos, começando pela verdade, fatos arbitrários que exprimem a força vital da raça, da classe, do gênero, ou outra qualquer. Portanto, não tem substância própria e pode ser manipulado livremente para os fins mais violentos e abjetos (BANDEIRA e SORIA, 2002, p. 139).

Nessa mesma perspectiva, percebe Netuno, os olhares questionadores motivados por preconceitos não tem substância própria: podem ser por motivações variadas de “*gente que enxerga na maldade*” e de “*gente que enxerga com olhar de ignorância*”

mesmo". Quando motivados pela curiosidade, pouco é o desconforto gerado, uma vez que os processos de curiosidade e sanar dúvidas são também vivenciados por Netuno e podem constituir-se como processo de identificação. Quando motivamos pela "maldade", pode se tornar "*muito desconfortável*" e se constituir como uma relação com "*fins mais violentos e abjetos*" – como Irene narra nas experiências que teve. Entretanto, sinalizo para um possível estabelecimento de um binário curiosidade/maldade (que poderia se traduzir como bom/ruim, respectivamente) e que pode não ser a forma mais indicada à análise, uma vez que de qualquer forma há desconforto nas situações (seja em maior ou menos grau).

Neilton: E as pessoas te olham estranho e te abordam, tipo na rua?

Irene: A maioria foi na rua e foram casos mais pesados assim. Eu tô sempre em desconforto. Talvez seja depressão pela ansiedade. Mas, os meus maiores desconfortos que me jogaram em crise mesmo foram casos de abuso verbal e de agressão. Teve duas vezes que me agrediram aqui na cidade. A primeira foi no carnaval quando eu tava ficando com um menino. E chutaram a gente, derrubaram a gente no chão. E eu fui chamar a polícia, porque, sei lá, eu achei que poderia dar alguma coisa e eles meio que se lixaram e se preocuparam mais pelo fato do menino ter se afirmado sobrinho ou filho de um traficante de um bairro aqui perto – eu acho que era Dom Bosco ou Teixeiras.

E o segundo caso foi esse ano mesmo que eu tava com umas amigas e a gente estava saindo de um bar. Agrediram a gente no meio da rua, do nada assim. Viraram e deram um soco e depois eles saíram correndo e também não pude fazer nada, porque eu também tava muito doida. E a primeira coisa que eu falei pra fazerem foi chamar a polícia, só que a polícia ia ridicularizar mais a gente ainda e não ia fazer nada. E aí eu percebi que nesse mundo a gente tá sozinha, pela gente mesma, com as pessoas que a gente confia. E a gente não pode contar com nada que venha do Estado, porque o Estado é moldado pra reprimir a gente, pra ridicularizar, oprimir e negar nossos direitos, tirar nossos direitos mais básicos. Na rua mesmo assim, muito cotidiano, quando eu vou com uma roupa mais diferente que se julga normal, já vejo as pessoas todas, impressionante, todas as pessoas já me olham e ficam me encarando. Pode ser um casaco, um macacão, qualquer coisinha. As pessoas já olham e ficam te encarando, te julgando mentalmente porque você está usando uma roupa que não condiz com o seu gênero de nascimento.

(Irene – Conversa 1)

Irene relata agressões sem qualquer motivação aparente, sem possibilidades de resistência, sem negociação. São relações de violência que se estabelecem e ensinam: "*eu percebi que nesse mundo a gente tá sozinha, pela gente mesma, com as pessoas que a gente confia*". Até então explorei a maioria dos relatos enquanto demonstrações de relações de poder, onde havia negociações de prazeres, desconfortos, possibilidades de existência e

resistências. Entretanto, caminho com Michel Foucault para pensar os últimos acontecimentos narrados:

uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas. Ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Foucault nos auxilia na problematização da narrativa de Irene. Percebo essa relação de violência no que Irene narra nos acontecimentos: a submissão, o encerrar de possibilidades combativas àquela agressão. Se numa relação de poder poderíamos nos debruçar a pensar em formas de resistir, nessa relação de violência “*não pode contar com nada*”.

É interessante observar que essas relações de violências sofridas por Irene podem ter ligação direta à aproximação com o feminino – seja por estar “*ficando com um menino*”, seja por estar “*com umas amigas*”. Podemos pensar tais violências enquanto caos próximos à *Homofobia* estudada por Daniel Borrillo, uma vez que Irene possui uma corporeidade determinada enquanto “*masculina*”. Para esse autor, a homofobia vai atacar

os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e vice versa, de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “*gênero certo*”. Toda suspeita de homossexualidade parece soar como uma traição capaz de questionar a identidade mais profunda do ser (BORRILLO, 2001, p. 22).

As práticas desviantes da matriz de normas de gênero, desde “*ficar com um menino*” até utilizar “*uma roupa mais diferente que se julga normal*” estão sendo cobradas em relações de violência, deixando na existência de Irene a sensação de estar “*sempre em desconforto*”. Uma experiência da não-binaridade marcada pela diferença às normalizações, pela descrença nas instituições – o que também dialoga com o sentimento de não poder contar com a família, por exemplo. Assim, nos colocamos o questionamento: que alianças são possíveis? Que resistências são possíveis diante disso? Quando as instituições que deveria proteger (família, polícia, Estado) não o fazem, de que modos é possível (r)existir? Encarar uma existência de desconforto faz pensar nos territórios, nas linhas de fuga em que se concretizam as experiências de prazer.

• Cartas de pranto •

O Mediterrâneo é um e indivisível. Conto uma história sobre a estética de Laranjón. Uma criança foi atingida por seus pais. E tiraram as uvas que comeu. E rasgaram o vestido em pedaços. O menino deixou a casa chorando e encontrou outra criança. O recém-chegado perguntou-lhe: "Qual é o problema com você que tanto você chora?" A criança chorosa disse-lhe: "Suba até o topo da colina e eu vou te contar". E eles se afastaram e alcançaram a colina. No topo, a criança que não chorou disse: "Conte-me o que aconteceu com você", e a outra criança chorosa começou: "... meus pais me atingiram, etc., etc." Quando ele terminou de contar suas dores: "Você já terminou?" O Mediterrâneo é um e indivisível.

[Carta de Federico García Lorca a Anna Maria Dalí, verão de 1926]
(FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 80)

O Mediterrâneo é um e indivisível, as relações que se produzem em suas margens são plurais. Dos pais que atingem o menino que se confessa ao outro que é narrado por Lorca à Anna Maria que é irmã de Dalí: as relações não se movem apenas em uma direção. Berenice Bento (2014), fazendo uma discussão da categoria *gênero* ao longo dos movimentos populares e acadêmicos já sinaliza para essa compreensão – não é coerente, trabalhando com uma perspectiva não-binária para o gênero, continuar a operar com o relacional de dois (de homem para mulher, de mulher para homem). As relações que explorei neste retalho apontam para isso: o tecido é muito mais estratificado. Elfo, Irene e Netuno se relacionam com pluralidades de mulheres, com pluralidades de homens, com pluralidades de experiências que questionam as identidades.

Falar, assim, de não-binaridade de gênero a partir dessas relações me parece ser sinalizar que “as práticas discursivas são também práticas sociais organizadas e constituídas em relações de desigualdade, de poder e de controle” (LARROSA, 1994 p. 67). A organização se materializará em regulações, em negociações de prazeres, em implicações práticas, em enunciações, em rupturas etc. O encontro dos corpos e das experiências, as formas diferenciadas de exercem poder, as resistências: tudo entrará na disputa.

Os sujeitos se constituem nesse relacionar-se e, também isso, que permite mesmo a construção de uma narrativa de si, de uma narrativa de gênero. Os casos contados não me soam exclusivos das experiências da não-binaridade, mas de qualquer construção de identidade e diferença (de gênero). Como Dalí e Lorca que se formam como artistas, homens, amigos, amantes e políticos por meio, também, de seu relacionamento

epistolar, sinalizo a potência de investigar as relações de poder para compreender qualquer construção de (um discurso de) si.

• Cartas de declaração •

Você é uma tempestade cristã e precisa do meu paganismo. A última temporada em Madrid você se entregou ao que você nunca deveria ter entregue. Eu irei procurar por você para fazer-te uma cura do mar. Será inverno e faremos fogo. Os pobres animais estarão entorpecidos. Você lembrará que você é o inventor de coisas maravilhosas e viveremos juntos com uma máquina retratadora.



Imagem 21: *Carta de Salvador Dalí a Federico García Lorca, agosto de 1928.*
Fonte: FERNÁNDEZ e TORROELLA, 2003, p. 145.

RETALHO: SOBRE TREMORES, EXPERIÊNCIAS E OS OLHARES DE LORCA

Crepúsculo

A luz está deixando as coisas abertas para a cor admirável do momento. O campo que anteriormente resistiu a toda a força sem paralelo do meio-dia em junho, está descansando suas delicadas nuances e ensinando melodicamente, caprichosamente. As montanhas já são azuis em suas saias, os picos rochosos ainda são brancos. Vão se modulando os tons claros com espírito de pedra preciosa, até chegar a uma fantástica expressão de rosa e fogo, que pouco a pouco se torna poeira amarela de suavidade de topázio. Não há mais verde do que as alamedas e os lábios das acequias. O sol solene e bom, cortado no azul do céu, afundou vagamente em um suave umbigo da monstruosa barriga da montanha.

Há tremores de agosto no ar, então uma doce luz invade tudo. Atravessando as encostas vêm as colhedoras de espigas cantando alegremente. Os anjos tocam as cachoeiras e velhos sinos do eremitério. Começam a brilhar as estrelas. Entre os carvalhos grosseiros, o acelerado crescendo de um trem passa. Há um latido de cães e o ruído das rodas dos vagões passando na distância. A noite.

(LORCA, 1973, p. 916)

A prosa lorquiana é repleta de narrações, descrições e impressões. Uma prosa calma, afetada pelas experiências, carregada das cores, cheiros e sentires de sua juventude. *Crepúsculo* me parece o tempo histórico de Granada em 1918: o sol que vai se afundando em montanhas dando espaço aos silêncios e desconhecimentos da noite. O temperado azul dá lugar ao laranja-rosa no céu e as pessoas já retornam da colheita. Lorca lança olhar e se lança.

Como o prosador percebe que a luz vem deixando *as coisas abertas para a cor admirável do momento*, percebo eu também que a luz que nosso tempo produz e localiza historicamente a construção dessa pesquisa. Explorei em outros espaços como a temática da não-binaridade de gênero vem efervescendo junto às tantas outras (diversidade, democracia, luta por direitos fundamentais, entre outros) e como me inseri nessa movimentação. O que sinalizo, agora, é a condição desse efervescer acontecendo em um programa de pós-graduação em Educação, se materializando como uma rede de experiência. A intenção deste retalho é dizer dessas experiências que a pesquisa movimentou. Experiências e atravessamentos olhados em um momento de finalização de etapas me questionando: O que se produz(iu) em vida enquanto se produz(iu) uma dissertação? O que essa escrita produz(iu)?

Não o entendo como um retalho final (ou inicial ou de meio), mas algo construído em um espaço-tempo posterior aos demais e que, por isso, carrega algumas singularidades: a vista cansada, as emoções não-ditas efervescendo, mirar o futuro carregando tudo aquilo que já foi experienciado. O olhar de poeta de Lorca ao crepúsculo percebendo o sol afundar *vagamente em um suave umbigo da monstruosa barriga da montanha*, é o meu olhar de pesquisador que percebe os retalhos sendo costurados e se constituindo em colcha.

Anuncio que pretendo, então, trazer duas reflexões a partir desse olhar. A primeira está relacionada a um pensar sobre a experiência de construir conhecimento no campo de estudos da educação e do campo de estudos de gênero, ou seja, como eu percebo que essa produção se insere e (se) faz tremular (n)essas áreas. Depois, procuro tatear como todo o processo provocou um experienciar de leituras, de escritas, de pesquisa e de vida. Todas essas reflexões não dizem de exclusividades de Elfo, de Irene, de Netuno ou minhas. Todas atravessam nós quatro e, também por isso, escolho realizar esse investimento.

Para costurar esses olhares posteriores, faço um diálogo com os olhares que Lorca lança em seu primeiro livro: *Impressões e paisagens* (LORCA, 1973), publicado em 1918. Esse, produzido e lançado ainda na sua região natal, a Andaluzia, nos mostra um Lorca que contempla e reflete a realidade: sua juventude, seu intenso contato com o povo, sua paixão contemplativa da natureza, seus mistérios e curiosidades, sua relação com a cidade-espaço-tempo. Tudo materializado em algumas páginas de prosa.

• Primeiros tremores •

Há ondulações fortes e suaves na terra. Os campos de trigo tremem ao sentir a mão dos ventos. A cidade esconde o declínio que foge da solene bravura da paisagem.
(LORCA, 1973, p. 873)

Os ventos que agitam os campos de trigo em Granada se fazem ressoar nas paixões de Lorca. As palavras do poeta se fazem ressoar em minhas paixões. O que trago para essa reflexão *são as ondulações fortes e suaves*, os tremores que fiz movimentar e que movimentaram em mim quando fui construindo essa pesquisa dentro do campo dos estudos de gênero.

Berenice Bento faz uma breve genealogia desses estudos pensando a partir do “universal, relacional e plural” (2006, p. 81). Dentro da minha trajetória de reflexões,

percebo-me percorrendo todo esse caminho me deslocando nessas temporalidades em movimento de fluxo: indo e vindo, adentrando pelo meio, indo e vindo, costurando conceitos, indo e vindo, propondo outras formas de olhar, indo e vindo, produzindo sentidos, indo e vindo.

Pesquisar gênero dialogando com Elfo, Irene e Netuno sobre as tentativas de rompimento do binário feminino/masculino produziu em mim um constante cuidado e vigilância de tentar escapar de algumas armadilhas que poderiam me fazer encarar gênero circunscrevendo-o apenas na possibilidade de ser homem ou ser mulher. Em outras palavras, estando o meu olhar educado com uma lente do binário, tive que fazer em mim movimentos de limpeza, retirada e destruição da lente – ficar cego e tatear, sentir, lambar, cheirar, saborear, escutar e transar com outras alternativas de ver.

É assim que percebo a minha inserção (e dessa pesquisa) nesse campo de estudos. Nessas movimentações aliei-me em especial ao pensamento da Diferença e aos estudos pós-estruturalistas, mas reconheço uma potencialidade nos estudos *queer* quando intento os questionamentos e as tentativas de rompimento. Juan Pablo Sutherland explora as potencialidades do *queer* na América Latina defendendo sua ação política e tentando nos dar pistas do que se construiu em torno dessa ideia:

a partir de uma caixa de ferramentas foucaultiana-butleriana, diria que pode ser entendida como uma teoria da ação performativa, que tem efeitos políticos nos corpos. Uma fala em uma primeira pessoa que desfoca o exercício identitário, devolvendo ao outro o seu gesto objetivador. (SUTHERLAND, 2014, p. 2).

As leituras *queer* foram fundamentais para ajudar a pensar a não-binaridade de gênero na chave da diferença. Penso que uma ação performativa em uma tentativa de deslocamento do exercício identitário caminha muito próxima ao que Elfo, Irene e Netuno intentam enquanto desestabilização da norma feminino/masculino.

Entretanto, para além de toda aproximação que a temática desse texto estabelece com os estudos *queer* que eu poderia ter investido, trago um diálogo entre a pesquisa e eles quando pretendo anunciar alguns tremores para refletir sobre as experiências de gênero, expressões, identidades e diferenças. Reforço empiricamente, assim, o que Judith Butler defende: “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER,

2014a, p. 253). Quando Elfo, Irene e Netuno se movem e dizem desses movimentos enquanto experiências de gênero, acredito que tragam para seus corpos, relações e sentires essas desconstruções e desnaturalizações – deixam de operar com o feminino e o masculino enquanto únicas possibilidades possíveis de existência.

A partir da construção dessa pesquisa não é mais possível, para mim, trabalhar com gênero ignorando os atravessamentos da diferença, do *queer*. E por *trabalhar* eu reconheço não apenas o trabalho acadêmico, mas também todo fazer de vida (em sala de aula, em relações interpessoais, na relação comigo mesmo, em movimentações política, etc.). Ainda que seja para pensar categorias “consolidadas” (o ser homem e o ser mulher, por exemplo), acredito que as reflexões desencadeadas pela não-binaridade – como a multiplicidade, a dificuldade ou impossibilidade de enquadramento, a transitoriedade, o hibridismo, entre outras – ultrapassam essas experiências em específico e me fazem relacionar com outras já existentes ou que possam vir a ser inventadas. É por esse contexto que me fiz e me deixei estremecer no jogo de (re)(des)construção dos saberes de gênero.

Nesse jogo, ainda foi possível constatar a incompletude dos estudos que faço para compreender a não-binaridade de gênero. Tenho a perspectiva que, com essa pesquisa, eu, Elfo, Irene e Netuno avançamos na temática realizando aqueles movimentos de tatear e experienciar. Entretanto, o que construímos mais se assemelha a pistas que definições.

Neilton: E o que ficou mais forte para você da nossa conversa? Qual assunto? Ou a partir do que você leu e relembrou?

Elfo: A parte que você pergunta sobre a educação, que você questiona sobre a questão da educação, a questão da minha condição de ser não-binário. Até mesmo isso hoje, atualmente, tem sido uma questão que tem sido colocado muito à prova e que tem sido muito criticado por muitas pessoas. Na hora que eu li, fiquei pensando em algumas coisas, no que está acontecendo hoje, algumas pessoas criticando, falando e tal. Isso querendo ou não acaba confundindo sua cabeça, aí você acaba se perguntando “quem realmente eu sou?”. Então, acabei entrando nesse processo. Um dos motivos que eu fui adiando e adiando essa conversa, foi essa, porque eu precisava me organizar de novo, eu tinha me perdido um pouco. Tanto, a minha psicanalista vem me questionando muitas coisas. Cheguei a contar para o meu irmão sobre isso.

(Elfo – Conversa 2)

Como Elfo passa por dúvidas, impasses e reorganizações, também eu passei para lidar com essas pistas, com essas experiências. Elfo parou e buscou ajuda em seus

questionamentos. No mesmo sentido, durante o processo de construção pude conhecer e conversar com pessoas que me ajudaram (e continuam ajudando) a dimensionar o tamanho da incompletude desse texto: o psicólogo Cláudio Magno que desenvolve pesquisas acerca da não-binaridade de gênero em espaços virtuais; o professor Leandro Leal com sua movimentação de investigação no meio das artes visuais, dos terrorismos de gênero e das pedagogias culturais; a bacharela em direito Carolina Lopes que trabalha questões legais ligadas a essas questões. Logo, encaro que há muito que se debruçar, muito que discutir, muito que criar, muito que colocar à prova, confundir a cabeça e se perder um pouco nos saberes, sentires e invenções.

Dentro da área da Educação consigo esboçar alguns desdobramentos que essa pesquisa anuncia e que pretendo investir em novos espaços-tempo de escrita e vida. Para além dos que sinalizei em outros espaços desse texto, destaco: a relação entre a não-binaridade de gênero e os conhecimentos que são produzidos pelas juventudes; a debilitação da saúde mental que parece cercar as experiências que são narradas e se constituir como parte das suas produções; os espaços virtuais como espaços que educam para as multiplicidades do gênero.

• Os ares do amanhecer •

Nas primeiras horas, um monte de silêncio e quietude, uma paz inefável. Você só podia ouvir os pássaros cantando sobre as acácias ou algum vagão que atravessava a rua deserta. Então, quando o sol queria afundar no fundo da paisagem, se abriu as portas e eles olharam para elas, garotas com flores em seus cabelos e graciosamente em pó.
(LORCA, 1973, p. 917)

Prosseguindo com a intenção desse retalho, coloco-me ao lado de Lorca que observa o amanhecer para pensar agora como a construção dessa pesquisa se inscreveu no campo da Educação e o faz tremular. O *monte de silêncio e quietude* que foi sendo substituído pelo abrir de portas. *Eles olharam para elas*, eu olho agora para o campo da Educação, *com flores em seus cabelos*. Em quase todos os momentos que conversei sobre as temáticas e referenciais teórico-metodológicos que orientaram essa construção – seja em diálogos no meio acadêmico seja em diálogos na mesa de bar – fui questionado sobre os porquês de eu estar em um programa de pós-graduação em Educação, e não em um de Antropologia, Ciências Sociais, Estudos de Gênero, etc. Em outras palavras (por vezes ditas) me puseram a questão: “mas isso que você discute, é mesmo Educação?”.

Assumo qualquer responsabilidade em não dizer objetivamente o que trago enquanto pesquisa em algumas dessas conversas. Penso que, se tivesse exposto minhas ideias no formato introdução-métodos-resultado-discussão-conclusão, talvez (e apenas talvez) a frequência dessas perguntas seria menor. Entretanto, percebo – porque em alguns momentos isso foi verbalizado – que a incompreensão e crítica residem no fato de eu não tomar uma categoria considerada *escolar* como objeto principal da pesquisa. Ou seja, ao não categorizar Elfo, Irene e Netuno como estudantes ou docentes ou equipe administrativa e, ainda, ao não trazer como mote da discussão o espaço escolar, o da formação docente ou qualquer outro comumente explorado nas pesquisas em Educação, para algumas pessoas eu estaria descolado desse campo.

Não pretendo me focar na reflexão que essa percepção pode gerar, tampouco me justificar dizendo os porquês que minha pesquisa se legitima em estar no PPGE/UFJF. Como sinalizei, o olhar posterior motiva a me debruçar sobre: como discuti as experiências narradas por Elfo, Irene e Netuno a partir do campo da Educação? E, em especial, como que essa discussão pode ser anunciadora de outros modos de produzir pesquisas nesse campo?

Início a discussão trazendo uma análise que Jorge Larrosa faz sobre Educação. Ele a entende como

uma prática disciplinar de normalização e de controle social. As práticas educativas são consideradas como um conjunto de dispositivos orientados à produção dos sujeitos mediante certas tecnologias de classificação e divisão tanto entre indivíduos quanto no interior dos indivíduos. (LARROSA, 1994, p. 51).

Pensando nessa perspectiva, compreendo os acontecimentos, processos e experiências narrados pelos sujeitos dessa pesquisa como essas práticas educativas. Elfo, Irene, Netuno, eu e quem mais se propuser a ler este texto, recebemos ensinamentos sobre/dentro/com/a partir da matriz de normas de gênero. Nossas relações, nossos corpos, nossas identidades, nossas diferenciações, nossos pensares e nossos sentires foram imbricados na norma a partir desses *dispositivos orientados* (que, nesse texto, trago enquanto família, escola, instituições médicas e legais, relações interpessoais etc.). Fomos produzidos enquanto sujeitos de gênero e é essa produção que procurei investigar.

Parece-me óbvio que esses processos educativos não são unidirecionais, completos ou 100% eficazes. Em outras palavras, não é porque estamos em um caminho de educação para a norma binária de gênero que necessariamente nos identificaremos como homem ou como mulher – as experiências de Elfo, Irene e Netuno me trazem isso. Muitas forças compõem a educação e isso se estabelece em relações de poder que pressupõem resistências – a resistência às possibilidades de existência previstas na norma, às instâncias educativas, aos processos de normalização.

E, nesse sentido, encaro o próprio ato de enunciar as experiências da não-binaridade de gênero enquanto a produção de uma educação. Quando Elfo, Irene e Netuno conversam comigo, com familiares, como colegas ou com pessoas desconhecidas, anunciam outras alternativas de experienciar o gênero, produzem saberes, educam. Colocam em curso e se colocam em processo de (des)subjetivação e experiencição. Continuo com Larrosa quando ele indica que

é como se a educação, além de construir e transmitir uma experiência "objetiva" do mundo exterior, construísse e transmitisse também a experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como "sujeitos". Ou, em outras palavras, tanto o que é ser pessoa em geral como o que para cada uma é ser ela mesma em particular. (LARROSA, 1994, p. 45).

Assim, percebo que Elfo, Irene e Netuno ao experienciar o gênero, educam sobre ele e sobre a matriz de norma binária. E, ainda, educam e constroem saberes sobre si, sobre suas formas singulares de experienciar. A educação parece estar diretamente relacionada a isso: experiência e construção de subjetividades – sendo a partir disso que discuti as questões sobre não-binaridade nesse texto.

Direcionando-me para o segundo ponto dessa reflexão, relembro um texto já “clássico” de Guacira Lopes Louro (2004) que indica a potencialidade dos estudos *queer* para o rompimento com os binários: além os binários hetero/homossexual e feminino/masculino outros poderiam ser desestabilizados no campo da educação: cultura/natureza, conhecimento/ignorância etc. Na mesma direção, acredito que a produção dessa pesquisa dentro do campo da Educação se soma à corrente de produção de conhecimento que vem ampliando os questionamentos para além dos muros da escola.

Aliado a isso, encaro essa pesquisa na intencionalidade de uma máquina de guerra. Como Deleuze e Guattari apontam, “uma máquina de guerra está dirigida contra o

Estado, seja contra Estados potenciais cuja formação ela conjura de antemão, seja, mais ainda, contra os Estados atuais a cuja destruição se propõe” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 16). Quando não pretendo resolver problemas da norma de gênero ou mesmo questões educacionais do Estado, mas indicar para a insuficiência dessas matrizes para se pensar a formação do sujeito e as experiências de gênero, percebo-me dentro dessa perspectiva.

No campo da Educação, pensar junto a esse conceito é ainda mais potente por sinalizar que não pretende-se criar formas, métodos, soluções ou receitas, mas justamente focar nos devires que estão nos meios dos processos educativos. Pretender-se máquina de guerra é coexistir com a máquina de controle do educar. É, de dentro de um programa de pós-graduação em Educação “opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pósmodernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades” (GALLO, 2002, p. 176). É construir problemas de pesquisa e discussões que vão minando, desterritorializando, retirando os órgãos, rizomatizando, costurando colchas.

Tudo isso me faz pensar: o que pode essa máquina de guerra na Educação? Que tremores (e temores) a não-binaridade de gênero provoca no campo (seja em uma escola, seja em um artefato cultural, seja alguma outra instituição, seja nas relações cotidianas dentro de um ônibus)?

As narrativas construídas por Elfo, Irene e Netuno nos dão algumas dicas dessas provocações: quando dizem de confusões, desconfortos e desajustes. Tudo isso também foi experienciado por mim quando, participando de eventos acadêmicos da área da Educação ou submetendo artigos para alguma revista, percebia a incompreensão de algumas pessoas quando trazia questões escolares para a o centro da discussão ou ainda quando dizia de uma metodologia de pesquisa-narrativa que se fortalecia com a paixão. Coisas que fazem tremer um campo estruturado em diagnosticar, categorizar, dar repostas e propor soluções aos problemas do Estado.

Com essa pesquisa assumo a incompletude de qualquer processo educativo e sinalizo para a potencialidade disso. As identidades que estão em trânsito, as experiências que se movimentam pela diferença, o rizoma que se expande para caminhos não pensados, a colcha que se tece com materiais outros: são agitações que podem abalar o campo da Educação.

• Um prenúncio •

Uma mão de amor cobriu suas casas para que a onda de juventude não chegue, mas a juventude chegou e continuará a chegar, e nas cruzes avermelhadas veremos um avião triunfante subir.

(LORCA, 1973, p. 812)

Para caminhar à última reflexão desse retalho, trago o prenúncio do poeta: *a juventude chegou e continuará a chegar*. Ainda que fechem as portas, *chegou e continuará a chegar*. Ainda que mãos cubram, *chegou e continuará a chegar*. A juventude que atravessa as narrativas de Elfo, Irene e Netuno, a juventude de Lorca registrada em impressões, a juventude que atravessa minha formação enquanto pesquisador-educador-sujeito de gênero. *Chegou e continuará a chegar*. Juventude, que neste texto se multiplicizou e tem traços de muitas experiências: a experiência do encontro, a experiência da paixão, a experiência do pesquisar, a experiência da leitura, a experiência da escrita, a experiência da morte, a experiência da vida. Reflito, agora, sobre essas experiências com o olhar da posterioridade: *nas cruzes avermelhadas veremos um avião triunfante subir*.

Roney Polato de Castro ensina que “experiência é encontro, relação com algo que experiencio, de modo singular. Algo que me conduz a pensar e produzir questionamentos” (CASTRO, 2014, p. 13). É com essa reflexão que inicio. Como sinalizei em outros espaços, a construção dessa pesquisa efervesceu em torno do encontrar: encontros com Elfo, Irene e Netuno, encontros com leituras, encontros com o inesperado. E foram esses encontros que se fizeram movimento, além de pesquisa, de vida.

Netuno: Eu achei tudo importante assim. Foi tudo maneiro, eu gostei de tudo na conversa. Eu acho que abriu muita coisa pra minha cabeça mesmo. Tipo no dia seguinte, eu nem te falei isso, mas no dia seguinte eu virei e contei pra minha namorada. E ela ficou de boas.

Neilton: Que legal!

Netuno: E tipo, se a gente não tivesse conversado eu não ia ter contado até agora. Eu sinto que não. Porque tipo, eu saí e eu tava na casa dela. Aí eu fui te encontrar e falei pra ela: “ah eu tô indo encontrar esse menino que ele tá fazendo uma pesquisa assim e tal”. Aí ela ficou toda: “mas porque ele quer falar com você?”. E ela ficou meio assim, aí eu virei e falei de uma vez. Eu achei que ela ia ficar toda estranha e, sei lá não sei, eu achei que ela ia ficar estranha. E ela ficou de boas.

(Netuno – Conversa 2)

Hoje a gente consegue falar sobre a gente. A gente consegue debater sobre a gente, o que a gente tá sentindo, como que tá sendo: “ah, eu não tô num período legal”. Então eu acho que a sua pesquisa foi muito boa e ela é voltada pra Educação. Sendo voltada pra educação, ela vai poder ajudar muita gente. Porque as vezes você encontra um professor que é machista e tal, e ele vai fazer uma piadinha dentro da sala e ele não sabe que ele tem um aluno que ele tá passando por um momento difícil de descobertas. Então, talvez, ele vai na internet por curiosidade, digita lá e acha seu texto. Ele vai ver lá: “poxa, eu posso ajudar meu aluno, não era como eu pensava”. Então isso é importante.

(Elfo – Conversa 3)

O encontro comigo, o encontro com a namorada, o encontro com o debate e mesmo a imaginação do encontro entre docente e texto. Tudo me parece um experienciar essa pesquisa, em especial por, como aponta Roney Polato de Castro, provoca pensamentos, provoca pensamentos outros. A experiência de encontrar se movimentou nessa pesquisa como deslocamento, como grata surpresa, como potência para assumir e pensar as novas possibilidades de existência.

No mesmo sentido, outra experiência. Como Castro prossegue ao contar sua relação com Foucault: “alguns falam de paixão. Outros de tormenta. Amor e ódio, dor e prazer. Encontros frequentes, breves e duradouros, dos quais costumo sair atormentado. Muitos pensamentos. Nem sempre é compreensível (e tem que ser?)” (CASTRO, 2014, p. 14). Eu sou desses alguns que falam de paixão. Para além do que explorei em outros espaços, o olhar que lanço posterior me fortalece a acreditar que: “se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão” (LARROSA, 2002, p 26).

Encontrar a não-binaridade de gênero, me apaixonar por ela. Encontrar Deleuze, me apaixonar por ele. Encontrar Elfo, Irene e Netuno, me apaixonar por essas pessoas. Nessa posterioridade, continuo a assumir minhas paixões e toma-las enquanto experiências. Foi essa experiência do apaixonar que me fez tremor em mim mesmo, que me fez deslocar, que me fez investir teoricamente, que me fez produzir novos querereres de vida e de pesquisa.

No encontro com a morte, foi a paixão que me fez chorar, que me fez parar, que me fez afastar, que me fez devastar. Mas foi também a paixão me fez continuar, que me fez lembrar, que me fez beber cafés, que me fez caminhar de novo por aquela rua. Romper com as dicotomias, romper com as classificações de boa/ruim. Paixão é experiência nessa pesquisa: inclassificável. Tão potente, quando complexa. Tão dolorida,

quando acalentadora. Tão efervescente, quanto poente. Tão estabilidade, quanto transfiguração.

Eu sou desses alguns que falam de paixão, em especial porque ela me joga à entrega, ela me joga à escrita, ela me joga à leitura, ela me joga à pesquisa. E uma experiência se costurando à outra, vou aprendendo o que é estar em uma *pesquisaexperiência*.

Pesquisaexperiência é processo de subjetivação e dessubjetivação: (des)caminhos que vão modificando a forma 'pesquisador', amolece, endurece, deforma, reforma e vai assumindo outros formatos, também provisórios e momentaneamente satisfatórios, para dar conta de viver a pesquisa e pesquisar a vida. (CASTRO, 2014, p. 21, *grifos do autor*).

Investiguei com Elfo, Irene e Netuno os processos de (des)subjetivação. Construimos narrativas sobre eles. Rememoramo-los como forma de pesquisar. E esse próprio construir e rememorar se produziu enquanto experiência. Fomos nos modificando enquanto sujeitos de gênero. Fui me modificando enquanto pesquisador. Demos conta de viver a pesquisa, de pesquisar a vida. A leitura e a escrita se constituindo nesse processo: Elfo, Irene e Netuno leram nossas conversas, eu li Lorca, Deleuze, Roney Polato de Castro, Judith Butler e tantas outras. Elfo, Irene e Netuno se colocaram à disposição da leitura. Juntos, escrevemos.

Falar de não binaridade de gênero e movimentos de vida através do texto se fez experiência quando me coloquei nas (im)possibilidades do devir: fazer de uma dissertação um devir-teatro, um devir-carta, um devir-crônica, um devir-poema, um devir-texto acadêmico, um devir-fotografia, um devir-canção. Somos muitas coisas. Materializamos os encontros, as paixões, as experiências em muitos movimentos no escrever. Fazer desse texto uma tentativa de dizer de forma justa todo caminhar da pesquisa foi o que se constituiu em mim enquanto escrita-experiência.

• Os monstros vêm em *dois* •

Ao sair da Catedral, o retábulo na capa está cheio de sol da tarde, que faz ouro ao calado e aos santos apóstolos que estão nele. E dois monstros cobertos com escamas e com rostos humanos recordam ao que passa o antigo e generoso direito de asilo. Através de ruas cheias de quietude e ouro crepuscular, ele flui para um local que tem uma igreja dourada que a tarde faz um topázio imenso. E de uma parede velha contemplam-se os campos solitários sob o prelúdio da noite. No fundo e nas colinas há um relaxamento vermelho e acima dos campos um pólen amarelado e macio. A cidade é tingida de laranja

e os sinos dizem todos os anjos com um ar lento e sonhador. Pouco a pouco, vem a noite, alguns pinheiros balançando graciosamente na sombra e as cegonhas nas paredes voam sobre um campanário. Logo o ouro será prata com a lua.
(LORCA, 1973, p. 818)

Desconfiar dos monstros. Rejeitar a restrição ao número dois. Tomá-lo enquanto angústia e desespero. Deslegitimá-lo enquanto número. Provocar os binários. Apostar na não-binaridade, na negação, na diferença. Percorrer suas ruas cheias de angústia e quietude e observar os *campos solitários*: a matriz do binário, com redes infintas de relações, instituições e subjetivações. Desnaturalizar essa matriz de normas de gênero, as percepções de *ser homem* ou *ser mulher*, o emprego do *ou*. Acredito na potencialidade de todos esses investimentos: seja nas impressões de Lorca, seja nas narrativas de Elfo, Irene e Netuno, seja nos retalhos desse texto. Costurá-los em conjunto é multiplicar tanto a poética quanto o campo de estudos do Gênero e da Educação.

Essa escrita se materializou em uma colcha costurada por essa multiplicidade que a não-binaridade fomenta, conectada às memórias, movimentada por um mar de ideias, narrada por corpos em (re)invenção e experienciada por todas as pessoas que costuraram mais um retalho a ela. Uma colcha que diz de um caminho percorrido pelos tremores e pelas experiências que aconteceram – e continuarão a acontecer – desde os encontros ao café que se toma sozinho nas cantinas da Universidade. Escrever, me utilizar de sujeitos e predicados, costurar retalhos, me debruçar sobre a tela do computador e sobre os livros de Lorca foi um exercício experienciado.

Como sinalizei em outras páginas e retalhos: não há apenas um texto que foi produzido; há um texto e muitos sujeitos que se transfiguram – que atravessam, mas são também atravessados por essas palavras. No olhar da posterioridade percebo as costuras feitas e as (des)costuras a fazer e faço o movimento de cobrir-me com essa colcha para puxar fios e furar e rasgar e sujar e embolar e costurar outros retalhos e abandonar e retomar e experienciar e...

Intentar tremores.

BAINHA E FIO SOLTO: O EPÍLOGO

para Netuno, o príncipe das águas, aos 14 anos

espero que saiba se movimentar para dar pé nas águas e que mantenha a leveza quando estiver em terra, mas que nunca precise saber a diferença desses cenários

Meu querido, a terra firme pode assustar. Ande descalço que talvez você sinta como os movimentos das placas se assemelham aos movimentos das ondas que criamos. Por precaução, para se manter mais estável, tenha sempre um jarro com água salgada e um punhado de conchas no bolso – não utilize pedras, nem aquelas bem pequenininhas. Conchas e a poesia de Virgínia – provavelmente essa é a combinação mais potente para os versos que escreve agora. Sim, sobre seus versos: prossiga! Há muito o que cancionar nessa vida de chão. Você pode falar dos cavalos-marinhos, dos leões, dos batuques e de faixas que levamos presas aos cabelos. Não é preciso falar de rifles e carabinas. Mas, se quiser, também pode. Pode falar, cantar, escrever sobre o que quiser – sendo verdade ou mentira. Só continue fazendo isso visceralmente. Conheci um menino que falava só de números e écrans, e fazia isso visceralmente. Descobri que é o mais importante. Não sei quanto tempo vai levar para você olhar à esquerda antes de subir suas escadas, quanto tempo levará para reparar nas três telas de écran daquele apartamento, quanto tempo levará para você conhecer o menino dos números. Então, te aviso desde já, faça visceralmente isso que você já faz. E não quer dizer que não possa jogar o jogo dos 7 erros e duvidar de suas verdades. Brinque com esse jogo perigoso e se balize pelo movimento de suas vísceras. Tudo que você puder desconfiar em você, desconfie. Tudo que você puder confiar na vizinhança, confie. Duvide das verdades, não das pessoas que te querem tão bem. Por exemplo, duvide quando falarem que a distância até sua casa é muito grande, mas entenda que para alguns a distância parece algo difícil de ultrapassar. O meu conselho é medi-la através dos palmos da mão ou das passadas que podemos alcançar quando correremos bem rápido. Para te dar outro exemplo, algum dia vão te dizer que você não pode ser aquilo que mais deseja. Provavelmente você irá se espantar com isso. É comum, mas não aceitável. Aceitável é, apenas, o teu espanto. Logo logo você vai ter argumentos para brigar quando esse espanto acontecer. Só acho que você não vai querer. Que vai preferir se poupar para viagens, festas e os versos que têm para cantar.

Aliás, você vai me fazer aprender que devemos escolher as horas, palavras e conchas certas. Isto é, aquelas que querem dizer *respeito com a gente mesmo*. E que a gente deve assumir as consequências de nossas escolhas. Um leão pode ser um líder e também pode ser humilde para não querer a liderança. Todos os doze do zodíaco merecem espaço, até os metódicos. Um dia você vai escrever sobre a vida e sobre as possibilidades que temos de trilhar caminhos para a vida. Isso vai ser muito importante pra você, pra mim e para o cardume que estiver te ouvindo ler nervosamente aquelas linhas. Você vai me ensinar, ainda, muitas coisas: sobre o amor, sobre jogos, sobre o mar e sobre os seres incríveis que podemos inventar quando passamos um tempinho a observar as sombras que se movem na tela da janela. Eu nunca vou poder agradecer por esse aprendizado. Espero que saiba que sou grato, tanto quanto saiba que a terra firme pode assustar, mas que você é muito capaz de caminhar por ela. Um abraço forte. Neilton.

 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. CUNHA, Anna Lucia. Masculinidades, Feminilidades e Violência no Cotidiano das Escolas. *Revista Educação e Cidadania*. Vol. 10, Nº 10. 2009. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/educacaoecidadania/article/viewFile/139/59>> . Acesso em 16 de janeiro de 2018.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, p. 575-585, 2001.

ALONSO, Angela. The theories of social movements: a review of the debate. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 76, p. 49-86, 2009.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves, (organizadoras). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 173-194, 2012.

ANJOS, Juliana. *Acontecimentos nas brincadeiras de rua: encontros, movimentos, experimentações*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. 135p. 2013.

ARZOLA, Daniel. Daniel Arzola e a Campanha No Soy Tu Chiste - a Arte a Favor do Respeito à Diversidade. Medium. 2015. Disponível em: https://medium.com/@eric_novello/daniel-arzola-e-a-campanha-no-soy-tu-chiste-97b3126a0b26. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

_____. *No soy tu chiste*. 2013. Disponível em: <<http://nosoytuchiste.tumblr.com/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

_____. 2013. Disponível em: <<http://arzolad.blogspot.com.br/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

BRAGA, Denise da Silva. *Heteronormatividade e sexualidades LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 137p. 2012.

BANDEIRA, Lourdes; SORIA, Analía. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Estudos feministas*, p. 119-141, 2002.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.

BENTO, Berenice. Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual. IN: Seminario de género. *Universidad de Barcelona*. 2002.

_____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

_____. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549, 2011.

_____. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. p. 165-182. 2014

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 24, p. 35-41. 1996.

_____. *O Local da Cultura*. Tradução Myriam Ávila. 4. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001.

BRINGEL, Breno. A busca de uma nova agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow [Comentários ao artigo de Sidney Tarrow]. *Política & Sociedade*, v. 10, n. 18, p. 51-74, 2011.

BRITO, Rosemeire. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar de meninos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, p. 129-149, 2006.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. IN: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

_____. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 42. p. 249-274. 2014a.

_____. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. IN: *XV Simposio de la Asociación Internacional de Filósofas (IAPh)*. Alcalá de Henares. 2014b.

CAETANO, Marcio Rodrigo do Vale. Currículos praticados e a construção da heteronormatividade. *32ª reunião da ANPED*. Caxambu/MG, 2009.

JÚNIOR, Cardoso; REBELLO, Helio; NALDINHO, Thiago Canonenco. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. *Fractal: Revista de Psicologia*, p. 43-56, 2009.

CARVALHO, Marília. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos feministas*, v. 9, n. 2, p. 554, 2001.

CASTRO, Roney Polato de. *Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia*. 256p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2014.

CECCIM, Ricardo Burg. Réplique. *Interface-comunicação, saúde, educação*, v. 9, n. 16, p. 175-177, 2005.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A crítica da identidade nos movimentos feminista, lgbt: Michel Foucault e as ressonâncias na educação. *Teoria e Prática da Educação*, v. 17, n. 2, p. 97-104, 2014.

CONNELL, Raewyn W. La organización social de la masculinidad. In: Teresa Valdés e José Olavarraría (Eds.), *Masculidad/es: Poder e crisis*. p. 31-47. Santiago do Chile: Ediciones de las mujeres. 1997

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas—a arte de perguntar em tempos pós-modernos. IN: *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 199-214, 2005.

D'ÁVILA REIS, Cristina. O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Organizadoras). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 243-260.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Désir et plaisir. *Magazine Littéraire*. Paris. n. 325, p. 57-65, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*/Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. v. 34, p. 94, 1995.

_____. 1227—Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra e 7000 AC—Aparelho de Captura. *Mil platôs*, v. 5, São Paulo: Ed. 34. 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. *São Paulo: Editora Escuta*, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Deconstruction in Context (Literature and Philosophy)*. (Ed. By Mark C. Taylor) Chicago: University of Chicago Press, 1986.

_____. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus. 1991.

_____. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

DIAS, Luciana de Oliveira. Diversidade e processos de identificação: Um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero. *OP SIS*, v. 10, n. 1, p. 55-73, 2010.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 11, n. 3, p. 631-648, 2011.

DOS REIS, Neilton. *Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: casos de prazeres e corporeidade não-binários*. Monografia. 105p. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.

DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25. 2016. ISSN on-line: 1982-9949

DUARTE, Francisco Ednardo Barroso. *As representações sociais de universitários de sexualidades lgbt sobre seus processos de escolarização e as implicações em seus projetos de vida*. Tese de doutorado. 307p. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Pará. 2015.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana Cláudia. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*, v. 44, n. 1, 2013.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Cuerpos sexuados: la política de género y la construcción de la sexualidad*. Barcelona: Melusina. 526p. 2006.

FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. *Silva*, p. 195, 1995.

FERNÁNDEZ, Vitor e TORROELLA, Rafael. QUERIDO SALVADOR, QUERIDO LORQUITO: Epistolário 1925-1936 Madrid: Editorial Elba. 2013.

FERRARI, Anderson. Sujeitos, subjetividades e educação. In: FERRARI, Anderson (Organizador). *Sujeitos, subjetividades e educação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010, p. 07-18.

_____. Ma vie en Rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 117-141, 2009.

FISCHER, Sandra. Pai e filha, Não por acaso: cotidiano, lugar e deslocar. *Significação: revista de cultura audiovisual*, v. 37, n. 34, p. 141-153, 2010.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. IN: *Seminário do NACi (Núcleo de Antropologia e Cidadania da UFRGS): Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre. 2007.

FOUCAULT, Michel. Subject and Power. In: DREYFUSS, H. & RABINOW P. *Beyond structuralism and hermeneutics*. Brighton, The Harvester Press. 1982.

_____. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984

_____. *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Subjectivité et vérité*. Résumé des Cours. 1970-1982. Paris, Juilliard, 1989.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Outros espaços. In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422,

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *verve*, 5: 260-277, 2004

FRUCTUOSO, Manuel. *Luis Buñuel y Federico García Lorca*. Disponível em: <<https://lbunuel.blogspot.com.br/2014/03/luis-bunuel-y-federico-garcia-lorca-y-2.html>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

FUGANTI, Luiz. Corpo sem Órgão. Conferência. IN: *Festival Contemporâneo de Dança*. 2012

GALLO, Sílvio. "Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença." *Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2009.

_____. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, p. 169-178. 2002.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GIBSON, Ian. MARTÍ, Silas. *Estamos num mundo de silêncios*. Folha Ilustrada, Folha de São Paulo. 2009. Disponível em: <

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3107200909.htm>>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

GUIMARÃES, Leonardo; ROSA, Alison; JUNIOR, Amarante; RAYTHZ, Letícia; SCHMIDT, Ana Paula; de Deus, Gian; REIS, Jéssica; ROCHA, Mariana; e GOMES, Paula. Transexualismo: uma análise psicológica na inserção social. *Perspectiva: ciência e saúde*, v. 1, n. 1, 2016.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Quem precisa de identidade. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 103-133, 2000.

HEILBORN, Maria. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. *Cadernos Cepia*. Rio de Janeiro. v. 5, p. 73-92, 2002.

HONORATO, Isabelle. *Entre tensionamentos e disputas: família, religião e o processo de se assumir entre jovens de uma igreja inclusiva de Manaus*. 109p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2016.

JUNQUEIRA, Luiz; CARNEIRO, José. *Histologia Básica: Texto & Atlas*. 12th ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

LANZ, Letícia. *O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Sociologia. 2014.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, p.35-86, 1994.

_____. Algumas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, p. 19-34, 2002.

_____. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

_____. *Tremores - Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1991.

LAU, Heliton Diego. *Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro: os discursos de Carlos Apolinário e Eduardo Cunha nos PLs 294/2005 e 1672/2011*. Dissertação de mestrado. 174p. Programa de Pós-Graduação em Linguagem, identidade e subjetividade. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR. 2016.

LE BRETON, David. Corpo, gênero, identidade. IN: FERRARI, Anderson; RIBEIRO, Cláudia; POLATO, Roney; BARBOSA, Vanderlei. *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras (MG): UFLA, 2014.

LIMA, Telma; MIOTO, Regina. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*. Florianópolis. v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007.

LONGARAY, Deise Azevedo. *A (Re) Invenção de si: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande. 2014.

LOPES, Maycon Silva. *Notas para uma fenomenologia queer*. 2006. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/1942325/Notas_para_uma_fenomenologia_queer.pdf>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

LOPES, Paulo Victor Leite. *Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011

LORCA, Federico García. *Obras Completas: Federico García Lorca – Tomo I*. São Paulo: Aguilar, 1973.

_____. *Obras completas, tomo II: Teatro*. Galaxia Gutenberg, 1997.

_____. García. *Sonetos do amor obscuro e Divã do Tamarit*. Trad.: William Agel de Mello. São Paulo: MEDIAfashion, 2012 [Coleção Folha. Literatura ibero-americana; v. 2].

_____. *Obra Poética Completa*. Traduções: William Agel de Melo. 5ª ed. 711 p. São Paulo: Editora UnB, 2004.

_____. *Mi pueblo y otros textos vegueros*. Barcelona: BARRIL & BARRAL EDITORES. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. 127p. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*. Santa Catarina. v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Elizabeth; LOPES, Alice Casimiro. *Teorias de currículo*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

- MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. *Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 2, p. 51-64, 2014.
- MALYSSE, Sthéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: *Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca* (M. Goldenberg, org.), pp. 79-138, Rio de Janeiro: Editora Record, 2002
- MEDEIROS, Laís Virgínia Alves. *Essa língua não me representa: discursos sobre língua e gênero*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 105p. 2016.
- METZ, Christian. *O significante imaginário: psicanálise e cinema*. Lisboa: Horizonte, 1980.
- MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluicy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. *Florestan*. São Carlos. n. 2, p. 08, 2014.
- MUYLAERT, Camila Junqueira; Sarubbi Jr, Vicente; Gallo, Paulo Rogério; Neto, Modesto Leite Roli; e Reis, Alberto Olavo. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.
- OLIVEIRA, João Manuel de. O rizoma “gênero”: cartografia de três genealogias. *E-cadernos ces*, n. 15, 2012.
- PEREIRA, Pedro Paulo. Body, sex and subversion: reflections on two queer theoreticians. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.12, n.26, p.499-512, 2008.
- PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 6, n. 1, p. 76-85, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Editora Norma, 2003.
- RODRIGUES, Carla. Performance, gender, language and otherness: Butler as reader of Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, n. 10, p. 140-164, 2012.
- ROLNIK, S. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, M.J. P. (org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.
- SCHOLZE, Lia. *Narrativas de si: o olhar feminino nas histórias de trabalho*. 181p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS. 2005.

SCHWACH, Karen. A mudança de nome em indivíduos transgêneros em pauta na Conferência Internacional de Aids. *Agência de Notícias da AIDS, São Paulo*. 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos. *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SEGATO, Rita. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. Série Antropologia. 22p. Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

_____. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos ces*, n. 18, 2012.

SEGURADO, Rosemary. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. In: CHAIA, M. (Org.). *Arte e política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.

SELL, Mariléia; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: A (des) construção discursiva do homogêneo masculino. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 53, n. 1, 2009.

SENKEVICS, Adriano; POLIDORO, Juliano. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia*. São Paulo. v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012.

SILVA, Marco Polo Oliveira; SALES, Shirlei Rezende. *O fenômeno cultural do youtube no percurso educacional da juventude ciborgue*. Disponível: <
http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1430064582_ARQUIVO_ArtigoSBECEMarcoPolo.pdf> Acesso em 16 de dezembro de 2017.

SILVA, Sofia Vilela de Moraes e. Transexualidade e discriminação no mercado de trabalho. IN: *III Seminário Nacional Gênero e práticas culturais: olhares diversos sobre a diferença*, João Pessoa, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação: um vocábulo crítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.

_____(org). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000b, 133p.

_____. Identidade e diferença: impertinências. *Educação e sociedade*. São Paulo. Vol. 23, n. 79, p. 65-66, 2002.

_____. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SIQUEIRA, Vera. Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades. IN: *Anais da 27ª ANPED Sociedade democrática e educação: qual universidade*, p. 01-19, 2004.

- SOCODOLSKI, Caroline. Novas mídias: a produção de um canal no Youtube sobre minorias sexuais e de gênero. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Graduação em Jornalismo. Universidade Federal do Paraná. 2016.
- SOMARIVA, Mariana. *A hashtag (re)construindo sentidos: subversão e produção de subjetividades de pessoas não-binárias através do Twitter*. Trabalho de Conclusão de Curso. 66p. Curso de Comunicação Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS. 2016.
- SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, vol. 14, núm. 2, p. 272-284. 2014.
- SUTHERLAND, Juan Pablo. Os efeitos político-culturais da tradução do queer na América Latina. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2014.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos pagu*, p.127-152. 2005.
- TURKLE, Sherry. *A Vida no Ecrã: A Identidade na era da Internet*. Trad. Paulo Faria. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 1995.
- VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos pagu*, v. 33, p. 265-283, 2009.
- VIANNA, Cláudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educação & Sociedade*, vol. 27, nº 95, maio-ago. 2006, p.407-428.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, ano 9, v.2, p. 460-482, 2001.
- WISNIEWSKI, Ana Patrícia Racki. *A legitimidade das identidades de gênero não binárias e o reconhecimento de suas demandas como reivindicações de direitos humanos*. 137p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito. Universidade do Vale dos Sinos - São Leopoldo. 2015.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.
- WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?: uma teoria crítica das novas mídias*. Editora Sulina, 2003.

 APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezad _____

Convidamos V.S. a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

Título da pesquisa: “Eu sinto que sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher: tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero”

Pesquisadores:

Mestrando: Neilton dos Reis | neilton.dreis@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Roney Polato de Castro | roneypolato@gmail.com

- **Justificativas:** a pesquisa se justifica diante das necessidades de compreensão das relações entre a não-binaridade de gênero e os currículos escolares e culturais.
- **Objetivos:** compreender como indivíduos que se identificam com gêneros não-binários e/ou possuem desconforto com o binário de gênero vivenciaram e vivenciam os currículos e entendem a sua própria não-binaridade.
- **Metodologia:** entrevistas, através de áudio-gravação, cuja duração pode variar de acordo com o processo subjetivo que compõe a interação própria dessa técnica.
- **Riscos e Benefícios:** É possível que algum tipo de constrangimento ocorra ao se abordar temas relacionados à diversidade de gênero, principalmente se envolverem relatos de situações de preconceitos. No entanto, todos os procedimentos levarão em conta este risco, respeitando as pessoas entrevistadas e garantindo que os relatos sejam apresentados em clima de confiança e sigilo.

Eu, _____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa de mestrado andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFJF. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a gravação da entrevista a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

 Neilton dos Reis

 Prof. Dr. Roney Polato de Castro

 [assinatura de quem se voluntaria]

Nome completo: _____

E-mail: _____ Tel. _____

Identificação (RG): _____ | Juiz de Fora, _____ de _____ de 2016.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma para o voluntariado e outra para os arquivos dos pesquisadores.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE NOME PRÓPRIO

Eu, _____, documento de identidade número _____, consinto na utilização do meu nome próprio em qualquer publicação referente à pesquisa realizada sob a responsabilidade do mestrando Neilton dos Reis Goularth, sob a orientação do Prof. Dr. Roney Polato de Castro, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Declaro ser esta decisão de minha livre e espontânea vontade.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2017.

Assinatura de quem se voluntaria